

DESPORTO

DISCURSO E SUBSTÂNCIA

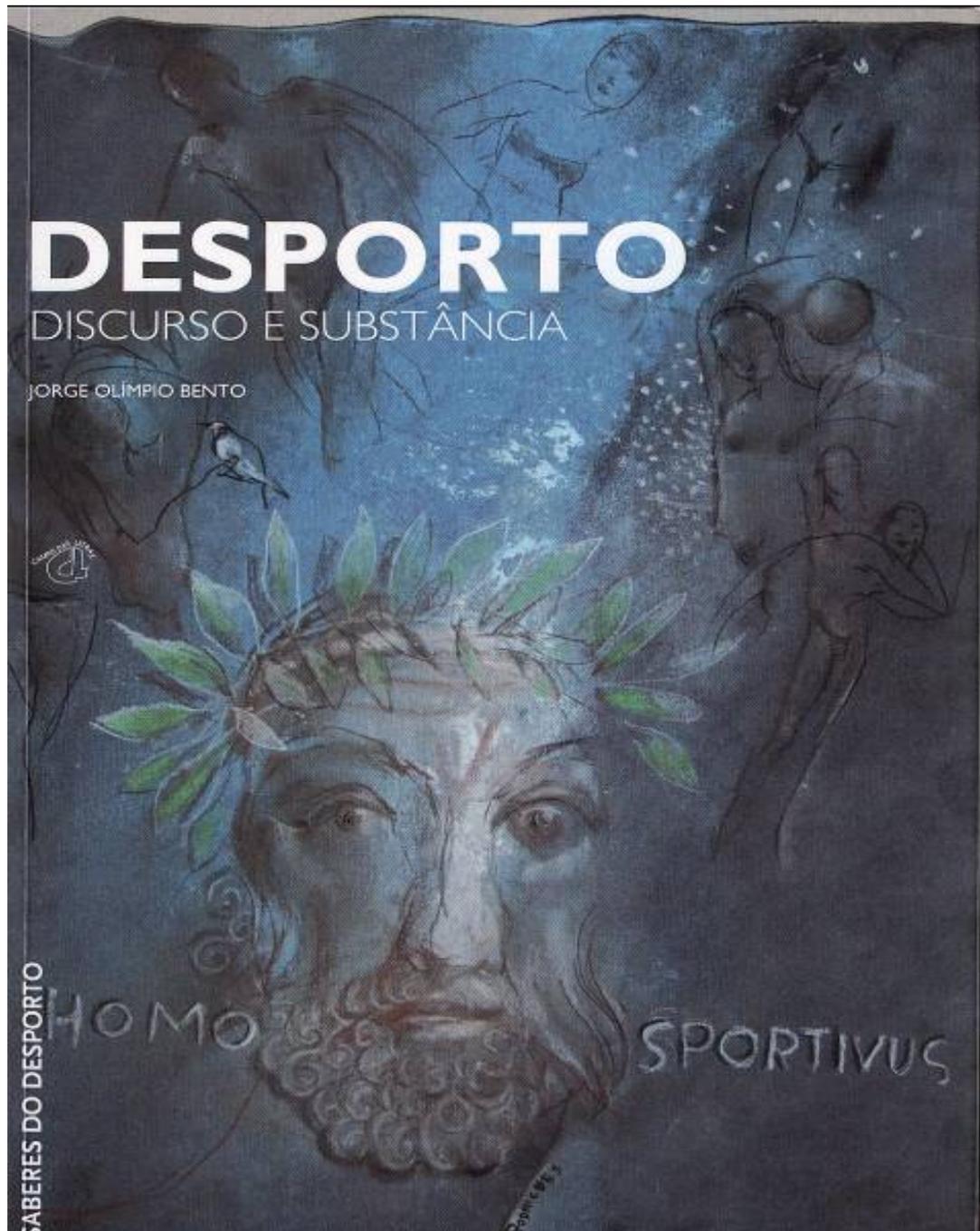
JORGE OLÍMPIO BENTO



SABERES DO DESPORTO

HOMO

SPORTIVUS



Desporto
Discurso e Substância

Jorge Olímpio Bento

Desporto
Discurso e Substância

Às grandes âncoras da minha vida:

A Fátima, a Cristina, o Jorge Manuel e a Adriana.

À minha Faculdade.

Aos meus amigos e companheiros no projecto da lusofonia.

Índice

Prefácios

1. Razões para escrever

- **Esclarecimento**
- **Contra o esquecimento**
- **Por Abril e pelo sonho**
- **Por Maio e pela renovação**
- **Pela política e pela ideologia**
- **Em nome do civismo**
- **Pela ideia do desporto**

2. Do orgulho e da coragem de ser professor

- **Sou professor...**
- **Multidão de ofícios**
- **Do corpo e da alma**
- **Auto-conceito**

3. Porque se estuda desporto

- **Da minha Faculdade**
- **Da lei da mudança**
- **Dos desafios do presente**
- **Da missão institucional**

4. Do sentido do desporto

- **Introdução**
- **Saúde, corporalidade e esperança de vida**
- **Criação da forma humana**
- **Da arte de viver**

- **Ensinar a jogar e competir**
- **Cultivar princípios e valores**
- **Escola de virtudes**
- **Lugar do sonho e da criação**
- **Palco da sensibilidade**
- **Lugar pedagógico**
- **Acto de cultura e civilização**

5. Ética e desporto: tradições e contradições

- **Do legado ético e estético**
- **Princípio do *fair-play***
- **Entre a ética e a moral**
- **Comercialização e desportivismo**
- **Conclusão: da força ética do desporto**

6. Pelas nossas crianças

- **Exame de consciência**
- **Desafios e responsabilidades**
- **Ofensiva pedagógica**

7. Do Homo Sportivus: entre a utopia e a preocupação

- **Introdução**
- **Pressupostos**
- **Modelo do Homo Sportivus**
- **Do presente e do futuro**

- **Perspectivas e inquietações**

8. Desporto do doping

- **Do problema**
- **Dimensões e conflitos**
- **Implicações educativas**

9. Do sistema desportivo

- **Introdução**
- **Entendimento do papel do desporto**
- **Da reacção ao conhecimento**
- **Do desporto profissional**
- **Da ética profissional do treinador**
- **Renovação de mentalidades**
- **Conclusão**

10. Referências para o futuro

- **Problema dos visionários**
- **Posicionamento perante o futuro**
- **A nova era digital**
- **Nomadismo e mobilidade**
- **Alterações no conceito da globalização**
- **Crise de paradigmas e valores**
- **Desacorrentar Prometeu**
- **Emergência da qualidade e da pessoa**

- **Renascimento das cidades**
- **Inactividade e obesidade**
- **Envelhecimento da população**
- **Desporto adaptado**

11. Da sobrevivência do clube desportivo

- **Da venda de ilusões**
- **Ao jeito de provocação**
- **Ditames da nova era da competição**
- **Da construção do futuro**
- **Abertura e flexibilidade**
- **Inovação e qualidade**

12. Para o bem do desporto - do desporto que faz bem

- **Introdução**
- **O desporto entre o ideal e o real**
- **Formação, ética e acção**
- **O desporto como projecto ético**
- **Referências para uma renovação**
- **Critérios para um bom desporto**
- **Síntese conclusiva**

13. Em viagem e à procura

- **Da palavra e da paixão**
- **Regresso a Atenas**

- **Evocação e homenagem**
- **Das novas catedrais**
- **Citius, Altius, Fortius!**
- **Epílogo: correr por gosto**

Prefácios

Do livro e do autor

Eis um livro (ia a dizer um tratado) de um autor que é, antes de mais, um educador. Jorge Bento é também um desportista erudito, visionário q.b. que pensa e escreve muito bem.

Tem graça ir sentindo ao longo do livro os diferentes ofícios do autor: renovador, pedagogo, treinador, universitário, cronista. Jorge Bento encarna estes diferentes papéis com a naturalidade de um professor com uma memória sólida do passado, uma consciência aguda do presente e um optimismo temperado em relação ao futuro.

Tendo as Gentes e a Cidade como pano de fundo, Jorge Bento usa o Desporto e o Ensino para levar a água ao seu moinho. Que é como quem diz, usa-os para discutir o modo de fazer Homens Responsáveis a partir de crianças, jovens e adultos mais ou menos irresponsáveis.

A instituição, seja ela a escola, o clube desportivo ou a universidade, e as pessoas, sejam elas os pais, os professores ou os treinadores, desempenham um papel crucial neste processo de Educação para a Cidadania e para a Saúde Física e Mental.

É por isso que vale a pena salientar a falsa antinomia do título: *Através do discurso* (leia-se: através da palavra e do “correr” que lhe está associado) é possível mudar a *substância*. O Homo Sportivus não é geneticamente distinto do Homo Sapiens vulgar-de-lineu. A diferença está na aprendizagem, no treino, na instituição de acolhimento, na cidade, no país. O mesmo se poderia dizer, aliás, do Homo Obesus – existirá a palavra? – que Jorge Bento também discute com saber e ternura no capítulo dedicado ao futuro. No fundo o que ele nos traz, com todos estes exemplos de Homos-de-hoje-e-de-amanhã, é o testemunho de quem sabe que a praxis é um poderoso factor epi-genético capaz de moldar qualquer substância.

Felizmente, tanto para o bem como para o mal, somos muito, mas muito mais do que o produto dos nossos genes. É das inúmeras coisas que os podem modificar para melhor – e, às vezes, para pior – que trata este livro.

Manuel Sobrinho Simões
Professor Catedrático e Director do IPATIMUP

Saudação

Desporto: Discurso e Substância é um convite para uma importante reflexão sobre o papel que temos a desempenhar como educadores actuantes no espaço pedagógico do Desporto e da Educação Física. Trata-se de obra que contextualiza a concepção intelectual do corpo humano e da cultura corporal num contorno de rara beleza literária. A sua leitura coloca-nos diante de um tratado sobre a responsabilidade profissional na promoção de mudanças no contexto social que afectam todos os domínios da *práxis* humana, motivado, fundamentalmente, pelo moderno significado do desporto.

O bem-estar social através do desporto, o compromisso ético para com a qualidade de vida e a saúde, bem como a responsabilidade para preservar o direito à prática do desporto em todos os níveis, da formação básica ao rendimento de alto nível, são temas actuais e de grande interesse, abordados com profundidade neste verdadeiro *tratado do desporto moderno*.

O Autor, muito espontaneamente, assume o compromisso de um idealista para com a causa pública. Declara, como educador, sua paixão de grande sonhador, que tem uma vida dedicada, na sua plenitude, às múltiplas facetas que o desporto apresenta, demonstrando o alcance, a importância e o significado do desporto no desenvolvimento da sociedade contemporânea. Permanece, ao longo do texto, sempre centrado e fundamentado em profundos princípios de formação humanista, pois, como muito bem nos ensina, o desporto, na sua essência antropológica, foi feito pelo Homem e para o Homem. Portanto, nesta obra, o Autor resgata a humanização do desporto, entendendo-o como repositório de valores e preceitos morais, ou seja, como um serviço à causa da humanidade.

Queremos expressar os nossos melhores cumprimentos e sinceros agradecimentos ao colega e amigo Jorge Olímpio Bento, que nos brinda com mais esta belíssima contribuição, fruto de profunda maturidade intelectual e que seguramente será destacada referência literária no espaço luso-brasileiro. Suas inovadoras contribuições e marcantes intervenções, quer seja como académico e intelectual do desporto ou mesmo como um cidadão que revela por opção ter no Brasil a sua segunda Pátria, sempre nos uniram pelo mesmo ideal, alimentando a permanente esperança do reencontro e de novas realizações.

Finalmente é com imenso prazer e alegria que saudamos o Prof. Dr. Jorge Olímpio Bento em nome da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, pela excelência desta obra. Aproveitamos para reiterar a importância da continuidade de nossas acções conjuntas no plano das múltiplas relações inter-institucionais que vêm se consolidando ao longo do tempo e que tantos frutos positivos têm gerado para o crescimento e a valorização científico-académica do Desporto e da Educação Física no espaço luso-brasileiro.

Alberto Carlos Amadio

Director da Escola de Educação Física e Esporte da USP

Go Tani

Vice-Director da Escola de Educação Física e Esporte da USP

Uma autobiografia intelectual

O jogo redime o filósofo de notórios dogmatismos e o preserva para a liberdade reinaugurada a cada lance. O risco é menor no jogo do que na timidez dos precavidos que elegem caminhos há muito trilhados. Estes se estabelecem conformados com a derrota antes de ousar o incerto.

Donaldo Schüler

Jorge Bento denuncia:

Eu sei que a memória dos homens raramente vai além da missa de sétimo dia. A memória e a gratidão. E não obstante as duas qualidades são elevadas à categoria de virtudes no contexto da cultura ocidental. A tal ponto que a falta de gratidão é, a par da traição, porventura o maior dos pecados mortais.

De nossa parte, aqui do Porto Alegre, iniciemos imediatamente nossa expiação. De tão longe mar. Na outra margem do Atlântico, que não nos sejam imputadas penitências por cairmos neste mal. Não! Não vamos soçobrar na tentação. Vamos nos livrar do pecado da ingratidão e desconjurar o da traição. Assim, desde já, as primeiras palavras são de reconhecimento e gratidão ao Jorge Bento. Pela obra que construiu no espaço da comunidade de língua portuguesa. Pela eloquência de seu discurso que, em bom português, fez do desporto nosso local de encontro. Ágora dos povos de expressão portuguesa. Encontros: amizade e solidariedade. Reunião de portugueses, africanos, brasileiros e estrangeiros de outros pagos que aprenderam, com Jorge Bento, a compartilhar o espírito laborioso e fraterno de um povo que fez das encostas íngremes e xistosas do alto D'ouro o berço dos vinhos saborosos que regam nossas agradáveis tertúlias. Querido amigo, entre os gaúchos, tal como nos diversos "torrões" deste nosso querido Brasil, encontra a gratidão, o reconhecimento e a amizade.

Ora eu creio que no desporto e num simples jogo de futebol mora todo um mundo maravilhoso de expressões e cores da vida. E que tudo devemos fazer para que não adormeça em nós a sensibilidade e a disponibilidade para admirar aquilo que é belo. Aquilo que é superior e sublime, que celebra o homem, que canta a sua dignidade, que afirma os seus sonhos e que desenha o seu nome em letras gordas e coloridas, com orgulho e com admiração e espanto. E assim constitui o chão do filosofar e a isso íntima.

Capítulo primeiro: Razões para escrever. Razões? Nada além da arte. Talvez! A busca incessante de falar em tom maior. Falar de seus sonhos, alegrias, tristezas, glórias e decepções. Falar por inteiro com altivez. Mas, “sem papas na língua”. Sangue guerreiro transmontano. Razões para escrever? Anunciar, denunciar, renunciar e, com muita sagacidade, insinuar. Razão para escrever em Jorge Bento é exercitar o curso, o discurso, o recurso e o transcurso da vida plena. Escrever é reviver – viver – reviver – viver ... enfim, sobreviver.

Sim, sou professor e tenho orgulho nisso. Por pertencer ao número daqueles que se empenham em realizar a possibilidade de fazer o Homem, de sagrar de Humanidade todos e cada um, para darmos um nível aceitável à nossa imperfeita perfeição

Segundo capítulo: Do orgulho e da coragem de ser professor. Renova em todos nós docentes o orgulho profissional. Reforça a esperança de nossas utopias. Revela à pedagogia toda a grandeza de um conhecimento complexo. Ser professor é não limitar-se às fronteiras de qualquer código de linguagem. Ser pedagogo é ir além da ciência, além da filosofia, além das artes, além das religiões. Sem necessariamente descartá-las. Considerando em todas as formas do saber sua riqueza e relevância. Todavia ser professor exige um olhar oblíquo sobre as expressões do conhecimento. É no acto concreto de nosso exercício docente que fazemos sínteses entre sentimentos, convicções e fé. Valores, visões de mundo e experiências; filosofia, ciência, arte e teologia; de tudo isso nos fala Jorge Bento. E nos fala através do desporto, o que faz bater mais forte nossos corações. Realimenta nossa auto-imagem profissional. Afinal somos, por opção e convicção, pedagogos do desporto.

Sim, é do corpo que nos ocupamos. Da coreografia dos seus gestos. Do acerto das suas funções, do sentido das suas aspirações. Do corpo real e virtual. Do corpo feito por fora e por dentro, à medida do desejo e da necessidade. Do corpo que terá sempre um pedaço a menos, pedindo uma prótese a mais.

Porque se estuda o desporto. É o terceiro capítulo. Nele Jorge Bento ocupa-se, com ênfase, em reflectir sobre o corpo. Corpo tema constante em seus discursos. Será possível falar em desporto sem referência a uma filosofia da corporalidade? Mas de que corpo nos fala o autor? Nos parece claro. Não compartilha das ideias de corpo presentes em Parmênides, Platão, Descartes, Bacon, La Mettrie; da mesma forma, com o pensamento neoidealista ou pós-humanista oriundo da engenharia informática presentes em Newell, Simon, Minsky, MacCarthy e Moravec. Filósofos e cientistas para

quem (...) a obsolescência do corpo humano é um fato consumado. Para quem o corpo é a ruína de muito dos esforços do espírito. (BRETON). Não. Neste livro, Jorge Bento prefere a visão de corpo na linha herdada de pensadores como: Heráclito, Espinosa, Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty. Os contemporâneos: Morin, José Gil, Damásio, Deryfuss, Dennet. Na qual *“Há um saber corpo. “O corpo sabe o mundo, convive com ele. Sabe as coisas ao tocá-las. Conhece e reconhece. Os corpos comunicam-se, interpenetram-se (SCHÜLER). Nas palavras de Merleau-Ponty “(...) porque sou esse animal de percepções e de movimentos que se chama corpo”. Porque sem corpo não há mente (DAMÁSIO).* Jorge Bento deseja compreender o corpo além dos dualismos mutilantes. E é nesta perspectiva que o autor confessa sua paixão pela nossa Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. Relata os desafios do presente, mas não desdenha de sua missão institucional intimamente ligada ao sentido do desporto. Desporto ao qual confessa sua intensa paixão. Desporto plural. Desporto polimorfo e polissêmico. Desporto expressão da cultura, cuja profissão de fé segue no quarto capítulo. Desporto relacionado à saúde, arte de viver, escola de virtudes. Lugar de sonho e criação, palco de sensibilidades...

Sim, o desporto vive dos valores e é com eles que constrói a sua história, o seu imaginário e o seu legado de princípios e ideais. E pode certamente ajudar a difundir-los, recreando as forças de renovação da vida e do triunfo do Homem. Confirmando afinal que lhe assiste inteira e fundada razão quando afirma ser uma escola de virtudes.

Desporto do legado ético e estético. Estamos no quinto capítulo. O princípio do fair-play é revisto. Joga-se o jogo entre a clarificação dos conceitos de ética e moral. Jorge Bento propõe uma interpretação sobre comercialização e desportivismo. Mais, também denuncia com vigor e coragem o descaminho da permissividade que alguns intervenientes no desporto insistem em trilhar.

Uma cultura da permissividade, expressa por má-criação e palavrão, por adrenalina a mais na língua e a menos nas pernas, pelo esquecimento do imperativo da correcção, pelo atropelo constante das regras, pelo recurso sistemático a faltas e truques, pelo apego a artimanhas e espertezas fraudulentas para ludibriar o árbitro e o público, por cenas tristes durante e no final dos jogos, por declarações ridículas, gastas e enjoativas de técnicos e dirigentes, as apreciações insossas e facciosas dos comentadores, programas e escritos imundos – tudo isto contribui para que o desporto perca grande parte daquilo que o afirma como bem apetecido de um consumo generalizado.

No sexto capítulo reencontramos o pedagogo. Aquele que algum dia, talvez já distante, deu aulas para crianças. O pai de Cristina e Manuel, o avô da Adriana. É um texto íntimo. Uma revisão. Em três itens: exame de consciência; desafios e responsabilidades; e ofensiva pedagógica encontramos uma homenagem singela, cheia de optimismo, aos *mais*

pequenos. Todavia percebemos a preocupação do autor em sublinhar a responsabilidade dos educadores. A relevância do acto pedagógico e o papel do desporto nesta quadro de educação e formação.

Criança é uma evocação do melhor que há em nós, das nossas energias mais profundas, das nossas emoções mais belas e das nossas utopias mais mobilizadoras e contagiantes. É uma palavra de honra e de juramento que nos vincula ao compromisso de configurarmos em cada uma a expressão mais conseguida da nossa humanidade. De vertermos em todas elas a força para cumprirem o destino do Homem.

Do *Homo Sportivus*: entre a utopia e a preocupação. Sétimo capítulo. Encontramos um trajecto histórico. Mais, o pensamento filosófico está presente. Como pano de fundo. Como a tela que limita o espaço físico da criação do artista. A filosofia de Goethe expressa a forma humana que o autor deseja realçar. Surge o *Homo Sportivus*. Modelo de humanidade com raízes em Rousseau, Kant, Pestalozzi e Humboldt. Uma utopia? Sim, mas não sem anunciar as preocupações com o rumo de nossa humanidade. Esperança? Sim, mas sem ingenuidade.

O Homo Sportivus apresenta-se como um ideal de síntese que projecta um homem não apenas novo, mas sobretudo superior, reunindo em si corpo e alma, espírito e natureza, bondade e força; e correspondendo a uma criação e conjugação maravilhosas de componentes heróicas e divinas com estatuto de exaltação e eternidade.

Já no oitavo capítulo o tema é actual, complexo, perigoso e desafiador. Desporto e *doping*. Do problema, das dimensões e conflitos e das implicações educativas. Há denúncia. As palavras cortam como navalhas. A *Associação dos Amigos do Doping* a quem falta eleger o presidente, entre tantos candidatos. Mas há anúncio. Há esperança. Tal como o pano de seda é capaz de resistir à fúria de uma lâmina afiada, a ética é reinvidicada para recompor o *Fair Play*.

Combater o doping é manter fidelidade à defesa de princípios e valores imanentes ao desporto e imprescindíveis a uma vida lavrada com verticalidade e aprumo. Ou seja, é a defesa de padrões de conduta e sucesso limpos que nos encoraja a denunciar e verberar atropelos à verdade desportiva.

Capítulo 9. Do sistema Desportivo Português. Bem! Aí o tema é de casa. Não sejamos atrevidos em meter a colher em prato alheio. Sejam prudentes. Afinal! Já temos lá o *Felipão*, que por sinal é gaúcho. Fiquemos calados. Aliás, já diz o provérbio, quem tem telhado de vidro não deve jogar pedras em telhado vizinho.

Referências para o Futuro dá título ao décimo capítulo.

Estou, pois, aqui com alguma descrença e com reservas mais do que suficientes para não me atrever a falar do desporto do futuro, para não falar da sua evolução e organização enquanto configuração social.

Surpreendentemente encontramos, no início deste texto, nosso autor aparentando descrença. Estará faltando preparo físico? Opa! Jogaram-lhe do banco de reservas uma botelha de água (sem aditivos). Nosso atleta bebe desse líquido e, saciando sua sede, retoma o seu jogo combativo:

Com opções conscientemente assumidas e partilhadas, já que as mudanças não se implementam por decreto, mas sempre através da participação activa dos implicados. E também com uma grande bagagem de confiança e optimismo, porque as crises são portadoras de esperança; são oportunidades de promoção da inovação, de tentar criar linhas de continuidade entre o que passou e o que está por vir. Nesta conformidade é crucial que cuidemos de inventar o futuro e que nos preocupemos com a sua construção já e agora, pois, no dizer de Gaston Berger, “quanto mais uma árvore demora a crescer, menos se deve esperar para a plantar”.

Da Sobrevivência do Clube Desportivo. Capítulo décimo primeiro. Um texto que estimula uma revisão profunda dos modelos clássicos do associativismo desportivo. Análise interessante. Interrogações inquietantes. Ligadas ao conceito “bentiano” de desporto polimórfico e polissémico, o autor nos desafia a pensar novas possibilidades sobre a configuração de modelos de sociedade desportiva.

Os clubes desportivos têm que se abrir a novas ofertas, conformes a grupos com diferentes motivações, preferências e competências. Para tanto têm que perceber que o conceito tradicional de desporto, assente na maximização do rendimento e da competição, deverá perder o carácter de exclusividade e integrar os motivos da saúde, da condição física, do convívio, da comunicação, da recreação. E têm que associar à oferta desportiva ofertas de outro tipo. Ou seja, têm que redefinir e alargar a sua missão social.

Décimo segundo capítulo: Para o Bem do Desporto – Do Desporto que faz Bem. Ressurge o discurso do desporto com vários sentidos. O desporto polimorfo. O desporto dito no plural, o desporto para todos. O desporto entre o ideal e o real. O descrença no ideal iluminista está presente neste texto. A procura do homem novo. A “era da razão” cuja equação fundamental pressupunha a existência de uma espécie de harmonia pré-estabelecida entre o progresso da civilização e o aumento da felicidade. O ideal iluminista fracassou. A razão, ao pretender reinar soberana, desprezou emoções e sentimentos. É bem verdade, trouxe muito progresso material, todavia não nos legou mais felicidade. Nosso desporto encharcou-se da ideologia do

mercado? E o Homo Sportivus? Nesta perspectiva como planejar a formação de jovens quadros profissionais? Jorge Bento retoma a sua inabalável crença nos valores. A axiologia e a ética estão (sempre) a fundamentar sua oração de fé pelo futuro da humanidade. São suas referências para não sucumbir à desesperança, à ideia de que um outro mundo mais feliz possa não existir.

Para serem melhores a sociedade e o desporto não se devem render mais aos ditames económicos; carecem sim de os subordinar a fins superiores e de guardar observância a axiomas pedagógicos, éticos e humanos.

Décimo terceiro capítulo: Em Viagem e à Procura. Despedida. Provavelmente a preocupação em justificar sua paixão à “palavra arte”, ao invés da “palavra ciência”. Preocupação, talvez oriunda de seu convívio cotidiano com o discurso científico que povoa sua Faculdade. Possivelmente o cuidado para não transgredir os limites de convivência fraterna que mantém com seus pares, quase todos cientistas. Bobagem! Pois a nossa opção predominante pela “palavra ciência” não nos deixa surdos ou insensíveis aos versos de cantores, trovadores, poetas e literatos. Quem pode ficar indiferente a esta tão bela homenagem à Rosa de todas as rosas. Rosa Mota.

Estamos perante uma grande obra. Um livro que utiliza o desporto como justificativa para falar da vida, do mundo, dos homens e mulheres, de alegrias e tristezas, de vitórias e derrotas. Um livro escrito com amor. Escrito ao longo de uma carreira profissional intensa, inquieta, provocante e sem limites possíveis. É uma autobiografia intelectual. Textos de várias fases, de várias contendas, de tantas esperanças e de muitas paixões, mas, antes de tudo, um texto verdadeiro escrito com muito suor, muito compromisso com ideias e princípios. Sobretudo, escrito com muita inspiração e poesia.

Adroaldo Gaya
Antônio Carlos Guimarães
Professores Titulares da UFRGS (Do Porto Alegre)

Viagem sem cronologia

Neste mundo do economicismo, a que chamam “globalizante”, e para quem, como eu, navega num quotidiano de “dados objectivos”, este livro conduz-nos ao (re)despertar dum exercício reflexivo que vai muito além do desporto, para ser da própria vida, ou talvez do desporto entendido como a ilustração da vida. A leitura desta obra é como que uma exaustiva viagem pelo passado, pelo presente e pelo futuro, sem cronologia ordenada. Um texto de exaltação ao inconformismo, à irreverência, ao humanismo e ao amor, reproduzindo a cada linha uma contagiante ode à utopia. Suportada num estilo literário invejável, a obra está condenada a cumprir os objectivos descritos pelo autor, ou seja, o de “nos incentivar, através de dados subjectivos, a filtrar e decifrar o real, os quotidianos e instantâneos, aparentemente fugazes e banais, por detrás dos quais se esconde a complexidade da condição”.

Os cúmplices da irreverência, do inconformismo e da indignação com a mediocridade têm aqui uma magistral oportunidade de reflexão e confluência. Numa reflexão ímpar sobre o fenómeno desportivo, o texto denuncia a vida profissional do seu autor: de quem sonha e realiza, de quem critica e faz, de quem traça rumos e por eles luta e também de quem reflecte e refaz.

Os domínios das ciências do desporto são já infinitos. O estudo do pormenor e as “ditas” necessidades do mercado e da tecnologia têm-nos conduzido à fragmentação do conhecimento com resultados catastróficos. Este livro, aparentemente tão teórico e filosófico, traz-nos os pés à terra.

António Prista
Professor Associado da Universidade Pedagógica de Maputo

1. Razões para escrever

Ai de mim que não disse o que convinha. Não seja mais assim por amor de Deus e de nós.

Pe. António Vieira, *Sermão da Sexagésima*.

Esclarecimento

Caro leitor:

Sou verdadeiramente um privilegiado. Em primeiro lugar, porque escrever é um acto que me encanta por dentro e que me põe a cantar por fora na sinfonia das palavras. Em segundo lugar, por ter uma editora disposta a assumir como mensagem a expressão dos meus olhares e estados de alma e a tornar-se disso mensageira. Em terceiro e principal lugar, por merecer a sua escolha, atenção e leitura.

Eu sei que a memória dos homens raramente vai além da missa de sétimo dia. A memória e a gratidão. E não obstante as duas qualidades são elevadas à categoria de virtudes no contexto da cultura ocidental. A tal ponto que a falta de gratidão é, a par da traição, porventura o maior dos pecados mortais.

Ora é precisamente para me pôr a salvo da tentação de incorrer em tal infâmia que me apresso a agradecer ao leitor e à editora. E que me comprometo a fazer o melhor que sei com a palavra, tendo bem presente aquilo que aprendi com José Régio: “Só posso dar mais do muito pouco que é tudo quanto eu tenho”. E tendo também ciência de que se aplicam hoje ao meu caso estes versos do poeta pernambucano Lourival Batista:

*Entre o gosto e o desgosto
O quadro é bem diferente,
Ser moço é ser sol nascente,
Ser velho é ser um sol posto,
Pelas rugas do meu rosto
O que eu fui, hoje não sou,
Ontem estive, hoje não estou,
Que o sol ao nascer fulgura,
Mas ao se pôr deixa escura
A parte que iluminou.*

Não se espere, pois, muito da minha lavra. Embora esteja possuído do ânimo de me servir da palavra para, ao jeito de um criador barroco, tentar por repetição, sobreposição e engordamento das formas recriar o desporto à luz de sonhos e ideais. O meu cinzel não é o do engenho à solta; é sobretudo o da boa-vontade e o do agulhão dos princípios. Ele vê o desporto como um repositório de valores e preceitos morais e alimenta-se da teimosia de manter acesa a chama da crença de que a vida, o mundo e as suas parcelas não são redutíveis às leis da economia e do mercado, mas antes referenciáveis à ideia de um serviço à causa da humanidade. Alimenta-se da fé de que é possível edificar um desporto melhor, com a alma escarolada e limpa, que resista à investida das forças que o querem instrumentalizar para fins que o desabonam a ele e a nós. Um desporto iluminado pelo sol que nos incendeia os olhos e os passos e assim nos puxa para a altura que nos eleva e transcende.

Eu queria ser capaz de participar num desporto assim com palavras redondas, substantivas e maiúsculas que o projectassem para cima e para além dos limites da nossa pequenez, situando-o na linha do horizonte que se abre para o infinito. Sabendo que a medida do homem, dos fenómenos e das

coisas é dada pela grandeza das palavras e sabendo também que há tantas coisas para dizer quantas as formas de as dizer, eu gostaria de me atar à obrigação de exercer o magistério do verbo e do discurso plural e diverso, de falar do desporto com termos leves e alados que levantam voo de encontro ao azul do céu e nos levam com eles à descoberta de que neste mundo de Deus nem tudo está entregue aos tartufos da crispação e do ódio e aos arautos do oportunismo cinzento. Queria ser capaz de assumir a palavra, no tocante ao desporto, em consonância com o papel magistral assim traçado por Sophia de Mello Breyner Andersen no poema “o nome das coisas”:

*De longe muito longe desde o início
O homem soube de si pela palavra
E nomeou a pedra a flor a água
E tudo emergiu porque ele disse.*

Sim, temos o direito e, mais do que isso, a obrigação de falar, de dizer e afirmar, de nos situarmos e posicionarmos perante os problemas e as circunstâncias. Deste modo a palavra, seja oral ou escrita, torna-nos duplamente baldios. Por um lado traz à luz do dia a nossa intimidade, as cores que temos na alma, os apertos e contrições do coração, aquilo que nos habita e povoa por dentro. E isto mesmo que não passemos de sofistas que mentem e usam a argúcia para escamotear a verdade. Por outro lado entrega-nos aos outros, à sua empatia ou antipatia, à sua aceitação ou rejeição, à sua concordância ou discordância.

Sei, caro leitor, que estou a forçar a nota da proximidade e intimidade e talvez isto configure um abuso. Mas permita-me que lhe lembre que, se não é o amor que faz girar o mundo, pelo menos é o amor que faz com que valha a pena o giro. É assim que me venho encontrar consigo nas páginas deste

livro, para lhe falar da possibilidade do desporto ser uma liturgia de afectos e de irmanação de todos nós. Bem merece por isso a nossa homenagem e reconhecimento. Merece que se discursse sobre ele; que se discorra, observe, pense, raciocine e fale em nome dos seus diversos lados e partes. Que se difunda e explique o sentido da sua mensagem. Merece também e sobretudo que não o olhemos apenas à superfície e que não o julguemos apenas pela epiderme; mas que nos esforcemos um pouco por trazer ao de cima a sua substância, o teor que está por baixo, o fundo dos seus sentidos e raízes, aquilo que escapa à cegueira, à miopia, à indigência e ignorância. Se essa substância fosse vista, entendida e querida por todos o desporto teria certamente outras formas de encanto, sublimidade e magia.

É em nome de tudo isto que assumo o compromisso de escrever, explicitando sempre muito claramente de que lado sopram os ventos que atiro de encontro às velas dos leitores. O que me obriga a confissões no capítulo das identificações e tomadas de partido.

Contra o esquecimento

Como já disse, caro leitor, sinto-me privilegiado e imensamente grato pelo facto de ser lido por si. E, por isso, muito gostaria que a minha escrita correspondesse à sua preferência e generosidade com palavras exaltantes e gratificantes e com formulações e considerações perfeitas, bonitas e contagiantes. Capazes de tangerem a sua sensibilidade e, como se fossem o rufar de um tambor, susceptíveis de acordarem e trazerem à superfície aquilo que de mais sublime plasma a essência do desporto. Mas realmente bem pouco sei do desporto! Como pouco sei do futebol, dos homens, da vida

e até de mim próprio. E tanto eu gostava e necessitava de saber e compreender!

É nesta procura que consumo muito do meu esforço e tempo, na ânsia de me encontrar e conhecer. E tantas e tantas vezes a procura é em vão, porquanto nada do que eu enxergo e faço releva do génio, do talento ou da inspiração; tudo provém de um aturado e porfiado labor. E escorre a contagotas como um fio de água no pino do Verão. Pelo que já me dou por satisfeito, quando consigo descobrir, ao menos, um pouco mais de mim mesmo.

Eis, nesta confissão, a causa principal que me leva a escrever livros sobre o desporto e particularmente crónicas sobre o futebol. Não me move a intenção de informar ou esclarecer os outros e, muito menos, a de lhes fornecer conhecimentos que não tenho e de que tanto careço. O meu caminho não é balizado pela jactância e exibicionismo típicos de um autor de certezas; pica-me a agulhada das dúvidas e inquietações suscitadas pela comunhão de convicções. Impulsiona-me a finalidade, talvez desmedida, de, pela via da subjectividade, despertar e sensibilizar os leitores a irem além da coisificação e partirem à procura de si; de os incentivar a filtrarem e decifrarem o real, os quotidianos e instantâneos, aparentemente fugazes e banais, por detrás dos quais se esconde a complexidade da condição humana. E nós próprios, de nós mesmos e dos outros, medrosos que somos de tudo, incluindo a nossa sombra.

Chamem a isto presunção, se quiserem. Mas move-me o desejo de acordar nos leitores a necessidade e a vontade de ver o invisível e de dizer o indizível que consubstanciam a realidade. No fundo quero partilhar com eles

a tentativa de construir um percurso de descoberta e compreensão da verdade possível. De dar sentido, significado e contexto sócio-culturais aos factos que vivenciamos. E, assim, atrevo-me a representar o papel de um cireneu que se arroga o dever e o direito de participar na tarefa de humanização do dia a dia. Convencido de que a poesia, as emoções, os sentimentos, a beleza, a ética e a estética, os princípios e os ideais escolhem as coisas, as palavras e os gestos mais simples para morar e para se manifestar. E convencido também de que, somente em empatia e solidariedade com os outros, é que é possível alcançar e realizar o humano e aquilo que o justifica e transcende.

Ora eu creio que no desporto e num simples jogo de futebol mora todo um mundo maravilhoso de expressões e cores da vida. E que tudo devemos fazer para que não adormeça em nós a sensibilidade e a disponibilidade para admirar aquilo que é belo. Aquilo que é superior e sublime, que celebra o homem, que canta a sua dignidade, que afirma os seus sonhos e que desenha o seu nome em letras gordas e coloridas, com orgulho e com admiração e espanto. E assim constitui o chão do filosofar e a isso intima.

O mesmo é dizer que urge escrever contra o esquecimento e abandono das normas, axiomas e valores que firmam e exaltam a pessoa e a existência humana. E que configuram e colocam o desporto ao serviço deste desígnio.

Por isso mesmo constitui indeclinável imperativo ético escrever contra a superficialidade e a leviandade, a mediocridade e a facilidade, contra a grosseria, contra a vilania, contra a mentira, contra a fraude, contra a

hipocrisia, contra a falsidade, contra a mistificação, contra a trapaça, contra a indecência. Escrever contra os vigaristas e carteiristas e contra tudo e todos que visam servir-se dos outros como instrumentos da sua vocação de semeadores da violência e da alienação. Escrever contra todas as tentativas de iludir o nível de vigilância das consciências e de deitar estas, gastas e desfeitas, para o caixote das inutilidades. Escrever contra os trampolineiros, contra os prepotentes e os incompetentes, contra os usurpadores e os idiotas investidos em funções de mando e direcção. Escrever contra a prostituição e o disfarce dos *travestis* que por aí pululam arvorados em articulistas e analistas independentes, mas que não vão além de sandeus e imbecis amarrados e vendidos à total falta de isenção. Escrever contra os que manipulam imagens e encobrem e falseiam situações. Escrever contra os que atentam contra a honra e contra a dignidade, sem vergonha na cara e sem escrúpulos na alma.

É verdade que preferia não me ocupar muito dessa gente, de maneira directa. Preferia chegar-lhes pela via da acentuação da diferença no modo de ser e de agir. Ou seja, preferia exaltar a vida e apelar ao cultivo dos sentimentos positivos, movido pela preocupação de que isso não seja esquecido. Mas ainda não me acomodei às conveniências do silêncio e à conivência do esquecimento. E ultimamente tenho visto crescer em mim a revolta e a falta de tolerância para com os arautos da usurpação e da imoralidade. No fundo está em causa um combate de civilização; em nome do humanismo e dos seus valores – que, disse-o Torga, se querem sólidos como a Praça da Liberdade e altos como a Torre dos Clérigos e resistentes como o granito da cidade do Porto – e contra o economicismo e todos os

seus satélites e derivados. Combate que também se trava na frente do desporto. Por isso ferve em mim o ímpeto e move-me o imperativo de voltar, a todo o momento, a erguer o dedo acusador. E de nomear inequivocamente os alvos da minha indignação.

Realmente a idade do medo já, há muito, ficou para trás. O receio e o medo de falar tiraram-me, ainda eu era criança, o meu pai e a minha mãe. E a vida e a formação também não me incutiram apego ao verniz do calculismo e oportunismo. E com o avançar dos anos vai diminuindo a paciência e vai aumentando o peso da obrigação de não deixar nada por dizer. Razão pela qual, parafraseando um amigo simples mas sábio, quando me chamam ou querem fazer de mim burro aproveito logo para dar um coice. Mesmo que seja à caixa preta que persiste, teimosa e ardilosamente, em querer pôr e dispor, a seu bel-prazer, da nossa terra e da nossa gente.

De resto não se pode ficar indiferente a esta advertência de Bertold Brecht, exarada numa passagem sobre a vida de Galileu: “Quem não conhece a verdade é apenas um imbecil. Mas quem a conhece e lhe chama mentira, é um criminoso”.

Por Abril e pelo sonho

Há marcas que nos acompanham pela vida fora, nomeadamente a do local e data da vinda ao mundo. O registo oficial assinala precisamente o dia 25 de Abril de 1946 como data do meu nascimento. Já passei, há alguns anos, a fasquia dos cinquenta. E assim dou por mim a deitar contas à vida e a ponderar os ofícios que tenho feito dela. Venho de longe e já não sou

rápido a reagir e seguir em frente, porque o lastro da jornada e da emoção tolda-me a vista e amarra-me os passos.

Ao proceder a este balanço sinto-me numa situação paradoxal. É que não posso deixar de concluir que a idade pesa, mas no entanto quero continuar a ser jovem. Talvez seja a ânsia de consolo ou de compensação que me leva a considerar que o *ser* deve ser entendido no sentido do *estar*. Eu *estou* jovem na contemplação de um passado que foi e é próspero em memórias e recordações, em projectos e necessidades à espera de realização. E disto extraio vantagens que dão estabilidade ao presente. *Estou* intacto nas minhas ilusões enquanto resistir à tentação de mergulhar na angústia de me voltar para a precariedade do futuro. Enquanto cuidar de ter um grande passado pela frente. Enquanto me esforçar por ser poeta, não para levar os dias a escrever poemas, mas para tentar descobrir uma maneira renovada de viver, de procurar chegar até ao centro do universo e lá ficar prisioneiro para sempre.

Continuo portanto a cuidar que sou jovem ou, no mínimo, a representar esse papel e a assumir essa vocação. Quando, no espelho, me vejo adulto e a tender para o idoso, tomo isso como um disfarce para melhor cumprir a minha missão, que não sei dizer nem tampouco perguntar qual ela seja. É como se vivesse numa espécie de clandestinidade. Talvez consista nisso ser professor.

Mas de facto já não sou assim tão novo. A memória leva-me muito atrás, a dias de minguá, de sufoco e aflição. Recordo-me de ver muitos jogos e desportos populares, antes do aparecimento do jogo da bola. E recordo-me também de jogar esta descalço e de ela ser feita de trapos enfiados numa

meia. Sou do tempo em que eram os rapazes a pedir namoro às raparigas e muitos de nós não sabiam como é que isso se fazia. Lembro-me do Michael Jackson, quando ele era negro por fora, na pele. Estive 39 meses no serviço militar. Presenciei o 25 de Abril de 1974. Estudei na República Democrática Alemã, um país que não existe mais.

Quando falo nisto aos jovens pressinto que me olham com a distância que vai entre eles e a entrada na terceira idade. E no entanto é rara a manhã em que não me acomete o receio de enfrentar o mundo dos adultos. Continuo a sair de casa com a sensação de quem vai pisar terreno estranho, de quem vai mergulhar no desconhecido e encontrar o inesperado.

Espero ter sempre por perto a Adriana, minha neta, para ela me sussurrar aos ouvidos o que o filho do escritor Eduardo Agualusa lhe costuma dizer: “Tem cuidado com os grandes.” E quando lhe disser que também sou grande, aguardarei que ela me corrija com a superior sabedoria das crianças: “Não, tu ainda não és grande, és só comprido”. (1)

Claro que lhe vou dar razão e a vou alertar para os perigos de adentrar no mundo dos adultos. Só para receber o estímulo doce da sua voz de encanto e magia: “Força, avô, faz de conta que já és grande.”

Por certo que a não vou desiludir. Hei-de dar-me ares de coragem e fazer aquela pose de super-homem. E, se não deixar de olhar e sorrir para ela, se continuar a dar-lhe ouvidos e a corresponder ao seu incitamento, confiança e ternura, quem sabe se eu ainda não hei-de voar um dia. Para ela e para mim.

Sim, venho de Abril. Não me vou pôr a olhar para trás, correndo o risco de virar estátua de sal. Mas... foi ainda ontem e já faz tanto tempo. Foi

numa manhã de Abril que o riso irrompeu da nossa garganta funda e ressequida, sublimando os longos anos de rouquidão ganha em gritos de dor. Guiados por uma luz diamantina saímos da penumbra das frustrações e estendemo-nos ao soalheiro dos sonhos, ideais e aspirações. Abrimos as portas para um tempo novo, de canto e exaltação da alma e de festa e construção do corpo. Tirámos de dentro de nós o esboço de Homem e tornámo-nos corredores pela sua configuração. Arrancámo-nos da pedra, revestimo-nos de formas novas e esculpimo-nos como atletas apolíneos saídos da forja dos esforços dionisiacos, para conquistarmos o ouro olímpico, como se fôssemos uma reencarnação do rei Midas.

Sim, foi em Abril que a maratona começou. Muito chão ficou para trás e comprida é já a distância, mas não se loriga a meta, porque a verdadeira vida é a da errância. Continuamos em viagem para dentro e para fora de nós à procura da nossa identidade. Abril não é tempo de chegada de uma caminhada vencida, mas antes ocasião e condição de uma incessante partida.

Com Abril rompeu-se o nevoeiro, quebraram-se as amarras, soltaram-se as velas da navegação e rasgaram-se os limites, desenhando o mapa do destino nos mares da nossa peregrinação. Cantei com muitos esse dia e sei que, de então para cá, não poucos se ergueram muito alto. Ensinaram-nos a olhar para o céu, a conhecer as estrelas, a dizer o seu nome e a voar nas asas do espanto e da admiração. Por isso lhes agradeço por tamanha gratificação. E também lhes agradeço porque, apesar de tudo quanto de bom e elevado há para registar e contar, a humildade persiste em balizar o seu e nosso caminho, a viagem de procura de nós mesmos. Com a profunda

convicção de que somos marinheiros e estamos sempre de largada, correspondendo à obrigação de continuarmos a ser mais nómadas do que sedentários.

Canto Abril e amo o País de Abril. Realizo-me nele e louvo-me no seu rosto. Não digam mal dele. Não façam contas negras. Porque Abril trouxe cravos e rosas, para as bordadeiras alindarem a alvura do linho da esperança. Por isso o contemplo com estes versos de Guerra Junqueiro:

*Por ti a asa, o lábio, a mão, o olhar...
Por ti o canto e o riso e o beijo e a ideia...
Por ti o verbo ser e o verbo amar!...*

Por Maio e pela renovação

Quando era menino e moço ensinavam-se e enalteciam-se, sem que eu alguma vez os tivesse aprendido, os alicerces machistas e marialvistas do clássico estereótipo de masculinidade. Ensinava-se a máxima de que um homem não deve chorar. De que deve cerrar e morder os lábios, reprimir a dor, expressar agressividade, rudeza, força e aspereza, não revelar temores e medos, encaixar golpes duros e ir até ao esgotamento sem evidenciar qualquer sinal de fraqueza e desfalecimento. Ensinava-se a fingir e a dissimular, como forma de fintar a dura realidade.

Realmente fui mau aluno. Nunca fui capaz de aprender estes e outros tipos de comportamentos tendentes à ocultação e repressão dos sentimentos, particularmente das emoções que, brotando das entranhas daquilo que somos e a que chamamos intimidade e alma, sempre fizeram questão de afirmar a sua existência à luz do dia. E, por isso, desde que me lembro sempre as tive presentes no rosto, nos olhos e na pele; e tive que

arrostar com a sua carga pela vida fora, para alguma deformação dos ombros e do andar.

Acresce que comecei muito cedo uma vida de peregrinação, de errância e diáspora, de despedidas e ausências, deixando cada dia um pouco de mim pelo caminho e abrindo espaço para a dor da saudade e da solidão. E estas deram-se tão bem comigo que se afizeram ao meu ser e sentir e nunca mais me largaram. Por mais que tente escorraçá-las – e a verdade é que nunca o faço, não obstante a profusão de conselhos nesse sentido – elas permanecem teimosamente agarradas a mim e eu enlaçado a elas. Sinto-me de tal sorte preso às emoções que sou como as ondas do mar que vão e vêm pela atracção da Lua.

É neste quadro que me situo e que procuro algum lenitivo nos poetas. Puro engano, porquanto eles são os maiores sofredores; sofrem as dores próprias e as alheias e maceram-se intensamente no acto de as verter no papel em formas pungentes, esculpidas nos símbolos das palavras. E, assim, redobram em mim os sinais que transformam o dia a dia numa celebração da vida com a taça da melancolia sempre presente e a transbordar. Como se cada dia e eu próprio fôssemos uma flor sem haste.

Não sei bem porque me deu para escrever estas coisas. Nem tenho perfeita consciência das finalidades que me movem. Sei tão somente que não se trata de um lamento, não. Talvez escreva em função de uma carência e de um apelo. Talvez o faça em nome do regresso de uma cultura da sensibilidade e da emocionalidade. Movido pela crença de que é possível acordá-la do sono e levantá-la do chão em que a enterraram. De que é por ela que passam a ética e a estética da vida, a solidariedade e a preocupação

com os outros. E movido também pela convicção de que a insensibilidade e a frieza da indiferença já cansaram o mundo. E animado ainda pela esperança de que é cada vez maior o número de pessoas a dar-se conta disso.

Realmente o mundo está cheio e gasto de palavras e simulacros de sorrisos que escondem a profundidade e enganam à superfície, sob a capa das aparências. E de atitudes e comportamentos que disseminam o fascínio do rasteiro e balizam a descida ao negrume das cavernas. Falta uma cultura que exalte o belo, o bom, o fantástico, o perfeito, a elevação, a luz e a esperança. Faltam risos que nos falem de uma humanidade de cantadores da beleza moral e da alegria da simplicidade e autenticidade da pessoa e da sua consciência.

Sim, a ilusão dos artifícios e os constrangimentos sociais continuam por aí a dificultar e a penalizar o florescer como pessoa em simplicidade, em espontaneidade, numa concordância e numa franciscana harmonia do interior e do exterior, dos princípios afirmados e dos actos praticados.

Mas é em nós – e não fora de nós - que está a liberdade. Está na recusa da conformação às circunstâncias e na disponibilidade para configurarmos a nossa exterioridade em consonância com os ideais que nos traçam sonhos de infinito e de ascensão para a consciência ética e moral. Está em arquitectar o dia a dia, visando dar em cada um deles um passo para vencer a distância insuportável entre aquilo que estamos a ser e o projecto de plenitude que intimamente nos mobiliza e exalta. Está em tomar partido entre o homem alto e o homem baixo, o homem sonhador e o homem vulgar, o homem grande e o homem pequeno. Está em ser visionário e em não se deixar enredar e ficar prisioneiro e cativo nas malhas que a

perversidade, a maledicência e o culto da imagem tecem à nossa volta. Está na coragem de enfrentar a correnteza do comodismo e ousar avançar para outra vida, para a vida ditada pela verdade e razão da sensibilidade e do coração.

Sabe-me bem falar destas coisas e de Maio. Lembro-me perfeitamente deste mês nos tempos da minha infância. Do alto dos montes até ao fundo da aldeia derramava-se um mar de verdura e de não sei quantas variedades de flores que o calor da Primavera arrancava da terra gelada pelo Inverno. A alegria e a esperança não tinham tamanho e cresciam em cada dia e em cada hora. Estavam prestes a chegar as cerejas e o tempo de ir aos ninhos.

Porém, tantas e tantas vezes, o ribombar dos trovões por sobre as nossas cabeças e os tracejados de raios e coriscos mesmo à nossa frente provocavam em nós um pavor medonho. Os sinos da igreja tocavam a rebate e lá íamos nós confiar-nos ao seu tecto protector e à guarda de Santa Bárbara que era exposta à entrada do templo para afugentar a trovoada. E esta acabava por bater em retirada, após ter descarregado chuvas impiedosas que arrasavam tudo na sua passagem. Era então uma desolação ver as hortas, os campos de centeio, de cevada e trigo e os lameiros de feno devastados pela inclemência do temporal.

Apesar disso, Maio era um mês de renovação da natureza, da nossa alegria e do nosso contentamento. E assim continua a ser. Era e é o mês das flores, que anunciam os frutos. Um mês de esperança, de rezas, novenas e promessas. O mês de Maria, que é o nome de minha mãe. O máximo, supremo e culminante.

Maio e os seus sentidos e cores têm que inspirar a vida e o modo de conceber, organizar e configurar o desporto. É por Maio que eu escrevo, em nome daquilo que ele encerra.

Pela política e pela ideologia

O apelo ao consenso é a moda corrente nos discursos oficiais e nas declarações de conveniência. Acho isto deveras preocupante, até porque, quando procuro significados para a substância do consenso, salta-me pronta uma torrente deles: estado de torpor e anestesia, mediocridade, indigência e preguiça mental, desídia, demissão, falta de opinião e identidade, conformismo, cobardia, medo, ignorância, oportunismo e unanimismo. Enfim, tudo o que convém a quem tem o poder e às estratégias para o conservar e alargar.

É este vento que varre o país de uma ponta à outra, da política ao futebol. Mas eu, inspirado em Voltaire e no seu aviso de que as diferenças são o verdadeiro traço de união, cultivo o dissenso, a divergência e a diversidade. Gosto de dissentir, de sentir de modo diferente, de divergir e discordar e de me desviar da maneira cómoda de ver e sentir igual à massa. Essencialmente porque o consenso vigente é falso e hipócrita e ofende a matriz da nossa natureza e dignidade.

O mesmo é dizer que escrevo e actuo também em nome da diferença na política e na ideologia. À última não lhe sei precisar os contornos, por ser aberta à evolução, ao curso das ideias, à aceitação do diálogo e das subjectividades, desde que sustentadas por argumentos e exercícios de racionalidade. Mas sei dizer que se filia na recusa da gestão do mundo

segundo os ditames exclusivos da economia neoliberal. Sei que ela quer afirmar a pessoa numa concretização cada vez maior da sua dignidade. E numa expressão mais aprimorada da liberdade e radicalidade, cujo alcance e sentidos não são verdadeiros sem a substância da solidariedade.

Sim, entendo o mundo, a vida, o homem e as suas coisas à luz de princípios e valores filiados na causa da humanização e inscritos nas matrizes da cultura e da civilização. É isto que me define e posiciona política e ideologicamente. Não, não sou de direita, nem me rendo aos acenos do pragmatismo e neoliberalismo. Sou de esquerda, no sentido que esta comporta de libertação de estigmas, estereótipos e verdades feitas. Procuo estar atento à advertência de Maquiavel, de que são mais fortes as raízes dos preconceitos do que as dos princípios. E também à de Albert Einstein, de que “é mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito”. Tenho em boa conta o ensinamento de Aristófanes, de que “os sábios aprendem muitas coisas com os seus inimigos”. E assim sou liberal, que o mesmo é dizer, sensível e aberto às ideias e oposições dos outros que tomo como estímulos e desafios, como formas finas e subtis de cooperação. Como Dante, “adoro duvidar, tanto como saber”. Ou seja, não tenho nem vocação nem fervor revolucionários; sinto-me como uma árvore que vai perdendo folhas com a chegada do Outono. As convicções muito suadas, ganhas numa vida árdua, submeto-as diariamente a um impiedoso exame de consciência que vai deixando algumas pelo caminho, enquanto eu fico cada vez mais trémulo de reticências, nua e cruamente céptico. Também por isso invejo o deslumbre, o desembaraço e a prontidão de alguns para serem taxativos, para exibirem certezas inabaláveis, definitivas e absolutas.

É com esta ideologia – se é que posso aplicar este termo ao corpo de princípios e intenções que me animam - e com os óculos das suas exigências que olho em redor, procurando situar-me no tempo e nas circunstâncias. Acredito na política e na necessidade dela, em ordem a submeter os interesses individuais ou de grupo ao serviço do desígnio nacional e das reformas necessárias à melhoria dos padrões de usufruto da cidadania por todos os portugueses.

Tenho do desporto uma ideia social e culturalmente fundada. Vejo nele um campo privilegiado para denunciar e combater as imerecidas desigualdade e injustiça que continuam a marcar o panorama social. O desporto mostra-nos que muitos são pobres por serem esquecidos e que são esquecidos por serem pobres. Mais, vinculo o desporto à tarefa infundável de fazer o homem, de alargar os limites do humano, mas sem descambar para o inumano. Ora com esta ideia amarro-me, mesmo que o não quisesse, a um ideário político.

De mim pode o desporto esperar a dedicação e a paixão próprias de quem a ele está ligado pelo baptismo. Com efeito é grego o meu segundo nome e evoca o lugar que foi berço do desporto. É esta condição, entre outras, que não me deixa render a um ideário deserto de referências estéticas, éticas e morais.

Estou, pois, nas funções de académico e cidadão obrigado a ideais que não me escuso de evidenciar nas palavras que digo e escrevo com a franqueza devida àqueles e àquilo que estimo e considero. E afirmo igualmente inteira disponibilidade para dar voz a entendimentos distintos e a estes um discurso unificador que inclua e enalteça as diferenças.

Poderei não ser a pessoa ideal para influenciar os outros com a difusão das minhas opiniões, mas não estou só; comigo estão pessoas que se orgulham de assumir as obrigações de modo honrado, sem sentir as vertigens próprias da altura, da arrogância, sobranceira e vaidade. Escrevo, pois, em nome de pessoas de sã consciência e de recta intenção, fazendo minha a confissão de Aristóteles de que a dignidade não está em receber honrarias, mas sim em merecê-las e justificá-las.

Com este comprometimento vou, nas páginas deste livro, procurar estar como sempre tenho tentado. Empenhado na apologia do desporto como instrumento de valorização dos portugueses, da sua educação e formação, do seu carácter e espírito empreendedor, da sua vida e cidadania. E confiado em que o leitor tome boa nota do aviso de François Mitterrand: “Um homem julga-se no fim.”

Em nome do civismo

As palavras ditas ou escritas tornam pública a nossa interioridade. Expõem à luz do dia a sua alvura ou negrume, branquidão ou escuridão, a grandeza ou pequenez dos sentimentos, a solidez dos princípios e valores, a firmeza dos sonhos, convicções e ideais. Aquilo que determina os nossos actos.

Os ditos saem pela boca da pessoa de fora, mas provêm da pessoa de dentro. Revelam o tamanho e a dimensão da nossa identidade. E assim quem é sujo no coração e na mente também é sujo nas letras e sílabas; não consegue dizer coisas limpas, porquanto as suas palavras têm raiz na sujidade. Suja o que diz.

A linguagem é, portanto, um indicador do grau de civismo, da configuração cívica da pessoa. E civismo quer dizer a competência para conviver e lidar com os outros, com as situações e as coisas numa relação de respeito e aceitação dos limites impostos à actuação de cada um pelas regras necessárias ao bem comum e à harmonia colectiva, obrigando a afirmação dos direitos a conjugar-se com o cumprimento dos deveres.

O civismo reveste, pois, uma exigência estética, nomeadamente a de fazer da vida e do dia a dia um projecto de arte. Ou seja, convida as pessoas a ser artistas, a lidar com os outros com um sentido artístico, a colocar o sabor do belo e do agradável no centro das relações, das declarações, atitudes e condutas.

Como se sabe, a vida é impossível de conceber à margem do seu entendimento como um sistema de relações com tudo o que nos rodeia e está para além de nós. A sua qualidade prende-se com o nível atingido nesse diálogo e colóquio. Por isso fora do quadro margeado pelo civismo a vida carece de teor humano e queda-se prisioneira das malhas da animalidade, da grosseria e bestialidade. Falta-lhe o toque de elegância e fineza, de modos apumados e cordatos, de gestos elevados e edificantes que a tiram da rasteirice e lhe conferem uma altura apolínea e solar.

Em suma, a linguagem dos termos escorreitos e das boas maneiras é uma ferramenta de construção da cidadania, uma condição para morar na cidade, para ser concidadão, para cultivar a vida na coabitação com os demais. Logo quem tiver uma linguagem rasca, truculenta, enredada numa teia de baixarias, é marginal à ideia da cidadania. Permanece na era da selva

e da caça; ainda não acedeu à agricultura da aldeia onde se aprende o abecedário de normas e costumes elementares para viver na cidade.

Ora cuidava eu que o desporto dava corpo a um projecto de estética e arte, por ser um método de dominar o animal bravo e rude que, no fundo de cada um de nós, está sempre à espreita de uma oportunidade para se exhibir, recriar e investir. Cuidava eu – e julgo que bem – que esta era uma das finalidades maiores do desporto, integrada no esforço geral e contínuo de por todos os meios civilizar o homem, de lhe dar uma feição cada vez mais perfeita e aceitável, menos sombria e carrancuda. Cuidava e persisto em assim o entender. Sim, o desporto.

Quanto ao futebol ele obriga-me todos os dias a grandes rebuliços no estômago. Mas dizem-me que agora é uma indústria. Que vende tanto mais quanto mais a sua imagem e produtos forem embrulhados numa linguagem de má-criação e arruaça, bem ronqueira e próxima da ordinarice. E que esta é a substância genuína que atesta o alto quilate do ouro do futebol.

Pois é, julgava eu que a tão propalada nova indústria teria toda a vantagem em ter como quadros cavalheiros respeitados e respeitadores, dotados de polidez, elegância e cortesia, capazes de irradiar carisma e simpatia. Um modelo de convivência e saber-estar. Mas não, enganei-me redondamente; dizem-me que isso era válido antigamente. Que agora o perfil ideal – devido à transformação dos clubes em SAD – é exactamente o oposto. Hoje dá mais jeito ter uma figura rude, conflituosa, azeda, com ar de poucos amigos, de rosto fero e façanhudo, apto a espantar Deus e o Diabo e com pose de galispo sempre pronto a encrespar-se contra tudo e todos. Que uma linguagem e postura encanzinadas e caceteiras são mais indicadas para

intimidar e conter os adversários à distância. Que isto vale mais do que todos os conhecimentos de técnicas e táticas e do que todas as competências e mestrias no domínio das relações humanas.

Dizem-me que esta é a receita da moda com garantia de sucesso. Que é assim que actualmente se ganha. E que é por isso que os agentes do futebol se esfalfam diariamente em conferências de imprensa para ver quem mais se engalfinha a falar alto e grosso. E é também este o registo mais em voga nos programas televisivos, para atingir altos índices de audiência. Eis o embrutecimento no seu máximo esplendor, a dar cartas em todo o lado! É ridículo. Vade-retro!

Pela ideia do desporto

Faço parte dos universitários que se sentem muito bem no convívio com o desporto e com as suas gentes. Que por ele e por elas têm apreço e consideram relevante o seu papel.

Não tomo a condição universitária por uma barreira que nos isole dos outros domínios sociais, que o mesmo é dizer, da vida. Antes a vejo carecida de oportunidades para o encontro simples com a nossa própria humanidade. Para estarmos próximos dos locais onde o homem cultiva as forças impulsivas e irracionais da sua natureza e se move por emoções, paixões e ideais. Onde o *Id*, isto é, o reservatório de pulsões simples e primitivas e tudo quanto de infantil, bestial, alógico e sensual pasta no inconsciente, sai da clandestinidade e penetra no consciente para celebrar a paz até que surja a próxima guerra com o *Ego*. Em suma, onde possamos alcançar a serenidade e fazer as pazes entre tudo o que está dentro de nós. (2)

Mais, não tenho qualquer reboço em afirmar que pertenço ao número dos que rejubilam com as vitórias e sofrem com as derrotas desportivas. Que aplaudo e valoro os feitos dos atletas, porquanto jogam, correm e transpiram não apenas por eles, mas sobretudo para darem expressão viva aos nossos sonhos, desejos, aspirações, ilusões e desenganos. É sobretudo pelos outros que eles lutam, sofrem, ganham e perdem. E por isso são credores do nosso respeito, estima e afecto.

No meu entender e sentir, uma partida de futebol, por exemplo, é pretexto para as mais diversas finalidades e instrumentalizações. Dela irradiam externalidades inimagináveis por mentes tacanhas, havendo nela, pelo menos, dois jogos simultâneos: o dos atletas e o dos adeptos. Dito de outro modo, o desempenho dos atletas é ocasião para os adeptos jogarem a outras coisas; um segundo jogo, bem mais sério e complexo, sobrepõe-se ao primeiro, legitimando-o e outorgando-lhe importância.

Portanto rio-me quando leio e ouço comentários, rotulando de alienação esta identificação. Rio-me porque não vale a pena zangarmo-nos com a nossa própria natureza e impotência e porque a tão desejada condição humana não se alcança com palavras. Rio-me ainda da ignorância atrevida de gente cheia de prosápia, a revelar quão pouco sabe da vida e dos homens. E a provar que a sua intelectualidade é afinal uma fraude; não vai além do formalismo inócuo, balofo, inútil e gongórico. E que se desobriga de qualquer compromisso de acção através da proclamação de ideias inflamadas de salvação.

Deste esclarecimento poderia inferir-se que quase estou tentado a subscrever uma frase que vi em tempos no canal EUROSPORT e que dizia

que o futebol é a vida e que o resto são detalhes. Mas não a vou subscrever, mesmo substituindo a palavra futebol pelo vocábulo “desporto”, porque atentaria contra os costumes e contra o conceito de respeitabilidade, além de me fazer levar em cima com o pesado e pejorativo fardo da alienação. Mas também não sou tão hipócrita que vá ao ponto de dizer que rejeito liminarmente tal afirmação.

Para não me comprometer assim tanto vou ficar-me pela divulgação de uma convicção, que por certo é partilhada por todos os leitores: o desporto é a nossa paixão. Reparem que não diga a nossa maior, mas tão somente a nossa paixão. É que não sei se ainda haverá outras. E se as há encontram-se em franco declínio. Porém passemos adiante.

Assim sendo, esta paixão implica uma função específica para os diversos agentes do desporto. Os políticos é mister que desenhem o quadro de interesses nacionais e sociais que o desporto deve cumprir e que para tanto definam a hierarquia de prioridades e disponibilizem os respectivos meios. Os dirigentes, técnicos e atletas obrigam-se à função de o configurar e realizar com o mais alto grau de excelência possível. E sobre os académicos impende a tarefa de o pensar e teorizar.

Percebe-se bem que, sendo a paixão comum, as diferentes funções dialogam entre si e complementam-se umas às outras. Logo o desporto que entra em cena é sempre a expressão do compromisso entre o imaginável e desejável, por um lado, e o possível e concretizável, por outro. Deste modo a ideia e a acção cingem a utopia ao terreno da prática, conferindo-lhe factibilidade e evitando que se transforme em ilusão e ingenuidade e mesmo alienação.

Ao aceitar este texto para publicação, a editora, sabedora da minha condição universitária, achou certamente por bem que eu aqui viesse dar testemunho da minha função. Quis privilegiar um académico e dar-lhe assento na plêiade de configuradores da imagem, da prática e do rosto do desporto. Quis que usasse da palavra, que tenho por norma e exigência dizer e escrever antes de mais para mim, para responder à minha necessidade de ver e de entender.

Cientista não sou no sentido mais apertado do termo, nem vejo bem como seja possível sê-lo do desporto, dado que este, por não ser coisa nem ser somente a contingência em que se apresenta, escapa aos esforços da objectivação e da medida precisas e rigorosas. Teórico bem que eu gostaria de ser deste fenómeno inesgotável que enraíza na essência do homem e da vida e na profundidade das emoções.

Limito-me a tecer conjecturas sobre o mistério da existência e do indizível que nele mora. E para tanto obrigo-me a imaginar o teor oculto no óbvio das evidências e a procurar traçar-lhe alguns contornos por meio da palavra. Inspiro-me naquilo que os arquitectos e artistas fazem com a beleza. Como se sabe, esta existe e anda por aí latente, à espera de ser configurada em edifícios, em esculturas, em pinturas, enfim, em obras de arte.

No fundo é isso mesmo aquilo que os treinadores fazem, ao configurarem no corpo de um atleta, nas suas capacidades e *performances*, ideais de estética, de técnica, de eficácia, de comportamento e rendimento. Ao ajudarem os atletas a realizar, com o labor muscular e o afinco da vontade, com o desconforto do débito do oxigénio e da agitação sanguínea, valores vitais, práticos, hedonísticos, cognitivos, estéticos, éticos e religiosos.

Ao criarem, sob a forma de atleta, um espírito em carne e osso, um espírito *incarnado*. E assim, em sendo atleta, o homem é espírito duas vezes, suplantando os seres divinos que apenas são espírito uma vez.

Somos, pois, todos teóricos e práticos simultaneamente. Visamos todos a construção fantástica de uma obra que se concretiza sob várias formas e com a ajuda de diversas próteses, sejam elas a palavra ou o gesto, a ideia ou o acto, a disciplina e o rigor, o prazer ou o sacrifício, o esforço e o suor.

É por isso que, embora consciente do risco de ser enfadonho e repetitivo, lhes venho falar da ideia do desporto. Da ideia que os teóricos sonham plasmar nas palavras, os políticos nas medidas legais e financeiras, e os dirigentes e técnicos nos feitos dos atletas.

Termino esta longa introdução com um último e pertinente aviso. Quem se revela nestas páginas é um professor, já adentrado na idade, que se sente tentado a dizer aos leitores e particularmente aos seus estudantes o mesmo que Fernando Savater escreveu para o seu filho: “Se eu tivesse quinze anos (...) desconfiaria de todos os mais velhos demasiado «simpáticos», de todos os que parecessem querer ser mais novos do que eu e por sistema me dessem razão. Estás a ver, os que estão sempre a dizer que «os jovens são porreiros», «sinto-me tão novo como vocês», e outras prendas do mesmo estilo? Olho neles! Com tanta graxa, alguma coisa devem ter na ideia. Um pai ou um professor como deve ser têm que pesar um bocado, ou então não servem para nada. Para novo, bastas tu”. (41)

Por favor, desconfiem dos demagogos, dos populistas e da facilidade!

2. Do orgulho e da coragem de ser professor

Ítaca

*Não vale a pena suportar tanto castigo.
Procuras Ítaca. Mas só há esse procurar.
Onde quer que te encontres está contigo
dentro de ti em casa na distância
onde quer que procures há outro mar
Ítaca é a tua própria errância.*

Manuel Alegre

Sou professor...

Sim, sou professor e tenho orgulho nisso. Por pertencer ao número daqueles que se empenham em realizar a possibilidade de fazer o Homem, de sagrar de Humanidade todos e cada um, para darmos um nível aceitável à nossa imperfeita perfeição. Enfim, por pertencer, segundo Fernando Savater, à “corporação mais necessária, mais esforçada e generosa, mais *civilizadora* de quantos trabalham para satisfazer as exigências de um Estado democrático.” Àquela que se esforça em realizar a epopeia de vestir com roupa e próteses humanas o macaco nu, de que nos fala o livro de Desmond Morris. (42)

Ao dizer isto emocionou-me por ver crescer a necessidade de reinventar arquétipos humanos. Hoje e sempre! Os professores poderão não dar ao futuro o rosto desejado, mas ajudam a transportar essa esperança. Conquanto sejam capazes de levar à cena a sua função de homens de

cultura, de profissionais da recriação do humano, de agentes estrénuos da dignidade e da liberdade do homem. De homens livres e criadores, portadores de uma Esperança para a noite da tantas desesperanças dos jovens, adultos e idosos nos dias de hoje.

Sou professor e como tal entendo-me um idealista. Quero merecer ser aquele que nasceu no momento em que uma pergunta saltou da boca de uma criança e esta recebeu como resposta um rio de encorajamento que gerou uma miríade insaciável de perguntas.

Sou professor! Sou uma maneira de andar por aí transfigurado numa multidão de lembranças e ofícios. É como se empreendesse uma viagem para fora de mim, movido pela ânsia de conhecer e percorrer o meu pequeno mundo pessoal dentro do mundo grande e maior dos outros. E assim dou comigo a radiografar-me nos contrastes e peculiaridades das pessoas mil e dos múltiplos *Eus* apanhados na mesma rede de contradições da seca solitude e da humana fragilidade. Não para afrontar a impossibilidade de decifrar o mundo e a vida, mas para esboçar um gesto de identificação, sintonia e cumplicidade. E para matar a fome – a imensa fome! - de amizade e afectividade, que a todos nos consome. Enfim, transito pela vida e pelos caminhos do relacionamento humano, em busca de sorrisos e abraços, à procura de sonhos e de os realizar.

Bem sei que há quem diga mal de mim, me desconsidere e queira tirar-me crenças e ilusões. Mas não conseguem destruir-me os princípios e ideais. Porque também há quem me chame mestre e sábio e me guarde na sua memória. E diga o meu nome em palavras de veneração e exaltação e num tom de ternura e afecto que me comove e incita a seguir em frente.

Ando por um mundo de pluralidades que ajudo a erguer e a alargar. Entendo e ensino a entender a vida como uma oportunidade de fazer amigos e de conviver com as diferenças das pessoas, que na sua diversidade nos causam espanto e admiração e nos fazem rir e chorar. Retenho e tento pôr em prática o ensinamento de Voltaire, de que ser pessoa é perceber o que temos todos em comum. É a descoberta da alteridade. É o júbilo infindo de sentir os outros ser, não como um prolongamento de nós, mas na qualidade de cada um, individualmente, como pessoa, na sua singularidade e capacidades próprias. É sentir as diferenças como traços de união, como laços que nos unem uns aos outros, como uma forma de associação do género humano. Ser pessoa é a nossa condição, algo que tem que se conquistar e erguer em cima da nossa natureza. É o valor máximo da educação e o ofício maior da minha profissão.

Sou professor! “Porque – assim o disse Fernando Savater – o que é próprio do Homem não é tanto o mero acto de aprender, mas sim aprender de outros homens, ser ensinado por eles.” Sou professor para ensinar a outros aquilo que eles sozinhos não conseguem aprender. Inspirado nos postulados enigmáticos acerca da essência do homem, dedico-me à tarefa de conduzir outros à aprendizagem da humanidade, a aprender a ser humano, a saborear, na famosa expressão shakespearina, “o leite da ternura humana”. Sou professor para corresponder à essência da sociedade, que é a de ser *humanógena*, isto é, que tem como produção principal a de seres humanos, a de produzir a humanidade compartilhada. Exerço o meu ofício na formação da Humanidade; é a ela que se consagra desde sempre a civilização. Em todos os tempos e lugares e pelos mais diversos meios. Para

ver o Homem em cada homem. Para realizar o Homem em cada homem. Para registrar o selo da Humanidade em cada indivíduo, para que seja pessoa. (42)

E, ao ser assim professor, no cumprimento da obrigação de ensinar aprendo com todos, faço o exercício da tolerância com alguns, amo perdidamente a outros e sou sobretudo exigente e severo com aqueles de quem mais gosto. Esforço-me em guardar observância à advertência de Russel: “Ninguém pode ser bom professor sem o sentimento de uma calorosa afeição pelos seus alunos e sem o desejo genuíno de partilhar com eles aquilo que, para si próprio, é um valor”. Deste modo pertenço a uma ordem superior. Amo a minha profissão e encontro nela não apenas o ganha-pão, mas uma substantiva razão de ser. E o amor exige trabalho.

Sou professor porque, diz a publicidade da Reebok, há um atleta dentro de cada um de nós. Há um esboço e um projecto de homem à espera de realização. Sei que nem todos podem ser campeões, mas todos podem transcender-se e superar-se, dar e revelar o melhor de si mesmos. Todos podem ser vencedores na corrida por uma forma nova, trocando o menos e o insuficiente, que estão dentro de nós, pelo mais e o suficiente que estão fora de nós. Sim, sou agente dessa troca, dessa permuta e sublimação; ajudo a trocar receios, medos e lágrimas por confiança, entusiasmo e riso, tanto no corpo, como no coração e na alma. Tudo me passa pelos ombros, cada vez mais vergados pelo assumir das obrigações e não pelo peso da decepção. Tenho imenso prazer em ter um lugar para onde venho nas manhãs da minha vida, cheio de luz, de verde e de azul, de riso e de movimento, de crianças e jovens correndo e saltando por sobre o ontem e gritando pelo

amanhã. Vejo o meu trabalho como um espaço de realização pessoal. Gosto do que faço e do que tenho ainda para fazer. E deleito-me a tentar levar à cena esta ensaio de Sebastião da Gama:

- Tens muito que fazer?

- Não. Tenho muito que amar.

(Não entendo ser professor de outra maneira. E não me venham dizer que isto assim cansa e mata: morrer, sempre se morre; e à minha maneira tem-se a consolação de não ser em vão que se morre de cansaço). (37)

Multidão de ofícios

Por tudo isto fui, sou e quero continuar a ser professor. Quero congrega em mim o passado e o futuro. Ser muitos – e ser de todos os tempos - num só que sou eu. Sou Sócrates a cultivar a maiêutica e a estimular a juventude de Atenas a descobrir novas ideias através da projecção de dúvidas e perguntas. Sou fiel ao seu ensinamento de que “o homem só é feliz quando é bom e só é bom quando conhece”. Sou Platão a casar a ética e a estética, ao dizer que a verdade é a beleza no seu máximo esplendor. Sou Píndaro apostado em elevar até ao sol aquilo que eu reconheço em mim: “o sonho de uma sombra, eis o homem.” Sou também Galileu e Einstein a contradizerem as verdades feitas. Sou Kant a propagar que os princípios éticos são ideais de racionalidade para viver mais e melhor e para preservar a dignidade dos homens. Sou Popper a convidar para um esforço incessante no sentido de eliminar o erro. Sou Octávio Paz na crença de que não existe nenhum homem novo e de que o homem, não obstante ser

cabal e perfeito, é e será sempre imperfeito e *inacabado*, um *ser inconcluso*, carecendo de ser feito em todos os tempos e lugares e por todos os modos e meios. Aprendi, com La Fontaine, que “nenhum caminho de flores conduz o homem à glória.” E constatei que assiste toda a razão a Nietzsche, quando afirma que aquilo que não nos mata nos torna mais fortes. Por isso estou vivo e falo. Por isso e porque reforçado na posição de Artaud: “Sou um homem que sofri. Nessa qualidade tenho o direito de falar.” Falo e tenho o dizer rente ao sentir.

Olhem-me bem por dentro e por fora e de alto a baixo. Observem-me atentamente porque, por detrás de mim, descobrirão muita gente famosa que abriu os caboucos para levantar a humanidade. Olhem bem e verão Buda, Confúcio, Lao Tse, Moisés, João Baptista, Jesus Cristo, Francisco de Assis, Madre Teresa e tantos outros! Sou estes e muitos mais que apontaram vias de transcendência e superação através de feitos e mitos, de contos, de histórias, de mandamentos, parábolas e evangelhos. Sou todos quantos se amarram à tentativa denodada de desacorrentar Prometeu, de lhe libertar os pés e as mãos, a cabeça e a mente, a emoção e a razão, os desejos e os sentimentos, o riso e o sorriso.

E verão também, configurados em mim e a meu lado, aqueles que não têm nome nos livros, mas que deram lições de sabedoria da vida e exemplos de comportamento e carácter que os seus alunos jamais se esqueceram de erguer como uma bandeira contra todos os ventos e marés. Verão todos aqueles que se entregaram, numa confrangedora escassez de meios, à tarefa de nos levarem a descobrir quem somos, quando sabemos que é preciso o mundo inteiro para dizer a alguém quem ele é. Verão que os

professores são árvores que dão flores e frutos: médicos, juristas, engenheiros, psicólogos, empresários, políticos, sacerdotes, pais, artistas e não sei quantas mais ocupações e misteres.

Sim, pertenço a uma corporação que sabe muito. E é tanto que a gente nunca sabe verdadeiramente aquilo que sabe. Apenas (?) sabe que há tanto para estudar e que é tão grande a necessidade de o fazer que é uma dor de alma perder tanto tempo a ver.

Tem vida difícil esta corporação, porém escarolada e limpa. Porque à tentação de ter e ao prazer do apetecer sobrepõe a vontade do querer e a consciência de ser, de ser em plenitude e verdade. Por isso sonhamos com o futuro e é dele que temos saudade. Firmados nos postulados de Boaventura de Sousa Santos, de que “a utopia tem uma paciência infinita.” E assim prosseguimos no nosso caminho, acalentados pelo incitamento de Miguel Torga: “Sim prosseguir, embora cada passo, por mais isento, arriscado e penoso, esteja previamente condenado à incompreensão. É no futuro que vive a esperança, e a própria natureza se recusa a dar símbolos de tristeza irremediável. Não há flores pretas.”

Do corpo e da alma

Perdoem-me a vaidade e a presunção. Mas pertenço ainda a um sub-grupo de criadores do Homem. Criadores do seu corpo e, por via disso, da sua alma. Não é minha esta afirmação; já vem de Juvenal: “Mens sana in corpore sano.” E São Paulo, na Epístola aos Coríntios, também disse o mesmo, embora de outra maneira: “O corpo é o templo do espírito.”

E àqueles que põem isto em dúvida convido-os a responderem à pergunta de Walt Whitmann: “Se a alma não é o corpo, o que será a alma?” Ou então que se confrontem com Novalis: “Só existe um templo no mundo: o corpo humano.” Ou ainda que desmintam Rousseau: “Quanto mais forte o corpo, mais ele obedece.” Ou Montaigne: “Só terá alma forte quem tiver músculos rijos.” Ou por fim Goethe: “A coisa mais digna de que se ocupa o homem, é a forma humana.” Não sem razão, porquanto é extremamente difícil alcançarmos uma forma decente, correspondente a uma ideia generosa e elevada do Homem e de nós próprios.

Ocupo-me, pois, da forma humana. Pertença ao número dos que se consagram à edificação do corpo e da alma. Porque o acto desportivo constrói e revela o homem por dentro e por fora. À unilateralidade de outras expressões da cultura corresponde o desporto com a mobilização e empenhamento da totalidade da pessoa. À configuração dos ossos, músculos e articulações liga-se a arquitectura interior da consciência e da vontade. Cada um joga como é, no corpo e na alma. O controlo dificilmente encontra aqui aplicação, porque nele predomina a desmedida; corre-se e transpira-se mais do que seria necessário. E é mais fácil aos actos do que às palavras romperem os constrangimentos e trazerem à superfície aquilo que mora na escuridão dos sentimentos. Pelo que no desporto ficam à vista tanto as virtuosidades como as inabilidades, os feitos e os defeitos, as criações e as deformações, o melhor e o pior da condição humana.

O desporto é uma fabricação de próteses para as insuficiências e deficiências do corpo do homem e para além dele. Faz parte da luta contra a ideologia da impotência que nos sussurra que na vida não há nada para

fazer, que não podemos fazer nada por nós, que não somos os sujeitos principais da nossa construção, que nos devemos omitir e entregar nos braços de um destino de derrotados e vencidos da existência. Por isso é educativo, é um sal da educação.

É nesse ofício que laboramos e, para cúmulo da sublimidade da nossa profissão, cuidamos de ensinar os homens a brincar. Atendendo à inquietante confissão de Attila Jozsef: “Tenho medo do homem que não sabe brincar.”

Sim, pregamos alto e bom som a necessidade do homem jogar, de desdobrar e multiplicar as suas dimensões e o seu auto-entendimento, tal como disse Fernando Pessoa desta forma admirável:

*Brincava a criança
Com um carro de bois.
Sentiu-se brincando
E disse, eu sou dois!*

*Há um a brincar
E há outro a saber
Um vê-me a brincar
E outro vê-me a ver.*

Auto-conceito

São, portanto, uma elite e extraordinariamente ricos os oficiantes da minha profissão. Ricos não de dinheiro, que é coisa que se gasta. Mas de sentimentos e emoções, que é coisa de que se precisa e tanto! Ricos de lágrimas de alegria e entusiasmo nos casamentos, sucessos e realizações dos seus alunos. E ricos também de lágrimas de tristeza e dor nas tragédias que vitimam os filhos dos homens.

Os professores são os mais afortunados, entre todos aqueles que trabalham. É-lhes dado o privilégio de fazer renascer a vida em cada dia,

semeando novas perguntas e respostas, novas metas e horizontes. Constroem edifícios que perdurarão para sempre, porque a sua construção usa o cimento da entrega, da verdade e do amor. E a sensibilidade dos poetas. “Para ser professor – diz Sebastião da Gama – também é preciso ter as mãos purificadas. A toda a hora temos que tocar em flores. A toda a hora a Poesia nos visita.” (37)

E são também guerrilheiros que combatem diariamente o negativismo, o demissionismo, o conformismo, o preconceito e a apatia dos colegas. E fazem isto em nome de um juramento e compromisso com o partido da honestidade, da ética, da inteligência, da curiosidade, da criatividade, da fé, da esperança e do optimismo. Incorporando o ensinamento de Denis Diderot, de que “o entusiasmo é indispensável para sermos bons no nosso ofício.”

Sim, tenho assento entre estes indivíduos inconformados e perigosos. Que preparam para o imprevisível. Que ensinam ética, por entenderem que o ofício mais difícil é o de viver, sobretudo se for honestamente, sem lesar ninguém e dando a cada um o que é seu. Que formam o Homem de sempre como pessoa moral e livre, o Homem que orienta a sua vida por valores. Que criam rupturas e convulsões e que fazem mudanças e revoluções nas sociedades, porquanto distribuem generosa e indiscriminadamente as armas das ideias e ensinam a pensar. Porque o mundo ouve-se falar na palavra dos filósofos e não na língua dos vendilhões e trampolineiros.

Sou professor porque acredito, como Savater, que “a educação é o instrumento para lutar contra a fatalidade, contra o destino. A fatalidade de que o filho de um pobre seja sempre pobre, de que o filho de uma pessoa ignorante seja sempre ignorante e de que o filho de um fanático seja sempre

um fanático. Para evitar essas fatalidades é que precisamos da educação.”
Sim, é por isso que há professores e que eu milito entre eles. (42)

A todos agradeço por esta profissão mágica e maravilhosa que me dá a honraria única de educar os filhos da humanidade. E que, assim, me permite ter um passado rico de gratificações e memórias, um presente carregado de desafios e aventuras e passar os meus dias com o futuro.

Sou professor! Agradeço a Deus por isso e rezo-lhe para que me mantenha firme nas minhas convicções e fiel à recomendação de um filme de Pedro Almodôvar: somos tanto mais autênticos quanto mais sonhamos e nos aproximamos do nosso sonho. E ao fazer tal oração recebo, pela pena de Fernando Savater, a resposta luminosa e quente que me aponta os caminhos do porvir: “O facto de estarmos inseridos numa sociedade que tem voltado as costas à ética não é motivo para desanimarmos. Somente a virtude é capaz de renovar as forças do homem, convidando as pessoas a aplicar-se na observância do dever. O agir virtuoso ou ético não pode ser uma prática ocasional ou esporádica, mas sim um hábito alicerçado na vontade e capacidade de perseverar na perseguição do bem e do belo.” (42)

E, face a isto e aos oportunismos que por aí andam e estão sempre à espreita para nos lançar a rede da tentação, posso dizer como Mário Quintana:

*O facto é que nunca evoluí.
Sempre fui eu mesmo.*

E posso dizer também como Camilo José Cela: “Creio que sou um homem honesto, (...) que se dedica àquilo que gosta de fazer. É uma bênção de Deus poder viver a fazer aquilo de que se gosta”.

Em suma, queridos colegas e amigos, estou convicto de que temos boas razões para pensarmos bem de nós. E de que o lema que nos há-de guiar nos dias que estão para vir está no jeito expresso de maneira simples, mas por isso mesmo bela e sábia, pelo poeta brasileiro João Cabral de Melo Netto no poema intitulado “Tecendo a manhã”:

*Um galo sozinho não tece a manhã:
Ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele lança
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe um grito que um galo antes lançou
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

3. Porque se estuda desporto

Aprender é como remar contra a corrente: sempre que se pára, anda-se para trás.
Confúcio

As mentes são como os pára-quedas: só funcionam quando estão abertas.
Thomas Dewar

Da minha Faculdade

O livro da vida da minha Faculdade já completou vários capítulos. Por certo os textos até agora redigidos não foram todos escritos com palavras sábias. Porquanto a palavra carece de ser tecida com fios muito finos que levam longo tempo a ser preparados. E é curto o tempo que nos foi dado para aprender a cerzir, pontear, ligar e rematar. Porque há um tempo para o crescimento e outro para o amadurecimento. Um tempo para o conhecimento e outro para a sabedoria.

Mas posso dar testemunho de que bem cedo, como por milagre, encanto ou magia, brotou nas nossas mãos o condão de transformar grosseiros panos de surrobeco e burel em tecidos de finíssima seda e de alvíssimo linho de cambraia. Para enrouparmos um corpo que crescia sem descanso, ora engrossando o tronco, ora alongando as pernas e esticando os braços para além do espaço consentido.

Sim, é do corpo que nos ocupamos. Da coreografia dos seus gestos. Do acerto das suas funções, do sentido das suas aspirações. Do corpo real e

virtual. Do corpo feito por fora e por dentro, à medida do desejo e da necessidade. Do corpo que terá sempre um pedaço a menos, pedindo uma prótese a mais.

Uma Faculdade do Desporto não pode deixar de ser edificação de uma filosofia de exaltação do corpo. Assumindo a razão de Terêncio, de que nada do que é humano nos é estranho: quer aquilo que se exprime em altura espiritual, quer aquilo que fisicamente nos prende à terra.

Retemos na lembrança o corpo dos atletas gregos, pintado em vasos e ânforas, esculpido no mármore branco de Poros e coroado de *areté* por oráculos e poetas. O corpo romano, dos gladiadores no Circo Máximo, de Galeno e dos banhos e massagens nas termas de Caracala. O corpo místico e asceta dos cristãos e dos santos da Idade Média. O corpo de Da Vinci e Vesálio. O corpo vítima de sevícias e opressões. Os corpos diversos que o corpo encerra na dialéctica de constância e mutabilidade.

É, pois, do corpo que cuidamos, atentos ao Homem-Todo. Do corpo como estrutura de viver e cumprir os ritos de existir. Do corpo desportivo, esse admirável ser transcendente. Construído por sucessivas formas de elevação e assente em colunas de sublimidade, como um templo sonhado pela nossa imperfeita perfeição. Inatingível, é por isso um desafio. Hoje e sempre!

O nosso grande projecto é o Homem. Não apenas como um corpo com alcance e aptidão intelectual. Mas como um Todo, em que cada uma das partes desempenhe um papel e uma função essenciais. Um Homem completo e realizado, sem sentimentos enlatados, que saiba olhar, entender, sentir e usar livremente cada um dos seus talentos. O mesmo é dizer que

cuidamos do cumprimento do dever do aprimoramento ético e estético do homem. Sim, tratamos do desporto como instrumento de Anagogia Humana, de Demopedia e de qualificação da cidadania. Como meio de afeiçoar o homem a ideais, como o contido no lema olímpico *Citius, Altius, Fortius!*

Foi a esta luz que, nos anos transactos, tomámos em mãos a tarefa de estudar e investigar o desporto não tanto a conselho da razão, mas sobretudo impulsionados por sentimentos, porque são estes, muito mais do que aquela, que dão força, sentido e direcção a uma decisão e escolha. Inspirados no humanismo franciscano fizemos ancoradouro e aguada em muitas paragens com a convicção de que não havia génios superiores entre nós, mas apenas pessoas de modesta e humana condição, de boa fé, de sã consciência e de recta intenção. Por certo com muitas insuficiências e fraquezas, mas também com as virtudes do entusiasmo e da generosidade bastantes para darmos flores ao presente e frutos ao futuro.

Ao fazer o balanço do passado, com a finalidade de visualizar janelas, desafios e perspectivas para o amanhã, somos obrigados a reflectir sobre a missão da Faculdade. A actualizá-la e renová-la. O que convida a ter bem presentes as razões e finalidades que nos conduzem ao estudo, à formação e investigação na área do desporto. E a avaliar a forma de cumprimento dessas tarefas.

Da lei da mudança

“Tudo se encontra em estado de mudança. Nada fica como está. Nós não buscamos a permanência” – eis um posicionamento de Masatoshi Naito que se aplica inteiramente ao labor teórico e científico.

As disciplinas científicas carecem de redefinir permanentemente o seu objecto, as suas tarefas e responsabilidades. Porque os problemas gastam-se e deixam de servir, torna-se necessário formular constantemente novas questões e procurar para elas respostas também novas. O mesmo é dizer que os modelos teóricos não são passíveis de aperfeiçoamento para além do horizonte temporal de validade dos problemas que os determinam e é suposto esclarecerem. Para além desse tempo tornam-se inúteis, pelo que pedem substituição e reforma. (9)

As ciências e os cientistas obrigam-se, portanto, a um esforço de atenção permanente à evolução da práxis humana, à sua dinâmica e mutabilidade. Não lhes é indiferente o passado, mas é sobretudo no olhar apurado sobre a realidade envolvente que reside a possibilidade de participar na construção do futuro. Porque é esta a sua razão de ser e é igualmente essa a função de serventia do presente.

A *lei da mudança* aplica-se, pois, inteiramente tanto na práxis social como na ciência e formação. A construção, dissolução e reconstrução de conhecimentos estão permanentemente na forja. Acresce que o espírito científico e o cerne da formação universitária residem precisamente na recusa de atitudes de defensividade, de passividade e demissionismo. Manifestam-se na audácia de querer construir ofensivamente o futuro, de não ficar à espera que ele aconteça e seja oferecido ou imposto. Na vontade de intervir e participar na feitura da realidade, de não aceitar o determinismo, de

incluir a liberdade das opções e decisões no elenco da complexidade de factores determinantes do devir (21).

Nisto enraíza uma ética de responsabilidade, particularmente exigente em tempos ditos de crise de orientações, de valores e sentidos da vida. Essa ética reclama dos cientistas e dos teóricos e formadores a disponibilidade e a capacidade, a coragem e a ousadia de desenvolver novos conceitos e categorias para balizar a via do futuro. Porém, muita atenção contra o exagero de pretensões! No labor científico não se trata propriamente de apreender a realidade objectiva, mas sobretudo de desenvolver conhecimentos, teorias e princípios com os quais construímos ou participamos na edificação de realidades. Com esse labor emprestamos e acrescentamos uma variedade e riqueza de dimensões e significados à realidade. Ou seja, renovando e inovando as nossas perspectivas e teorias, renovamo-nos e participamos na renovação da realidade.

No nosso caso concreto, a concretização deste desiderato depende da capacidade das Ciências do Desporto para levantar, descrever e esclarecer os problemas emergentes da evolução social. Depende da forma como os assimilam e com eles se relacionam; depende de uma *razão intrínseca*, isto é, da elevação e renovação da sua sensibilidade e qualidade. Pois, como se sabe, é sempre necessária muito mais imaginação para sonhar e apreender a realidade do que para ignorá-la. Mais, a realidade e o sonho encontram-se a meio do caminho; interpenetram-se e formam um todo sem limites.

Assim a um passado dedicado preferencialmente a enquadrar e teorizar a educação física e o desporto de alto rendimento sucede o presente de um desporto aberto e complexo, portador de uma enorme oferta de

problemas e de possibilidades variadas de reflexão e investigação. Pelo que as Ciências do Desporto têm pela frente uma larga panóplia de perspectivas de crescimento e desenvolvimento.

Para tanto devem ajustar-se às alterações ocorridas na paisagem desportiva e atender à sua pluralidade. Devem voltar-se equilibradamente para todas as fases da vida e para os diversos locais de práticas desportivo-corporais, acompanhando a evolução das necessidades, dos interesses e problemas que lhes estão associados. Cumpre-lhes ocupar-se do desporto enquanto fenómeno polissémico e polimórfico, isto é, em toda a abrangência e pluralidade dos seus sentidos e formas de expressão; cumpre-lhes apreender a variedade de problemáticas que o desporto directa ou indirectamente levanta ou que o tangem.

Por conseguinte precisamos de aprender a criar um ambiente que realmente abrace a mudança, não como uma ameaça, mas sim encarando os problemas como uma oportunidade de desenvolvimento. Procurando cultivar a humildade desta oração de São Francisco de Assis: “Meu Deus, ajudai-me a mudar o que pode ser mudado, a aceitar o que não posso mudar e a distinguir as duas coisas”. Mas assumindo também o postulado de Vítor Hugo, de que “os vencedores serão sempre aqueles que inventarem o mundo e não aqueles que se limitarem a responder-lhe”.

Estamos, pois, intimados a descortinar as linhas de desenvolvimento que se ocultam por baixo de todo o negativismo. E a irradiar entusiasmo, mesmo que o vislumbre de o conseguir seja difícil e remoto.

Dos desafios do presente

É sabido que os finais de século são épocas estranhas, em que os problemas, os conflitos e a onda das mudanças ganham aceleração, saltam por cima de todos os obstáculos e surgem num volume e numa complexidade que tornam difícil a sua compreensão e equação. E, se isto é verdade em todos os tempos, é particularmente verdadeiro nesta viragem de século. Quer o percebamos com muita ou pouca nitidez, está em curso a criação de um novo contexto para a vida e concomitantemente para o desporto e para a sua construção pela ciência e pela formação.

Por um lado as previsões convergem no prenúncio da acentuação de alterações na estrutura da população, nos perfis demográficos. E advertem para o agravamento das questões sociais, para o refinamento das formas de exclusão e de aviltamento da dignidade humana, atingindo sobremaneira os idosos, os portadores de deficiência e os jovens desprovidos de habilitações suficientes. **(10)**

Face a isto, apresenta-se como solução a necessidade de uma *revolução axiológica*, sem quaisquer subterfúgios ou artifícios dialécticos. Ou seja, adquirem todo o carácter de urgência a retomada e projecção de ideias do Homem e de estilos de vida capazes de nos tornarem mais parecidos com ele. A educação e todos os seus meios e instrumentos – entendidos como modos de fazer o Homem – carecem de ser repensados sob o primado de uma ética apostada em ampliar os círculos da solidariedade, em diminuir as bandas da ignorância moral e do egoísmo.

Por outro lado os especialistas do devir assinalam uma intensificação do ambiente hipercompetitivo no limiar do novo século. Este fenómeno gera transformações avassaladoras, às quais nenhuma instituição consegue

escapar, seja ela uma empresa, uma universidade, o desporto ou a ciência. A sociedade da ciência, da tecnologia e da cultura desenha-se no confronto com os ditames da nova era da competição, afirmando, entre outras exigências, a supremacia do conhecimento e a criação e inovação de novos padrões de trabalho. (7)

O desporto move-se neste terreno de maneira absolutamente paradoxal. Com efeito é verdade que ele vive uma fase de expansão e ascensão, nunca antes imaginada, como reflexo de mudanças no paradigma cultural, o que indicia uma alta na sua cotação como trave mestra de um novo estilo de vida, assente na revalorização do corpo, da imagem e da estética. Mas não é menos verdade que, na vertente da alta competição, se debate também com uma crise de credibilidade sem precedentes, que arruina sobretudo os seus alicerces éticos e o legado dos seus princípios e valores.

Com efeito a credibilidade do desporto está gangrenada pelo menos por duas doenças que, embora sendo antigas, vêm reforçada a sua gravidade na actualidade por força do império dos *media*, a saber: dopagem e dinheiro ou corrupção. Realmente inúmeros acontecimentos e denúncias recentes conduziram a um questionamento geral e a uma mudança da opinião pública no modo de olhar o desporto. E por isso se pergunta:

Será ainda credível o desporto? Será a performance desportiva um rendimento humano e genuíno ou não passa de um feito alcançado pela manipulação química e genética? Competirão alguns atletas pela vitória ou só e apenas pelo dinheiro? Não estará a ficar um pouco ou mesmo muito abalada a nossa tradicional atitude de estima e admiração, de enaltecimento e respeito pelos atletas da nossa eleição? E os dirigentes serão dignos de

confiança ou é imperiosa uma reciclagem sanitária em grande profundidade e extensão? (46)

Nesta conformidade a formação e a ciência são desafiadas a reformular o seu objecto e a assumir as suas obrigações num quadro deveras complexo. Não poderão escusar-se a atender as necessidades dos diferentes campos da actividade desportiva, tanto dos antigos como dos emergentes, a tomar nota dos seus interesses e expectativas, a aproximar-se das respectivas organizações e instituições. Mas não deverão colar-se a elas ou confundir-se com elas, nem colocar-se ao serviço dos seus desígnios. Deverão respeitá-las e reclamar para si um respeito redobrado, o que implica guardar distância e reforçar a sua atitude e dever de independência e de vigilância crítica, sob pena de perverterem a sua missão e o seu papel. Que são os de participar, lado a lado com os outros parceiros, na construção de um desporto melhor, à altura das exigências culturais do tempo, levantando os parâmetros e fornecendo as referências balizadoras do caminho para um tal empreendimento.

A ciência e a formação têm, pois, a obrigação de apurar e lançar o olhar sobre a realidade envolvente, mas não numa posição de neutral exterioridade. Têm que se debruçar sobre o desporto, tal como ele se apresenta actualmente, por força das rápidas e profundas mutações que sofreu nos últimos anos e pelo ímpeto de transformação que o anima em direcção ao futuro. Sobre a vida e os seus problemas, porque muitos deles aguardam e confiam numa intervenção de prevenção, de remedeio e reabilitação da parte do desporto.

Enfim, a ciência e a formação têm que reinventar dia a dia o quadro desportivo, fabricando novas ideias e conhecimentos, encorajando os homens a servir-se deles e entregando-se à tentativa de descoberta renovada do sentido do desporto e da vida e da modalidade do nosso comprometimento com ele.

Da missão institucional

O horizonte do futuro mostra que o conhecimento será cada vez mais importante e requisitado em todas as fases da vida e que a globalização e a competitividade se acentuarão e colocarão mais alto as fasquias da qualidade e da excelência. É neste contexto que as instituições universitárias de formação e investigação terão de enfrentar um novo desafio e mesmo dilema: o de corresponder às exigências de *relevância* e utilidade colocadas pela sociedade, sem se despedirem da tradição de visão de longo prazo. (35)

A Universidade era, até há poucas décadas, uma instituição cuja essência era estar acima do imediato, estava no mundo mas não era dele. Ou seja, a sua principal característica não era a serventia para a sociedade, mas, pelo contrário, o afastamento em relação a esta. O seu papel era o de visionar a sociedade e de permitir que esta se visionasse a si própria a longo prazo.

O grande repto lançado às instituições universitárias, colocando-as sob a pressão de atender ao pragmatismo e ao imediatismo, sob pena de serem acusadas de elitismo ou irrelevância, é - como afirma Alberto Amaral - o de saber se continuarão a funcionar como instituições que disponibilizam à sociedade possibilidades e vias alternativas para moldar o longo prazo ou se

passarão simultaneamente a estar no mundo existente e a ser dele. Mais, se cedessem a essa pressão e tentação, quem as iria substituir no cumprimento daquela tarefa multi-secular de que a sociedade actual tanto carece? E qual o preço que a sociedade pagaria por uma tal subversão? (3)

Transportemos estas questões para o nosso campo e procuremos dar algumas respostas.

A missão das instituições de formação e investigação em Ciências do Desporto não se esgota numa tarefa única, mas sim em várias e todas elas conjugadas na causa de impulsionar um entendimento e uma vivência do desporto à altura das exigências culturais do nosso tempo. Por outras palavras, a formação e a investigação obrigam-se a ir além da ciência, da difusão e da criação do saber; a integrar-se no elenco dos esforços e instrumentos de modelação do desporto e da vida, na esteira de um comprometimento ético e cultural.

Para tanto cumpre-lhes entregar-se à pesquisa e à afirmação de conhecimentos, pareceres, posições e recomendações, assumindo activa e ofensivamente o dever de elevar e enobrecer uma parcela importante do processo civilizatório. Somente assim poderão manter-se fieis ao princípio da responsabilidade, isto é, ao primeiro e cimeiro de todos os princípios.

É da fidelidade a este princípio que jorra o dever de enfrentar um anacronismo trágico e essencial, teimosamente ancorado no desporto dos nossos dias: por um lado as entidades, que o regem, proclamam a necessidade do conhecimento, mas por outro fecham-se a sete chaves a todo o saber que ponha em causa o seu aviltamento, a todo o saber que releve do humano, do ético e do moral.

Por isso há que reafirmar que a Universidade não é apenas uma instituição para estudantes. Nem só para os formar. E que não nos deixamos, pois, desviar da missão institucional de princípio promotor do desporto e do seu dever. Não deitamos fora a obrigação de assumir um protagonismo axiológico, de iluminar o desporto com a luz de preceitos e normativos que o fundam como um sistema humana e moralmente bom.

Concordará certamente o leitor comigo, se disser que a Universidade não vive só da prática das virtudes cristãs, nem da imitação dos santos. Não vive do recolhimento e da renúncia ao mundo. Tem valores próprios, mas não é curial que se enclausure neles. É imperioso que esteja no mundo ao lado de outros protagonistas e que participe de modo responsável e empenhado na feitura da realidade. Com todos os outros parceiros e, quando necessário, contra eles. Porque é essa a sua vocação suprema e a maneira superior de cumprir a sua inalienável obrigação.

Assim não é curial moldar as instituições universitárias para servirem interesses espúrios; trata-se sim de as desenvolver como centros comprometidos com as causas da sociedade e Humanidade. Não podem e não devem servir mais ninguém.

Estuda-se e investiga-se porque há, dentro de nós, a aspiração para corresponder à necessidade extrínseca de esclarecer os fenómenos e as coisas, de pôr a nu as diversas formas de hemiplegia moral. Habita-nos o desejo de tentar cavar no contexto histórico as possibilidades de reconfiguração da vida humana. Ou seja, de entender e ajudar a ver a história e a vida entrelaçadas numa criação mútua e permanente.

É por isso que também se estuda e investiga na área do desporto. Para impulsionar um entendimento e uma vivência do desporto à altura das premissas e necessidades culturais vigentes. Assim a formação e a investigação almejam ser um sistema de ideias vivas que represente o nível superior de cada era. Atribuem-se a incumbência de formar pessoas cultas que se meçam e sobreponham ao seu tempo, capazes de denunciar os novos bárbaros, arcaicos e atrasados quanto à sua época, os primitivos e infra-homens que acometem o desporto um pouco por todo o mundo. Atrasados e primitivos em comparação com a terrível actualidade dos problemas. E alérgicos a todo o esforço de ser autêntico, de criar as suas convicções próprias.

Por outras palavras, tenho para mim, amparado em Ortega Y Gasset, que a formação e a investigação se vinculam à criação e difusão de conhecimentos, visando modelar a vida e o desporto na esteira de um comprometimento ético e cultural. Querem ser uma fonte de parâmetros e ideais dos quais possa viver o desporto e com os quais o possamos viver, lidar com ele, agir nele, cuidar dele; uma fonte de alguma coisa maior e mais importante, portadora de sentido e justificação para a sua existência e para o acto de o pensar e fazer, porquanto nós somos as nossas ideias e as coisas também o são. (36)

O mesmo é dizer que a formação e a investigação configuram uma força espiritual e reformadora do desporto, contrapondo-se à arrogância e ao poder das forças da frivolidade e da insinceridade, da estupidez e dos interesses rasteiros e mesquinhos que teimam em comandar-lhe os destinos, em manietar e arruinar o seu legado ético e moral.

É da fidelidade a esta vocação e missão que brota a lucidez para refutar as provocações de não poucos intrusos que se auto-intitulam *homens da prática* e do mercado desportivo. São pérfidos e lestos a proclamar a inutilidade da existência das instituições de formação e investigação, sempre que estas se recusam a deitar na cama da sua ignorância cívica e moral.

Não nos peçam, pois, que formemos técnicos mais “eficazes” e “práticos”, mas pobres de espírito, de pensamento e de conhecimento do teor cultural e humanizante do desporto, coadjuvantes portanto na perversão da sua identidade e finalidade. Porque a esses assenta que nem uma luva o reparo de Mark Twain: “Para aqueles que têm apenas um martelo como ferramenta, todos os problemas parecem pregos”.

Sim, não nos peçam que formemos “idiotas da objectividade”, cegos ao “óbvio ululante”, como diria Néelson Rodrigues, quadros herméticos, carregados de certezas e seguranças, que apenas expressam o medo de se abrir à complexidade e autenticidade do mundo. Pelo contrário, porfiaremos em formar técnicos ilustrados, hermeneutas capazes de inteligir o desporto e de o situar no plano da vida e no contexto sócio-cultural, à altura do seu tempo; capazes de viver a sua inteligência e de viver a partir dessa faculdade maravilhosa que é a de percebermos a nossa própria limitação.

É isto que temos para dizer e oferecer às organizações desportivas. E ainda que elas devem esperar de nós uma franqueza um tanto rude no modo como denunciámos a falsificação do desporto. Porque nós não prescindimos de também sermos e estarmos nele. E por isso temos que intervir em causa própria e agir em legítima defesa. Cultivando uma relação de vigilância, muitas vezes amassada em “ácido fermento”. (36)

Recorramos novamente a Ortega y Gasset para dizer aos detractores das instituições universitárias que elas existem porque “não há outro remédio: para andar com acerto pela selva da vida é preciso ser culto, é preciso conhecer a sua topografia, suas rotas ou ‘métodos’, ou seja, é preciso ter uma ideia do espaço e do tempo em que se vive, uma cultura actualizada. Pois bem: essa cultura, ou se recebe ou se inventa. Aquele que tiver arrojo para comprometer-se a inventá-la, ele sozinho, para fazer por si o que trinta séculos de humanidade já fizeram, será o único que terá direito de negar a necessidade de que a Universidade se encarregue antes de mais nada de ensinar cultura. Infelizmente, esse único ser que poderia, com fundamento, opor-se à minha tese seria (...) um demente”. (36)

Há, pois, que dizer, sem quaisquer rodeios, que não é em nome da conveniência da instituição universitária que esta se deve abrir ao exterior; é antes a coisa pública – no caso, o desporto - que precisa urgentemente de sofrer a sua intervenção. Com efeito a vida e qualquer das suas parcelas carecem sempre de ser regidas por um *poder espiritual*, por um pensamento correcto, por um sistema de categorias mentais, de ideias e perspectivas que se envolva com as coisas, que contemple as coisas em ordem e a ordem das coisas. Porquanto a ausência de um pensamento iluminado por uma doutrina clara e pela procura da verdade coloca os homens à mercê das coisas, converte-os em vítimas dos acontecimentos e dos seus instintos e impulsos mais baixos e elementares. Priva-os de um instrumento determinante da possibilidade de viver com dignidade e de maneira autenticamente humana; priva-os de condições de fazer frente a todos os desafios e problemas imanescentes ao plano e às premências da vida. E, sendo muitos poucos os

seres humanos que sabem pensar bem, de modo adequado e sério, porém – pasme-se! - quase todos mesmo assim querem dar opiniões, lavrar sentenças e tomar decisões. Muitos deles dirigem o mundo e também não poucos encontram-se acoutados no desporto.

Acresce, como muito bem se sabe e percebe, que os antigos *poderes espirituais* desapareceram para ceder o lugar aos *media*. O próprio Estado democrático deixou de ser regente e passou a ser regido pela opinião pública, melhor dizendo, pela opinião divulgada e publicada para ser imposta aos cidadãos. E não é novidade para ninguém que a comunicação social deforma a realidade, reduzindo o actual ao instantâneo e este ao retumbante e gerador de polémica. O substantivo e duradouro é relegado para segundo plano ou até esquecido, surgindo no seu lugar o superficial e efémero. A tal ponto que a imagem do mundo surge quase sempre distorcida e invertida, de cabeça para baixo. **(36)**

“É, portanto, questão de vida ou morte – escreveu Ortega y Gasset – rectificar uma situação tão ridícula”. Para isso as instituições de formação e investigação têm de intervir na actualidade, tratando os grandes temas em vigor a partir do seu próprio ponto de vista: cultural, científico, académico e profissional. Procurando impor-se como um poder espiritual superior e reformador que represente a serenidade diante do frenesi, a austeridade e o rigor diante da frivolidade e da franca estupidez. Não que se arroguem a pretensão de ser modelo do mundo ou de possuir a explicação para tudo, mas querem e podem participar na tarefa de o explicar e de lhe traçar um rumo. Como diz Manuel Alegre, “é indispensável resistir à ditadura do imediato e do mediático.”

Não alijaremos, pois, a obrigação de ajudar a entender e a construir o sentido de um desporto e de uma vida melhores e de renovar a modalidade do nosso comprometimento com ele. Cientes de que aquilo que torna o presente empolgante é o facto de nos servir para criarmos o futuro pensado, escolhido e desejado entre todos os futuros possíveis.

Em suma, a formação e a investigação reclamam um protagonismo axiológico no desporto. A sua função primordial é a de reavivar e espicaçar a consciência acerca do modo como a questão da dignidade do homem é abordada e concretizada no desporto. É a de pugnar pela elevação da qualidade do desporto, balizada por padrões culturais e civilizacionais, por critérios éticos e humanos. A de ajudar a entender e construir o sentido de um desporto melhor; a de se consagrar à configuração de um fenómeno universal, que vem do fundo do tempo em que os homens se ergueram do chão e ousaram fitar o céu e sonhar com o infinito.

Tem sido esta e não podia ser outra a vertente essencial da missão da minha Faculdade. Tomando na devida conta o reparo de Carlos Drumond de Andrade: “O importante não é estar aqui ou ali, mas ser. E ser é uma ciência delicada, feita de pequenas-grandes observações do cotidiano, dentro e fora da gente. Se não executamos estas observações, não chegamos a ser: apenas estamos e desaparecemos”.

Sim, creio que ela continuará a tomar boa nota desta norma e que não esquecerá a advertência de Goethe: “O maior mal que pode acontecer ao homem é ele chegar a pensar mal de si mesmo”.

Face ao ritmo e ao sentido da caminhada até ao presente julgo que há boas e sobejas razões para pensarmos bem de nós. E para acreditar que

vamos continuar a escrever e acrescentar outros capítulos ao livro da Faculdade. Para os dias não passarem em branco.

4. Do sentido do desporto

Julgo que é agora, mais do que nunca, que o Homem, senhor da electricidade e do som, da própria dinâmica do tempo, tem de religar-se ao corpo e à natureza através do desporto, entendido este na sua mais alta acepção – na verdadeira. Quando se lança o dardo importa que o gesto seja puro e também que o dardo vá longe. E que ao lançá-lo, o homem fique mais perto da mãe-terra, das fontes e das folhas, do vento e do calor. É isso para mim, o sentido e o valor do desporto.

Urbano Tavares Rodrigues

Introdução

O que é que está por debaixo da exercitação, do treino e da competição? O que é que leva as pessoas ao desconforto da transpiração, do esforço e do cansaço, à dor da contracção muscular, ao sabor amargo do débito de oxigénio e do dispêndio de energias, ao susto do bater do coração, às tensões, dúvidas e agruras da mobilização das forças e da vontade na procura de rendimento?

Porque será que tantos milhões de pessoas se dirigem cada vez mais para os cenários formais e informais das práticas desportivas? Porque razão é que ginásios, piscinas, estúdios de condição física e de ginástica aeróbica, assim como os locais mais aprazíveis e menos poluídos das nossas cidades são diariamente invadidos por jovens, adultos e idosos, por homens e mulheres, por indivíduos portadores de menores ou maiores deficiências e anormalidades? Porque é que se entregam tão intensa, árdua e

religiosamente ao exercício, como se estivessem a cumprir o ritual de evocar o Deus em que acreditam ou o santo padroeiro da sua protecção? Ou como se, desse modo, exorcizassem e esconjurassem todos os males do seu corpo?!

Em que se fundam esta fé e esta crença no desporto? Que milagre é esse que tanto se espera que ele realize? Porque é que se derrama tanto suor e se queima tanta gordura e caloria, como se de velas de cera se tratasse?

Porque é que tanta gente se curva, macera e imola na ara desportiva? Que iras e que deuses pretende aplacar? Que penitências e promessas está a cumprir? Que votos está a expiar? E que recompensas anseia assim alcançar?

É sabido que as actividades desportivas, lúdicas e corporais sempre foram ao longo da história humana e continuam a ser portadoras de um carácter multifuncional. Podem ser objecto de instrumentalização para um largo espectro de funções e finalidades muito distintas e até, não raras vezes, contraditórias. A tal ponto que a ementa de motivações para a prática desportiva é inesgotável. E isto porque se umas são de ordem objectiva, mensurável e contável, outras são do domínio subjectivo e não vão além da sua natureza de impressões e sensações.

Quero crer, em todo o caso, que ninguém pratica desporto verdadeira e essencialmente pelas razões que consegue afirmar ou pelas causas que ficam bem à vista. A dureza do esforço é suportável por razões que transcendem os pretextos dizíveis e visíveis. Talvez por o desporto ser um tecido de osmose e infiltração do trágico e do sagrado. Por ser uma das

válvulas de escape que permitem a evasão das diferentes tonalidades do trágico cotidiano, o qual, se não fosse mitigado e em sendo absoluto, tornar-se-ia psicológica e biologicamente insustentável.

Os teóricos do desporto – tanto da sua expressão moderna como das formas precursoras – sempre o colocaram ao serviço da arte de viver. Visando emprestar à vida um sentido marcado pela consonância entre o exterior e o interior, entre a aparência e a essência, entre o aprimoramento corporal e o cultivo e a elevação da alma.

A esta luz o tão propalado ideal da harmonia do corpo e da alma configura-se na habilidade corporal, na beleza espiritual, na agilidade do pensamento, na elegância das ideias, na sinceridade das palavras, na cortesia dos gestos, na correcção das atitudes, na fineza do riso, no refinamento das emoções e na lhaneza dos sentimentos. A isso chama-se enformar a vida de ética e de estética; ensinar os homens a rir e a jogar, coisas que aos deuses não foi dado aprender ou vivenciar. Por outras palavras, a obrigação de sagrar o homem de humanidade impõe-se em todos os tempos e por todos os meios.

A meu ver é disto que o desporto trata e é essa destinação que faz dele um fenómeno antropológico fundamental em todas as épocas e lugares. E, porventura, será também isso que, ao cabo e ao resto, as pessoas procuram nele. Com a insatisfação e incomodidade de quem sabe ser insuportável a distância entre aquilo que o homem está a ser e o sonho de grandeza e plenitude que intimamente o exalta. Mas também com a esperança e a confiança de quem se lembra do infinito que o homem já

percorreu até ao presente e ousa, por isso, sonhar com o infinito que ainda e sempre lhe faltará andar.

Consequentemente, eu imagino que o desporto possa participar no projecto da criação de novos paladinos da esperança. Por ser um dos poucos recantos onde ainda mora o sonho e floresce a imaginação. Onde todos – crianças, adultos e idosos – podem sonhar com o encanto, com o mistério e o milagre da vida. Pelo menos podem dialogar com eles, colocar-lhes perguntas e obter algumas respostas.

Nesta conformidade vou procurar lançar um olhar íntimo sobre o desporto como elemento irrecusável da cultura e como celebração do humano. Um olhar de radicalidade contra o conformismo à sua reificação. Vou deixar de lado dimensões políticas e económicas, tão importantes e mediatizadas nos dias de hoje. Do mesmo modo não vou abordar, a não ser pela rama, o seu papel educativo no tocante a reprodução e difusão de valores e atitudes, embora ele mereça particular destaque numa época como a nossa tão marcada por uma espécie de *ética indolor*, ou seja, pelo afrouxamento dos vínculos a compromissos e deveres, a tudo o que implique trabalho, esforço, disciplina, sacrifício, afinco, persistência e suor. Também não vou laborar em profundidade sobre a variada ementa de experiências e vivências (corporais, sociais, materiais e pessoais) que ele proporciona e sobre a influência exercida na melhoria do auto-conceito e auto-estima. Igualmente deixo de lado a explicitação das funções do desporto no domínio das políticas sociais de inclusão, re-integração e reabilitação, no tocante aos idosos e todos os grupos de populações especiais. Atenho-me aqui a enfatizar preferencialmente a faceta humanista que se prende com o seu

estatuto cultural. Sobretudo porque, na vacuidade dos discursos e nas agendas oficiais e dos *media*, se regista a dificuldade para considerar a pluralidade de sentidos vertidos no desporto. Ele é visto apenas sob os prismas da economia, das tricas e do resultado. Não merece outra focagem. Nem outra história.

Ao falar de cultura não me refiro à institucionalização do desporto como área de formação, investigação, produção e divulgação científicas, nem às suas relações com as artes e as letras e à actividade editorial em geral. Não me ocupo do seu contributo para o preenchimento do sentido da vida, enquanto motivo de conversa, de interesse, de convívio, de identificação, de filiação e associação. Não toco no significado das organizações que o configuram como poderoso artífice da mundialização e internacionalização. Também não me cinjo às componentes artísticas do desporto, que tanta fruição visual nos proporcionam. Não sendo isso pouco, quero aqui incluir a influência que ele exerce no concernente à corporalidade e aos estilos de vida, visando tornar esta um projecto de arte. E não esqueço a formação de sentimentos de alegria, de prazer e de felicidade no rendimento, nem as possibilidades de desenvolvimento da pessoa, enriquecendo e combinando na sua competência as dimensões motoras, estéticas, sociais, morais, cognitivas e afectivas.

Foi Pessoa quem disse que a literatura é a prova de que a vida não chega. Viver o real só pelo real é demasiado banal e assim é irreal, por lhe faltarem a elevação e a sensibilidade. Na mesma linha de raciocínio e de balanço podemos dizer que sem o desporto e tantas outras coisas aparentemente dispensáveis e inúteis – arte, música etc. – a vida não nos

chega e não nos satisfaz. Nem nos basta viver as coisas na dimensão da coisificação, porque, “como não somos puras coisas – adverte Savater -, temos necessidade de «coisas» que as coisas não têm”. (41)

Não olhemos, pois, o desporto apenas à luz do papel social - que ele cumpre e o torna utilitário. Alarguemos o olhar para a função de humanização - que ele assume e o torna indispensável. Procuremos ver o transcendente que se eleva acima do transcendido. Talvez cheguemos assim a concluir que, sem desporto, o envolvimento cultural dos homens empobrece, torna-se descarnado e ressequido de emoções e paixões.

Saúde, corporalidade e esperança de vida

Há uma associação estreita entre desporto (tomado no seu sentido lato) e saúde, não em último lugar por via da tradicional acentuação corporal dos conceitos de saúde e doença e também devido ao papel atribuído à prática desportiva na configuração de estilos de vida sadia. Ou seja, por um lado, o corpo é elemento omnívoro e principal nos conceitos de saúde e doença, a tal ponto que se alguém estiver com febre é considerado doente, mas se estiver triste não deixa de ser considerado saudável. Por outro lado, o exercício físico e desportivo é receitado para tudo e para nada e surge como pilar central em qualquer campanha de promoção de estilos de vida orientados para a prevenção de inúmeras doenças, de fomento da saúde e de aumento da quantidade e qualidade de vida.

Realmente estamos a assistir em todo o mundo a uma *conjuntura corporal*. A sociedade do sucesso e da imagem trouxe consigo preocupações de ordem estética e esta agarrou-se ao corpo, que o mesmo é dizer, àquilo

que tem mais à mão e que, de modo mais visível, apresenta a identidade de cada um. O corpo está, pois, a viver um regresso festivo ao centro das atenções e dos olhares e a exercer uma influência marcante em muitos quadrantes, nomeadamente na alteração dos motivos, cenários e modelos de uma nova cultura desportivo-motora. Por outras palavras, apesar da sociedade pós-moderna ou pós-industrial (em que já entrámos ou julgamos ter entrado) se caracterizar, entre outras coisas, por uma desmaterialização e *afisicidade* indicadoras do predomínio da mente sobre o corpo, nós continuamos a ser muito devotos do corpo. E com inteira razão, porque foi ele que nos salvou ao longo de milénios da história humana. Continuamos a investir nele muitos dos esforços tendentes à melhoria da qualidade de vida e passam por ele muitas das tentativas de fazer da existência e do dia a dia um projecto de arte.

Ora o exercício desportivo-corporal toma parte cada vez mais visível e substantiva neste empreendimento, sobretudo a partir dos anos 70, altura em que nos USA e no Canadá surgiu o movimento do desporto para todos integrado em políticas de saúde para todas as idades.

De resto o desporto é um dos instrumentos de que nos servimos para inscrever na nossa natureza de protocorpo biológico e motor uma condição sócio-cultural, tornando o nosso corpo um artefacto da cultura desportiva. O mesmo é dizer que através do comportamento ou uso desportivo do corpo induzimos neste e nos seus órgãos e sistemas efeitos, adaptações e alterações morfo-funcionais, conformes aos conhecimentos, necessidades, requisitos, normas e padrões vigentes. Através do desporto o corpo pode ser invadido, arado e *colonizado* pelas e para as mais distintas culturas.

Esta problematização do desporto e de actividades motoras afins, com enfoque na corporalidade e na saúde, é particularmente enfatizada no nosso tempo, podendo dizer-se que está na moda. Contudo ela não é nova. As formas de jogo e exercitação, precursoras do desporto e praticadas nas diferentes épocas e contextos históricos e civilizacionais, foram sempre instrumentalizadas para cumprir uma larga panóplia de finalidades muito díspares, incluindo as do corpo e da saúde. O que autoriza a afirmar que a história do desporto e de outros métodos de exercitação corporal é parte integrante da história do corpo e das atenções e cuidados de saúde imanescentes.

Mas é inquestionável que a associação do desporto à corporalidade e à saúde adquire reforço e acentuação com a criação da ciência moderna e, sobretudo, com a vinda da revolução industrial e das respectivas sequelas. Uma e outra colocaram a problemática da corporalidade em novos moldes. Assim, por exemplo, a *Ginástica de Ling* e os outros sistemas e métodos de exercitação, que lhe sucederam, devem o seu aparecimento ao facto de o corpo e a saúde terem adquirido novos contornos e preocupações: o corpo e a sua capacidade de rendimento e saúde tornaram-se um problema numa altura de afirmação da sociedade industrial e em face dos princípios e exigências desta. E o mesmo se pode dizer em relação à relevância que as práticas desportivo-corporais, enquanto elementos de uma estratégia de saúde, alcançam nos nossos dias. Realmente, com a evolução e mudança operadas na concepção das campanhas de promoção da saúde e qualidade de vida, passando de estratégias assentes em proibições e restrições para a apologia de medidas de acção, as práticas desportivo-corporais viram-se

elevadas à categoria de traves mestras dos estilos de vida activa. E do mesmo modo são vistas como fiadoras da saúde. Mais ainda, a quantidade e qualidade de prática desportiva são bitolas cimeiras e constituem até a justa medida de permissão da nossa inclinação e entrega aos prazeres e à fruição da vida.

Olhemos para uma outra vertente da problemática aqui em análise.

Como disse atrás, nós estamos já mergulhados numa fase de intensa desmaterialização, imanente à pretensa sociedade pós-moderna. Por outras palavras, estamos numa fase de transição que consiste em passar da consideração do corpo como elemento principal dos nossos actos e em substituí-lo pela mente. Isto é, atingimos uma fase de progresso tecnológico que nos atirou definitivamente para a *afisicidade*, para formas de trabalho e de vida que deixam de lado a dimensão física, corporal e motora. Este é um processo muito lento que começou, há algumas dezenas de milhar de anos, na Mesopotâmia (actual Iraque), com a invenção da escrita, da matemática, da astronomia, da roda, da moeda, do ensino etc. A partir de então foi aumentando pouco a pouco na actividade humana a dimensão mental e intelectual. Até chegarmos à fase actual de quase completa *afisicidade*, isto é, de uma passagem de época: da actividade física à actividade intelectual. O que lança ao desporto um apelo para assumir um papel de compensação e regeneração. E a isso ele tem respondido, desdobrando-se cada vez mais numa pluralidade de formas e sentidos.

Verdadeiramente em causa é posta a nossa própria condição humana, acarretando a mudança de identidade. Porquanto está a chegar ao fim uma sociedade que, durante séculos, se constituiu com base no trabalho físico,

duro e custoso. “Comerás o pão ganho com o suor do teu rosto”, eis o mandamento que aprendemos e praticámos. Foi assim que se ergueu um modelo de homem estruturado em torno de capacidades motoras e de qualidades volitivas e morais. Ora com a dita *afisicidade* regista-se um afrouxamento no cultivo de valores, padrões e competências que, sendo centrais no desporto e no desempenho corporal, não o são menos na configuração do carácter.

Enfim, estamos a precipitar-nos (ou, talvez melhor dizendo, a elevar-nos) na *afisicidade*. E isto não é uma hipótese, é realmente um dado bem concreto. De facto é hoje fácil constatar que o corpo não prevalece mais sobre a mente; antes pelo contrário emerge o perigo de começarmos a negligenciar em demasia a nossa dimensão física e corporal. Só nos lembramos dela quando a não aceitamos por qualquer motivo, quando se nos torna incomodativa e perturba a nossa vida e bem-estar. E então desatamos a procurar modificá-la e esculpi-la com outra forma. (16)

Pois bem, o desporto e todas as formas de exercício fazem parte e são expressão da preocupação sem fim de fazer o corpo, de o criar, adaptar, transformar e melhorar. Não apenas à superfície, mas em profundidade. Participam na aventura da descoberta, da desocultação dos segredos do corpo, da penetração na escuridão das suas profundezas. No desejo, formulado por Michel Foucault, de "aprender na profundidade do corpo as relações que ligam os órgãos superficiais àqueles cuja existência e forma oculta asseguram as funções essenciais". (20)

No desporto e em qualquer outro exercício realiza-se um confronto com a natureza corporal, travado de muitas maneiras, por motivos variados e

com múltiplas consequências. No que tange a saúde, celebra-se nele a memória de um corpo em fuga, esperando o milagre da sua reparação.

Sim, o desporto é um parceiro, um local e um espaço onde o corpo é interlocutor permanente. Onde o corpo tem voz e fala com a sua carne, com os seus músculos, com os seus ossos, com as suas vísceras e com o seu sangue. Onde é fulgurante a presença do corpo para cada um e do corpo para si mesmo. Onde se aprende a olhar para o corpo e a perceber e sentir que ele não está a mais, que não é uma paixão inútil. Onde saboreamos o gosto carnal, intenso e quente, de nos sentirmos humanos. Onde podemos admirar o corpo com a lupa da sensibilidade de Sophia de Mello Breyner Andersen:

*Corpo brilhante de nudez intensa
Por sucessivas ondas construído
Em colunas assente como um Templo.*

O desporto é um palco onde entra em cena a representação do corpo, das suas possibilidades e limites, do diálogo e relação com a nossa natureza interior e exterior, com a vida e o mundo. Quer se diga de crianças e jovens, de adultos e idosos, de carentes e deficientes, de rendimento ou recreação, o desporto é em todos os casos instrumento de concretização de uma filosofia do corpo e da vida. Constitui uma esperança para a necessidade de viver.

E é precisamente pela vida e pela sua qualidade que estamos a perguntar quando, nos questionários referentes aos comportamentos de saúde de uma população, procuramos dados sobre hábitos desportivos. É a questão da vida que leva a Organização Mundial de Saúde a prescrever a prática desportiva em todas as idades. É da construção e preservação do homem e do seu sentido; é do direito do homem a outros corpos, para além

do corpo trabalhador, que estamos a tratar, quando advogamos a prática desportiva em todas as idades e em todos os casos de menoscabo da dignidade da vida.

Poderá retorquir-se, em relação ao cardápio habitual de virtudes, benefícios e promessas do desporto, que ele se assemelha a um curandeiro que promete mais do que pode, por ser médico do impossível. E que as suas promessas de saúde e bem-estar, de vida e de longevidade se enredam no mito. Porém, sendo determinada pela dor e pela consciência da sua finitude, a vida funda-se no sonho e no mito, criando portanto a necessidade ontológica da esperança. Não nos resta, pois, alternativa. Isto é, mesmo que a ciência o não possa confirmar inteiramente, enquanto não surgir outro mito mais esperançoso, devemos sustentar que o desporto é fonte de saúde e de vida.

É a esta luz que é preciso ver os atletas, que procuram o troféu do viver nas corridas e maratonas que inundam as ruas das nossas cidades, como uma expressão da razão do excesso, da transcendência e da excentricidade, em suma, da razão da liberdade. Não se alienam da vida e dos seus problemas, correm sim para se renovar e agarrar a vida, para a possuir no quotidiano e a não hipotecar ao imaginário futuro. Arautos da exaltação da vida procuram evitar o destino trágico de morrer antecipadamente no conceito e na rejeição de quem os rodeia. Procuram ser idosos sem idade. E se isto é utopia preferem o excesso do ridículo ao luto do vazio dela, como condição de vivência. São crianças tontas de alegria simples que consomem filosofia nas suas pernas, no seu esforço e suor. Encenam o desporto como elemento de uma pedagogia do amor à terra, ao

corpo, à vida. Como um momento de afirmação da razão, da dignidade e da obrigação do corpo. Da razão da alegria, do entusiasmo e da fé na vida e na vontade de viver.

Enfim, como as palavras ditas ou escritas, como a ciência e a tecnologia, o desporto é uma prótese para uma infinidade de insuficiências e deficiências que nos limitam e apoucam. Para o corpo que temos e somos, “sem cuja satisfação – lembra Savater – não há bem-estar nem bem viver que resistam”. (41)

Criação da forma humana

Recorro de novo a Goethe e à sua afirmação de que “a coisa mais digna de que se ocupa o homem é a forma humana.” É óbvio que ele não se estava a referir apenas ao nosso mero aparato físico, à nossa couraça óssea e muscular, à nossa forma externa, embora também não excluísse nem desvalorizasse a subida importância desta. Por certo estava a pensar em tudo quanto nos perfaz por dentro e por fora, nos pensamentos e actos, nos sentimentos e gestos, nos ideais e nas palavras, nas emoções e reacções. Estava a laborar no Homem-Todo, na pessoa de fora e na expressão da sua beleza e grandeza na pessoa de dentro. E a esse entendimento e estado holístico da forma humana eu atrevo-me a chamar excelência e arte, a **areté dos gregos**.

É este o trabalho primordial do homem e o da sua formação. E é também o seu destino. Nascemos para nos formarmos. Para acrescentarmos formas sempre novas e superiores às originais e anteriores, para nos revestirmos de formas sempre mais adequadas e exigentes, a fim de

conseguirmos uma harmoniosa relação de equilíbrio e reciprocidade com aquilo que nos rodeia. Eis uma obrigação de todos os dias, a exigir um labor e um esforço ininterruptos, já que o Homem é o inacabado; nunca está formado de todo e por mais perfeito que seja permanecem sempre máculas de imperfeição a aguardar uma intervenção condizente e a deitar por terra as ideias do fim da história e do *homem novo*.

Em cada um de nós há uma identidade e pessoa à espera de construção. E somos nós os autores desse feito, dessa obra mais perfeita ou imperfeita. Cada um de nós é operário do edifício da sua formação. E esta não é um espectáculo de prazer; funda-se em esforço e suor, em sacrifício, disciplina, renúncia, afinco, rigor, respeito pelos compromissos, obrigações, deveres, normas, princípios e valores morais e universais.

A formação do homem, à luz de bitolas humanistas, é a grande missão da Humanidade; é a ela que se consagra desde sempre a civilização. Em todos os tempos e lugares e pelos mais diversos meios. Ver o Homem em cada homem. Realizar o Homem em cada homem. Registrar o selo da Humanidade em cada indivíduo, para que seja pessoa.

Ora isso coloca à sociedade democrática, livre e superior a obrigação indeclinável de criar os cidadãos em que repousa a sua legitimidade, em dotar cada cidadão potencial dos requisitos indispensáveis para que seja uma pessoa em plenitude e em todo o tempo. Em ensiná-los a inventar para si, durante toda a sua existência, uma vida sempre melhor. Em facultar-lhes o acesso a bens e competências que lhes permitam viver à altura da sua época, ser contemporâneos do tempo que lhes foi dado viver através do usufruto da tecnologia, do progresso e dos bens que o perfazem. Em formar

neles a consciência do valor intrínseco da sua vida e do seu significado vital para a comunidade. Em incentivá-los a que sejam o melhor que acreditamos ser possível ser, sabendo que o resultado será sempre insuficiente e que por isso não permite descanso ou desistência no esforço de continuar a mudar e a transformar o mundo, como se nele houvessem de viver eternamente. Em entusiasma-los a agarrar-se ao projecto de configuração da identidade, encarando esta como algo sempre dinâmico, com a inquietude do que parece e é longínquo, mas também com a esperança do quanto já foi percorrido e com o alvoroço de quem se levanta na alvorada e está sempre de partida para viajar até às estrelas. Em estimulá-los a cultivar, conservar e transmitir o amor e a fidelidade ao humano. Com alegria e optimismo.

Para este destino comum pode e deve o desporto convergir por muitos caminhos. Certamente que ele torna evidentes as nossas fraquezas, insuficiências, mazelas e contradições, pondo a nu e convidando a cultivar o que em nós falta. Mas, por isso mesmo, é educativo e pedagógico por excelência. Funda e reforça também a convicção de que o caminho mais longo é o homem como pessoa moral. É para ela que vale verdadeiramente a pena trabalhar e é para ela que sempre apontaram as fundamentações antropológicas e filosóficas dos exercícios físicos e desportivos, como, por exemplo, o fez Pestalozzi. É essa a estátua mais bela cuja construção deve mobilizar todos os artistas de vanguarda. Uma estátua que seja a exaltação simbólica e celebre o anseio e a consciência da necessidade do homem estar sempre a procurar uma forma nova e superior.

Vê-se bem assim que o desporto configura um teste da nossa forma e desafia-nos a melhorá-la constantemente. A exhibir e avaliar a elegância ou

deselegância das nossas reacções, das nossas atitudes e comportamentos; o índice do nosso apego ou desapego à observância de princípios e regras; o grau do nosso respeito ou atropelo dos direitos e da pessoa dos outros. E nem sempre ficamos contentes com a forma que ele nos revela. O que confirma que Goethe tinha inteira razão e que o homem não é instrumento para se conseguir seja o que for, mas apenas para se conseguir o Homem. Que estamos longe de exhibir uma forma consentânea com a ideia de dignidade do homem que Kant nos atribuiu. Em suma, estamos longe de ser saudáveis e devemos ter disso saudade.

Da arte de viver

Se formos mais atrás, a Aristóteles, por exemplo, também nele encontramos metas e apontamentos que entrelaçam os ideais da forma, da saúde e da felicidade humanas. Com ele aprendemos que a felicidade não é coisa fácil de definir e interpretar. Da dificuldade de a alcançar nem se fala. E, no entanto, ela está em nós, de nada valendo a pena procurá-la noutra sítio. Está em vivermos de acordo com as nossas possibilidades, em não fazermos uso reduzido e inferior delas, seja no plano das funções vitais, seja em todas as dimensões da existência e do labor humanos.

Claro que a felicidade em plenitude e em permanência é inatingível. Mas é um impossível necessário. Apresenta-se como uma empresa humana, como objectivo superior da realidade anelante, nunca conclusa, inspirada num projecto de futuro e, por isso, utópica que é o Homem. A nossa vida consiste precisamente em viver esforçadamente essa impossibilidade, procurando alcançar parcelas, ilhas, representações e antecipações da

felicidade plena; porfiando em alargar os limites da estrutura do homem e da condição humana, em modificar a nossa realidade antropológica mediante o cultivo de dimensões da vida pessoal esquecidas ou relegadas para segundo plano, em contornar estreitamentos, apertos e condicionamentos de várias ordens, nomeadamente sociais, económicos e políticos. Esta tentativa tem como alavanca e sustento a ilusão, que bem pode ser vista como uma modalidade da felicidade.

Na *felicidade* encontrou Aristóteles uma saída para o problema ético da condução da vida correcta, da *vida boa*, de um plano claro da vida. Nele, como noutros filósofos e pensadores posteriores, a felicidade e o bem-estar do homem são erigidos em *supremo bem* da vida e em único critério de valor ético, em rendimento máximo da vida, desejável em si mesmo, dispensando, portanto justificações acessórias. (8) e (41)

O desporto quer ser parte da vida boa, da vida correcta; quer e pode contribuir para a felicidade do homem, para a realização harmoniosa e racional das funções da natureza humana, quer das biológico-naturais, quer das sócio-culturais. No desporto as vivências da felicidade são encenadas de uma forma exemplar e única. Nele acontecem movimentos bem conseguidos numa combinação perfeita de ética e estética, de técnica e táctica, em que impulsos e sensações, o orgânico e o espiritual, o irracional e o racional, o corpo, a intimidade e a pessoa se fundem, oferecendo-nos não apenas um pressentimento mas até um índice substancial de concretude da felicidade. Eis uma característica essencial que reveste o desporto com um carácter de utopia. Quando esta característica se perde, o desporto assemelha-se a uma

arte abandonada pela beleza e pela harmonia. Deixa de ser um momento essencial de afirmação da vida criativa e de procura da felicidade genuína.

Digamos, pois e ao jeito de conclusão intermédia, que o desporto não encontra um entendimento sensível e verdadeiramente substantivo, a não ser enfatizando-o e perspectivando-o à luz do princípio aristotélico da *acção correcta*, credenciadora de vida boa e feliz.

Releva, por conseguinte, da sensatez e da sabedoria que cuidemos de convocar todos os meios capazes de prestarem um contributo, ética e esteticamente edificante, para levarmos de vencida esse desafio. O desporto tem certamente um papel cimeiro neste empreendimento. No palco desportivo abre-se ao homem a vivência do jogo, da competição, do rendimento, do risco, da configuração, da comunicação e cooperação, da convivialidade, intimidade e sociabilidade. Mais, ele emerge e configura-se como um campo correspondente a uma dimensão absolutamente constitutiva da essência humana: a necessidade fundamental de estar activo, de agir e de se movimentar livre de exigências e prescrições, implicando a totalidade do homem (intelecto, emoções, sensações e motricidade) de um modo único e insubstituível. Isto é, o domínio cultural desporto é um correlato objectivo para aquela categoria constitutiva da essência humana: a do homem activo e actuante. É portanto parte e oportunidade significativa da consumação humanizante da tarefa de viver, é constituinte da arte da vida.

Porém esta ideia não enraíza apenas num passado longínquo. É viva e actual. Hannah Arendt mostra-nos que o fracasso e mesmo derrota do *homo faber*, no declínio da modernidade, levou a que o princípio da utilidade

fosse declarado inadequado e substituído pelo princípio da felicidade, “da maior felicidade do maior número” de pessoas. (5)

Também a esta luz carece de ser percebida e alargada a missão secular do desporto, segundo o ensinamento de Savater: “o máximo que podemos obter seja do que for é a alegria”. Certamente ele produz um valor social, mas se não realizar valores primários e intrínsecos tampouco pode conter valores secundários e extrínsecos. A criatura deve subordinar-se ao criador. Pelo que o critério final de avaliação não é a utilidade, mas sim o teor da *felicidade* experimentada na prática e no consumo do desporto. Ou seja, a gratificação máxima do desporto consiste em estar ao serviço da alegria e do prazer de viver. Em ser “um «sim» espontâneo à vida que nos jorra por dentro... Um «sim» ao que somos ou, melhor, ao que sentimos ser”. (41)

Talvez seja possível conciliar a *utilidade* e o serviço à *alegria* e à *felicidade*, recorrendo ao conceito de *heterotopia* formulado por Boaventura Sousa Santos. (43)

Assim, assimilado o princípio da utilidade, o desporto chama agora para lugar central o ideal da felicidade. O que se vê bem na sua procura e instrumentalização para o cultivo e a educação da saúde. O desporto afirma e consolida a sua utilidade ao trazer a primeiro plano a alegria, isto é, o prazer decorrente não tanto da saúde, mas da supressão da dor e inquietude imanescentes à doença.

Ao fim e ao cabo com a incorporação do princípio da felicidade o desporto assume o princípio da própria vida; obriga-se à promoção da vida individual e a contribuir para a garantia da sobrevivência da espécie. Reconfigura-se como uma prótese criada pela convicção das deficiências da

natureza humana. Estamos assim a incluir o desporto no projecto de uma filosofia exaltante e redentora da vida, à qual, sustenta Hannah Arendt, tudo o mais se subordina: os interesses do indivíduo, bem como os interesses da humanidade, são sempre equacionados com a vida individual ou a vida da espécie. (5)

Espinosa já tinha advertido de que a sabedoria de um homem livre não se prende à meditação sobre a morte, mas sim sobre a vida. E Duvert vai mais longe ao referir que “talvez o homem seja mau porque, durante toda a vida, está à espera de morrer; e assim morre mil vezes na morte dos outros e das coisas”. No fundo está em causa o sentido da vida, que Savater liga aos valores vitais, aos ideais e ilusões que aprendemos no ofício de viver. Isto é, a vida é que vale; o seu sentido consiste em reforçá-la, torná-la mais rica.

Mantendo este registo, Savater assume a ousadia de afirmar: “penso que só é *bom* quem sente uma *antipatia activa pela morte*”. O mesmo é dizer que não interessa o que acontece depois da morte, mas sim “que esta vida seja uma vida boa, não uma simples sobrevivência ou um constante medo de morrer”. (41)

Seja como for, a vida – salienta Hannah Arendt - vê-se agora afirmada “como ponto último de referência”, “como bem supremo para a sociedade.” Vê-se alçada à “posição de imortalidade”, levando a investir nela “uma esperança para além de toda a esperança.” Mais, o enaltecimento do estilo de vida activa, tão caro ao mundo ocidental, confirma a sacrossantidade da vida individual, impondo o dever de permanecer vivo e de concretizar a dignidade na forma de viver. E coloca também no centro do novo credo a vida da espécie humana na Terra. A vida tem prioridade sobre tudo o resto, é

alcandorada à posição cimeira como se fora a referência primeira e única. “O que importa hoje não é a imortalidade da vida, mas o facto de ser a vida o bem supremo.” Por isso e porque não ganhámos o mundo, nem ganhámos a vida, somos de novo atirados para ela, para a obrigação de garantir a sua continuidade e de a enriquecer. Para a necessidade de conservar e desenvolver as capacidades inerentes à condição humana. É a manutenção desta que está em causa, na forma que conhecemos e nos trouxe do passado e tanto valorizamos no presente. (5)

Esta inclinação para a vida e a sua evocação vão para além de um quadro de valorização e dão expressão a apelos que parecem provir de um cenário de sobrevivência. Visam mais longe. Procuram concretizar aquilo que tem movido a humanidade, que é tirar a vida do vale-de-lágrimas cristão e fazer dela um projecto de arte balizado por padrões éticos e estéticos cada vez mais elevados e também por uma matriz hedonista. Tentam pôr termo à prevalência do mal sobre o bem, da dor sobre a alegria, do sofrimento sobre o prazer, da infelicidade sobre a felicidade, da morte sobre a vida. Fica assim claro que, no pensamento ocidental das últimas décadas, se regista uma aproximação à vida na sua realidade temporal, terminal, irrevogável, imperfeita, individual e pessoal, sem a confundir com nenhuma coisa e sem a obscurecer ou deformar aos olhos de uma doutrina ou ideologia.

Acrescentemos que a preocupação da *vida boa* coloca a questão dos modos de a vivermos melhor, porquanto não se trata de *passar* o tempo, mas de o *viver* bem. Tanto mais que a vida nos é dada sem qualquer receita e bula inclusas; não tem prescrições exactas, sendo antes uma arte. Por isso a

pergunta acerca das modalidades do seu emprego atira-nos para o uso da liberdade sem enganar, para a responsabilidade nas escolhas e opções: entre o que nos afasta e encerra dos outros, nos encosta à parede e enterra na desconsideração e desonra e entre o que nos abre aos outros, a novas e variadas experiências e alegrias, a constantes e estimulantes ressurreições e renovações. Enfim vida boa é a que abre e má a que fecha e enclausura. (41)

Creio que estas achegas nos convidam a enfatizar e inovar a missão do desporto ao serviço da condição humana, da manutenção e qualificação da vida, visando a sua elevação, alegria e felicidade. Sobretudo colocam o desafio de as convertermos em categorias pedagógicas e em orientações, formulações e prescrições de ordem didáctica. Para tanto vamos avançar um pouco mais na direcção atrás esboçada.

A vida boa é uma arte: a arte de saber viver desenvolvida em torno de uma ética. Interrogamo-nos acerca desta porque nos agrada e convém uma vida boa. Porém esta somente o pode ser, sendo – no dizer de Savater – “uma vida *humana* boa”. E “ser-se humano (...) consiste principalmente em ter relações com outros seres humanos”. A graça da vida e das suas coisas está no facto de elas permitirem que nos relacionemos mais favoravelmente com os outros. Dito de outro modo, “a vida humana boa é vida boa *entre seres humanos* ou, caso contrário, pode ser que seja ainda vida, mas não será nem boa nem humana”. Nem digna nem honrada, imprópria portanto de pessoas livres, bem-nascidas e bem-educadas. (41)

Os homens, insiste em realçar Savater, o que querem é ser humanos, “ser *tratados* como seres humanos, porque a humanidade é algo que depende em boa medida do que fazemos uns aos outros”. Porque “não há

humanidade sem aprendizagem cultural”, sem aprendizagem do trato humano, dos seus significantes e significados. Mais, a humanização e todas as formas de trato são “um processo *recíproco*”. “Por isso *tornarmos a vida boa para nós* não pode, afinal de contas, diferir muito de *tornarmos boa a vida*”. Para os outros, para todos. (41)

Ora ninguém se atreverá a recusar que o desporto é uma forma de relações e condutas humanas, um código de normas de trato humano duramente posto à prova em situações de tentação e dificuldade como são as do jogo e da competição. O desporto pertence ao conjunto dos domínios corporais em que nos reconhecemos como seres humanos, em que aprendemos “estilos de respeito e gestos de circunspecção humanizadores que temos uns para com os outros”. (41)

O desporto é ainda um espaço inigualável de formação humana, por ser um domínio cultural, criado livre de finalidades existenciais ou de sobrevivência. Assume-se nele o esforço humano de procura e realização de sentidos sob a forma de vivências motoras. (8)

Como se sabe, a educação e a formação da pessoa têm que abranger não apenas aquelas categorias racionais fundamentais para o entendimento e compreensão do mundo (matemáticas, biológicas, linguísticas etc.), mas também categorias fundadoras do Ser do homem, voltadas para a configuração significativa de espaços de liberdade. Até porque a criação e manutenção de sentidos, no âmbito de vivências, afectos e sentimentos livres de finalidades utilitárias, são vistas em muitas reflexões antropológicas e pedagógicas como necessidade humana. Logo à vivência da pluralidade de sentidos imanes aos diversos domínios culturais é reconhecido um

contributo decisivo para uma realização plenamente assumida da vida e para o aprofundamento do seu teor humano.

Estamos assim a tocar numa ferida grave, já que um dos aspectos marcantes da nossa era global é o empobrecimento da experiência humana, de experiências directamente vividas e adquiridas. E isto não se aplica apenas às crianças. Nesta época da globalização e da dita pós-modernidade estamos todos a ficar mais pobres. No dizer de Walter Benjamin (citado por Octávio Ianni), estamos a abandonar uma após a outra as peças do património humano, a empenhá-las muitas vezes por um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda actualmente em vigor. E esta chama-se pobreza de experiência, pobreza externa e interna, resultante da substituição da experiência pela aparência, do facto pelo simulacro, do real pelo virtual, da palavra pela imagem. Claro que as primeiras dimensões não desapareceram, mas estão revertidas e invertidas; são as segundas que surgem proeminentes na vida social e povoam o imaginário de todo o mundo, levando ao desaparecimento da individualidade e das peculiaridades na voracidade da multidão. A razão instrumental uniformiza os espaços e tempos, os modos de produzir e consumir, de ser e viver, de pensar e imaginar, as actividades das pessoas, dos grupos, das organizações e nações; e assim o mundo é tecido de modo pragmático, tudo sob medida e sob o predomínio do princípio da quantidade e quantificação em detrimento da qualidade. A língua técnica substitui a humanista e a expressividade vive uma decadência, porquanto a das imagens é estereotipada e perde-se na rigidez do *slogan*. (24)

O engordar da aparência à custa do emagrecimento da experiência reflecte um universo da fragmentação, com a história a ser substituída pelo efémero, pela imagem do instante, pelo lugar fugidio, com o indivíduo reduzido a adjectivo e número subalterno e o corpo a cobrir-se de adereços e próteses, tendendo ele próprio a converter-se em prótese, a vender-se e comprar-se como objecto. (24)

Tudo faz crer que estamos no “último estágio de uma sociedade de operários” que “requer dos seus membros um funcionamento puramente automático, como se a vida individual tivesse realmente sido afogada no processo vital da espécie, e a única decisão activa exigida do indivíduo fosse deixar-se levar, por assim dizer, abandonar a sua individualidade, as dores e as penas de viver ainda sentidas individualmente, e aquiescer num tipo funcional de conduta entorpecida e ‘tranquilizada’.” De tal sorte que “é perfeitamente possível que a era moderna (...) venha a terminar na passividade mais mortal e estéril que a história jamais conheceu.” (5)

Hannah Arendt vai mais longe: “olhamos e vivemos nesta sociedade como se estivéssemos tão longe da nossa própria existência humana como estamos do infinitamente pequeno e do infinitamente grande, os quais, mesmo que pudessem ser percebidos pelos instrumentos mais refinados, estão demasiado afastados de nós para fazer parte da nossa experiência.” Somos “uma sociedade de trabalhadores sem trabalho, isto é, sem a única actividade que lhes resta.” Claro que há homens que persistem em fabricar, fazer e construir, mas essas faculdades limitam-se em grau crescente “aos talentos do artista, de modo que as respectivas experiências de mundanidade escapam cada vez mais à experiência humana comum.” Em suma, “a acção

passou a ser uma experiência limitada a um pequeno grupo de privilegiados; e os poucos que ainda sabem o que significa agir talvez sejam ainda menos numerosos que os artistas, e a sua experiência ainda mais rara que a experiência genuína do mundo e do amor pelo mundo.” Até porque a actividade de pensar, que é a mais vulnerável das capacidades humanas e que sempre foi privilégio de poucos, dá se conta de “que estes poucos são ainda mais reduzidos no nosso tempo – o que pode ser irrelevante ... para o futuro da humanidade, mas não é irrelevante para o futuro do homem.” (5)

O desporto reage e contrapõe-se a este cenário com a oferta de *experiências* variadas e gradativas, sobretudo de *natureza directa*, obviando assim à crescente desconsideração do corpo, inerente a formas de vida que nos atiram ou elevam cada vez mais para a dita desmaterialização ou *afisicidade*. Sendo todas elas corporais, isto é, passando todas pelo uso do corpo como intermediário no relacionamento com o envolvimento, podemos catalogá-las em quatro grupos:

- *Experiências do nosso corpo*, inteiramente distintas nas diferentes modalidades desportivas, assim como nas diferentes formas de rendimento, de carga e exigência do desporto.
- *Experiências materiais*, ligadas à vivência material das coisas, dos objectos, do envolvimento e da natureza.
- *Experiências sociais*, adquiridas na variedade de papeis e situações da aprendizagem, do treino, do jogo e da competição.
- *Experiências directas de nós mesmos* e do nosso Eu por meio da nossa realidade ou sensibilidade corporal. (8)

Não cabe aqui alongar o discurso acerca do quanto estas experiências são importantes e tangem outras dimensões da personalidade. Mas é óbvio que conceber a vida, a saúde e a forma humana sem elas é uma perfeita mistificação.

Incluamos também na agenda das preocupações a questão da **socialização**, tão intensamente presente no jogo desportivo e ademais um aspecto em que a ideia de qualificação da vida e de conservação da sociedade se torna deveras evidente. Vamos referir apenas duas coisas.

Em primeiro lugar não pode ser **descurado que a aprendizagem de técnicas culturais constitui uma tarefa irrecusável do desenvolvimento do indivíduo em idade escolar.** A aquisição de técnicas ou próteses, tais como ler, escrever e contar, é uma parte imprescindível da inserção social dos alunos na sociedade e da estruturação da cognição e emoção em formas tipicamente culturais. Os vários e essenciais parâmetros do desenvolvimento e da socialização do indivíduo apenas são realizáveis mediante a aquisição, mais ampla e tão cedo quanto possível, de técnicas culturais. **Na lista das técnicas merecedoras de aquisição é curial registar também as desportivas, isto é, as técnicas de lidar desportivamente com a corporalidade.**

Em segundo lugar lembremos que à escola pertence melhorar as expectativas e ambições de competência ou eficácia pessoal. Nesta conformidade as potencialidades essenciais da educação física e desportiva, no tocante à educação social dos alunos, residem num aumento da sua capacidade de acção e esta prende-se com uma satisfatória aquisição de movimentos desportivos. Acresce que, mediante a transmissão de vivências

de eficácia na aquisição de técnicas desportivas, podem ser influenciados positivamente outras áreas escolares, contribuindo assim para a formação de expectativas optimistas de competência com enorme relevância em termos pessoais e sociais.

Mais, a formação da competência desportiva não pode ser desligada da questão mais geral da competência cultural e do tempo livre. Quanto menor for a preparação cultural autêntica tanto mais dinheiro é preciso gastar para se divertir num fim de semana ou durante as férias. Se ninguém ensinar as pessoas em geral e as crianças em particular a produzir gozos activos a *partir de dentro*, criativamente, então elas têm que comprar tudo fora. De resto esta é uma falha denunciada há muitos séculos por um sábio taoísta: “O erro dos homens é tentar alegrar o coração através de coisas, quando o que devemos fazer é alegrar as coisas com o nosso coração.” (42)

Ensinar a jogar e a competir

A forma humana, a saúde e a felicidade, a vida boa e a arte de viver prendem-se também com a competência para jogar. Para sustentar esta posição invoquemos em nosso auxílio o celebrado e desafiante postulado de Schiller: de que *o homem só é Homem quando joga*, perdendo o sentido humano quando nele esmorece e fenece a disponibilidade para jogar. Postulado magistral a dizer-nos - em linguagem de contornos conceptuais é certo, mas despida de fórmulas pomposas e gongóricas - que a filosofia emerge da vida quotidiana. Que os homens inventaram os jogos, mas que estes fazem o homem: o Homem do sonho, da aventura, do risco, das

emoções, dos sentimentos, do choro, do riso, do enlevo e do canto, do corpo em festa e da alma transbordante de abertura ao mundo e à vida.

Ora é com a vida que o homem tem um pacto permanente. E é de uma traição a esse pacto que se trata, quando o homem, no dizer de Thiago de Melo, "(...) está ficando seco como um sapo seco". Quando a sua casa se transformou em local de refúgio e em subterrâneo do medo. Quando a ternura se extraviou do seu caminho, deixando-o cada vez mais sozinho, agressivo, violento, feroz, bisonho e sombrio; sem doçura nos lábios e nas palavras e sem empatia e compreensão nos gestos e nas atitudes. Quando o olhar evita os outros e tem receio da própria imagem. Quando o pragmatismo, o imediatismo e o calculismo dos interesses cantam vitória - mesmo que transitória - na luta contra o sonho e a utopia. Quase sem darmos por isso, vamos roubando tempo ao encontro simples com a nossa própria humanidade. Distanciamos-nos de nós mesmos e fechamos-nos a um contacto regular com as forças da nossa natureza. (8)

Quando assim é - e é muito assim no tempo presente, agora mesmo - há que fazer alguma coisa para ajudar e reedificar o homem. Trazê-lo de volta à verdura dos anos e dos horizontes em que cantava a fé, a compreensão e o encontro de si e dos outros, o diálogo, a solidariedade, a fraternidade, a amizade e o afecto. Há que reanimar a curiosidade e a coragem de acordar nele a criança transparente, alegre e jovial, há tanto tempo amordaçada.

Jac Remise e Jean Fondin vêm em nosso auxílio com uma contagiante mensagem de incentivo para repormos o jogo na nossa vida:

"Jogar (...) palavra mágica." "(...) Que seria do mundo sem jogos e sem brinquedos? A providência permitiu, felizmente, que o homem fizesse esta descoberta essencial. (...) As suas primeiras necessidades, as suas primeiras descobertas guiaram o homem para o jogo, no qual encontrou um remédio soberano contra o aborrecimento e contra o medo, uma ocasião para desenvolver os músculos e a perspicácia, um pretexto para medir forças com outros homens". (8)

Está aí bem colocado o dedo na ferida. A vida e a sociedade actuais são muito criticadas por serem perpassadas pela competição e esta é duramente vergastada por ser fonte dos males que assolam aquelas. Eis um tremendo equívoco. A acusação deve voltar-se para outro alvo. A competição é base e pressuposto para a cooperação. Quem não sabe competir não sabe cooperar. Seja entre pessoas, seja entre instituições, cidades e países. Do que estamos carecidos é de uma sólida aprendizagem da competição susceptível de enraizar profundamente uma ética do jogo, do jogador e do competidor.

Porque no jogo não se trata de uma mera exercitação muscular, nem apenas da procura de competência ou adestramento motores. Trata-se sobretudo de uma configuração interior do homem. De plasmar a pluralidade da sua condição. De deitar tinta e cores na sua vida, de lhe sublimar o rosto macambúzio, pondo-lhe pitadas de alegria.

O jogo desportivo é uma rara oportunidade do homem reencontrar e assumir a variedade e naturalidade de acepções do Ser humano. Nomeadamente a da humildade resultante do confronto com as dificuldades da sua inabilidade e incapacidade, como fermento para a aceitação de si e

dos outros. O jogo desportivo socializa na vitória e na derrota. É uma acção renovadora e enriquecedora, porque permite experimentar acções sem as consequências que teriam num acto sério; permite acumular respostas de tipo novo dificilmente atingíveis de outro modo e abordar problemas que normalmente ficariam por tratar. Reproduz tensões e contradições da vida, tornando-as suportáveis e resolúveis, por exemplo, a tensão entre ordem e desordem, que encontramos em muitos jogos infantis, ou a tensão entre sucesso e insucesso que perpassa quase todo o desporto. O jogo altera e inverte papéis e situações: quem até agora perdeu pode ser em breve o vencedor; quem ganha hoje pode estar seguro de que isso não acontecerá sempre.

No jogo as coisas reflectem uma ordem muito peculiar, uma ordem que, por um lado, tomamos como séria e vinculativa, mas que, por outro lado, também não levamos muito a sério. Vivificar, aumentar e alargar os horizontes da vida e das perspectivas individuais e sociais, conservar a alegria originária, a ingenuidade e criatividade infantis, activar emoções e sentimentos marginalizados na rotina do quotidiano - eis exemplos daquilo que poderemos experimentar no jogo.

Acrescentemos a isto a experiência da liberdade, tão importante num tempo em que é surpreendentemente suicida a desproporção existente entre a liberdade de que gozam os jovens e o desconhecimento aterrador das consequências e responsabilidades do seu uso. É que a liberdade não é algo dado ontologicamente na natureza humana, mas sim uma conquista da nossa integração social. Como postulou Hegel, “ser livre não é nada, tornar-se livre é tudo”. Não partimos da liberdade, mas caminhamos para ela,

libertando-nos da ignorância original, do determinismo biológico ou social, de apetites e impulsos instintivos que a convivência ensina a controlar e sublimar. A liberdade não é a ausência original de condicionamentos - quanto mais pequenos somos mais escravizados estamos por tudo aquilo sem o qual não poderíamos sobreviver -, mas a conquista de uma autonomia simbólica através das aprendizagens que nos facultam inovações e escolhas apenas possíveis na interacção com os outros. E isto está bem presente no jogo desportivo, nas suas regras, prescrições e exigências, nas suas formas de aprendizagem, treino e competição.

Cultivar princípios e valores

É sabido que se vive, desde há algumas décadas, uma crise da ideologia e da axiologia. Talvez seja mais exacto dizer que se nota uma dificuldade ou retracção em afirmar ideias e valores e princípios humanistas, civilizacionais e culturais. É como se os tivéssemos expulso do elenco das razões que comandam a vida e nos tivéssemos deitado nos braços do determinismo, da indiferença, do demissionismo e do cinzentismo. Tudo sugere que a bandeira do discurso sobre os princípios e valores, seja no desporto, seja nas outras coisas da vida, se encontra arriada

No fundo, fazendo fé em diversos autores e na nossa própria experiência, estamos a assistir mais ou menos em todo o mundo ocidental ao florescimento de uma *desclassificação ou desordem cultural* que origina um acréscimo de dificuldades no capítulo da imposição e transmissão de uma hierarquia de valores. Isto não significa que os valores tenham desaparecido; regista-se sim uma crise das atitudes face aos valores.

Por via disso a vida parece estar a ser comandada por uma espécie de *ética indolor*, de acentuado pendor hedonista, colocando fora de moda o dever, a renúncia, o sacrifício, a disciplina, a perseverança, o trabalho, o esforço, o suor e o respeito de compromissos e obrigações e valorizando as experiências e as vivências passageiras e momentâneas, isto é, a fruição do presente, o vale tudo, o sucesso a todo o custo, como se os fins justificassem todos os meios.

Tudo isto autoriza a afirmar que as sociedades actuais são axiologicamente muito complexas e estão em muitos aspectos confusas. A isso somam-se o eclipse da família e o desaparecimento da socialização primária. Pelo que a educação institucional vê-se hoje obrigada a reforçar o seu papel no capítulo dos princípios e valores, de rotinas e hábitos que era suposto terem sido transmitidos e assimilados na família. O que implica também que as tarefas centrais da escola – ensino e aprendizagem – sofram uma reconversão e deslocamento no seu objecto e intencionalidade.

Esta constatação apela a uma intervenção educativa em grande escala. Ora os valores do jogo, adquiridos e cultivados no palco desportivo, não se confinam a esse espaço; transitam para além dele, para um quadro mais lato e abrangente. O mesmo é dizer que **não se ensinam e aprendem apenas para terem valimento no desporto, mas sim e essencialmente para vigorarem na vida, para lhe traçarem rumos, alargarem os horizontes e acrescentarem metas e meios de as alcançar. De resto não faltam antigos atletas a fazer referência a atitudes e valores adquiridos no desporto e com profunda influência nas suas vidas.** De entre eles podem referir-se os seguintes:

- Colocar **paixão e emoção naquilo que se faz**, envolvendo-se com empenho e afinco e mobilizando todas as forças e energias na realização dos objectivos traçados.
- Exercitar a **disciplina e auto-disciplina** e gerir bem o tempo de cada dia, no sentido de suplantar as insuficiências e de perseguir o aprimoramento constante.
- Ter um comportamento de desprendimento e de renúncia a papéis de vedeta e de actor principal, quando a **harmonia necessária ao trabalho em equipa** exige o desempenho de funções secundárias.
- **Interagir com os outros**, sejam eles colegas ou adversários, juizes ou espectadores.
- **Agir segundo as regras do jogo** que são as da correcção e da ética, da consideração e do respeito pelo adversário, como forma de se respeitar a si próprio.
- Desenvolver e **testar competências** de vários tipos: motor, técnico, tático, afectivo e cognitivo.
- Desenvolver as capacidades da resistência e persistência, tendo em conta que a vida é bela mas também é dura e que é muito **ténue a linha de separação entre a vitória e a derrota**. Pelo que é importante **nunca desistir, saber lidar com as adversidades e contrariedades, com os erros, com os problemas e os insucessos, encarando-os como pretextos e oportunidades de aprendizagem, de crescimento e desenvolvimento**.
- Incorporar o **gosto e o risco de tomar decisões** com consequências para o próprio, para o grupo e para outras pessoas.

- Adquirir o hábito de **assumir responsabilidades e aceitar críticas** pelo nível de cumprimento das tarefas claramente definidas e atribuídas pelo técnico a cada elemento da equipa.
- Formar um sentido de **liderança**. E este não decorre de gestos focalizados na afirmação de um individualismo exuberante, mas sim da maneira como se consegue levar os outros a pensar e acreditar, a ver e fazer aquilo que possivelmente não veriam nem fariam sem o nosso impulso.
- **Cultivar a imaginação, a inovação e a criatividade, a alegria e o optimismo** - qualidades que o jogo permite treinar de modo quase ilimitado e que tão relevantes são para a vida, para reinventar o presente e sonhar e olhar para o futuro.
- Experimentar e aprender a conviver com estados de alma tão afastados e tão próximos uns dos outros: **perder e ganhar, ter prazer e dor, o júbilo e a tristeza, a festa e a depressão**, a ressurreição na vitória e a crucificação na derrota, a ascensão ao céu no excesso e a descida ao inferno no insucesso, o gozo do sol no triunfo e a perdição das trevas no revés, a glória dos vencedores e a desonra dos vencidos, a euforia e a frustração, o choro e o canto, o encanto e o desalento. No fundo, aprender a lidar com a vida e com as várias dimensões que ela comporta: dia e noite, comédia e drama, riso e tragédia, manhã e ocaso, claridade e obscuridade, crescimento e apagamento.

Estes valores adquirem-se no jogo, mas são sobretudo basilares para a vida. Contribuem para dar a máxima expressão visível ao *bom* e *verdadeiro*, ao *belo* e *sublime*, ao *justo* e *correcto*. Ou seja, convergem para a concretização dos princípios básicos que devem animar a educação de hoje e sempre.

Sim, **o desporto vive dos valores** e é com eles que constrói a sua história, o seu imaginário e o seu legado de princípios e ideais. **E pode certamente ajudar a difundi-los**, recreando as forças de renovação da vida e do triunfo do Homem. Confirmando afinal que lhe assiste inteira e fundada razão quando afirma ser uma escola de virtudes.

Escola de virtudes

Mas será que continuam a merecer observância no desporto os ideais que ele é suposto perseguir? A pergunta é pertinente, porquanto o desporto assume-se como a forma predominante da cultura na nossa época. Logo como um dos meios mais poderosos de modelar os corpos e as almas.

O desporto não é imune ao envolvimento. Por isso nem tudo o que nele acontece suscita aprovação. E assim a crise de credibilidade que o afecta traduz uma desconfiança nos modelos de corpo e alma que nele se praticam. Com efeito medram hoje nele almas e corpos aleijados, mancos e falhos de verticalidade e de recta intenção. Proliferam nele criaturas disformes, sem honorabilidade e sem alma e com corpo de mostrengo medonho e grosso. Enquanto as almas e os corpos configurados pelo ideal desportivo assistem atónitos ao aumento, à arrogância, à má consciência e à impunidade de figurões que se afirmam pelos desvios desse caminho.

Portanto não sei se o desporto tem condições para ser a escola de virtudes que tanto gostávamos que fosse. E que devia ser. De facto não ignoro que muitas vezes caminha em sentido contrário, talvez porque a sua carne seja fraca e o seu espírito não seja suficientemente forte para resistir às tentações que o envolvem.

Também não sei se será lícito esperar dele que seja uma ilha de cultivo e preservação das atitudes e valores que vão estiolando no contexto social. Mas que havia grande necessidade de que assim fosse, disso não tenho dúvidas. Se calhar é por isso que investimos nele um enorme capital de esperanças e que nos desiludimos profundamente quando não consegue corresponder aos nossos anseios e expectativas. E assim despejamos sobre os seus protagonistas a voz dura e amarga da crítica. Porventura com algum exagero e também com alguma razão, um e outra à medida da frustração.

Realmente se se ausentar do desporto a cultura do carácter, da honradez, da verticalidade, da frontalidade, da palavra dada, de homens íntegros, rectos e nobres nas intenções e nos gestos e no corpo e na alma, onde é que podemos esperar que isto floresça? Se o desporto falhar na sua missão de disseminação de sonhos e ideais, de enraizamento da liberdade e da solidariedade, para que é que o queremos? Para que servirá ele, se não estiver ao serviço de princípios de que andamos tão carecidos nos tempos que correm? Que valia tem afinal o desporto se servir apenas para nos distrair e se nele se reproduzirem e multiplicarem os quistos da cidadania e da democracia?

Perguntemos ainda mais. Então não se pode confiar nele e atribuir-lhe a função de correcção ou, no mínimo, de atenuação dos efeitos de

propagação da onda negra proveniente de outros quadrantes? Então não há nele arquétipos que, pelo seu comportamento exemplar, irradiem influências positivas para outros domínios?

Eu acho que a resposta tem que ser francamente positiva. Mesmo sabendo que ele é um reino da ambivalência, que há nele imagens belas e fascinantes e, ao seu lado, faces escuras e horrendas. Quero crer em todo o caso que ele pode configurar uma corporação de homens bons, apostados em que o sol da virtude se sobreponha à penumbra dos defeitos. E estou certo de que a maioria dos que o dirigem filia a sua missão no ideal do benevolato, do serviço desinteressado prestado aos outros, dando assim ao valor da solidariedade um grau de visibilidade e concretude, inestimável nos dias de hoje.

É também por isso que sou crítico; pelo respeito das instituições e das pessoas e pela crença nas suas capacidades. Não gasto o meu tempo a fazer reparos a alguém a quem não reconheça competência para ser mais e melhor. De resto penso, como Voltaire, que a prepotência, a falsidade e a mentira não se eliminam combatendo os seus agentes, porque logo surgiriam outros. (45)

Importa sim sensibilizar as pessoas para desígnios superiores, ditos sem rodeios e floreios de linguagem ditados pelo calculismo. Até porque ao desporto cumpre ser uma das expressões de maior sanidade mental e de manutenção da autenticidade. Porque vai ao encontro do facto de a vida ser uma luta corporal contra o tempo, carecendo mais de agir segundo uma rapidez instintiva e incontrolável do que segundo um penoso processo mental que nos lacera de dúvidas e atrapalha e confunde de tanto pensarmos

Creio seriamente que o ofício mais difícil é o de viver, sobretudo se este se pautar pela conhecida trilogia do direito natural: viver honestamente; não lesar ninguém; dar a cada um aquilo que é seu. Basta-nos esta trilogia e ela é também bastante para o desporto. Para o salvar. Para evitar que ele se corrompa a cada hora que passa. E ele salva-se afrontando aquilo que o rodeia e tenta tolher-lhe os passos. Salvá-lo é tentar modificar aqueles que não entendem o desporto – quer enquanto prática, quer enquanto estrutura organizacional - como um projecto axiológico, como um acto de civismo e urbanidade, como um quadro referencial de condutas princípios e valores de sinal positivo; aqueles que só o perfilham pelo negócio e pelo lucro são predadores da sua essência e da sua finalidade primeira.

Salvá-lo é enfrentar uma época de difusão da facilidade, de que tudo é fácil, de que não custa nada ser rico ou famoso; de que tudo está ao alcance da mão e de que basta estalar os dedos; de que o dinheiro se alcança facilmente, especulando ou vendendo-se a si próprio e à sua dignidade a um programa televisivo ou a uma revista de orgia sexual e sensacionalismo; de que não é preciso trabalhar, nem estudar, nem esforço e disciplina, suor e rigor.

O desporto fala-nos da entrega a causas e ideais, de normas e regras, de exigências e desafios, de sacrifício e disciplina, ou seja, de valores decadentes. E consegue que estas palavras encontrem correspondência nos actos: de talento, classe e inspiração, certamente; mas, acima de tudo, de esforço e transpiração.

Sim, o desporto pode e deve ser o antídoto da grande ilusão dos nossos dias. E nisso residem a sua virtude e valia.

Lugar do sonho e da criação

Acrescentemos a tudo isto que o desporto nos liberta do medo da própria sombra. Que nos encaminha para o reencontro de nós e dos outros e nos impede de fugirmos da nossa imagem, particularmente se ela é fonte de perturbação. Que nos impele a reapossarmo-nos do nosso modo de sentir, da nossa figura e identidade num mundo que constantemente nos descentra, aliena e empurra para fora de nós mesmos, para uma condição mercantil, anónima e impessoal, feita de ecos de experiências programadas e de substitutos efémeros e padronizados do real. E que, por isso mesmo, nos desafia constantemente a revermos o presente, lançando, deste modo, os alicerces do futuro e levando por diante a tarefa de viver. Cada um de nós pratica-o iluminado pela saudade do que deixou para trás ou do que almeja ainda vir a ser.

Este desporto tem palavras e assenta em atitudes. Palavras abertas, grandes e maiúsculas, de espanto e admiração, de aproximação e cordialidade que cantam a vitória do riso do homem sobre o grunhido do animal. Palavras brancas e azuis, contagiantes e apelativas, por serem leves, finas e transparentes e, assim, propensas à elevação e exaltação de quem as profere e de quem as ouve. Palavras redondas e cheias de recta intenção que nos dizem que, neste mundo de Deus, nem tudo está entregue aos tartufos e bufões do ódio e da crispação, da inveja e da intriga, da safadeza e da imoralidade.

Sim, o desporto é feito delas, de palavras e atitudes vivas, fidalgas e altaneiras, que não consentem que a mesquinhez leve a palma sobre a

generosidade dos sentimentos e a lhanza do carácter e dos horizontes. Funda-se e alimenta-se na necessidade de viver lúcida e conscientemente, de enfrentar a realidade sem sofismas, sobretudo quando ela é desagradável. Reforça a nossa auto-estima, por fazer luz sobre os nossos pontos fortes e os fracos, os sucessos e os inêxitos, sem jamais nos negarmos. Até porque mostra que ninguém é só bondade, virtude e luminosidade. Há sempre certos lugares de sombra, que convidam a arar a jactância e a presunção com a charrua da humildade.

Este desporto existe, por ser necessidade do homem e da sua aspiração a uma mais perfeita condição humana. Mesmo que não conste na ementa de prioridades políticas, o seu lugar é central na vida e na vontade de viver. Não pode o homem prescindir dele, já que não consegue sobreviver fora da sua destinação ética. Está aí, porque a escola e a família não chegam para fazer o Homem. Precisa portanto de voz para cumprir cabalmente a sua função, para chegar a todos os locais e a todas as pessoas. Para renovar a educação e encher de alegria os dias e noites da nossa vida, em todas as idades.

Tem uma história feita de heróis, lendas e mensagens que tocam o coração das gentes e derramam nelas um bálsamo de entusiasmo suavizador das feridas, vilanias e agruras das circunstâncias. Estimulando-as a percorrer os caminhos que levam a Santiago, como quem peregrina por uma diáspora do encantamento, sem ter a certeza de lá chegar.

Todos quantos praticam e entendem este desporto sabem que também é dele que se fazem os homens e a cidadania. E que há nele lugar para todos. Sabem que está desde a antiguidade grega ligado à arte e a

todas as formas de criação. Voltado para o cultivo da beleza interior e exterior, segundo a ideia de equilíbrio e harmonia de Platão e a de felicidade e acção correcta de Aristóteles, é feito por mãos ávidas de sublimar a força em graça e encanto. Por pernas apostadas em transpor os limites impostos à nossa natureza. Por homens e mulheres movidos pela ânsia de anulação do impossível, da sorte, do acaso e do destino, pela procura da compensação, da transcendência e da superação. Não é tanto um acto de expressão do que em nós abunda e sobeja. É sobretudo um acto de criação daquilo que em nós falta. E nisso encena e concretiza, como em nenhum outro palco de representação da vida, o sentido genuíno da cultura. (8)

Sobre ele escrevem-se livros, tratados, ensaios e dissertações, organizam-se simpósios, conferências e congressos, redigem-se e aprovam-se numerosas proclamações de princípios. Ocupa muitos milhares de estudiosos e de instituições científicas que, em todo o mundo, procuram esclarecê-lo à luz dos mais diversos saberes. Gostaria, por isso, de ser respeitado.

Em suma, foi a construção deste desporto, de um desporto melhor, que nos congregou no passado e é e será ela que continuará a mobilizar-nos no presente e no futuro. Porque é e será sempre um fenómeno inesgotável, à espera do nosso conhecimento e compreensão. Basta de ser assaltado pelo atrevimento da ignorância!

Palco da sensibilidade

É pela estética das emoções, dos sentimentos, dos princípios, das imagens, das atitudes, dos comportamentos, do entusiasmo e da admiração

– em suma, da própria vida – que vou ao estádio. É por isso e por tanta coisa indizível que eu adoro o desporto! Este modo de perceber e sentir que os anos nos mudam, sem nos mudarem. Porque nos torna sempre próximas a infância, a adolescência e a juventude, mesmo que longínquas e perdidas na memória. Porque nos faz viver intensa e instintivamente o mundo em que vamos mergulhando, sem nos vergarmos ou desfasarmos dele. E assim vamos envelhecendo lenta e tardiamente, contrariando as forças que se opõem à liberdade de realização da nossa vida, resistindo à perda gradual dos nossos poderes e conservando a irreverência que nos permite alternar o sagrado e o profano, o protocolar e o informal, a educação e a falta dela.

O desporto é um remédio contra o sofrimento do anonimato, tentando criar à nossa volta um espaço maior do que o do nosso corpo e do nosso viver quotidiano. Ajuda-nos a imaginar estados que já há muito deixámos ou que não lograremos alcançar. Alimenta-nos a convicção de não sucumbirmos ao tempo e de brandirmos contra ele a posse de um certificado de juventude, de o dobrarmos e domesticarmos nas afectações, rugosidades e deformações que provoca. Uma ilusão de termos fechada a porta de saída e de mantermos a flutuar a pedra do destino. É a exaltação do corpo a mais a tentar impedir e compensar a fuga e ausência do corpo a menos

O seu forte não é ensinar a elaborar reflexões ou formulações complexas, lapidares e definitivas sobre o mundo e a vida, sobre a contemporaneidade e a futuridade. É modesto. Fica-se pela filosofia de Epicuro, agarrada ao gosto e à arte de saber viver, apostada em embelezar, enriquecer e glorificar o presente, por preferir um pouco de reconhecimento em vida aos panegíricos a título póstumo. Por isso com ele navegamos a

olho, no hoje e no agora, descrentes de que o futuro tenha coisas melhores e mais belas para viver. E receosos de que este possa acabar no instante imediato, no momento, na hora, na noite ou no dia que se seguem. (8)

O desporto permite-nos avançar pela vida fora com olhos de criança, cheios de sonho e curiosidade, alargando-os até caberem neles todas as criações da imaginação e todos os caminhos que conduzem às estrelas. Sim, porque no desporto aprendemos a subir, a cortar o cordel aos papagaios de papel e a ir até às estrelas e astros mais brilhantes, que são as de carne e osso.

Lugar pedagógico e laboratório de humanidade

O desporto é um lugar de descoberta e revelação. E um caleidoscópio da diversidade. Nele descobrimos a nossa infinita dependência e que dentro de nós moram possibilidades inesgotáveis de sermos mais e melhores e que as coisas grandes são as pequenas e simples. E descobrimos também os outros e as diferenças que nos marcam e formam a individualidade de cada um. E nisso somos todos iguais.

No desporto todos têm lugar. Nós e os outros. O reconhecimento e o respeito pelas diferenças. A vivência e a aceitação da vitória e da derrota, do sucesso e do insucesso, da superioridade e da inferioridade, do mérito e da falta que este nos faz. Nele cultivam-se mais deveres e obrigações do que direitos e permissões. Ouvimos falar de ética e moral e aprendemos o seu significado e alcance.

O desporto ensina-nos que a virtude é a harmonia da alma e do corpo, do pensar e do agir, do ser e do ter. E ajuda-nos a compreender que a

realidade verdadeira, absoluta e eterna está fora e acima de nós. Porquanto nos faz entender que os **nossos horizontes e limites se devem situar para além daquilo que conseguimos alcançar.** E a isso chamamos **aprimoramento e transcendência.** E chamamos bem e belo ao caminho que para lá nos conduz. Ora, como se sabe, as palavras não chegam para delinear e cumprir este desígnio; são necessários gestos e actos para o reinventar e atingir.

Deste modo na excelência desportiva concretizam-se, na medida em que aos humanos é isto possível, a coincidência e harmonia do corpo e da alma: o primeiro realiza aquilo que a segunda imagina.

Nesta conformidade ele é um **observatório pedagógico por excelência.** Com o reportório das suas próteses **compensa as nossas insuficiências e deficiências e aumenta o grau da nossa liberdade e autonomia.** E assim é um laboratório de humanidade e de recriação da esperança, que o mesmo é dizer, da decisão de triunfamos em todas as circunstâncias da vida. Ele é ainda uma fonte inesgotável de humildade e de moralização do nosso percurso e passagem. Onde o esforço tem voz e obtém recompensa e onde a retórica encontra terreno duro e áspero para parasitar a vida. É uma oportunidade de nos desocultarmos, de retirarmos os véus que nos encobrem e afastam, para nos conhecermos e revelarmos uns aos outros em toda a autenticidade. E assim celebrarmos uma **liturgia do relacionamento.** **Até porque ninguém sobe nele sozinho, mas apenas de mãos dadas, em atitudes de cumplicidade e gestos comungantes.**

Ao tornar evidentes as nossas imperfeições ele mostra o quanto nos falta andar e alcançar, recusando, porém, modelos idealistas e noções apriorísticas da perfeição humana que muito pouco ou nada têm a ver com a

natureza do homem. O desporto lembra-nos e aviva-nos o mandamento de persistirmos na humanização da vida e da Terra, de maneira modesta e realista. Sem metas e ilusões desmedidas, mas esgotando o campo do possível por entre os apertos que amarram a condição humana à natureza do homem. Tal como é expresso no poema *Liberdade* de Carlos Drummond de Andrade:

*O pássaro é livre
na prisão do ar.
O espírito é livre
na prisão do corpo.
Mas livre, bem livre,
é mesmo estar morto. (15)*

Acto de cultura e civilização

Mas... de onde vem esse desporto? Tenho procurado uma *razão científica* para a existência do desporto, quer na sua forma actual, quer nas anteriores, e não a encontro. **Nem vejo que o acto desportivo seja necessário à existência do homem. Não brota, pois, da razão da necessidade, nem de justificações orgânicas ou biológicas.** De resto a ciência não explica um fenómeno; apenas procura apreender o grau de correspondência ou divergência entre as formas que ele assume e os sentidos que o determinam e animam, bem como as externalidades que daí irradiam.

O desporto há-de ter certamente razões imanentes aos sentidos e horizontes de resposta às necessidades que o ditaram. Razões religiosas, poéticas, filosóficas, ou seja, **razões culturais.** Por ser uma **prática exclusiva dos humanos - e como tal um acto ditado não por leis naturais ou instintos mas pela vontade - é expressão e símbolo da aspiração do homem a ser livre, transcender-se, superar-se, emancipar-se e libertar-se dos ditames da**

sua natureza. É exemplo do modo como os homens conseguem configurar e concretizar a razão da liberdade à luz de padrões culturais, éticos e morais.

Na simplicidade, diversidade e mutabilidade das suas formas, conteúdos e cenários, os jogos e os desportos, tanto os do passado como os do presente, revelam parâmetros norteadores da realização da vida humana; mostram, em toda a sua nudez e transparência, os esforços empreendidos na conquista de um estilo de vida sempre mais humano. E assim a tese de Ortega y Gasset (da "origem desportiva do estado") tal como a de Schiller ou de Huizinga sobre o *Homo Ludens* são maneiras de dizer que os jogos fazem homens com uma feição que ressuma mais e melhor humanidade.

Quando o homem roubou aos deuses o privilégio do jogo conferiu simultaneamente uma forma superior à sua vida: o sentido do divino e do sublime, da festa e da ultrapassagem da sua existência utilitária e servil. O homem libertou a sua vida das bandas da luta pela sobrevivência e passou a orientá-la por uma consciência de horizontes mais latos. A razão da liberdade sobrepunha-se à razão da necessidade. Começava aí propriamente a vida humana. Via-se finalmente o homem e a sua condição a emergirem do animal e da sua natureza.

Assumamos, como Vergílio Ferreira, que “a cultura é a vocação do homem” e é também a sua condição. Que é nela que o homem cumpre o destino da transcendência e espiritualização: redimir-se do animal, sagrar-se de humanidade, respeitando a incoercível lei da liberdade e da sua libertação. A cultura é, pois, a segunda, mas assim mesmo a mais importante e genuína parturiente do homem.

Esta asserção é igualmente válida para o desporto. O seu lema é o da vida e da sua metafísica, convidando o homem a alcandorar-se ao horizonte da dignidade máxima, a não delapidar a existência no chão raso da dignidade mínima.

Filiado no mito prometeico e na matriz judaico-cristã, inspiradores da nossa cultura, o desporto apresenta-se como um campo de desempenhos transbiológicos, situados para além dos imperativos do quotidiano. Um campo de demonstração da extraordinária capacidade do homem e do seu corpo, de que o homem também se cumpre (e tem que cumprir!) através de prestações e feitos corporais. De que o corpo oferece um palco privilegiado para enfrentar o desafio da excelência. Para perseguir a utopia de tornar possível o impossível.

O desporto é um excesso do corpo, sem que o espírito seja despromovido. É o corpo que é promovido, que transcende a realidade carnal e animal e atinge a dimensão espiritual e humana, indo até onde é possível e tornando-se assim *espírito encarnado*. Trata-se de libertar o homem dos ditames de um corpo inculto, inábil e bruto; de dobrar a sua resistência, de o tornar ágil, espiritual e moral; de alargar o corpo instrumental e o protocorpo motor em corpo de símbolos, sentidos e significados.

Eis, pois, o desporto como oportunidade para instalar no corpo a razão do espírito, para submeter a animalidade da nossa natureza à racionalidade moral, cultural, ética e estética da condição humana. Pelos princípios, valores e objectivos, pelos métodos, regras e conhecimentos, que regem o exercício, o treino e a competição, o desporto é um acto fundante do Ser do Homem.

Prática de registo e acrescento de humanidade, de configuração mundana do homem, o desporto encena exemplarmente a razão cultural de fazer o homem. O homem das forças e fraquezas, das dignidades e indignidades; o homem *arqueado* de Kant ou o *ser intermédio* de Aristóteles, a ascender ao sol da virtude, saindo da penumbra dos defeitos, sob o primado e a vigilância da cultura.

O desporto anda por aí inscrito nesse registo e investido nesse papel a lançar avisos e desafios para que esgotemos o campo do possível no aprimoramento do homem, do seu coração e olhar, dos seus sentimentos e gestos, princípios e valores. Por isso é absurdo depreciá-lo em nome do humanismo ou atentar contra este em nome do desporto. É antes legítimo e justo **saudá-lo como um pilar do humanismo** e augurar-lhe um longo futuro no cumprimento dessa missão.

Píndaro viu, nos jogos rituais das olimpíadas, que os humanos praticam a única coisa que aos deuses é vedado fazer: aspirar a uma glória incerta e arriscar-se ao fracasso. E assim definiu o atleta como sendo **“aquele que se deleita com o esforço e com o risco”**.

Ao saberem-se transitórios e mortais, os humanos procuram beber da taça do mundo. Ao passo que os deuses bebem ambrósia, mas não conseguem deixar de sentir nostalgia daquela taça. Talvez seja por isso que o velho Homero os imagina na *Ilíada* a apostarem entre si na corrida de carros celebrada frente a Tróia durante as exéquias de Pátrocolo.

Ao atleta poderão acontecer-lhe todos os males. Poderá experimentar desenganos, decepções e dissabores. E, cansado e exausto, poderá exclamar como Unamuno: “Quão distante está tudo”, “quão rápido se faz

tarde”. Poderá sentir a fadiga do incansável, a brevidade do fugidio. Mas aceita o desafio e cumpre o destino de enfrentar o erro, a dúvida, a inquietação e o perigo que arrancaram o Homem das cavernas e o levaram às Índias e aos Brasis e daí até à Lua. E representa de modo exemplar a fidelidade à singularidade da nossa condição, assinalada por António Machado: “O especificamente humano, mais que a medida, é a ânsia de medir. O homem é aquele que mede tudo, pobre folho cego do que vê tudo, nobre sombra do que tudo sabe”.

Não será, pois, exagero afirmar que o desporto é a expressão mais fidedigna e conseguida do conceito de que a cultura é o lugar de entrada na humanidade. É a ideia de fazer o homem que o legitima e lhe sublima todos os senões. Nele o homem humaniza-se na medida em que incorpora o mítico e o sagrado, ou seja, algo que lhe é extrínseco. É uma maneira de aproximação ao divino, de andarmos à procura de dobrar o portal de acesso à transcendência. É nele que melhor se vê o *Homo Violens* convidado e intimado a ceder, pouco a pouco, o lugar ao *Homo Performator*, a arrancar-se do nada dos instintos e da violência, para poder emergir ao sol da liberdade e da virtude. É a ponte de corda estendida sobre o profundo abismo de receios e medos que, na exigência de Nietzsche, o homem, melhor dizendo, o aquém-homem tem de atravessar para conseguir o estatuto de Super-homem iluminado pelo clarão da razão, mas sem se desfazer do séquito dos impulsos e emoções.

Por outras palavras, ele acorda-nos, de um modo porventura duro, para a realidade de que somos seres em formação, de que a vida que estamos a viver ainda está muito longe daquela para que fomos feitos. De

que somos seres provisórios e precários, que podemos estar já muito à frente do homem primitivo das cavernas, mas ainda estamos muito longe da realização do projecto que nos anima. Como disse São João Evangelista, “aquilo que somos – aquilo que perfaz o ser e o destino do homem – ainda não aconteceu”. Ou, como reconheceu Konrad Lorenz: “Entre o homem das cavernas e o projecto humano há uns seres intermédios que somos precisamente nós.”

O *Homo Performator*, que serve de referência máxima e de inspiração superior ao desporto e nomeadamente ao treino desportivo, o homem que se reveste de formas novas e mais altas e as acrescenta às originais e antigas, esse homem, ao voltar-se para si próprio com um olhar cultural e axiológico, vê que ainda não chegou a si mesmo e que está longe de acontecer. Longe de ser quem é e de, pela sua essência e vocação, ser sempre mais e melhor. Longe ainda de coincidir e de ter encontro consigo próprio, com a matriz da sua identidade. Dá-se conta de que pode fazer de si algo positivo, por ser um *Homo Viator* que faz caminho ao andar, que está na vida para alguma coisa, em trânsito para uma realidade que só pode ser superior.

Não será isto um mero e exagerado exercício de retórica? Concedo que o seja. Mas aquilo que não tem palavras e motivos para o lembrar e celebrar deixa de existir. Ora o desporto ajuda-nos a lembrar que aquele Homem apenas é apreendível na perspectiva de uma aventura que se vai revelando e constituindo pouco a pouco. Que ainda não se cumpriu a exortação de Píndaro (521-441 a.C.) que nos incita a consumir a nossa essência numa tentativa sempre renovada: *Sê quem és!* Sê o sonho e a ideia de Homem que transportas dentro de ti! Sê o Ser que nunca se é! Tenta ser o

que não podes ser! E, embora sabendo que nunca será possível realizar isto na plenitude, já que o Homem é *inconcluso* e *inacabado* e vive a impossibilidade de o ser, das odes triunfais do velho poeta grego levanta-se, no declínio da tarde, a musicalidade de um murmúrio e conselho que escutamos ainda hoje atónitos e comovidos:

*Não creias, alma querida, na vida eterna:
Mas esgota o campo do possível.*

O atleta transporta, anos a fio, o ferrão agudo desta mensagem.

Precisamente para que os homens e a sociedade não deixem adormecer na sensibilidade e na consciência a obrigação de responder ao seu apelo e de ser fieis ao seu sentido. E assim fica a salvo do mal tão terrível apontado por Xenofonte (cerca de 427 - cerca de 355 a. C.): “Que desgraça para um homem envelhecer sem nunca ter visto a beleza e a força de que é capaz o corpo!”

5. Ética e desporto: tradições e contradições

Seja o primeiro sem desmerecer o segundo.

Homero

Não há glória mais perene do que a glória olímpica.

Píndaro

Do legado ético e estético

Como é sobejamente conhecido, o barão Pierre de Coubertin foi um pedagogo comprometido com o movimento da *Pedagogia Reformista*. E esta recuperou e elegeu, como uma das suas referências cimeiras, o ideal da *perfectibilidade humana*, esboçado pela filosofia grega e retomado por todos os clássicos do humanismo.

Foi esta referência que emergiu no centro da concepção desportiva de Coubertin e do seu ideário olímpico. Foi ela também que balizou os ensaios de quantos se preocuparam em fundar os caboucos do teor educativo e formativo do desporto. E é ela ainda que hoje continua a inspirar aqueles que não desistem de tecer e celebrar a substância ética e moral do desporto e partem daí para a sua relevância social e humana.

O desporto só o é por ser *idealista*, por perseguir ideais justificados no contexto ético e cultural. A actividade desportiva é uma exercitação genuína da pessoa, um processo de purificação e auto-aperfeiçoamento, uma forma de *ascetismo secularizado*. Um campo de criação de métodos e rendimentos, balizados por metas e normativos a que cada um submete livremente o jogo das sua forças.

Os jogos e as outras formas de exercitação, precursoras do desporto e praticadas nos diferentes cenários civilizacionais, estão desde o seu início vinculados a exigências e valores morais. É antiga a perspectiva de que não são meros exercícios físicos; transportam em si cromossomas morais próprios. Apesar de essas práticas se terem modificado no decurso dos séculos manteve-se sempre uma continuidade da sua problematização moral, como um bem cultural valioso que deve ser protegido pela observância de princípios éticos.

Dito de outro modo, os exercícios físicos são actos de configuração moral e interior do homem. A *Physis* não pode crescer incondicionalmente, requer a supervisão da *Logos* moral; esta impõe àquela regras, condições, balizas, funções, bitolas e finalidades. (28)

O desporto é assim perspectivado como um factor e simultaneamente uma expressão bem visível da saúde moral reinante no contexto social. E por isso ser desportista é ser e ter carácter, assumir-se como figura moral, como modelo de moralidade em acção à luz de uma *postura ética* no jogo e na competição.

A matriz moral, ascética e ética do desporto implica a *dimensão estética*. O ideal do aperfeiçoamento inclui o apelo a que o desportista seja

construtor de si próprio. Pelo esforço e trabalho em si mesmo. Pela tentativa de corresponder ao desejo de extrair de si o mais possível, de dar e querer o melhor de si, de se ultrapassar e sobrelevar os outros. Pelo uso legitimado do corpo e pela expressão correcta dos seus gestos e funcionamento.

Como a música, a arte, a literatura, a ciência etc. - enfim a pluralidade de formas de cumprir o desígnio de ascensão do homem - o desporto é mediador da condição humana, é um acto de civilização, de moral e de urbanidade. É parte de uma metafísica de referência para o sentido e a dignidade do viver, para dar sentido transfinito à vida de um ser finito e que finito se sabe. É domínio de aplicação de um código de objectivos, normas, valores, imanentes a um ser que nos transcende, para nos apresentar o horizonte e impor o dever da perfeição como ponto convergente de todos nós. Uma ilha da utopia convidando a navegar no rumo da sua descoberta, porque a vida é efémera e transitória, eterna só a navegação e a sua causa.

E se cada homem tem uma linha própria para o seu aperfeiçoamento, o atleta é a imagem de um existente que assume, com autenticidade, o projecto ontológico-existencial em que mais perfeitamente se realiza. É um homem que cumpre o destino do ser - o da obrigação da perfeição possível - dentro das particularidades e limites das suas condições existenciais e das suas capacidades inatas. Como outro homem qualquer transporta a cruz do seu aperfeiçoamento, identificando-se com a perfeição que potencial e circunstancialmente lhe é possível.

O desporto é mais uma, superior e exuberante confirmação de que temos todos um destino de superação e aprimoramento a cumprir. E o do atleta não é diferente do de outro homem. Ser desportista é ser e ter alma,

força e vontade para renovar a vida de objectivos e sonhos ainda e sempre por realizar. Para a encher de espanto e de entusiasmo e, deste modo, driblar os facilitismos, as indiferenças e resignações que dela e da sua essência nos afastam.

Claro está que este destino pode ou não ser cumprido, aceite ou recusado, tender para o pólo do infinito ou para o do nada. Mas isso não pode ser posto na conta de responsabilidades do desporto. Como objectivação cultural de valores o desporto é um esforço de criação do homem, da inteligência do seu corpo, à imagem e semelhança do absoluto da perfeição.

Neste sentido os críticos da valia cultural do desporto assemelham-se àqueles que falam de justiça sem nunca a terem amado nem desejarem ser justos. Ou aos críticos de pintura que são insensíveis às cores e às formas. Uns e outros não entendem que o drama do desportista é o mesmo do poeta. A vida e o triunfo não lhes são fáceis, nem dados de graça; acontecem contra a amargura, a afronta e a incompreensão.

Mais, o desporto é também e sempre um lugar de renovação da necessidade, do optimismo e convite ao empenhamento e à perseverança, a que cada um dê e revele o melhor de si mesmo, mesmo que os outros não se apercebam disso. Também o sol, ao nascer, dá um espectáculo todo especial, enquanto a maioria das pessoas continua a dormir.

Não admira, portanto, que filósofos, poetas, artistas e pedagogos renomados - da antiguidade grega até ao presente – tenham visto e vejam no desporto oportunidades e motivos de criação artística, de renovação, elevação e formação do homem. Na linha deste entendimento tradicional, o

discóbulo e o lançador de dardo, que Míron (475 A.C.) e Policleto (440 A.C.) nos legaram, expressam mais do que um corpo belo, harmonioso e ágil. São corpos humanos sim, mas precisamente por figurarem deuses criados pelo homem como referências para a imortalização da vida dos mortais.

O atleta é, pois, um homem que deixa de o ser por tanto se desmedir numa abundância de quilómetros e em carradas de ousadia, de sacrifício, arrojo e suor. E assim se torna Apolo e Prometeu. Esgota o campo do possível e emerge, pouco a pouco, como um deus de carne e osso. Sendo por isso merecedor de uma liturgia de celebração e veneração, tanto mais participada quanto é certo que vão ficando pelo caminho e perdendo crédito outros heróis, santos e deuses, de outros tempos e de outros contextos.

Erigido em modelo de uma profunda educação humanista o atleta é, no nosso tempo, apresentado pelo poeta J.R. Becher como símbolo do estilo de vida de uma nova geração, na qual se consumará o sonho da unidade de corpo e espírito. Em suma, no atleta de eleição parece cumprir-se a formulação de Platão de que “a beleza é a verdade no seu esplendor”.

Mas... será mesmo assim ou estaremos apenas perante um mito? Como quer que seja – disse e bem Fernando Pessoa – “o mito é o nada que é tudo”. Além de que evidente é o mistério e nunca a sua explicação e não dá para pôr em causa e interrogar o ininterrogável. De resto o grande erro da nossa era é o do convencimento de que podemos saber tudo e de que é necessário abandonar o misterioso. De que o homem pode cumprir a sua vida num mundo donde o mistério saiu. E assim, em vez de nos servirmos da razão e do conhecimento para ajudarmos a clarear o raciocínio e para potenciarmos o mistério ao infinito, queremos eliminá-lo e substituir a

realidade que ele nos apresenta. Esquecemos que só o mistério nos congrega e de que sem ele a vida seria irrespirável. (2)

Do princípio do *fair play*

O desporto é parte integrante da sociedade e, por isso, subordina-se ao sistema de normas e valores nela predominantes. Ou seja, aparentemente não há valores específicos do desporto, diferentes dos valores vigentes no contexto social. Poderá então falar-se de uma ética e de uma moral próprias do desporto? Poderá o *fair play* ser hoje o princípio moral mais importante do desporto quando o não é da sociedade?

Como é sabido, o vocábulo *fair* é inglês. *Fairs* eram mercados realizados na Idade Média em determinados dias festivos; assumiram um papel de relevo na dinâmica da vida pública, a ponto de terem gerado uma *ética de mercado*. Esta convidava as permutas a cultivar a franqueza e honradez e a renunciar à fraude como modo de obter vantagens. *Fair* era, portanto, um mercado regido pelas bitolas da honestidade, lealdade, cavalheirismo, rectidão, integridade, probidade, justiça e seriedade. (8)

Aquele código ético serviu à burguesia para provar que o sucesso económico não ia contra a honra, que era possível ligar as duas coisas, legitimando assim a sua ascensão.

Com o posterior aparecimento das competições desportivas – assentes nos parâmetros da medição e comparação de rendimentos - surge um novo campo de afirmação daquele princípio: o mercado desportivo. É assim que o conceito de *fair play* se incorpora no desporto do século XIX e lhe dita *três exigências*:

- O jogador deve dar o seu melhor para ganhar, atendo-se porém ao cumprimento escrupuloso das regras.
- O jogador deve ser desafiado a visar o mais alto rendimento, pelo que deve procurar também o adversário mais difícil possível e forçar este a dar o melhor de si e a tentar vencer.
- O espectador deve ser imparcial.

Se atentarmos devidamente na evolução do desporto moderno e na sua profissionalização e comercialização crescentes, torna-se evidente uma contradição entre a *moral teórica ideal* e a *moral viva e real*. Mostrando que, como todas as regras morais, também a do *fair play* não é imutável, por estar sujeita a condições sociais. Épocas diferentes conhecem interpretações diferentes de um qualquer princípio. Pelo que aquela norma não pode ter o mesmo entendimento do passado, nem o desporto de hoje pode ser visto sob essa perspectiva.

Mais ainda, se os valores do cenário desportivo surgem da sua interacção com a sociedade, qual a razão para continuar a reclamar que o desporto seja um altar de celebração do princípio do *fair play*? Porque é que tantos críticos exigem do desporto condutas conformes a esse princípio, enquanto se mantêm calados em face da inobservância do mesmo noutros domínios?

Realmente a vida quotidiana é farta em evidências de que o terreno é pouco propício para o cultivo daquele mandamento. Emigrou para muito longe a preocupação de agir em conformidade com a ética dos comerciantes dos *fairs* de outrora. A sociedade actual confunde-se até com um sistema

amoral, dado que o primeiro plano é ocupado pela tentativa de impor brutalmente a vantagem pessoal, em detrimento do interesse geral.

A título de exemplo, reparemos no paradoxo dos *media*. Zurzem o desporto pelo atropelo de princípios éticos, quando são eles mesmos que os desrespeitam e ajudam a destruir. Na disputa pelas quotas de vendas e audiências fogem do *fair play* como o Diabo da Cruz e não parecem nada incomodados com isso.

De facto a comunicação social - particularmente a televisão - influencia a mudança de normas e valores e está altamente implicada no decréscimo da observância daquele princípio. Por isso é espantoso que neste enquadramento se faça constantemente apelo a um desporto com certificado de pureza passado pelo *fair play*.

Mas... conseguirá o desporto sustentar-se como espaço moral livre das influências sociais? Será capaz de manter a ilusão do *fair play* na vida? Poderá configurar uma reserva destinada a garantir a sobrevivência de um axioma moral tão antigo? Será lícito sujeitar o desporto a um tão pesado fardo de promessas e ilusões?

Não nos parece que o predomínio de interesses materiais na sociedade tolere um papel significativo do *fair play*, nem que as duas coisas sejam conciliáveis. Este último saiu de cena e encontra-se a praticar abstinência em todos os domínios sociais, em que a pressão do resultado, do lucro e do sucesso assentou arraial e estabeleceu mecanismos, processos e leis para consumir o seu objectivo.

Dispõe o desporto de autonomia para ser diferente? Consentirão os poderes e interesses em voga, sobretudo na economia e nos *media*, que o

desporto tenha como ideia basilar a do velho espírito desportivo? Esmagado por tais interesses e pelos respectivos arautos e beneficiários o desporto não tem forças para corresponder a esse tipo de exigências. A sua massificação instrumentaliza-o para finalidades conjunturais, muitas vezes inconfessas, com os objectivos quantitativos a sobrelevarem os qualitativos. A primazia não vai mais para o *fair play* e outras noções éticas.

Por isso é estranho que ele seja alvo de tantas denúncias e exortações morais. Realmente anda por aí muito moralista que não se enxerga ou que toma todo o mundo por distraído. Os seus protestos e declarações não passam de confissões de boca. Cumprem a tarefa de confundir os incautos, mantendo em alta a cotação e o encobrimento de outros valores, melhor dizendo, anti-valores. Quanta hipocrisia!

Entre a ética e a moral

Na linguagem do quotidiano os termos *ética* e *moral* são empregues indistintamente, como se fossem sinónimos. Mas não é assim na abordagem científica e filosófica. (8)

Na nossa área chamamos *ética* ao espaço de reflexão e estudo que tem como objecto o teor moral dos actos desportivos. Ou seja, a ética do desporto é a teoria da moralidade da prática desportiva ou da prática da moral no desporto. A sua tarefa é, pois, a de elaborar exigências e reflectir sobre o desporto como um lugar de moralidade no contexto da vida sócio-cultural.

A *moral*, por sua vez, apresenta-se em três categorias: como *tradição moral*, como *moral viva* e como *moral teórica* ou teoria moral.

A *tradição moral* evoca a moral vivida no passado, válida e vigente até ao momento de colisão com imposições e interesses do presente. Sendo certo que todo o tempo tem valores próprios e em alteração permanente, certo é também que há sempre uma diferença entre a tradição moral e a moral realmente observada.

A *moral viva* inspira e emerge do comportamento actual. Não é uma criação do livre arbítrio, porquanto se baseia em experiências e convicções pessoais. Alimenta-se de actos espontâneos, com raiz no subconsciente, incorporando a recepção do necessário e útil à luz do espírito do tempo, isto é, sob forte influência de factores sócio-económicos.

Por seu lado a *moral teórica* perfaz um sistema de normas e princípios ancorados numa ética descritiva e normativa, destinada a balizar a actuação individual. Porém raramente ela se converte na moral viva e observada por toda a sociedade. Com efeito os indivíduos direccionam os seus actos menos por modelos teóricos abstractos e mais pelos valores predominantes na sociedade. E por isso ela, à semelhança do que sucede com tantas outras teorias, cumpre apenas, em regra, a função de utopia ou de ideologia com forte teor revolucionário. Ou seja, a moral teórica ou teoria moral – enfim, a ética - leva avanço sobre a tradição moral e a moral viva e, não raras vezes, afronta-as no seu conservadorismo e reaccionarismo. Por outras palavras, a ética vai sempre à frente da moral, projecta princípios e ideais que esta ainda não consente.

Em jeito de provocação, poderia perguntar-se se muitos dos que clamam por ética não o fazem apenas com a boca e em nome de moralismos retrógrados e até reaccionários. Mais ainda, diria que no movimento olímpico

não poucas vozes falam de ética, quando na realidade são arautos de uma tradição moral, com a validade manifestamente fora de prazo.

Problematizemos um pouco mais. A nossa tradição moral tem raízes na Idade Média, na *moral cristã da burguesia*. No ponto central surge o comportamento individual moldado pelos padrões da abnegação, da humildade e modéstia.

A *ética protestante do trabalho*, de aparecimento mais tardio, veio marcar a sociedade industrial e alastrou progressivamente a todos os fenómenos da sua ramificação e multiplicação. Esta moral do século XVIII concitou a rápida adesão da burguesia aos valores materialistas do lucro, prestígio, reputação e prosperidade, tendo em primeiro plano o resultado e o sucesso económico e relegando para lugar secundário as linhas mestras da ética dos mercados ou *fairs* medievais.

Nas últimas décadas assistimos à expansão de uma *moral tecnológica* que prolonga e combina muito bem com a anterior. A tecnologia, aliada à eficácia e ao dinheiro, é a nova religião com resposta e cura para todos os problemas e males que nos atormentam.

Porém a história não acabou. A mudança de valores é perceptível no dia a dia de todos nós. Ouve-se cada vez mais o coro de críticas ao relacionamento interpessoal orientado exclusivamente por concorrência, pelo sucesso e pela imagem, como que a prenunciar que novas morais estão na forja.

Como é que o desporto se situa na encruzilhada entre a teoria moral, a tradição moral e a moral viva? Quais são afinal as normas que presidem hoje ao acto desportivo?

O desporto moderno, como expressão que é da sociedade industrial, das suas orientações e tendências, não escapa aos ventos da mudança. Numa primeira fase aderiu ao princípio do *fair play* e foi buscar inspiração na corrente mais *puritana* da ética protestante do trabalho, criando um código ético de inspiração ascética, bem na linha da matriz judaico-cristã. Mas viu-se aos poucos a cair nos braços da nova moral viva e a deixar morrer a paixão pela antiga, passando esta a assumir o papel de tradição moral.

Deste modo e como seria de esperar, as alterações na sociedade e na moral são hoje evidentes no desporto. No de espectáculo e rendimento como nos outros modelos, não obstante a opinião pública concentrar o olhar no primeiro, criando a ilusão de que a mudança é apenas sectorial.

A aproximação ao trabalho e a sua crescente conformação à evolução do contexto social colocam o desporto sob a alçada de uma lógica pouco sensível a comportamentos morais. São disso testemunho a ausência de *fair play* e o aumento das várias formas de violência corporal dos desportistas contra os outros e contra si mesmos.

Não acontece, pois, em vão a imbricação do desporto com o mundo da economia, do comércio e do trabalho. As elevadas somas investidas no negócio desportivo e a conversão dos clubes em sociedades por acções abrem a porta à entrada de outros valores. O *fair play* tornou-se um princípio meramente formal e até fictício.

Ademais a *situação* é deveras *paradoxal*. Por um lado despontaram no desporto novas profissões e ofícios, encostando-o ao mundo laboral. Por outro os seus protagonistas são advertidos por agirem segundo regras iguais

às do trabalho. O desporto vê-se assim avaliado com duas medidas e com duas morais, sendo inevitável o choque entre o desejo e a realidade.

Bem sei que o desporto é tido pelos seus amantes como um bem cultural peculiar associado a valores de sinal positivo. E por isso ousam perguntar se não será precisamente por causa da evolução social que urge ressuscitar no desporto o princípio do *fair play*? Mais ainda, não seria vantajoso para a sua vertente comercial que o desporto continuasse arvorado em paladino de um princípio tão valorizado? Não será esta uma maneira de manter viva, mesmo que artificialmente, uma norma tão cara e saudosa, já abandonada noutros domínios? Poderá o desporto contribuir para a recuperação do ideal do *fair play* ou, pelo contrário, este axioma tornou-se hoje completamente ultrapassado e irrelevante?

O futuro está em aberto, dependendo da resposta às questões anteriores. Tudo leva a crer que o desporto perderá tanto mais em atracção quanto menos se revelar terreno saudável e fértil para o cultivo de acções vinculadas a uma ética de obrigações e deveres morais.

Comercialização e desportivismo

O valor comercial de qualquer actividade e o investimento económico que nela é feito dependem da qualidade que lhe é reconhecida, do apreço e procura que ela suscita, das necessidades que satisfaz. Também é assim com o desporto. Não há contradição entre as duas vertentes, bem pelo contrário. Quanto mais o desporto evidenciar as virtudes que lhe são atribuídas, tanto maior será a sua ressonância social e tanto mais sólida será a sua valia comercial e económica.

Vimos atrás que as fundamentações clássicas do desporto têm o fito de o configurar à luz de conceitos normativos, assentes em modelos inequívocos de Homem. O desporto é entendido como uma construção de sentidos inerentes a uma realização elevada da vida e dos humanos. Ou seja, a sua prática é perspectivada como motivo e oportunidade para objectivos situados muito para além da funcionalidade e expressividade do corpo. E isto não é apenas coisa de livros; também o é do imaginário popular.

Nesta concordância sempre foi afirmada a vinculação do desporto a critérios e compromissos de acentuado pendor ético. O acto desportivo é visto como espaço de desenvolvimento e florescimento do Eu moral; é balizado pela incumbência de cumprir funções ao serviço da saúde moral dos indivíduos e da sociedade. Pelo que as suas finalidades não se confinam aos resultados atléticos; perseguem sempre objectivos de aperfeiçoamento, humanização, modelação e formação da personalidade.

O atleta é, por força da sua mediatização, uma figura pública, sujeita a grandes exigências no concernente à sua postura ética. E esta é expressa pela observância voluntária de princípios e condutas de honra tanto no palco da competição como no da cidadania; pelo empenhamento total no jogo e pela renúncia a meios ilícitos. Assim o rendimento e o êxito apenas o são verdadeiramente quando resultam da honestidade e correcção.

A emulação, o desejo e a gratificação de vencer são o sal e a pimenta que fazem do desporto uma grande pedagogia de humanidade e moralidade. Uma forja de tempero do carácter e da vontade. Um palco de exercitação e representação da acção correcta, do domínio dos instintos por uma consciência verdadeiramente livre.

Em suma, a ética do jogo e do jogador perpassa todos os códigos criados em volta do desporto. Nela sobressai uma clara orientação por valores e ideais. São eles que justificam e qualificam o desempenho atlético como um produto idealizado, merecedor de alta valorização no nosso horizonte sócio-cultural.

Bem sei que para muita gente isto tresanda a ingenuidade, a coisa do passado sem qualquer relevância num tempo em que a economia e os *media* ditam a lei. Mas quem assim pensa está redondamente enganado. A valia do desporto em termos económicos – como a de qualquer outro bem ou artigo de consumo - depende do conceito em que é tido pelo público consumidor. Quanto mais o desporto for um bem estimado e respeitado, tanto maior será a sua cotação no plano comercial. A diminuição da substância cívica, moral, ética e estética do desporto traduz-se inexoravelmente num abaixamento da sua valia comercial e da sua importância económica.

E isto não deve ser posto na conta da miragem de uns quantos teóricos ou intelectuais deslocados no tempo e no espaço. Não é de abstracção e retórica que se trata. A popularidade do desporto baixa, como reacção à desconfiança e suspeita de que ele se afastou dos normativos que era suposto respeitar, das funções que devia cumprir e da qualidade que devia ostentar.

Uma *cultura da permissividade*, expressa por má-criação e palavrão, por adrenalina a mais na língua e a menos nas pernas, pelo esquecimento do imperativo da correcção, pelo atropelo constante das regras, pelo recurso sistemático a faltas e truques, pelo apego a artimanhas e espertezas fraudulentas para ludibriar o árbitro e o público, por cenas tristes durante e no

final dos jogos, por declarações ridículas, gastas e enjoativas de técnicos e dirigentes, as apreciações insossas e facciosas dos comentadores, programas e escritos imundos – tudo isto contribui para que o desporto perca grande parte daquilo que o afirma como bem apetecido de um consumo generalizado.

Conclusão: da força ética do desporto

As profundas alterações entretanto ocorridas no panorama desportivo e na sua relação com a cultura e a ciência ocasionaram que o desporto seja hoje reconhecido como um acontecimento cultural de significado universal. Nesta evolução pesam alguns factos:

Em primeiro lugar, com o advento do pensamento pós-moderno alterou-se o próprio conceito de cultura. Nesta são incluídas todas as expressões da vida humana, tanto as espectaculares como as mais vagas e elementares do que as formas altamente codificadas da visão tradicional. Mais ainda, no conceito pós-moderno, a cultura e a criatividade deixaram de residir apenas nos locais sagrados tradicionais e passaram a morar também nas ruas, praças e estádios.

Em segundo lugar, o desporto criou e desenvolveu os ingredientes de uma cultura específica: instituições, organização, legislação, ciência, bibliografia, revistas, jornais, emissões de rádio e televisão, economia e marketing, arquitectura, indústria de materiais, espaços, moda, estilos de vida etc. Este empreendimento recebeu um forte impulso com a entrada do desporto nas universidades como matéria académica, como assunto

merecedor de ensino e investigação. O que é testemunho inequívoco da sua aceitação e consagração cultural e científica.

Em terceiro lugar, na decorrência destas mudanças, o desporto passou de influenciado a influenciador. Adquiriu o poder de influenciar e *desportivizar* a vida, a sociedade e a cultura. Por outras palavras, o desporto, ao tornar-se um fenómeno sócio-cultural de pleno direito, ao enformar-se cultural e socialmente, viu-se transformado, mas também se constituiu em factor de transformação da sociedade. Isto é, os efeitos e influências acontecem nos dois sentidos, dando lugar a um processo de diluição da estrutura clássica dos seus valores e simultaneamente de irradiação dos seus princípios. (22)

Estou ciente de que esta leitura da realidade e da sua evolução pode ser interpretado como uma apresentação da tese de regeneração da sociedade por meio do desporto. Uma tese já de resto projectada por Coubertin e que, por certo, encontra hoje pela frente fortes argumentos de sinal contrário, como se viu atrás. Em todo o caso não pode ser esquecido que o desporto desempenha um papel cimeiro na transmissão de valores, havendo mesmo quem o situe à frente das instituições família e escola. Por outro lado, é inegável que o desporto tem exercido uma grande influência na formação e generalização de estilos de vida. Pelo que é perfeitamente legítimo formular a hipótese de que o desporto pode desempenhar um papel de regeneração ética e moral da sociedade.

Certamente que é mais fácil a estrutura de uma sociedade corromper a mensagem do que esta purificar aquela. E certamente também nós estamos ainda tão longe da mensagem que damos mais importância à

estrutura que era suposto ser o seu suporte. Porventura ainda agarramo-nos ao artifício de cumular de defeitos o desporto (e a vida) só porque não somos capazes de viver nele (e nela) de forma elevada. Além de que a vida não pode ser concebida como uma epopeia constante; tem espaço para o interlúdio, para o deslize e para o descomprometimento.

Seja como for não faltam alguns exemplos encorajadores, como o do treinador do Arsenal de Londres, Arsène Wenger, que, na época de 1999/2000, condenou o facto de os seus jogadores se terem aproveitado de uma atitude de desrespeito do *fair play* para lograrem o golo da vitória sobre o adversário, exemplo de resto valorizado pela Federação Inglesa de Futebol que ordenou a repetição do jogo. O desporto encerra, pois, enormes potencialidades neste capítulo.

Por conseguinte e a despeito de tanta coisa negativa que povoa o desporto eu admito como plausível a formulação daquela tese. Creio sinceramente que o desporto, em associação e conjugação de esforços com outros factores, pode liderar um processo susceptível de induzir efeitos de sinal positivo para a melhoria do teor de humanidade do conjunto social. Conquanto os pensadores, os políticos, dirigentes, treinadores e atletas se empenhem em configurar um desporto conforme ao ideário que o inspira e anima. Ou seja, a referida tese reveste para mim o carácter de uma utopia factível. Se ela se vir refutada, tanto pior para os factos, para o desporto, para a sociedade, para a vida e para o homem. Até porque a ética do desporto não é tanto uma moral; é sobretudo uma proposta de outro desporto e de outra vida. De uma nova cultura espiritual, ideal e social.

Prolonguemos um pouco mais a reflexão. Ficou para trás um século que se caracterizou, sobretudo na sua segunda metade, por ser um período de progressivo reconhecimento e de acentuada consagração dos direitos humanos. Entre tais direitos conta-se o da prática desportiva, plasmado em vários textos constitucionais como um elemento de afirmação e qualificação da cidadania.

O desporto viu-se investido de um crédito extremamente valorizador da sua relevância social, cultural e humana. E assim atingiu uma expansão sem par noutros domínios, com índices de crescimento impressionantes, a ponto do século XX ser rotulado por muita gente como o estranho século do desporto.

A actividade desportiva tem sido instrumentalizada para as mais diversas funções e finalidades, numa relação de osmose com o tecido social e com a evolução da civilização e da cultura. Isto é, temos estado a assistir à emergência de uma cada vez maior influência do desporto na vida, podendo falar-se com inteira propriedade de sociedade ou cidade desportiva.

Nesta conformidade a paisagem é variada; não contém apenas manchas negativas. Há também razões para algum optimismo, mesmo que temperado de contradições entre a tradição e o presente. Porventura o desporto evolui como um mosaico, colocando por cima da tradição uma camada pintada pela crise e quebra de paradigmas e valores, em curso na sociedade ocidental e em todo o mundo, por força do fenómeno da globalização.

Esta crise concretiza-se sobretudo em duas tendências. Por um lado, o aparecimento da dita ética indolor coloca fora de moda tudo quanto releve

do campo dos deveres, obrigações, renúncia e esforço e abre as portas a formas diversas de laxismo e relaxamento e à tentação de não olhar a meios para alcançar o tão desejado, mimado e badalado triunfo. São bem fáceis de ver as múltiplas implicações que este fenómeno carrega para o domínio desportivo.

Por outro lado, floresce – como já vimos - uma desclassificação ou desordem cultural, que se traduz numa ampla variedade e num agressivo confronto de noções de cultura e numa redução da capacidade de impor uma hierarquia de valores. O que se repercute concomitantemente em modos de conhecimento menos pretensiosos, taxativos e absolutos. E ocasiona o deslocamento dos intelectuais do rígido papel de prescritores e legisladores convictos para o de hermeneutas ou intérpretes flexíveis da realidade, aceitando como válidas formas várias de racionalidade. Ou seja, chegou ao fim o seu papel de sábios e moralistas encartados, incumbidos da missão de denunciar de cátedra aquilo que consideram ser um atentado à verdade e de proceder ao respectivo auto-de-fé. **(19)** e **(38)**

Ora isto não pode deixar de merecer ponderação e de ter consequências na formulação de éticas e de morais tanto para o desporto como para outra qualquer área. A hora é de acertos e compromissos. Sem esquecer que, se ao século do trabalho sucedeu o século dos direitos, é desejável e plausível que a este se siga um século dos deveres, de éticas e códigos de conduta vinculativos de todos os actores, sujeitos e intervenientes no processo desportivo.

6. Pelas nossas crianças

A educação é também o lugar em que se decide se se amam suficientemente as nossas crianças para não as expulsar do nosso mundo, deixando-as entregues a si próprias, para não lhes retirar a possibilidade de realizar qualquer coisa de novo, qualquer coisa que não tínhamos previsto, para, ao invés, antecipadamente as preparar para a tarefa de renovação de um mundo comum.

Arendt

Exame de consciência

As crianças continuam na ordem do dia, infelizmente por motivos que nos envergonham. Dir-se-ia até que vivemos numa sociedade incompatível com elas. E no entanto, como disse Fernando Pessoa, o melhor do mundo são as crianças.

1. E se falássemos a sério das crianças?! Se desligássemos as televisões e silenciássemos a imunda e alienante vozeria dos agressores que poluem a nossa sensibilidade e lucidez! Sim, se parássemos, um pouco que fosse, para falar das crianças ofendidas e para lhes entreabrir a porta da Primavera da vida! Para lhes devolver o encantamento com as pequenas e grandes maravilhas deste mundo. E a crença de que o mundo é justo e todas as pessoas são honestas e boas. De que Deus está no céu para velar e fazer com que tudo seja direito e correito na terra. De que podem dar a volta ao universo num barquinho feito de magia e papel, sem medo do mostrengo de um Adamastor a sair de cada esquina.

Como está longe o tempo em que tudo o que as crianças sabiam era o nome das cores, a tabuada, as cantigas de roda, o Menino Jesus, o Pai Natal, a Ave Maria! Em que praticavam as maiores competições e cometiam as mais sublimes ousadias a brincar às escondidas ou num jogo de bola no pátio e na rua. E eram assim felizes na bendita ignorância das coisas que hoje tanto as assustam. Que saudades temos dos seus sorrisos doces, dos *chi-corações* apertados e dos beijos lambuzados de guloseimas e chocolate! Que inveja nos fazem os seus jogos de imaginação e transcendência, a verdade bela dos seus castelos na areia e no ar, a real ilusão das suas brincadeiras de faz de conta! Quão distantes estão as tardes distraídas e quentes dos gelados e picolés derretidos e a escorrer pelos dedos como as coisas mais deliciosas da vida! Meu Deus, o que fizemos às nossas crianças e ao tempo de o ser?! Que direitos lhes garantimos e que exemplos lhes damos? Porque é que as metemos em becos sem mistério, tristes e pobres, onde não mora o sonho e habita o desencanto? Como isto nos acusa e dói!

O lamento não atinge só às crianças. Nesta época de ditadura neoliberal estamos todos a ficar mais pobres de património humano. Afinal por onde anda a sanidade corporal, mental e social do homem? Que educação estamos a dar às nossas crianças? Não, isto não é assunto apenas da escola e dos professores; é de todos nós. Ninguém pode lavar as mãos da culpa, nem ficar à espera de que a escola faça o milagre irrealizável de compensar o eclipse da família e de vencer o feroz ataque aos valores perpetrado pelas televisões e outras poderosas instâncias de socialização. O mercado é que está a dar cartas e a impor as suas leis. Continuamos a tecer-lhe loas e a cultivar indiferença em relação à infância e adolescência e à sua sorte e

destino. Continuamos a edificar uma sociedade hostil à idade infantil. Parece que desistimos de aumentar e ensinar a humanidade compartilhada, de aprimorar as nossas próprias raízes e de actualizar os instrumentos de navegação no rumo da procura da felicidade.

A Adriana, a minha neta, tem direito a ser tudo. Ela e todas as crianças desta nossa amargurada Terra, de Portugal aos EUA e ao Iraque, têm direito a cumprir a promessa infinita que mora dentro delas. A realizar todos os sonhos do Mundo.

2. Falar de crianças é falar dos filhos que os homens imaginam. Ao pronunciarmos este nome vemo-las surgir, acordadas ou dormentes na nossa sensibilidade, como fruto e projecto do amor de homens e mulheres para darem forma, vida e futuro aos seus sonhos e ideais.

Criança é uma evocação do melhor que há em nós, das nossas energias mais profundas, das nossas emoções mais belas e das nossas utopias mais mobilizadoras e contagiantes. É uma palavra de honra e de juramento que nos vincula ao compromisso de configurarmos em cada uma a expressão mais conseguida da nossa humanidade. De vertermos em todas elas a força para cumprirem o destino do Homem.

Criança é uma reserva de comoção, afecto e carinho. Um acontecimento prodigioso de criação que acontece em toda a parte. Filha do Homem e da esperança, que não morre, de o ser, de uma vida para viver em sintonia com o Universo. Uma onda de emoção e aventura, que nos aponta como obrigação o máximo possível de aperfeiçoamento e realização, à luz das normas reguladoras da perfeição e felicidade.

Tal como a Estrela Polar ou o Cruzeiro do Sul que foram guias para a descoberta do caminho marítimo para a Índia ou do Brasil, também as crianças são a via de orientação para perseguirmos a meta de humanização da terra.

Criança é um lugar onde o homem toca no céu e pincela e adoça a terra e procura plantar na sua consciência flores sem mácula. Um lugar de anúncio de uma vida, de um desejo, de uma história, de um mundo melhor. Uma fonte de beleza, de esperança e de luz contra a escuridão dos sentimentos. Mas, por isso mesmo, também um lugar de suplício, naufrágio e arrasamento da humanidade.

3. Somos todos crianças em muitos aspectos e sentidos. Nalguns ainda nem sequer nascemos. A escola da vida, na qual se aprende de uma vez para todo o sempre, está por inventar. Razão bastante para olharmos para as nossas crianças com um pouco mais de atenção e preocupação. Para não ficarmos indiferentes às tenazes da infelicidade e tristeza, do aviltamento e morte em vida. Porque é que as abandonamos a situações que levam inexoravelmente à condição de perdedoras na vida? O que é que nos impede de fazermos tudo para lhes abriremos os caminhos da realização e do sucesso, para que saiam vencedoras no desafio de construção da sua identidade? Porque é que adoramos culpar o passado e tão pouco fazemos para não delapidar o presente e ganhar o futuro?

Tudo isto torna evidente que somos incapazes de compreender para que serve a vida, a sua essência e os propósitos que a devem animar. Que não sabemos bem qual o nosso papel e a forma de o representar. Ao

fecharmo-nos na tacanhez de um olhar egocêntrico mostramos que somos nós os vencidos da vida, impotentes para gerarmos alternativas de sonho, beleza, assombro e magia, que o mesmo é dizer, para a humanizarmos – pois é de humanização que se trata. Um egocentrismo muito pobre, porquanto cada um dá o que tem e é muito pouco aquilo que estamos a dar às nossas crianças, àqueles de nós que estão a iniciar a grande e mágica viagem pela vida. Estamos a dar-lhes quase nada em confiança, criatividade, sonho, segurança, auto-estima e encorajamento. Mas estamos a dar-lhes muito em sofrimento e desespero, em imagens sombrias da vida que são as coisas que constituem as notícias permanentes dos jornais, das rádios e televisões. E nada ouvem ou vêem das coisas maravilhosas, divertidas, grandiosas e fantásticas que continuam a acontecer todos os dias.

E assim não lhes é dada a oportunidade de escolha entre uma terra dos vivos e uma terra dos mortos, entre uma terra da alegria, da liberdade, da iniciativa e ousadia e uma terra da rotina, do tédio, da apatia, do determinismo e demissionismo. Somente da segunda é que se lavra notícia e com ela se lança a ponte para a perdição. Andamos a fazer e massacrar a cabeça das crianças com as mãos e pés sujos e com palavras e imagens de escravidão.

4. Digamos tudo isto às nossas crianças. Digamo-lhes que o mundo é belo, que tem dias de sol e noites de luar e que a vida é uma aventura fascinante quando moldada pela crença, pela afeição, pelo amor e entusiasmo. Deixemo-las experimentar que é assim. Que vale a pena participar na criação do futuro: seu e da humanidade. Ajudemo-las a

descobrir e amar a terra, as coisas, as pessoas, os lugares. Porque só assim é que encontrarão a vida.

E quanta é a vida que jorra na prótese a que chamamos desporto! Nos jogos e brincadeiras em que as crianças medem e ganham habilidades e se libertam da dependência da sua natureza. Em que são desafiadas a exercitar-se, a espiritualizar as forças físicas, a dobrar um corpo inculto, inábil, grosseiro, feio e bruto, a torná-lo corpo belo, ético, ágil, espiritual e moral. A conquistar a liberdade, o sentido da vida e a condição humana também pelo aprimoramento do corpo. A realizar no protocorpo biológico um corpo de símbolos e significados, no corpo motor um corpo cultural e transcendente.

Quanta vida e cidadania inundam as crianças no desporto! Porque nele cultivam a identidade e a assunção progressiva de responsabilidade pelo seu comportamento e pelo estilo de vida adoptado, como sinal de apreço e reconhecimento pela vida oferecida. Porque nele têm lugar os outros e o respeito pelas diferenças. E nele superioridade e inferioridade, vitória e derrota, sucesso e insucesso encontram uma naturalidade de vivência e aceitação.

Chamemos as crianças para o desporto, porquanto este encerra um confronto simbólico com os problemas e dilemas humanos. Um campo de aprendizagem e exercitação de formas construtivas, autónomas e reflectidas de lidar com regras, de desdobrar a competência moral, de forjar motivos e perspectivas de vida.

O que convida a valorizar cada vez mais o desporto na escola, na família e na vida, sob pena de abdicarmos de um modo vivo de educar, de respeitar e realizar os direitos inalienáveis das crianças.

Desafios e responsabilidades

Não constitui novidade para ninguém a necessidade de recriar e tornar mais atraentes as formas de realizar a educação. Peter Kline disse-o bem ao postular que “a escola deve ser a melhor festa da cidade”.

Nesse sentido urge aproximar a escola da vida e da cultura das crianças e jovens. Ao lado da orientação pelo futuro e pelas necessidades sociais tem que haver igualmente espaço para os interesses e inclinações dos alunos. E tem ainda a escola que se modificar para estar à altura da concorrência movida por diversos e nada amistosos competidores.

A escola carece de riso, de entusiasmo, de dinamismo, de palmas, de alegria e animação; precisa que se goste dela. E o desporto é um meio primordial de renovar a educação, de lhe emprestar uma cara de festa e convivialidade, de quebrar a rotina escolar com competições internas e externas. Trata-se de fundir a escola e a vida, de integrar mais uma na outra e de consumir o desiderato de *desportivizar a escola e escolarizar o desporto*.

Não pode nem deve a escola ser fonte de depressão, mas um espaço e uma referência para qualificação do quotidiano da vida. É esta que importa tomar como ponto de partida para a configuração daquela.

Testemunha, por isso, uma falta de responsabilidade humana, social e política ignorar que os nossos filhos se debatem com muitos e graves

problemas. E que os de hoje são diferentes dos de ontem, como os do amanhã o serão em relação ao presente. É inaceitável que a escola se alheie da realidade e faça de conta que não é nada com ela, como se fosse uma reserva idílica para contemplar, preservar e impor valores e orientações próprios de um tempo perdido no passado.

Não basta criticar a sociedade de consumidores passivos em que vivemos. Nem lamentar que as actividades de tempo livre das crianças se reduzam muitas vezes ao consumo de programas de televisão, de filmes em vídeo e jogos de computador etc.

Não basta afirmarmos, alarmados, que muitas crianças dos 6 aos 10 anos sofrem de perturbações várias. Que muitos adolescentes têm já contacto com drogas pesadas e que não poucos jovens recorrem a comportamentos desviantes como via para afirmar um estatuto de autonomia e maioridade.

Não basta ler que mais de 50% das causas de morte se situam em doenças da função cárdio-circulatória e que estas têm um longo período de incubação, podendo ir de 30 a 40 anos. Ou seja, começam muitas vezes nos períodos da infância, adolescência e juventude.

Não basta que nos inquietemos com retrocessos em vários parâmetros motores e corporais, associados ao panorama atrás referido. Nem que fiquemos preocupados com dados reveladores de uma problemática composição química do sangue das crianças dos centros urbanos e industriais.

Não chega que façamos de tudo isto munições da verborreia de discursos políticos, sindicais ou corporativos que se esgotam em si mesmos, sem quaisquer consequências práticas.

Os problemas atrás aflorados constituem um teste à nossa sensibilidade e humanidade. Desafiam-nos a intervir na realidade, a semeá-la de metas, de sonhos e de sentido humano. A substituir os apelos e lamentações por estratégias de acção e responsabilização.

Tudo isto vale para sustentar que a escola não pode lavar as mãos face à capacidade de acção das nossas crianças. Se tivermos em atenção que o perfil do dia a dia de cada criança se distingue também pela diferença de tempo gasto em actividade motora e que o grau de inclinação para esta é resultante do processo de socialização; se a escola ignorar este facto e não fizer nada para criar uma atmosfera que motive para a prática desportiva os alunos mais fracos e carenciados em termos motores; se os confrontar permanentemente com o insucesso, com a desilusão, a frustração, a resignação e a marginalização; se favorecer atitudes de recusa e abandono do desporto, então não surpreenderá que os jovens apresentem níveis distintos de crescimento e maturação resultantes de processos de vida com diferenças de milhares de horas no volume de actividade motora. E é óbvio que isto não deixa de afectar outras dimensões essenciais da personalidade.

Ora a educação funda-se precisamente na preocupação de enraizar uma cultura do apreço, da valorização e fruição da vida! A escola percorre este caminho quando nela há movimento, carga, suor e esforço; quando há golos, cestos, pontos e remates; quando se corre, salta e luta; quando se vencem receios, complexos e medos; quando se enfrentam e ultrapassam

barreiras e obstáculos; quando há optimismo e empenhamento; quando há vontade e oportunidade de exercitar, aprender e render; quando há regozijo na vitória e a derrota forja a vontade e decisão de tentar ganhar; quando há vitória na derrota e esta não mancha aquela; quando agir, fazer e experimentar são os verbos preferidos, e desistir, não participar e estar fora de jogo são atitudes proibidas; quando alunos grandes e pequenos, gordos e magros, fortes e débeis, velozes e lentos são iguais no gosto pela acção e pelo uso desportivo do seu corpo. Quando tudo isto contribui para que a prática desportiva se torne uma necessidade vital, integrante de um estilo de vida fomentador da saúde. E isto é possível – logo deve ser feito!

Ofensiva pedagógica

Como nos restantes domínios da vida, o desenvolvimento do desporto não é, nem nunca foi apenas uma questão de quantidade. É essencialmente uma questão de princípios. Pelo que não se trata apenas de o fomentar, mas sobretudo de pugnar por uma prática conforme aos valores que o fundam e justificam. Ele não quer apenas ver aumentada a sua prática. Quer que esta seja depositária de finalidades e grandezas de qualidade educativa.

É, pois, pertinente actualizar os princípios clássicos que o enformaram como um sistema social e moralmente bom, assim como reafirmar o seu significado pedagógico.

O desporto foi sempre entendido como um bem disponível para o maior número possível de pessoas. Pelos ideais das personalidades históricas que o recuperaram, pelos ensaios que o conceptualizaram, pela acção de muitos professores, treinadores e dirigentes, o desporto foi sempre

visto como campo de vivência e socialização num legado de referências humanistas. Mas quando se olha em redor, parece alastrar a ausência de sensibilidade e fidelidade aos valores tradicionais e que estes chegaram ao fim.

Seja como for os tempos que correm exigem uma ofensiva pedagógica tendente a acordar do sono o seu ideário e mensagem; e a renovar e reforçar a confiança no seu papel educativo, sobretudo no tocante a crianças e jovens. Esta ofensiva deve servir também para tornar claro que o desporto em qualquer das suas formas, não obstante a pluralidade de motivos e sentidos que o invadem, não está desobrigado de ser um campo de educação.

O desporto é *pedagógico* e *educativo* quando proporciona oportunidades para colocar obstáculos, desafios e exigências, para se experimentar, observando regras e lidando correctamente com os outros; quando fomenta a procura de rendimento na competição e para isso se exercita, treina e reserva um pedaço da vida; quando cada um rende o mais que pode sem sentir que isso é uma obrigação imposta do exterior; quando cada um não assume mais do que é capaz, mas simultaneamente esgota as suas possibilidades de empenhamento e rendimento. É educativo quando não inspira vaidades vãs, mas funda uma moral do esforço e do suor, quando se afirma como uma verdadeira escola do auto-rendimento; quando socializa crianças e jovens num modelo de pensamento e vida, assente no empenhamento e disponibilidade pessoais para a correcção permanente do erro; quando forja optimismo na dificuldade, satisfação pela vitória pessoal e admiração pelo sucesso alheio.

Para que esta mensagem passe é preciso querer e desejar as crianças e jovens no cenário desportivo, não apenas por serem uma reserva do desporto do futuro, mas essencialmente por aquilo que eles são, numa sociedade bem pouco ajustada e atenta aos seus problemas e necessidades.

Se não oferecermos às crianças e jovens o desporto de que carecem, pagaremos mais tarde uma factura bem maior e com custos dolorosamente negativos. Embora não seja uma panaceia, o desporto funciona como um pólo que realça os valores da cidadania e do trabalho em equipa, ao mesmo tempo em que combate fenómenos destrutivos que caracterizam a nossa sociedade, tais como droga, violência e criminalidade. Sobretudo porque ensina e comprova que todos podem fazer alguma coisa por si próprios.

A ofensiva pedagógica requer ainda que treinadores e professores não se deixem cair no papel de meros animadores e entretenidores e que os dirigentes não vejam no desporto uma mercadoria para comprar ou vender a qualquer preço.

Há ainda muito a esperar do desporto. As suas potencialidades não estão esgotadas; pelo contrário, não são ainda acessíveis a um número significativo de pessoas. Falta cumprir o desporto por inteiro! Um desporto que, mais do que económico, é sobretudo pedagógico e cultural.

Porém este futuro não nos é oferecido. Requer que demos o melhor de nós ao presente. Tem que ser preparado, conquistado e edificado com o nosso empenhamento na afirmação e acentuação daquilo que nele é particularmente valioso. Esta é uma grande missão e também uma esperança realizável, se não desistirmos de acreditar que o sonho comanda a vida e a nossa vontade.

Para tanto há também que pôr termo a um discurso descabelado contra o desporto e a competição desportiva, feito em nome de uma pedagogia falsamente humanista e defensora dos direitos da criança.

Segundo nomes tidos por doutos nalguns reinos da educação, ganhar é um defeito e perder uma virtude! Querer ganhar é um vício e uma toleima, desenvolver o gosto e a vontade de vencer é uma irresponsabilidade. Criar e conformar-se a um espírito de derrota, medir tudo por igual, fazer tábua rasa do esforço e do mérito de cada um – eis linhas *nobres* de uma pedagogia apostada na desalienação do homem!

Deus nos valha! Contra esses dislates há que dizer que o fomento e exaltação das potencialidades de cada um e do desejo de vitória e sucesso não constituem qualquer defeito. Erro sim – e grande! – é querer configurar e nivelar tudo e todos por baixo. Embuste é ainda o do branqueamento da miséria dos gregarismos e igualitarismos e da falta de talentos individuais. Porque o tenor, o solista, o craque e o criador são decisivos e indispensáveis, seja na música, na arte, nas letras, na ciência, na tecnologia ou no desporto. No dia em que desaparecer o cultivo das diferenças será amortalhado o próprio homem. Veremos a mediocridade prepotente a calcar o suor, o empenhamento, a dedicação e a competência. E o mundo reduzido à uniformidade, quando o encanto dele é ser caleidoscópico da diversidade, sem deixar, por isso, de ser uno.

Aquelas propostas são típicas de quem não tem boa relação com a vida. De quem nunca se distinguiu em coisa alguma, nem mesmo a urinar ou cuspir mais alto e mais distante. De quem não gosta de competir, porque este acto tem implícita a possibilidade de perder e eles só gostam de ganhar e

morrem de pavor só de imaginar que a derrota os pode contemplar. Daí que lhes suscite inveja e animosidade todo o indivíduo que se ergue da massa informe. Esquecem que o sujeito minúsculo, apoucado, derrotado e sem lhanza de horizontes tende a dissimular e vingar a sua pequenez espiritual, especializando-se a urdir tramóias, intrigas, perdições, invejas, falsidades e calúnias. Incapaz de apreciar e admirar, pobre de ideais e de auto-estima suplanta-se a atentar contra os outros. Não é génio de coisa nenhuma, nem de construir coisa alguma, mas é perito na pior delas todas.

É, pois, uma monstruosidade que, em nome de uma pedagogia centrada na dignificação e promoção da pessoa, se diga a alguém que perder e ganhar são a mesma coisa, que vencer não tem qualquer sentido, que perder é que é bom. Que aprenda a perder! Que vá e continue perdendo em silêncio, conformado, sem reagir!

Joeiremos estas toleimas no crivo da sabedoria da vida e dos homens de personalidades bem conhecidas.

Comecemos pelo sociólogo Herbert de Souza, o célebre Betinho dos meninos de rua do Rio de Janeiro, já falecido: “Quem se contenta com o possível nunca constrói o que quer, pois fica preso nos limites da mediocridade”. O mesmo é dito pelo Dalai Lama: “Temos todos dentro de nós mesmos uma qualidade que apenas pede para ser revelada... Podemos negar tudo, salvo essa possibilidade que temos de sermos melhores”. E igual é o sentido da formulação de Pascual de Maragall, antigo alcaide de Barcelona e actual chefe do governo regional da Catalunha: “Quando alguém quer ser apenas o que é e abdica da aventura e do risco, nunca chega a ser ninguém”. Roosevelt puxa as coisas ainda mais para a frente: “É muito

melhor arriscar-se por coisas grandiosas, para alcançar triunfos e glórias, mesmo expondo-se à derrota, do que enfileirar com os pobres de espírito que nem gozam muito nem sofrem muito, porquanto vivem nessa penumbra cinzenta dos que não conhecem nem a vitória nem a derrota”.

Daqui decorre o convite a desenvolver nas crianças e jovens sonhos, objectivos e metas que tenham o céu por limite. Porque, como diz Hans Seyle, “para que um grande sonho se torne realidade, é preciso primeiro ter um grande sonho”. Além de que, acrescentou De Gaulle, “o voo até à Lua não é tão longo. As distâncias maiores que devemos percorrer estão dentro de nós mesmos”. E, ao cabo e ao resto, conclui Red Sanders: “Mais do que vencer, o importante é lutar para vencer”.

Ora eu acho que o desporto tem parte grande neste empreendimento. E a escola também. Se num e na outra não for praticada uma pedagogia do facilitismo e demissionismo, do tanto se lhe dá como se lhe deu, da moleza e da indiferença. E se, no seu lugar, vingar uma pedagogia da inquietação e intervenção, do gosto pela acção, pelo fazer e pelo realizar, de estimulação do querer e do poder, de celebração do entusiasmo e da alegria nas dificuldades e exigências assumidas e de premiação dos progressos alcançados.

Dentro de cada criança há um esboço e projecto de vida e de Homem à espera de serem revelados e realizados. Nem todos podem ser campeões, mas todos podem dar e revelar o melhor de si mesmos para cumprir o sonho e a história de felicidade que intimamente os habitam. Todos podem alargar e trocar os limites e constrangimentos interiores pela vastidão e grandeza dos horizontes exteriores. E isto é possível; e por isso mesmo é desafiante e

deveras responsabilizante, se fizermos boa leitura e assimilação desta constatação de Malcolm Forbes: “Diamantes nada mais são do que pedaços de carvão que fizeram o seu trabalho com competência”.

Depois disto, o que é que vamos fazer das nossas crianças e do nosso compromisso com elas? Não esqueçamos que o segredo do homem é a sua própria infância.

7. Do Homo Sportivus: entre a utopia e a preocupação

Sem actividade criadora não há liberdade nem independência. Cada instante de liberdade é preciso construí-lo e defendê-lo como um reduto.

Teixeira de Pascoaes

Se não houver uma revolução das consciências, a Humanidade estará perdida.

José Saramago

Introdução

Há mais de dois mil anos que os gregos o inventaram. À luz de princípios, valores e finalidades de divinização do homem e de humanização da vida. E em nome de uma política e de uma ideologia da harmonia do corpo e da alma. Era uma prática e um símbolo de homens livres, que através dela se transcendiam e visavam o sonho de dobrar o portal de entrada no Olimpo. Vinha pela porta da civilização, da cultura e cidadania, trazia a paz e celebrava a beleza de mão dada com a poesia, o teatro, a retórica, a música e com as outras formas de arte. Foi assim que o desporto se apresentou em Olímpia, num lugar sagrado semeado de templos, de pórticos e de esculturas lavradas nos mármore brancos de Poros.

Os Romanos adulteraram-lhe as formas e perverteram-lhe o conteúdo e as finalidades. O atleta foi substituído pelo gladiador; a coroa de louros deu o lugar ao espólio dos restos mortais do vencido. O estádio transformou-se em circo. O espiritual degradou-se na orgia da carne. A festa da beleza e da arte converteu-se num entretenimento grotesco da animalidade e do terror. E a homenagem aos deuses foi destronada pelo fingimento da jaculatória aos

caprichos dos imperadores. Era por isso outro desporto, mundano e dessacralizado, que cultivava não mais a sublimação das forças em virtudes mas antes a sua despromoção à baixeza dos instintos. Não admira que poetas e filósofos andassem arredios dele, que merecesse as sátiras de Juvenal e que não constitua uma fonte de evocações inspiradoras e gratificantes.

Após longos séculos passados nas trevas da perdição, um pedagogo alinhado com o movimento da pedagogia reformista entregou-se ao trabalho de o ressuscitar e reabilitar à luz das matrizes originais. Em consonância com o antigo ideal da *perfectibilidade* humana, isto é, da necessidade e possibilidade de levar por diante, sempre, em todo o lugar e por todos os meios, a tarefa infindável de aperfeiçoamento corporal e espiritual do homem, do seu aprimoramento como pessoa moral, livre e solidária, Coubertin e os seus seguidores deram ao desporto um ideário e apresentaram-no como uma oficina de educação e formação, de ética e estética. Como uma obrigação de o homem tentar ir sempre mais alto e mais longe e de ser mais lesto e menos relapso no cumprimento das obrigações da existência. Nesse sentido convocaram os Jogos Olímpicos da era moderna para levarem à cena a expressão máxima da excelência da condição humana. E reacenderam a chama da esperança e crença eternas no périplo de luz que se há-de derramar pelos infinitos caminhos do homem.

De então para cá a história é de todos conhecida. Do desporto, dos Jogos Olímpicos e dos seus protagonistas sobram histórias para todos os gostos. E nem todas nos falam, como sendo única e unânime, da alma branca e radiosa simbolizada na chama olímpica. Uma delas é a do *doping*.

Como é sabido, temos assistido ultimamente a uma continuidade e agravamento das discussões em torno da questão do uso e abuso da dopagem. Neste capítulo sobressaem os EUA que estão a ser desmascarados como sede do império deste consumo e como supermercado mundial de dopantes, com as federações e ligas desportivas envoltas numa monstruosa prática de mentira, fraude e encobrimento de dopadores e dopados, de desrespeito e fuga aos protocolos instituídos e às suas obrigações perante as organizações internacionais, à semelhança do modo como os líderes americanos se comportam com o mundo no contexto mais geral da política e do ambiente. Paralelamente a estes atropelos ao direito e aos princípios e recomendações universalmente aceites temos igualmente verificado um redobrar dos esforços desenvolvidos pelo COI–Comité Olímpico Internacional e pela AMA-Agência Mundial Antidopagem no sentido de fazer adoptar pelos governos dos diferentes países e também pelas federações desportivas nacionais e internacionais uma estratégia de combate mais activo a tal flagelo.

Nesta conformidade lembrei-me de me voltar para um tema que é constante e recorrente nas nossas preocupações. Refiro-me aos modelos de homem que se albergam sob o ideal do *Homo Sportivus* e àquilo que este encerra e que por debaixo dele se esconde, no passado e no horizonte do futuro que se abre no presente. Realmente, se olharmos com acuidade para o outro lado do desporto, para lá da coreografia de gestos balizados pelo código de regras e pelo reportório técnico-táctico, vemos nele um texto onde se condensa e oferece a leitura da complexidade e variedade de aspectos que perfazem a vida dos homens e da sociedade. Enfim só olhando a partir

do mundo e com os olhos que dele temos é possível ver, perceber e compreender o desporto, a sua função e essência; mas o desporto é também um instrumento de percepção e compreensão do mundo e de reflexão do seu funcionamento. É por isso que ele dá que pensar e fazer à nossa inteligência, consciência e desassossego.

Pressupostos

Como já ficou dito, foi Goethe (1749-1832) quem afirmou que a coisa mais digna de que se ocupa o homem é a forma humana; é dar a si mesmo uma forma consentânea com a ideia de si próprio. Por outras palavras, o Homem - o seu entendimento e conceito, o seu ser, a sua essência e aquilo que ele deve ser - constitui o verdadeiro e mais interessante objecto de estudo e labor da humanidade. Desde sempre.

Para tanto o homem estabelece consigo próprio uma relação de sujeito e objecto, interrogando e procurando modelar a condição humana. E deita mão a conceitos, arquétipos e modelos que constrói e renova a toda a hora para funcionarem como referências e orientações nos mais diversos campos. É assim que temos modelos de criança, modelos de mulher, modelos de pais, modelos de professor, de treinador, de desportista etc. E esta projecção de modelos não se limita ao homem e aos seus papeis, ofícios e profissões; temos igualmente modelos da natureza, das divindades, da sociedade, do mundo, das ciências etc. Ou seja, nós elaboramos modelos de tudo, daquilo que nos é próximo e distante, a fim de tentarmos modelar a realidade intrínseca e extrínseca à luz dos parâmetros que idealizamos. De resto, entre

as muitas dimensões que lhe são atribuídas pelo pensamento filosófico, o homem ostenta também a de *Homo Pictor*. (30)

Vivemos portanto num mundo atulhado de modelos, que passam por nós de modo fugidio, mas também marcam presença teimosa entre nós, permitindo-nos dizer que o nosso mundo são os nossos modelos. Por meio de modelos produzimo-nos a nós próprios e idealizamos e produzimos o mundo. Eles orientam a tentativa de intervir culturalmente na natureza, de a submeter, transformar e recriar sob o primado da cultura. Pelo que é legítimo afirmar que a essência do homem é condicionada e condicionante por modelos não apenas na periferia mas sobretudo no centro da sua existência. Elaboramos modelos para sermos de acordo com eles e para conformarmos a eles o mundo, as coisas e as actividades. (Ao fim e ao cabo e em rigor o homem não tem natureza. Nada nele é natural, dado por uma natureza. Tudo resulta da imaginação e da escolha e da tentativa, bem ou pior sucedida, de o realizar).

Fica, pois, claro que o agir humano não dispensa a inspiração, a orientação e a supervisão de referências cristalizadas em arquétipos e modelos de pensamento e comportamento. Nas distintas actividades da vida (p. ex. na educação, ciência, política e também obviamente no desporto) pensamos e actuamos com base em modelos de homem. Neles investimos ideais e desejos, conferindo-lhes uma força e função de utopia que nos desafia a superar e melhorar a realidade existente. Desejamos fazer-nos e fazer o homem por afeição a grandezas e princípios culturais e civilizacionais inscritos em tais modelos. Por outras palavras, nós não nos acomodamos a ser feitos e comandados pela nossa natureza; somos produto de um segundo

nascimento que nos é dado pela cultura. E esta é a vocação do homem, assim referiu Vergílio Ferreira o caminho que todos somos chamados a percorrer; é a nossa segunda natureza e ela toma como objecto da sua curiosidade e ocupação a natureza primeira, original e biológica.

Deste modo o homem não age movido tão somente pelas forças, impulsos e instintos oriundos da fonte primária. E da mesma maneira o corpo humano deixa de ser apenas natureza primeira e torna-se num grande campo experimental dos desejos, das visões, das esperanças e expectativas mais elevadas e das fantasias mais prodigiosas. Isto é, os exércitos de conquistadores, impulsionados pela ciência, pela tecnologia e por outros instrumentos e corporações de interesses em moda, focalizam a sua atenção no corpo e este deixa de ser tolerado como algo natural, fruto do destino e do acaso. Torna-se uma construção cultural. Em suma, a tentativa de manipular o corpo, de o tornar disponível para os fins e desejos eleitos, faz parte de um projecto, estabelecido sobretudo pela modernidade, a partir de Descartes e dos caboucos que ele abriu à ciência, visando o domínio total da natureza.

A segunda natureza do homem quer dispor da primeira a seu bel-prazer, quer torná-la cada vez menos natural, mais elaborada e *produzida*; quer dar-lhe uma segunda pele. Acarretando assim que a primeira natureza desapareça progressivamente. E isto não se aplica apenas à natureza que nos é exterior e envolve, com implicações na dita crise ecológica; também o homem perde crescentemente a sua marca de essência natural, tornando por isso difícil a definição da relação entre natureza e cultura, entre o natural e artificial.

É nas malhas deste enredo que acontece o diálogo entre o real e o virtual, que se desenrola o processo civilizatório, que se funda o projecto da educação e que se tece a condição humana. Desde os primórdios da humanidade, o mito prometeico do progresso, da transformação e melhoria da natureza subjaz à civilização e ilumina a sua caminhada com o fogo da técnica, da cultura, da ciência e... também com o fogo do desporto.

Do modelo do Homo Sportivus

Tendo por base o plano de fundo desenhado pelos pressupostos anteriores podemos agora voltar a nossa atenção para um modelo de homem que entrou progressivamente na cena da notoriedade na segunda metade do século passado. É o caso do *Homo Sportivus*.

Este modelo é um caloiro recém-chegado à constelação dos modelos de homem; mas não nasceu do nada ou da espontaneidade, nem é órfão de pai e mãe; tem naturalmente parentes e antepassados, progenitores e assistentes de parto. Mais, ele surge como corolário de uma determinada linha de conceptualização e desenvolvimento que estabeleceu o problema da relação de *cultura e natura* na configuração do homem, nomeadamente a do seu corpo. Basta que actualizemos um pouco os conhecimentos sobre a história do pensamento e das ideias no decurso do século dezoito e desde então em diante, nomeadamente sobre Rousseau (1712-1778), Kant (1724-1804), Pestalózzi (1746-1827) e Humboldt (1767-1835) e sobre o impulso e esclarecimento que eles projectaram para outros seus continuadores, para percebermos que o *Homo Sportivus* tem aí as suas raízes. É aí que desponta

a noção de que o corpo devia ser cultivado de modo idêntico ao das nossas dimensões espirituais e morais.

Realmente é com os Filantropos, inspirados em Rousseau, que se inicia o discurso de um *cultura do corpo*. E com isto queria dizer-se que não se devia deixar entregue a si própria e abandonada à espontaneidade e ao acaso a natureza originária, a *primeira natureza*; mas que, pelo contrário, ela devia ser formada segundo os padrões da cultura, que assim se erigia em *segunda natureza* do homem. No discurso da cultura do corpo ao fito do seu crescimento são adicionados os ideais de desenvolvimento e de aperfeiçoamento ou *perfectibilidade* corporal, estando estes ao serviço da formação moral do homem. Por outras palavras, a cultura corporal tem subjacente a proposta de que a primeira natureza seja objecto do labor de configuração pela segunda.

O ideal do aperfeiçoamento veicula a consonância e harmonia entre o interior e o exterior, entre a pessoa de dentro e a pessoa de fora, pelo que o corpo e o espírito devem ser igualmente fortes e desenvolvidos, procurando responder assim às doenças educativas e morais e à perda da natureza diagnosticadas naquela época pelos críticos da educação, com Rousseau à cabeça. É em nome disso que Guts Muths (1759-1839) - autor da famosa obra *Gymnastik für die Jugend* (Ginástica para a Juventude), publicada em 1793 - e outros projectam o *Homo Gymnasticus*, para reabilitar a natureza corporal e para enfrentar a desarmonia de corpo e espírito ocasionada pelo negligenciamento do exercício e esforço físicos. Através da exercitação corporal devia ser plasmado um *homem novo*, melhor aparelhado para enfrentar as solicitações do porvir. (30)

Fica nisto bem à vista um carácter de utopia, de resto sempre presente desde o alvor do cristianismo. O *Homo Sportivus* tem como precursor o *Homo Gymnasticus* e este mergulha na tradição do *Homo Novus* postulado pelo credo judaico-cristão. Como se sabe, a doutrina do cristianismo propõe a substituição do homem velho pelo novo, criado este à imagem de Deus; e é tão forte o teor desta mensagem que ele se encontra entranhado em nós, a ponto de lhe consagramos muitos rituais de renovação, como sejam, por exemplo, o Natal, a passagem de ano e a Páscoa.

No final do século dezanove surge o modelo do *Homo Olympicus*, trazido ao mundo pela mão do pedagogo Pierre de Coubertin (1863-1937), ao ressuscitar os Jogos Olímpicos em 1896, em Atenas. O novo modelo apresenta-se como paradigma de uma determinada *arte* ou *filosofia da vida*. E esta prende-se ao antigo ideal do aperfeiçoamento, enfatizado agora por um crescendo de exigências éticas e estéticas e traduzido no axioma *Citius, Altius, Fortius*. Nele são expressos um desejo de transcendência e superação e um fervor renovador que animam o cerne do pensamento filosófico (Nietzsche, 1844-1900) e mais tardiamente do poético (Fernando Pessoa, 1888-1935) e do pedagógico (movimento da Pedagogia Reformista, 1895-1933).

Neste modelo emerge nitidamente a apologia de um estilo de vida que enlace estreitamente o bem (*ética*) e o belo (*estética*), que se obrigue ao respeito por si e pelos outros (*fair-play*), que cultive uma apurada consciência de valores (*moral*) e que eleve a existência ao plano qualitativo. O *Homo Olympicus* encerra portanto um ideal que não se atém e confina a um domínio particular da existência humana, como é o caso do desporto; não,

ele pretende ser um modelo de inspiração para uma vida exemplar em toda a sua abrangência. Isto é, ele contém uma certa *pretensão de totalidade*, que vai para além do desporto, mas que neste deve encontrar uma concretização modelar e evidente, capaz portanto de irradiar influências e motivações para outros domínios.

O decurso do século XX, sobretudo a partir do final da Segunda Guerra Mundial (terrível mancha negra de dúvidas e traumas derramadas na ilusão esperançosa da possibilidade da caminhada progressiva em direcção a uma Humanidade livre e radiosa), consolidou e reforçou as características e exigências atrás expostas, levando ao nascimento do *Homo Sportivus* como uma espécie de redescoberta e ênfase do homem total e integral. Na linha de proclamações de direitos voltados para uma realização exaltante da existência humana. Mais uma vez emerge a ânsia de renovação da vida e do homem e o desporto vê-se solicitado a cumprir a função de meio miraculoso, ajudando a reanimar e realizar uma expressão extraordinária da nossa Humanidade. Ou seja, o *Homo Sportivus* apresenta-se como um *ideal de síntese* que projecta um homem não apenas novo, mas sobretudo superior, reunindo em si corpo e alma, espírito e natureza, bondade e força; e correspondendo a uma criação e conjugação maravilhosas de componentes heróicas e divinas com estatuto de exaltação e eternidade.

Deste modo, através de uma vivência correcta do desporto, o homem transcende o *Homo Mundanus*, torna-se *Homo Heroicus* e ascende a *Homo quasi Divinus*. Com este fito, desígnio e ambição é desencadeado um ímpeto desportivo que desagua num estilo de vida marcado pela desportividade e numa onda de desportivização dos mais variados aspectos da sociedade.(30)

São vários os elementos constituintes do fundamento cromossomático do ideal do *Homo Sportivus*, que continua em subida de cotação nos nossos dias. Entre eles surge o *Homo Ludens*, o homem da velhíssima e permanente necessidade de jogar que nunca por nunca pode ser desconsiderada na vida. Mas ele é sobretudo um *Homo Humanus*, cavalheiro e honrado, nobre de atitudes, virtudes e sentimentos, orientado por princípios e valores. É um *Homo Aeticus* e um *Homo Aestheticus*, formado na escola do carácter que é o desporto, amante da liberdade, da beleza, do bem, dos bons gostos e das boas maneiras, capaz de medir e esgotar as suas forças e capacidades em competições, sem beliscar o respeito pelas normas e pelos adversários. Nesta conformidade ele parece sobremaneira fadado e predestinado para assumir uma função de regeneração e compensação face à crise de valores que assola a sociedade.

Do presente e do futuro

Apesar das características anteriormente apontadas o modelo do *Homo Sportivus* não está completamente elaborado. Não atingiu ainda a sua versão final. Continua a constituir-se, acompanhando as transformações em curso no próprio desporto e no quadro do seu relacionamento com o contexto sócio-cultural. Neste quadro parece poder ler-se que o desporto ultrapassou as reservas e desqualificações que ainda há poucas décadas lhe devotavam não poucos intelectuais. O desporto viu-se reconhecido como algo valioso e evoluiu para um valor integrante e constituinte da cultura do quotidiano. Ele próprio congregou ingredientes e requisitos (p. ex., integração universitária como objecto de estudo e formação, afirmação como área científica, criação

de grandes instituições nacionais e internacionais, integração no contexto do negócio, do espectáculo e dos media, produção de grande número de jornais, revistas e publicações da especialidade etc.) que lhe creditam um estatuto de domínio cultural autónomo e florescente. Ademais a pretensão de renovação e avanço da democracia no sentido da configuração cultural da sociedade coloca na ordem do dia a ideia de conceber a vida como um projecto de arte. Ora é precisamente neste ponto que o *Homo Sportivus* se alcandora a modelo de orientação da vida, com larga difusão e aceitação e com enorme alcance.

Se recuarmos um pouco e avivarmos a memória dos conhecimentos acerca da história, da filosofia e das ideologias, podemos perceber e contextualizar melhor aquilo que está projectado – e hoje se mantém vivo e esperançoso - no ideal do *Homo Sportivus*. Lembremo-nos de Marx e Lenine, entre outros. O século XX começou praticamente com a proposta de um homem novo com acento tónico no trabalho. Como se sabe, o trabalhador, o operário e o proletário viram-se investidos de projecções utópicas e visionárias que acenderam fogueiras e crenças revolucionárias e vieram a ter recentemente o desenlace político e ideológico que todos conhecem. Todavia no final do século a ideia de um homem novo continuava em alta, desta vez ligada já não ao trabalho, mas sim ao tempo livre, à recreação e ao lazer, ao hedonismo e à fruição da vida, confluindo assim para erigir como um dos modelos determinantes da vida o do *Homo Sportivus*. Mais, este não se circunscreve apenas a um dado espaço económico, cultural, geográfico e político, antes ostenta as marcas de global e universal. Para um número cada vez maior de pessoas ele emerge como referência exemplar e capaz de

irradiar influências e inspirações para os mais diversos campos. E assim ele salta por cima do estádio - como palco consagrado ao alto rendimento - e derrama-se por uma série de novos templos de celebração do corpo e da vida. Com este poder de onnipresença ele assume o estatuto de um novo deus do nosso tempo, retira o desporto de posições defensivas e lança-se numa ofensiva de conquista e anexação de terrenos até há pouco em mãos alheias.

Nesta conformidade ele invade o sistema da saúde com a promessa de compensar ou tornar mais suportáveis defeitos, mazelas e doenças; vive em ginásios, estúdios e salas onde gordos e magros, ricos e remediados, homens e mulheres, velhos e novos, jovens e adultos, saudáveis e doentes, normais e portadores de deficiências se *torturam* e entregam à *malhação*, procurando adquirir ou conservar a condição física, o aspecto, a juventude e a beleza à medida das gotas de suor derramado, do número de calorias consumidas, das distâncias percorridas e das horas gastas a derreter gordura e banhas. O *Homo Sportivus* é assim tornado objecto de culto, dotado de enorme fascínio e atracção, precisamente por prometer e garantir nalguma medida uma vida mais bela, longa e activa num tempo que é sobremaneira marcado pelos ditames da imagem, da aparência e do sucesso, umbilicalmente ligados aos ideais de beleza e juventude.

É nesta conjuntura estética e corporal que é conferida ao desporto uma valorização incomum. O *Homo Sportivus* actualiza e transporta o sonho da vida bela e activa e da eterna juventude; e não apenas simboliza este sonho, consegue em parte realizá-lo. Ele não é, pois, um modelo qualquer de homem, ao lado de tantos outros; não, ele vai mais longe ao afirmar-se como

uma instância superior que estabelece parâmetros para dimensões da vida situadas para além dos muros tradicionais do desporto. Realmente a matriz desportiva perpassa por muitos cânones de valores; está presente no plano estético a ditar à beleza feminina conotações de elegância e magreza; está igualmente presente no campo moral e normativo, devido à acentuação e agudização da sociedade como sede de dura concorrência, deslealdade e atropelo, justificando constantes apelos ao *fair-play* e ao espírito desportivo. Ou seja, ao *Homo Sportivus* são hoje atribuídos valores muito positivamente apreciados noutros campos sociais, mesmo que no terreno desportivo sejam, aos olhos atentos dos analistas pessimistas ou rigorosos, objecto de cada vez menor consideração e observância. Por conseguinte a desportividade apresenta-se na actualidade como um meio e um indicador de vida intensamente apetecida, aberta a muitas interpretações e formas de concretização. E é assim que se solta dos apertados laços originais do desporto para se espriar pelos outros campos da aventura da vida.

Mudemos um pouco de registo, mas sem sair do tema, antes para visarmos uma síntese susceptível de pintar melhor outros contornos e fronteiras. Como vimos, o *Homo Sportivus* foi e pode ser entendido como projecção da ideia de um *homem novo*, resultante da congregação de vários predicados. No fundo é um *Homo Pluralis*, um conglomerado de pretensões elaborado com base em combinações variadas de determinados traços e características de modelos gerais de homem. Deste modo assume-se como um projecto que integra e expressa traços, tendências e aspectos que são particularmente significativos para a condição humana e para a sua

configuração nos dias de hoje. Mas isto quer dizer também que naquele ideal se reflecte inteiramente o espírito do tempo, com as suas contigências e circunstâncias, ambivalências e alternativas, posições e contradições. Dito de outra maneira, no *Homo Sportivus* revelam-se tanto dimensões belas e exaltantes da vida e do homem, como também se mostram manchas e sombras que nos falam de penumbra e escuridão, do uso problemático, difícil e indevido da liberdade. Isto é, naquele ideal assenta arraial uma pluralidade de modelos de homem e alguns deles dão muito que fazer à nossa inquietação e angústia. O *doping*, por exemplo, está aí bem vivo e pujante para ilustrar a ambivalência.

Em todo o caso no *Homo Sportivus* vê-se o homem a arrancar-se do nada, dos instintos e dos defeitos, a deixar o estado de “ser arqueado” (Kant) ou de “ser intermédio entre o anjo e o demónio” (Aristóteles), a construir-se como o Super-Homem de Nietzsche e a alcandorar-se de modo persistente, sistemático e contínuo a níveis superiores de forma, de rendimento e *performance*. É neste entendimento que a procura e a obtenção de altos rendimentos corporais e desportivos representam algo genuinamente humano e relevam a dignidade e honra do homem. Ele expressa o grau de fidelidade à consciência daquilo que o homem pode e deve ser, seguindo a famosa exortação de Píndaro.

O homem desportivo é expressão dessa exortação, advertência e conceitos, da observância e cumprimento de um mandamento que convida o homem a fazer-se a si próprio e à sua individualidade através dos seus rendimentos. Nele mora uma ânsia de transcendência que exclui o deixar andar e o dar-se por contente e satisfeito com o estado alcançado e que o

leva nas asas do desassossego para novos desafios e metas, para novos patamares, avanços, acrescentos e progressos. Certamente este ímpeto anima e atíça outros modelos de homem vigentes na ciência, nas artes, nas letras etc.; mas talvez em nenhum outro seja tão palpitante como no modelo do *Homo Sportivus*. Manifestamente o homem *light* e da ética indolor, avesso ao esforço, ao suor, ao sacrifício, à dor, à disciplina, à persistência e aos compromissos não tem no desporto, tal como ele é genuinamente entendido, o *habitat* natural para medrar.

Acresce que este modelo não atende apenas a bitolas quantitativas; incorpora igualmente exigências qualitativas ligadas ao aprimoramento e aperfeiçoamento do homem. Como se sabe, o lançamento do desporto moderno, assumido pela restauração do antigo projecto olímpico, insere-se num movimento reformista da educação apostado em contribuir para a perfeição e completude do homem. Esse movimento parte da tomada de consciência das nossas imperfeições, insuficiências e fragmentações e contrapõe a isso a concretização da ideia da perfectibilidade por todos os meios e campos de formação e realização do homem. Ou seja, o *Homo Sportivus* reivindica um estatuto de correcção, redenção, compensação e sublimação e vê-se generosamente investido na função de modelo de oposição e combate ao homem imperfeito, moldado por instintos, fraquezas, insuficiências e debilidades nos mais distintos planos. Nele incarna a utopia da ilha da perfeição. Por isso o lema olímpico - *Citius, Altius, Fortius!* – é um imperativo que exorta o desportista a voar em direcção à perfeição, seguindo a rota da harmonia entre natureza e cultura, fazendo de cada menos um mais, eliminando o supérfluo para que a beleza atinja o seu máximo

esplendor no casamento feliz da ética com a estética. Ao lançarmos o dardo importa que ele vá longe, diz Urbano Tavares Rodrigues, mas é curial também que o gesto seja preciso e belo.

A esse ideal de ética e estética, com o qual é concebido e medido em muitos ensaios o atleta olímpico, estão associadas pretensões no domínio do transcendente, do extraordinário e do sobre-humano que colocam o campeão desportivo ao nível das estrelas e bem próximo da divinização. Realmente o ideal do *Homo Sportivus* encerra o sentido da superação e da excelência da existência humana, saltando por cima de todas as bitolas que nos prendem à terra. A tal ponto que os desportistas de elite são estilizados como deuses, porquanto os seus feitos e heroicidades não conseguem ser devidamente entendidos, exaltados e valorados se forem apenas referenciados a modelos de um homem terreno feito de carne e osso. Não admira assim que nele jorre abundante a fonte dos mitos - e também da manipulação e alienação.

É exactamente neste ponto crucial que a ambivalência e a contradição se introduzem. Com efeito o ideal de perfeição é tão acentuado que aponta para além dos limites humanos naturais e leva forçosamente a equiparar o homem a uma máquina. E isto não se queda ao nível das conjecturas. De facto com o treino e a intervenção de outros meios quer ver-se realizado um grande milagre de criação, qual seja o de fabricar e regular o homem e o seu corpo como uma máquina, almejando que o organismo do *Homo Sportivus* funcione tão rigorosa e perfeitamente como o relógio mais fiável saído da linha de produção de uma renomada marca suíça. Ademais o corpo-máquina do atleta deve funcionar em altas rotações, como se fosse um motor equipado com um turbo de elevada cilindragem; e se não conseguir isso a

partir de si mesmo então entra em acção o *doping* para fornecer a matéria prima necessária. (30)

Eis-nos assim na presença de uma versão instrumental e mecanicista de Homem que se entranha no modelo do *Homo Sportivus* e que, por vezes, parece exercer sobre ele um domínio exclusivo. Ao fim e ao cabo vê-se definhar a olhos vistos o princípio de Protágoras (485-411 a.C.) de que o homem é a medida de todas as coisas, sendo o seu lugar ocupado por uma máxima chocante que desponta da realidade com força de imposição: a máquina é a medida de todas as coisas humanas.

Sejamos claros: a ideia e a ambição de conceber e construir o corpo humano como uma máquina e de o subtrair ao livre arbítrio das forças da natureza, tão subidas e tão corajosa e perigosamente apresentadas no Renascimento pelo mestre superior em várias áreas que foi Leonardo da Vinci (1452-1519) - porventura a encarnação naquela altura do génio do nosso Abel Salazar -, pelo eminente anatomista Vesálio (1514-1564) e por outros, encontram finalmente nos nossos dias ampla aceitação e concretização. E já não levam à fogueira da Inquisição; pelo contrário, há até quem lhes devote enorme e chorudo apego e reconhecimento.

Nesta conformidade a pergunta de Kant – o que é que o homem pode e deve fazer da sua natureza? – adquire hoje enorme actualidade e relevância, tanto mais que, a partir de conhecimentos da Biologia, da Genética e de outras áreas da Medicina, bem como de instrumentos técnicos, se constitui e alimenta a tentação de tocar na substância da vida, à luz de utopias voltadas para o seu aperfeiçoamento. Correspondendo a pedidos feitos pelos mais diversos fins: pragmáticos, utilitários e existenciais. E aqui

emerge mais uma vez a questão do uso correcto da liberdade, sabendo-se da dificuldade em elaborar receitas e balizas para o regular e para evitar a sua perversão.

Independentemente de valorações, o conceito de autodeterminação, tão caro a Kant e outros filósofos iluministas, parece estar agora a alcançar pleno significado, já que o homem quer definir-se e produzir-se de maneira nova. Com o recurso a diversas tecnologias abrem-se as portas a processos que almejam fundir a produção do homem com a da máquina, misturando os dois num mesmo ou idêntico produto. Assim sendo, os tempos vindouros serão profícuos para os que se entregam à projecção de novos e alternativos modelos de homem. E pode-se imaginar um futuro risonho aos especialistas de *design* que se ocupem da corporalidade, até porque a moda cuidará certamente de criar e explorar na pessoa a necessidade de se equipar com vários corpos, de os usar, exhibir e substituir de acordo com as recomendações, os ditames e as conveniências das circunstâncias.

Esta evolução promete não desprezar os apelos a um 'interessante', lucrativo e atractivo investimento no *Homo Sportivus*, uma vez que este sempre consubstanciou o projecto e o intuito de intervenção da segunda natureza, entendida como prótese para compensar os défices e como meio e desafio para melhorar as expressões e rendimentos da primeira. Como vimos e sabemos, no desporto em geral encontra já aplicação e concretização a ideia de aperfeiçoamento e no desporto de alto rendimento abre-se um vasto campo de manipulação variada da primeira natureza, procurando associar cada vez mais intensamente o *Homo Sportivus* e o *Homo Technicus*. Por

exemplo, o corpo dopado comprova sobremaneira esta associação e a dimensão atingida pelas componentes científica e técnica.

Perspectivas e inquietações

Num tempo de elevada crença na ciência e na tecnologia e de grandes avanços na possibilidade de reprodução técnica do homem, o *Homo Sportivus* parece sentir-se confortavelmente deitado na cama e nos braços do modelo do *Homo Technicus*. Até onde isto nos levará? Talvez passemos a escolher e encomendar por catálogo os jovens talentos desportivos, fabricados a pedido e a preceito segundo preferências e indicações do material genético, trocando os pais naturais por uma nova paternidade dada por genes que os predestinem a ser campeões. Mas... será assim finalmente conseguido o homem novo tão enfatizado e exaltado no tradicional ideário do *Homo Sportivus*? Serão os campeões assim gerados objecto da nossa admiração e encantamento? Merecerão os hinos dos cantores, os versos e odes dos poetas, os quadros dos pintores e os bronzes e mármores dos escultores? Serão a encarnação das nossas paixões mais vivas e dos nossos sonhos mais sublimes e exaltantes? Serão o orgulho máximo e a realização suprema da nossa condição?

Peter Schjerling, chefe do departamento de biologia molecular do Centro de Investigação do Músculo de Copenhaga e com créditos firmados na matéria, - em entrevista ao diário espanhol *EL PAÍS* de 2002.12.01 - considera que a dopagem genética poderia ser levada a cabo agora mesmo, porém com um risco extremo para o atleta, decorrente do facto de os genes artificiais não serem fáceis de controlar e por conseguinte o seu bom

funcionamento ser uma lotaria. Está ciente de que esse tipo de dopagem se generalizará dentro de alguns anos, logo que a terapia genética seja um procedimento normal. Além disso o uso e abuso de tal *doping* será favorecido pelo facto de ser extremamente difícil de detectar, uma vez que os genes artificiais produzem proteínas idênticas às proteínas normais do corpo humano.

Não obstante isso o cientista encontra motivos de sobra para dúvidas e cepticismos. Por um lado, porque, sendo tão pequeno o grau de controle, o resultado é muito aleatório, o que o leva a advertir para o exagero das expectativas: “Não é possível construir um super-atleta. As técnicas podem mudar o músculo e melhorar um pouco o rendimento. Podem fazer o músculo maior ou mais forte, mas não muito. Tem que se mudar o resto do sistema, tendões e o resto, porque, se não for assim, rompe-se o equilíbrio fisiológico.” Por outro lado, confrontado com a hipótese de dentro de algumas décadas as técnicas genéticas chegarem a um desenvolvimento que não comporte riscos para a saúde, mesmo assim o emérito cientista encara como detestável a possibilidade de tal dopagem. E conclui: “Mas pode ser que no futuro a questão seja percebida de outra forma. Em todo o caso não gostaria de contribuir para a criação de um super-atleta.” Sim, pode ser que no futuro o referencial ético seja diferente. Porém é neste tempo que nos coube viver.

A este propósito talvez valha a pena lembrar a advertência de Hannah Arendt, de que vivemos num mundo dominado pela falta de carácter e pela irreflexão e no qual as palavras perderam o poder. Por isso ela convida-nos a reflectir sobre o que estamos a fazer. Convida-nos “a uma análise das capacidades humanas gerais decorrentes da condição humana, e que são

permanentes, isto é, que não podem ser irremediavelmente perdidas enquanto não mudar a própria condição humana.” Reflectamos, pois, sobre o que andamos a fazer e levantemos a voz para que o homem não perca a condição que o tirou das cavernas da animalidade. Ademais o dinheiro não é um deus, nem encaminha para o céu; não passa de um bezerro de ouro que se venera e derrete no inferno. (5)

É tudo isto que nos autoriza e intima a perguntar: qual o papel e qual a valia do desporto na construção da condição humana na hora que passa?

A resposta, por não ser animadora, coloca ingentes desafios. Mais do que exercer o poder da criação e da aproximação ao divino, o homem parece hoje conformar-se ao papel de sujeito da destruição e de agente da diabolização. Como que a dar razão a Pascal: “Corremos irresponsavelmente em direcção ao abismo depois de termos posto diante dos olhos alguma coisa que nos impede de vê-lo”. Ora isto pede uma nova gramática humana, procurando contrariar a emergência do inumano e afirmar o sentido do ser.

Uma nova utopia terá de prolongar a senda da libertação e dar razão ao optimismo, porquanto o homem usufrui da consciência do infinito. Ou seja, não coincidem nele o limite do ser e o limite da consciência. Por isso a manutenção da ideia do humano exige que nos confrontemos com a interconexão dos limites, entre aquilo que estamos a ser e as possibilidades infinitas que a consciência nos abre e sussurra.

Claro que não é curial zangarmo-nos com a nossa própria natureza e com as rasteiras que ela nos passa, nem tampouco é sensato ignorar que a tão desejada condição humana não se alcança com palavras ou com a proclamação de ideias inflamadas de salvação. E bem sei que os dardos não

são os de outrora e que diferentes são as mãos que os lançam e os motivos porque o fazem. Sei que os arcos e os alvos não são mais os mesmos. Sei que são outros os barcos, as velas e os ventos que as enfunam. Mas queria que, ante os meus olhos, continuasse vivo o mundo da minha infância e ingenuidade. Que não se tivesse perdido no fundo do tempo.

8. O desporto do doping

Eu sou eu e a minha circunstância. Se a não salvo a ela, não me salvo a mim.

Ortega y Gasset

Do problema

Pouco a pouco um novo tipo de desporto vai-se instalando com armas e bagagens, ao lado das consabidas formas tradicionais. Sim, o *desporto do doping* está aí, ufano e reinante. Implanta-se com toda a naturalidade e com o maior desplante deste mundo. Já tem quem o defenda e acuse quem o combate. Fazem-no por iniciativa própria ou a rogo de procuradores. A falsidade e a mentira, a manipulação e a desvergonha não deixam de o ser por virem envoltas em palavras polidas. A *Associação dos Amigos do Doping* existe e está activa; só lhe falta constituir-se formalmente e eleger o seu Presidente, sabendo-se que há gente com perfil e apetência para a função. Com a cartilha neoliberal na mão e o dinheiro no coração.

Realmente a ocasião faz o ladrão. A fronteira é deveras estreita: de um lado ficam os princípios, no outro engordam interesses, tão sujos e baixos

que não ousam mostrar-se. Escondem-se em tiradas demagógicas e sob a invocação de direitos para encobrir a falta de escrúpulos que os alimenta. Se mo contassem não acreditava; só visto e estando ao corrente da pérfida teia de cumplicidades e promiscuidades é que se percebe a trama que está em cena. Mas é um gato escondido com o rabo de fora, em papel de embrulho de merceiro. E por isso acredito que não virá longe o dia em que a máscara vai cair a alguns indivíduos. A reputação de sabedoria e mestria vai desfazer-se como um castelo de areia e perder-se na torrente de acusações. Não souberam conter a ambição e a gula de notoriedade dentro dos limites da moralidade. Aprenderão mais uma vez e contrafeitos que a ética existe, mesmo que a não sigam, e que é ela – e não as deturpações da biologia e bioquímica – que determina o que é correcto ou incorrecto no agir dos homens.

O *doping* está aí como uma ameaça existencial e ruínosa do presente e futuro do desporto. Até há pouco reinava a ilusão de que era um privilégio do ciclismo, bem visível no *Tour*, no *Giro* ou na *Vuelta*. Ou do halterofilismo, do atletismo, da nataçãõ e das provas de fundo no *ski* alpino. O futebol jurava a pés juntos que não, que o tipo de esforço nele desenvolvido não carecia de semelhante apoio. Mas recentemente ele e o ténis vieram tornar público que ninguém quer ficar de fora. Hoje não é mais segredo, a dopagem está em todo o lado a relegar o genuíno confronto desportivo para segundo plano. A tal ponto que apetece lançar esta provocação: o que é que resta no desporto de alta competiçãõ, para além do *doping*? Ainda estamos no terreno desportivo ou já passámos definitivamente para o domínio da farmacologia escura e do negócio sujo?

Como é sabido, o desporto não é uma actividade puramente natural; não pode ser definido exclusivamente a partir da natureza. Apenas o homem o pratica. Os animais não. Ou seja, o desporto é o que é por influência decisiva da cultura, dos princípios e valores morais, éticos e estéticos que balizam os actos humanos. É verdade que as pessoas medem nele as forças físicas e naturais; mas fazem isto num quadro de regras e padrões culturalmente estabelecidos. E assim o desporto configura uma união de natureza e cultura; o praticante relaciona-se de modo igual com as duas, situa-se numa tensão fundamental entre elas, é as duas coisas ao mesmo tempo. Em suma, a cultura é o berço do segundo nascimento do homem. Por outras palavras o indivíduo torna-se pessoa por meio daquilo que ele faz de si e da sua natureza através da cultura.

O que é que faz de si, da sua natureza e corporalidade o desportista que consome *doping*? Como fica a relação entre a primeira e a segunda naturezas? O que é que ele faz do ideário desportivo? Como ficam a sua identidade, o conceito de homem e as dimensões da pessoa? Que projecto de vida forja o recurso ao *doping*?

Escapa à minha intenção e competência tratar com as devidas profundidade e abrangência todas as implicações de um fenómeno velho, mas que hoje reveste aspectos novos e mais gravosos. Porém algo tem que ser dito, ao jeito de iniciação e sensibilização. (29)

1. Desporto com *doping* pode ser tudo, mas não é desporto algum. Será algo parecido com uma cultura de frangos de aviário, produzidos por hormonas de crescimento e outras. Não é desporto porquanto fere de morte

princípios éticos que lhe são basilares: verdade, concorrência leal e espírito desportivo. E também porque coloca o desporto em rota de colisão com a saúde do atleta.

O desporto solicita já por si um uso do corpo que comporta, não raras vezes, o perigo de ser excessivo e ir além dos limites naturais. Bem sei que o alto rendimento não se inspira na ideia de fomentar a saúde; mas isso não o autoriza a atentar deliberadamente contra ela. De resto a moralidade das sociedades e civilizações vê-se na forma como lidam com a corporalidade. Sociedades escravagistas e repressivas infringem os direitos humanos sempre através de abusos e sevícias corporais. Logo o desporto com doping reveste uma ofensa moral ao corpo e à dignidade dos atingidos.

O uso de *doping* configura uma manipulação e alteração da natureza. Com a intervenção de substâncias químicas torna-se possível alcançar resultados inatingíveis por meios naturais. Deste modo a natureza original é cada vez mais reprimida. O *doping* conduz a uma perda progressiva, a um roubo e destruição da natureza. A matriz natural do corpo é desfeita, o seu sentido próprio e original é quebrado. Os dopados e os seus ajudantes são agentes de uma desnaturalização que prefigura o desrespeito pela vida. O desequilíbrio ecológico também passa por aqui.

Quanto mais as práticas de dopagem avançam mais se renuncia à natureza como grandeza autónoma. Se tudo ameaça tornar-se artificial, a natureza vê-se destituída da sua função normativa; não faz mais sentido tomá-la como referência de orientação.

2. O recurso ao *doping* é envolto na teia do *secretismo*. As substâncias são injectadas na profundidade e escuridão do corpo e aí devem permanecer secretas. De resto o sucesso da dopagem depende da medida em que logra permanecer um mistério para o analista ou caçador. Mas por isso mesmo o corpo dopado é um corpo em risco. Em primeiro lugar porque nunca se pode estar seguro da manutenção do segredo. Em segundo lugar porque, apesar do arsenal farmacêutico, não é possível dispor livremente do corpo como de uma nota ou moeda. As tentativas esforçadas e sigilosas, para com preparados químicos alargar o poder de o manipular, podem a todo o tempo fracassar e conduzir ao seu contrário.

Mais, o corpo é dopado para funcionar como uma máquina. O atleta é visto como um motor turbo a quem é fornecido um material de combustão que deve garantir um funcionamento contínuo e sem atritos. Porém, de quando em vez, o número de rotações do corpo é excedido e sucede o colapso com efeitos imediatos ou tardios. E assim o corpo dopado está sempre no fio da navalha; é máquina perecível. Infelizmente não são poucos os casos que mostram que no *doping* podem estar em jogo a vida e a morte, o sacrifício da vida a uma ilusão de sucesso fugaz no desporto.

3. Isto diz quase tudo sobre a *ideologia de pilhagem* do *doping*. A subjugação do ideal de Homem ao da máquina não carece de mais explanações. Ela é indício suficiente de que o clássico princípio, formulado por Protágoras, sobre a prevalência do Homem em relação às coisas está a ser posto de lado. Ademais os modelos de Homem máquina e de Homem manipulado, que assumem uma função orientadora do *doping*, são modelos

pessimistas de Homem; revelam uma atitude negativa que acentua os fracassos e as fraquezas do homem. Com efeito os dopados transportam o complexo de que as suas forças naturais não são suficientes para poderem concorrer e obter sucesso com os outros. Não têm confiança em si próprios e na sua capacidade; não acreditam em si, têm uma auto-estima muito baixa e um péssimo auto-conceito. Vêem no seu corpo um obstáculo para realizar o sonho de ser campeão; por isso depreciam-no e não aceitam o que ele é. Recorrem à dopagem para compensar e melhorar o que julgam ser *defeito* da sua natureza.

Enfim o recurso ao *doping* rouba o optimismo, o entusiasmo e a crença do atleta nas suas possibilidades e obrigações de superação e aprimoramento; destrói o sentido do trabalho, do esforço, da persistência, da seriedade, da correcção, da lealdade, da consideração, da estima e respeito dos outros, substituindo estes valores pela triste mentalidade da esperteza, da farsa, da batota e da fraude. Isto é, são avaliações negativas e conceitos pessimistas de si próprio que empurram o atleta para o *doping*. Deste modo ele abdica da sua autonomia e liberdade para se entregar à dependência das substâncias dopantes e dos dopadores.

4. A realidade do desporto de elite prova à saciedade que os seus heróis estão cada vez mais enredados numa malha de dependências crescentes: patrocinadores, dirigentes, cientistas, médicos e afins, *doping* e outras coisas. O preço final de rendimentos sobre-humanos é o da desumanização do desporto e do praticante. O dopado é um *dependente*, sujeito às mais diversas manipulações; e o desporto com *doping* assume-se

como forma brutal e descarada de destruição da identidade, maioridade, racionalidade, auto-determinação e emancipação do praticante. Este não passa de uma caricatura e deformação do ideal de Homem que deve presidir a todos os domínios da actividade.

Torna-se, pois, evidente que os efeitos do *doping* não se ficam pela dimensão física e corporal do praticante. Atingem a esfera existencial e total do ser pessoa; ferem o desportista na unidade e integridade da sua vida.

No *plano emocional* é tocada toda a escala de sentimentos. Não viverão os dopados em sobressalto, com medo de serem apanhados, por terem cometido algo proibido? Conseguem abafar completamente o sentimento de culpa? E como lidam com as emoções da alegria e felicidade? Alegram-se realmente com os sucessos eventualmente alcançados? Terão consciência tranquila em caso de vitória ou há sempre uma ponta de escrúpulo a perturbá-la?

Se nos voltarmos para o campo dos *sentimentos morais* podem ser colocadas idênticas questões. Não serão os dopados torturados por juízos morais? Terão um normal ou anormal sentimento de responsabilidade? Poder-se-á esperar que, fora do palco desportivo, sejam amantes da justiça?

A tentativa de resposta encaminha-nos para a deprimente constatação de que a moral vigente no desporto de elite tem o sucesso como primeiro princípio; este ri-se da ética, arredou e despediu os princípios morais. Pelo que aparentemente os atletas dopados não se definem prioritariamente a partir da moral. A ambição de vencer os outros está tão enraizada que as normas de conduta moral ficaram pelo caminho. Enfim, o *doping desmoraliza*, destrói a moral. E para tanto contribuem também, ainda que indirectamente,

as disposições legais, já que não oferecem códigos morais, mas apenas determinadas listas de substâncias proibidas, como que veiculando o convite à procura de produtos não constantes nas mesmas.

A onda de destruição propaga-se ao *plano social*, intimamente ligado ao moral. A moral e a moralidade incluem o respeito pelos outros; logo ao destruí-las o *doping* perturba e acaba com a confiança entre os atletas. Quando o desportista está ciente de que os adversários se dopam, não os consegue encarar de maneira aberta, olhos nos olhos. Instala-se assim um clima de desconfiança e suspeitas, de raivas e crispações. São fomentados nos praticantes traços anti-sociais, expressos num egoísmo radical e na ausência de formas de cooperação.

Passemos à *dimensão estética*. Corpos couraçados, masculinizados e deformados, tal como gestos e actos maculados pela fraude, não podem sediar noções de beleza. O desporto, que é suposto cultivar os sentidos, a sensibilidade, a fantasia, a harmonia, o encanto e a graça, o assombro, o espanto e a admiração, o bem e o belo, ao ser invadido pelo *doping* vê-se desqualificado para servir uma estética da fealdade e do horror. O desporto dos dopados e dopadores recusa o casamento da verdade e da beleza, inscrito no célebre axioma de Platão. Foge do esplendor da luminosidade e acoita-se na escuridão da mentira.

Também a *esfera cognitiva* da pessoa não escapa à perversão do *doping*, já que este atenta contra a razão e o bom senso e contra os alicerces da vontade. Será sensato recorrer a meios de sucesso, sabendo que eles implicam prejuízos para a saúde? Será indício de lucidez pagar com o risco da saúde promessas de sucesso que nem sempre se cumprem? Poder-se-á

dizer que alguém, ao dopar-se, age no pleno uso da razão? Não, o *doping* é manifestamente uma expressão e forma de loucura. (29)

No fundo está em causa a *identidade da pessoa*. Está em causa a capacidade de interpretar a vida, de a entender com os outros a fim de nos entendermos a nós próprios. Ora esta competência parece ser ínfima, quando não totalmente inexistente, no desportista dopado. O respeito por si e pela sua dignidade como pessoa é extremamente débil. A atitude perante o *doping* é uma radiografia da sua atitude perante si próprio, perante os outros, perante a vida.

5. Em suma, no *doping* expressa-se uma concepção indigna, sórdida e putrefacta do Homem, do desporto e da vida. Os vencedores ocasionais num momento passageiro do desporto são perdedores permanentes no projecto duradouro da vida.

O infra-humano e o aquém do Homem habitam, pois, nesta versão depravada do desporto que conta, nos nossos dias, com o apoio mais ou menos exposto ou dissimulado de barões bem escanhoados e enfatuados, com gravata de seda enfiada no colarinho branco de uma camisa engomada a preceito. Alguns dizem-se cientistas e bem que o poderiam ser, se se dessem a respeitar e difundir a missão e as obrigações da ciência. Mas não, o dinheiro e a empáfia pessoal sobrepõem-se a todos os valores.

Sim, a história recente diz-nos que os crimes mais hediondos contra a humanidade tiveram como mentores e executores gente com alta formação teórica e científica, mas com baixo ou nulo estofo moral. Do mesmo modo as maiores ameaças para o desporto não provêm dos dopados, mas dos

dopadores, directos e indirectos, próximos e distantes. Há que os apontar e responsabilizar também e com mão dura e pesada. Se não há lei para tanto, ela deve ser criada. Com a máxima urgência. Porque infelizmente, para obter a observância dos preceitos morais, é preciso avançar com penas duras que tornem desvantajosa a violação das normas estabelecidas. Parece ser este – e não a razão – o único meio persuasivo para suprir a falta do princípio do temor a Deus nas condutas e nas éticas laicas das sociedades secularizadas.

Implicações educativas

Combater o *doping* é manter fidelidade à defesa de princípios e valores imanentes ao desporto e imprescindíveis a uma vida lavrada com verticalidade e aprumo. Ou seja, é a defesa de padrões de conduta e sucesso limpos que nos encoraja a denunciar e verberar atropelos à verdade desportiva. Por ser de campeões iluminados por valores deste jaez que a vida e o desporto precisam. De campeões que não se contentem em vencer uma vez, mas que saibam merecer, pela exemplaridade do seu civismo, a vitória pela vida fora. Que procedam bem não tanto por obrigação, mas sim pelo simples prazer de agir assim e pelo cuidado de não degradar a imagem e a memória que deixam de si.

Estamos contra o *doping* em nome dos valores e para significar que não nos podemos calar perante o agravo à dignidade e grandeza, à inteireza e idoneidade, à elevação e exaltação da condição humana que se escondem por detrás de todos os instigadores e consumidores de substâncias dopantes. Porque entendemos o desporto como um meio de visar mais alto, de elevar os olhos e a alma para a transcendência do azul do céu, para que este se

aproxime de nós e venha tingir da mesma cor as nossas mãos e os nossos gestos. Porque não se pode pactuar com a fraude, com a mentira, com a falsidade, com o descaso, com o abastardamento, com a rasteirice, com a esperteza saloia dos que recorrem ao *doping* para iludir a conformidade a um estatuto de menoridade.

Quando vemos acusados de consumo de *doping* a ser recebidos em clima de desagravo e de heroicização; quando vemos as montagens na televisão, na rádio e nos jornais para dar publicidade às mais despudoradas tentativas de os ilibar e de incriminar os técnicos e métodos que os apanham nas malhas da ilicitude, sentimos que a falta de ética, na sua versão mais perversa e *moderna*, já roeu a coluna vertebral do velho Portugal probo, austero e honrado. Sentimos que a questão do *doping* faz parte da questão mais geral dos valores, que o seu consumo se filia na mentalidade anti-valores que tomou conta do mundo, que a luta contra o *doping* se insere na luta que urge travar denodadamente em defesa dos princípios e valores.

Nós os professores sentimos sobretudo que a educação está a conhecer um falhanço rotundo. O que está em causa não é só a verdade desportiva, é um mundo de verdade em primeiro lugar, porque é do contexto mais geral do grande mundo que todos os pequenos mundos (como é o caso do desporto) e a sua configuração brotam. Ou se está do lado de um mundo que se pauta por valores éticos e estéticos, ou se alinha com um mundo que se forja na batotice, na trifulhice, na fealdade e negrume de emoções e sentimentos. Ou se dribla a mentira ou se dribla a verdade e parece ser a segunda atitude a opção do nosso tempo.

Se não nos importamos com o *doping* no desporto e com a adulteração da verdade desportiva, então é mister que cuidemos de educar os nossos filhos e netos de outra forma e com outra intenção. É imperioso que lhes ensinemos, desde a mais tenra idade, as artimanhas e safadezas que garantem a sobrevivência e o sucesso nesta selva da fraude e da mentira. É obrigatório que os ensinemos e estimulemos a mentir, a copiar, a ludibriar, a roubar, a usurpar aquilo que é dos outros, a não ser sérios, frontais, transparentes e verdadeiros. Requer-se que não lhes ensinemos hábitos e regras de trabalho, que não lhes inculquemos uma consciência moral de respeito e lealdade aos outros, de observância de padrões de comportamento que consagram o triunfo da consciência livre e moral sobre a baixeza animal. Requer-se que não os preparemos para uma vida que apenas existe na mente dos visionários e que tenhamos a capacidade e o estômago de resistir ao vômito que é introduzi-los em práticas que significam o regresso aos primórdios da civilização e afirmam o seu contrário.

Se é este o legado cultural e civilizacional que devemos transmitir aos nossos filhos, então ponhamos cobro à educação e a todas as formas de a realizar. Porque a educação tem uma profunda e essencial implicação ética e axiológica, isto é, ou se pauta por valores ou não é educação alguma, mas antes a sua negação. E o mesmo se aplica ao desporto que é no seu cerne uma entidade voltada para a espiritualização das forças físicas do homem, para o domínio dos instintos, para a edificação de uma condição humana, eminentemente axiológica, por cima de uma natureza animal movida pelos impulsos mais baixos e arcaicos. É um meio de realizar o homem como pessoa moral que pauta a sua vida por uma consciência de valores e que à

luz dela concretiza a liberdade. O desporto pode naturalmente ser instrumentalizado para outras finalidades pertinentes e legítimas, pode gerar diversas externalidades, mas sempre circunscrito a um horizonte de valores, porque fora dele transforma-se em mera exercitação animal, livre da supervisão da *logos* moral.

Em suma, a tomada de posição a favor ou contra o *doping* insere-se neste quadro de opções. Tenho muita pena, mas não se pode ter sol na eira e chuva no nabal. Aceitar o *doping* como um meio de alcançar sucesso no desporto corresponde a engrossar as fileiras da cruzada contra os valores no contexto mais geral da vida. É fazer da rapina uma bandeira e erigir os vigaristas e oportunistas em heróis e tomar como artolas, burros e ingénuos os que persistem em construir a sua vida e imagem com a pedra da decência, da verticalidade e da honradez. É rir-se de nós, mesmo na nossa cara, por ainda não termos desistido de falar nestas coisas. Por continuarmos a pensar, dizer, escrever, proclamar e fundamentar que vale a pena navegar contra a corrente da vergonha e da devassidão. Por persistirmos em balizar os caminhos da vida com sonhos, ideais e utopias. Por nos mantermos fieis à crença de que os caminhos do homem que conduzem à felicidade se desviam do abismo da escuridão e são iluminados por raios de uma luz fortíssima a que chamamos rectidão. Por querermos que os nossos filhos e netos dêem seguimento à tarefa de consagrar o triunfo da verdade.

Sim, os tartufos, os venais, os medíocres, os amorais e (toda a corja de) vendidos ao poder do dinheiro riem-se de nós. Mas nós, embora cansados e desiludidos demais, estamos vivos na convicção de que, na história da humanidade, as horas negras acabam sempre por ficar para trás e

que o mal nunca vence; limita-se a passar rasteiras e a atrasar a esperança na senda que a leva para o futuro. De resto o extraordinário não é o mal, a sua existência e acção, mas sim o facto de o bem, apesar de uma longa história de derrotas, existir, resistir e sobretudo persistir. E ademais, como diz Sua Santidade o Dalai-Lama, “é nos momentos de maior dificuldade que mais ganhamos sabedoria e força interior. Com a abordagem correcta – e de novo constatamos a suprema importância de cultivarmos uma atitude positiva -, a experiência do sofrimento pode abrir-nos os olhos para a realidade”. Ri melhor quem ri por último.

As medalhas no desporto devem ser feitas do ouro esforçado e suado da vida. Devem provir de um arquétipo e modelo de comportamento que nos diga a toda a hora que o desporto se guia pela estrela da verdade refulgente. Só assim é que os atletas se tornam modelos de cidadania e dão lições de vida que perduram para sempre na nossa memória e afeição. Quem ganha sem honra e nobreza não ganha, perde-se.

9. Do sistema desportivo português

“Das coisas que mais me perturbam é não saber para onde vou, qual o sentido do meu tempo, qual o seu significado para o futuro...”
Vergílio Ferreira

Introdução

Por força da deformação ou, para o caso tanto faz, da exigência profissional, inicio esta reflexão com a formulação de uma *tese*, que é a seguinte: o prazo de validade de alguns protagonistas e factores que configuram o estado actual do desporto português está ultrapassado. Claro que podia abranger outros espaços, mas fico-me pelo português, já que com o mal dos outros podemos nós bem.

Isto não invalida o reconhecimento do desenvolvimento operado no sistema desportivo português nos últimos 10-12 anos: um suporte legislativo apreciável, evolução do desporto profissional através da criação de ligas, acréscimo de representação nos organismos internacionais, acolhimento de eventos relevantes à escala europeia e mundial, afirmação das instituições de formação e investigação, melhoria da imagem e do conceito externos. Portanto aquela tese pretende alertar para a necessidade de transformações, reformas e mudanças destinadas a animar a marcha do progresso tanto no aspecto quantitativo como, sobretudo, no qualitativo.

Como se sabe os organismos, sejam eles predominantemente biológicos ou sociais, são portadores de um determinado prazo de validade.

Quando esse prazo se esgota torna-se mais fácil substituí-los por outros do que tentar reformá-los, já que não aguentam e até se opõem a qualquer tentativa de reforma, por mais insignificante que seja. Ora eu creio que é isso precisamente o que se passa com diversos factores pessoais, legais e estruturais do nosso sistema desportivo. Acresce que as mudanças autênticas dependem mais de vontades intrínsecas do que de pressões extrínsecas. E as primeiras dão muitas vezes indícios de estarem longe de se manifestar a favor das reformas, de as imaginar, desejar e impulsionar.

Não adianta, pois, continuar a atirar para cima do Estado ou governo a maior parte ou até o exclusivo das culpas pelo actual estado de coisas. Por um lado, não está mais nas atribuições dos poderes públicos o poder de intervenção intensiva e extensiva no decurso social; pelo contrário, estreitam-se cada vez mais as margens da sua intervenção. Por outro lado, são as próprias instituições e os seus responsáveis que se insurgem contra a intromissão estatal e só recorrem aos governos quando se vêem subjugadas pelo volume de problemas que criam.

Isto não quer dizer que os organismos e nós mesmos estejamos, desde o nascimento, absolutamente programados, não nos cabendo portanto qualquer culpa pela não evolução. Se assim fosse, qualquer problema nos faria sucumbir. Nós podemos e devemos almejar a nossa melhoria e a daquilo em que tocamos.

Enfim, o estado da arte do nosso desporto pode ser caracterizado pelo esgotamento do prazo de validade de algumas das soluções, mentalidades, ideias, estruturas e figuras que nele actuam. Melhor dizendo, se nalgumas das suas faixas há aberturas manifestamente animadoras, continuamos

noutras a observar uma larga fatia de resistência à mudança, de crença ingénua na capacidade de resolver os novos problemas com atitudes antigas, relhas e velhas.

Vou, em seguida, tentar esboçar os traços dos sintomas do mal-estar, não com a pretensão de lhe prescrever a cura, nem tampouco com o intuito de apontar e isolar pretensos culpados. Viso sim suscitar uma inquietação, porventura com algum exagero caricatural ditado pela convicção de que urge chocar a insensibilidade à imagem que damos de nós próprios. Porque, no fundo, o sistema desportivo português contém os mesmos vícios e virtudes que perfazem as nossas outras coisas. Nalguns aspectos talvez até menos. É produto das mesmas circunstâncias e revê-se no mesmo espelho do nosso contentamento ou descontentamento. Também por isso deve ser objecto do nosso constante esforço de melhoria, transformação e desenvolvimento. Tendo em atenção a exortação de Popper: “Devemos colaborar na construção do futuro. Talvez não muito, mas mesmo assim alguma coisa (...) Parece-me particularmente importante afirmar que não devemos ser pessimistas. Não faz sentido dizer: tudo é mau. A verdadeira questão é esta: que podemos nós fazer para que as coisas se tornem um pouquinho melhores? Talvez possamos fazer muito pouco. Mas aquilo que pudermos fazer devemos fazê-lo.”

É precisamente isto que move os reparos que se seguem. Ademais seria inaceitável que as coisas fossem más, não porque seja difícil fazê-las bem, mas só porque não pensamos nelas.

Entendimento do papel do desporto

O entendimento do papel do desporto na vida e na sociedade só não se encontra ultrapassado, se admitirmos que ele está sempre em construção ou que nunca foi devidamente elaborado e que, por via disso, é e será sempre deficiente. Na hora que passa ele é manifestamente deficiente ao nível da opinião pública, dos poderes políticos, da consciência geral e individual dos cidadãos, nos meios intelectuais e culturais, mesmo naqueles - pasmem-se! - que lhe são mais próximos. O que se reflecte nos orçamentos públicos, na ordem de prioridades e na escala de atribuição de importância e relevância. O desporto continua à espera de ser devidamente valorizado como parte do conjunto de técnicas e instrumentos que retiram o homem das cavernas da sub-humanidade e lhe possibilitam buscar o belo, a felicidade, a ética e a estética, isto é, tornar a vida um projecto de beleza, dignidade e qualidade. Mais, não se investe convictamente na formação desportiva das pessoas como elemento de qualificação da vida, porque tudo está subordinado à ideia do trabalho e só para servir este é que, no essencial, se justifica a educação. Começemos por este ponto.

1. *A educação* que recebemos coloca a ênfase na preparação para a vida. Porém a palavra vida é, em regra, empregue como sinónimo de trabalho, ou seja, a educação não privilegia ainda o fito de nos proporcionar a abertura suficiente para o sentido das coisas e para a valia do tempo livre. Por força dos princípios e interesses de uma sociedade que, por vários séculos, se alicerçou no trabalho, todas as outras dimensões da vida foram relegadas para plano secundário e inferior. O trabalho é visto em todas as

religiões como um castigo ao qual não se deve escapar e nos códigos jurídicos é afirmado como uma obrigação a que o homem não se pode eximir. Por sua vez o ócio viu apostado sobre si o ferrete de algo indigno e mesmo pecaminoso e ainda não se libertou desse estigma. O ocioso é tido como propenso ao vício e até como ladrão. E algo semelhante se passa com o desporto. Eis um estereótipo de pensamento e julgamento que persiste em se conservar vivo e determinante na nossa estrutura ideológica!

O medo do prazer continua inculcado em nós como um dos mais velhos temores sociais do homem. “Ao longo dos séculos – lembra Savater – as sociedades tentaram sempre evitar que os seus membros se comprazessem em satisfazer o corpo a toda a hora e momento, esquecendo-se do trabalho, da previsão do futuro e da defesa do grupo..” Mesmo sendo verdade “que uma pessoa nunca se sente tão contente nem tão de acordo com a vida como quando tem prazer...”, os puritanos continuam a caluniar o seu uso e a desdenhar do teor cultural e moral das actividades que o proporcionam. E no entanto há já algumas décadas que adentrámos numa sociedade (dita pós-moderna ou pós-industrial) que se configura pouco a pouco sob o primado do tempo vago e livre! Talvez por isso seja ainda mais pertinente o conselho de Montaigne: “Temos que nos agarrar com unhas e dentes ao uso dos prazeres da vida, que os anos nos vão arrancando das mãos uns atrás dos outros”. (41)

Na Atenas de Péricles (499-429 a. C.) – que, com a devida contextualização, pode ser tomada como paradigma de cidade pós-moderna - os homens livres, isto é, os cidadãos *ociavam*. Era no ócio criativo que produziam as ideias e atingiam o equilíbrio e a beleza, a harmonia corporal e

espiritual. Os gregos cuidavam em igual medida do corpo e da mente; às competições desportivas correspondiam competições na poesia, no teatro e na retórica. Platão (429-347 a. C.), no seu tratado sobre a Política, fazia o seguinte alerta: “A guerra deve ser em vista da paz, a actividade em vista do ócio, as coisas necessárias em vista das coisas belas. É verdade que é preciso desempenhar uma actividade e combater, mas muito mais importante é estar em paz e em ócio, assim como fazer as coisas necessárias e úteis, mas mais importantes são as coisas belas”. (16)

Porém nós fomos educados para trabalhar, para consumir a vida nas fábricas, na rotina dos escritórios e serviços e no carreirismo das empresas e instituições afins. Mas não fomos educados para valorizar o tempo livre. A maioria das pessoas não sabe como se distrair nem sequer como descansar. A profissão apodera-se inteiramente de nós, escraviza-nos e aliena-nos, sem que disso nos demos conta. Não nos deixa espaço para os afectos, para a convivialidade, para os amigos, para a família, para as coisas simples e belas da vida. Há executivos que nunca caminharam pelas ruas do centro da cidade a meio da manhã, para tomar uma xícara de café com leite, um *garoto*, um *pingo*, um *cimbalino* ou uma *bica*, que nunca foram a uma sessão de cinema a meio da tarde, que vivem o mundo exterior apenas na dimensão dos Domingos. Passam dentro da empresa dez horas e mais por dia, e ela condiciona também as suas noites, solta-os para os entregar às amarras do sofá e da televisão. Aplica-se a eles que nem uma luva o que Sartre disse a propósito da operária da cadeia de montagem: “Até de noite, quando faz amor, não é ela quem ama, mas a máquina que vive nela.”

Neste quadro podemos rever-nos muitos de nós, para não dizer quase todos. Sem darmos por isso afastamo-nos cada vez mais da vida e reduz-se de modo dramático o universo dos significados e sentidos da nossa existência.

Ora importa rever esta maneira tão curta de conceber a vida. Porque o paraíso existe e está mesmo à frente do nosso nariz, nesta nossa terra. E o inferno também existe e consiste precisamente em não nos darmos conta de que podemos viver no paraíso. O que nos obriga à redescoberta de nós mesmos, dos outros, da intimidade e do significado múltiplo das coisas. E a resgatar o mundo injusto que ainda nos cerca.

Uma visão humanista do papel do desporto na educação, na cidadania e na vida também passa por aqui. Até porque ao esforço de educar os jovens para o trabalho deve corresponder igual medida de preocupação de os educar para o ócio. Não apenas porque o tempo livre é uma fonte de problemas, mas também e sobretudo porque o ócio é necessário à produção de ideias e é nestas que assentam o desenvolvimento e a renovação da sociedade.

2. Voltemo-nos agora para as *carências do discurso político* sobre o desporto. É sabido que se vive, nas últimas décadas, uma crise da ideologia e da axiologia. Talvez seja mais exacto dizer que se nota uma dificuldade ou retracção em afirmar ideais e valores humanistas e culturais. É como se os tivéssemos expulso do elenco das razões que comandam a vida e nos tivéssemos deitado nos braços do determinismo e do unanimismo. E assim não é fácil estabelecer e encontrar nos programas políticos as diferenças que

separam as opções dos diversos partidos. Tudo sugere que a bandeira do discurso político sobre o desporto, como sobre as outras coisas, se encontra arriada. O enfoque é o mesmo da parte de todos os quadrantes, como se tratasse de um mero problema técnico; só os intervenientes é que mudam, sendo mais aquilo que os assemelha do que aquilo que os distingue. Ou seja, a diversidade de posicionamentos ideológicos e políticos ausentou-se, debandou para parte incerta; e foi substituída pela unanimidade que, por natureza, sempre foi, é e será burra.

É precisamente com este quadro de circunstâncias que se confronta a necessidade de traçar as linhas de orientação da política desportiva de um país, de uma região, de uma cidade. É certo que o desporto tem um carácter de omnipresença, pelo que toca em muitas vertentes da sociedade, como sejam a educação, saúde, prevenção, estilos de vida, urbanismo, turismo, internacionalização, ecologia, cultura etc. Mais ainda, o desporto congrega valores de ordem biológica, psicológica, social, cultural e filosófico-religiosa, podendo ser mobilizado para muitas frentes. Porém isto tanto pode ser dito por um político da direita como por um do centro ou da esquerda.

Quais são então os referenciais que balizam uma proposta para o desporto, fortemente enraizada na matriz dos valores e ideais de pendor humanista e social? Quais são as referências orientadoras do papel do desporto numa cidade que se queira projectar para o futuro? Que importância se deve dar ao desporto numa cidade nova, isto é, propensa a continuar a concretizar a ideia da *pólis*, onde as pessoas, a sua identidade, vida e felicidade contam acima de tudo?

Respondo a estas questões formulando a tese de que a ideia essencial da vida na sociedade pós-moderna ou pós-industrial se liga à utopia de a conceber como um projecto de cultura e arte, de ética e estética, de criação e ócio. E acrescento que o desporto, em toda a pluralidade de formas que reveste e de finalidades que serve, é parte grande desse projecto. É à volta da elaboração desta ideia que um discurso político, de teor humanista e capaz de enfrentar a naftalina do conservadorismo retrógrado, se deve prender.

3. Para terminar este ponto deixo aqui uma última nota. A diluição das fronteiras político-ideológicas repercute-se também na circunstância de não termos hoje um modelo de financiamento do desporto suficientemente elaborado. O modelo tradicional está esgotado, deixou de funcionar e não encontrou ainda uma substituição à altura. Tenha-se em atenção que ele era essencialmente o mesmo, quer no regime dito socialista, quer no mundo capitalista. De uma ou outra forma o Estado era o suporte principal, acrescentando-lhe o apoio do mundo empresarial, também presente no universo socialista, pese embora o facto de neste as empresas serem estatizadas.

Deve reconhecer-se, em primeiro lugar, que o Estado não pode assumir todas as responsabilidades que lhe são atribuídas nalgumas proclamações fora de moda. Porém deve igualmente ter-se presente que o enfraquecimento do papel do Estado é, não poucas vezes, acompanhado da tentativa de destruir o desporto naquilo que ele tem de bem público, de fenómeno portador de valores sociais. Em segundo lugar, as soluções que vêm sendo ensaiadas ainda estão longe de dar uma resposta satisfatória. Em

terceiro lugar, há que avançar em termos de isenções ou incentivos fiscais e ser mais generoso no capítulo do mecenato, definindo bem os casos e os parâmetros da sua aplicação. Em quarto lugar, deve também ser dito que as despesas dos cidadãos com o desporto estão distantes do interesse e da paixão que lhe devotam. Em suma, eis uma área que tem ainda pela frente um longo caminho de reflexão e acção.

Da reacção à formação e ao conhecimento

No passado o poder assentou sobretudo na força e no dinheiro. A estes factores juntou-se, nas últimas décadas, o saber. Quanto mais evoluímos no domínio das inovações tecnológicas e científicas, é a voz insuspeita de Alvin Tofler que o diz, maior é a presença do pilar do saber e do conhecimento. E assim os poderes de “baixa qualidade”, baseados na força e no dinheiro, cedem pouco a pouco o lugar a poderes de “alta qualidade”, fundados no conhecimento e no saber. (44)

O desenvolvimento da sociedade está, pois, ligado à implementação de estratégias estabelecidas com base no saber. Dito de outro modo, investir no futuro pressupõe investir no capítulo da inteligência, da valorização da educação, da formação e do conhecimento. Só deixando de lado a ignorância é possível promover a qualidade e a excelência, a inovação e a qualidade.

Melhorar uma qualquer actividade somente é possível através da melhoria das competências dos recursos humanos que nela actuam, de cima a baixo, na vasta cadeia que vai do cume da organização até ao terreno da prática. A excelência de uma organização é a excelência dos seus membros.

E, como muito bem sabemos, a qualidade do desempenho de um indivíduo tem a ver com as exigências que o seu nível de formação lhe coloca.

Ora só por cegueira, resultante da doença mais grave que é a do corporativismo, se pode negar que o movimento desportivo português não sobressai, no seu todo e numa grande parte, por um nível elevado de formação dos seus dirigentes, dos seus quadros e dos praticantes. Mais, reina nele um clima de alguma hostilidade em relação à formação e ao conhecimento, sejam de ordem geral ou de ordem específica. Há iliteracia e auto-suficiência a mais e ambição e consciência da necessidade de conhecimento a menos. Somos um país onde se premeia a superficialidade e a futilidade, onde se condena à desconsideração e ostracismo todo aquele que se aventura na profundidade – no desporto e nos outros sectores, nomeadamente na política e governação. E quem denuncie este deprimente estado de coisas é tido na conta de inimigo.

Vem a propósito proceder a uma citação de Richard Bach e do seu livro *Fernão Capelo Gaivota*: “A maior parte das gaivotas não se quer incomodar a aprender mais que os rudimentos de voo, como ir da costa à comida e voltar. Para a maior parte das gaivotas, o que importa não é saber voar, mas comer. Para esta gaivota, no entanto, o importante não era comer, mas voar. (...) Mais que tudo, Fernão Capelo Gaivota adorava voar. (...) Vê mais longe a gaivota que voa mais alto.” (6)

Faltam ao nosso sistema desportivo muitas gaivotas que voem mais alto para verem mais longe. Voa-se muito rasteiro. E isto não obstante haver em Portugal formação e produção científicas de nível respeitável e superior, isto é, capazes de suprir as lacunas existentes nos terrenos da organização,

da gestão e da orientação da prática desportiva. Porém uma parte significativa do nosso desporto não quer nada com isso.

É provável que a situação mudasse mais rapidamente se os profissionais da comunicação social, ligados ao desporto, fossem ciosos na defesa de níveis de formação à altura das exigências do tempo. Mas, como se sabe, não é esse o caso geral. Assim há como que um pacto de silêncio, um clima de conivência marcado por troca de galhardetes à maneira de jogos florais. Por vezes até parece haver uma espécie de branqueamento da situação e de defesa de interesses corporativos, traduzindo-se em campanhas de desmerecimento de quem, provido de habilitação e competência, se abeira e chega mesmo a entrar no terreno das corporações desportivas. Seja como for, a situação não é objecto de denúncia sistemática e segue em frente, de bandeiras desfraldadas ao vento. Um dia, no futuro, os nossos netos hão-de rir-se de nós.

Em tempos caricaturei a situação vigente no nosso futebol profissional, recorrendo a uma rábula a respeito de uma tão estranha quão balada competência dos treinadores assente no *cheiro do balneário*. Não resisto em transcrever aqui esse texto que intitulei “Histórias da nova indústria”:

“Era uma vez um príncipe, amante das artes e das letras, que se lembrou de formar uma grande orquestra. Tinha consciência de que a música era um meio de cultivar a sensibilidade e de cativar as simpatias do seu povo e de que uma orquestra bem afinada era a coisa que este mais desejava. Além disso uma filarmónica de qualidade trazia fama ao seu nome e prestígio à sua cidade. Não esquecendo, claro está, que podia ser uma fonte de proventos para aumentar as jóias da coroa.

Se assim o pensou, melhor o executou. O suserano não quis saber dos servidores mais próximos; fez recair sobre si o cumprimento da tarefa. Mandou vir junto dele especialistas na matéria que lhe forneceram uma lista de nomes a contratar para a orquestra, com certificado de garantia absoluta. Posto isto ordenou-lhes que fossem pelo Mundo e lhe trouxessem, custasse o que custasse, músicos de comprovada competência para todos os instrumentos. E foi assim que juntou o que de melhor havia para tocar violinos, saxofones, guitarras, flautas, clarinetes, arpas, pianos, órgãos, oboés, pratos, bombos e sei lá eu quanta parafernália mais.

Já todo este conjunto de astros e solistas estava reunido quando o mecenas se deu conta de que faltava um maestro para reger a banda. Chamou à sua presença os conselheiros do principado e estes disseram que, por uma questão de coerência e para tirar partido e estar à altura do elevado nível da plêiade de virtuosos contratados, era mister arranjar um maestro que congregasse uma autoridade fundada no saber e na competência. O príncipe mandou-os retirar, sem revelar a sua decisão. É que para ele não interessava tanto um maestro que soubesse de música; disso já percebiam e muito os instrumentistas. Para ele era mais importante contratar alguém que fosse capaz de controlar com mão de ferro os artistas; de não lhes tolerar quaisquer devaneios mormente no relacionamento com as cortesãs. Por isso a escolha do maestro pautava-se por critérios de outra índole; tinha que ser alguém de absoluta confiança e de inabalável fidelidade. Ora ele conhecia um rapaz que correspondia inteiramente a esse perfil; era próximo da corte e, ainda por cima, tocava muito bem um instrumento muito popular e usual: campainhas de portas. Foi ele o eleito.

Era outra vez um governante que se dizia muito preocupado com o estado de saúde do país. Achava que os quadros formados pelas Faculdades de Medicina e doutras áreas afins podiam saber muito e ter enorme reputação e valia, mas a natureza do seu conhecimento não se coadunava com a génese das doenças com que deviam lidar. No fundo não os queria porque sabiam de mais e porque temia que pusessem em causa os seus métodos e questionassem as suas finalidades. Interessavam-lhe técnicos que não debelassem a doença, mas antes a deixassem alastrar, para poder dizer sempre ao povo que tinha consciência aguda da situação e que se preocupava com ela. E por isso tomou uma decisão radical: para doravante revolucionar o combate à doença os técnicos passavam a ser recrutados entre os doentes, por estarem mais afeitos às maleitas. De uma penada enterravam-se hábitos velhos e construía-se uma coisa nova, ajustada às necessidades e ao espírito do tempo.

Era por fim um empresário que quis montar uma fábrica vocacionada para a indústria de ponta, uma instalação moderna, novíssima e inovadora, voltada para a vanguarda. Para isso tratou de congregar a elite do pessoal necessário. Da Índia vieram técnicos de computadores; do Japão os melhores peritos do audio-visual; da Finlândia os mais famosos criadores de telemóveis; da Rússia sábios em inteligência artificial; da Alemanha especialistas na construção de motores etc., etc.

Estava já toda esta excelência reunida e faltava ainda designar o director da empresa. Após longas e duras reflexões a escolha recaiu num cidadão português. Qual era a especialidade e o grande mérito dele? Não se lhe conhecia nada de notório no campo da engenharia de produção. Tinha

porém uma faceta muito valorizada neste contexto de gente proveniente de origens tão esquisitas e causadora de preocupações no capítulo da sujidade e higiene: o nosso homem era um emérito especialista em limpeza de balneários! Ninguém mais possuía tamanha competência. Ao pé dele as mulheres da limpeza – sem ofensa para elas e para a sua profissão! – não valiam nada. Por mais lixívia e materiais branqueadores que utilizassem ficavam a anos luz de distância do esplendor de alvura e branquidão que ele conseguia.

Era assim que se procedia na idade da pedra lascada. Mas isso, felizmente e como todos sabem, pertence ao passado. Hoje a *nova indústria* configura-se à luz dos mais exigentes padrões da sociedade do conhecimento e inovação, para corresponder aos severos ditames da comercialização e globalização. É um espectáculo e vê-se florir à distância!”

Deixemos a ludicidade. Com o conhecimento prende-se também a questão dos limites éticos para qualquer acção. A prática do desporto não é de natureza teórica, mas só se justifica à luz de critérios extrínsecos e daquela ordem. E tem que ser limpa! Ou será que não é sentida a necessidade de termos um desporto com cara menos bisonha e mais lavada e escarolada? Será isto apenas um delírio intelectual, não partilhado pelos que dirigem, organizam, fazem e consomem o desporto? Poderá o cavalo da prática andar à rédea solta, sem qualquer freio e sem ter ninguém que lhe trave o passo e assinale caminhos novos e superiores? Vale tudo, inclusive caminhar para o precipício?

Enfim, também neste ponto é preciso apelar à complementaridade e tolerância entre os dois modos de acção: que a teoria se comprometa com o aprimoramento e qualificação da prática e que esta se referencie ao horizonte daquela! Sem a consideração do conhecimento poderá haver crescimento, mas nunca desenvolvimento e dignificação da prática desportiva. Ademais, adverte Miguel Torga, “como o homem seria desgraçado se não tivesse o dom maravilhoso de imaginar, de fantasiar, de sonhar!” Ora o saber e o sonho vivem em comunhão de bens.

Do desporto profissional

O desporto profissional ainda não é o que precisa de ser, quer no plano da compreensão da sua valia, quer no da sua configuração enquanto tal. Subsistem nele muitos equívocos, atrasos, insuficiências e fugas às obrigações e responsabilidades. Há uma insuficiente assunção do seu estatuto. Vamos tocar nalgumas teclas.

É na versão profissional que o desporto atinge a mais alta expressão ética e estética e a maior valia social e cultural. A aliança com o mundo da economia e das empresas não lhe retira paixão nem altera sentimentos e valores. Ao colocar desafios de qualidade convoca a autenticidade do jogo e a exemplaridade dos atletas e exige que todos os protagonistas estejam à altura das suas responsabilidades e obrigações.

Para tanto este modelo de desporto tem que se dotar de critérios, de regras, de mecanismos e processos de prestação de contas em tudo semelhantes aos da gestão empresarial. Tem que, de uma vez por todas, plantar-se neste terreno a sério e não ao faz de conta. De resto o trabalho de

formação, treino e direcção de uma equipa situa-se no campo dos recursos humanos. E assim as tarefas de um treinador e do gestor de uma empresa coincidem em muitas áreas, porquanto a ambos, diz Jorge Araújo, “está acometida a missão de melhorar as competências das suas equipas de trabalho de forma a atingir os objectivos desportivos e comerciais dos clubes e empresas”. (4)

Jorge Araújo evidencia o carácter de proximidade das duas entidades e reflecte brilhantemente sobre muitos aspectos dessa prática comum. Deste modo aperta o cerco, por todos os lados, a uma cultura da mediocridade e da falta de ambição. E ao laborar no âmbito das habilidades e saberes, que devem dar forma e conteúdo ao desempenho do treinador/gestor, põe a nu quão longa é a estrada a percorrer por tantos e tão mediatizados actores. No fundo aplica ao campo do desporto o célebre dito de Abel Salazar: “Quem só sabe de medicina, nem de medicina sabe”. Realmente quem só sabe de futebol ou de outra modalidade qualquer, nem disso sabe. O saber que estreita e encurrala os horizontes do pensamento e o sentido da acção não é saber; é anti-saber, afronta e nega o conhecimento. Não há especificidades locais e sectoriais sem um pensamento geral e global; por outras palavras, o universal é o local sem paredes. Ademais, as mentes são como os pára-quadras: só funcionam quando estão abertas. O desconhecimento fecha-as por completo.

Ao casar-se com a comercialização e ao configurar-se como domínio empresarial o desporto profissional não pode furtar-se a um atinente juízo sobre vícios a abandonar e hábitos a adquirir, de modo a não ter associado a si o juízo ou preconceito de que é um negócio fácil, onde vale tudo e onde a

transparência e clareza de processos não são bem-vindas. Tem que separar as águas e dotar-se de medidas concordantes com a ética e deontologia de uma profissão e com as exigências de seriedade e credibilidade que o mercado comporta em todas as suas vertentes. Tem que assumir os seus deveres perante a lei, perante os atletas, perante a opinião pública e o país. Ou seja, carece de um ar mais civilizado, cívico e moderno, de se aproximar dos valores empresariais que exigem atitudes mais racionais, mais rigorosas, mais responsáveis e respeitáveis.

A título de exemplo, pode lá ser que o conselho de administração de uma SAD apresente um relatório de contas e de actividades profundamente negativo e continue em funções?! Que género de empresa é esta e que tipo de accionistas são os seus?! Que gestores são esses que não reconhecem o erro e não assumem a responsabilidade por ele e, pelo contrário, tudo fazem para o encobrir e desviar as atenções para o terreiro do vizinho?! Como se sabe, a atitude de assunção dos erros é condição indispensável para os superar e para chegar a níveis superiores de desempenho de qualquer actividade. Na vida a consciência do erro que cometemos hoje é que nos defende de o repetir amanhã.

Não basta ter uma formação de jurista ou economista, por exemplo, para estar apto a exercer funções no desporto. O saber, para ser válido e profícuo, carece de ser contextualizado. Como se pode ser gestor, sabendo tão pouco do negócio que é suposto gerir?! Se os administradores soubessem algo de treino desportivo, se dominassem os fundamentos gerais da modalidade em causa e se conhecessem as exigências da competição, por certo não se veria tanto desvario na contratação de treinadores sem

competência para a função. E na aquisição dos atletas não pesaria apenas a valia técnica, mas sobretudo o seu comportamento cívico e espírito de ambição e conquista, a sua predisposição para uma conduta exemplar. Mais ainda, seria bem sopesada a capacidade dos atletas para assumirem um entendimento cabal das suas obrigações profissionais e para daí extraírem ilações para a preparação desportiva e para o estilo de vida.

Que competência e idoneidade têm directores ou administradores sempre apostados em destruir o fundo ético do negócio com insinuações gratuitas, com ofensas cruzadas e primárias, com atitudes falhas de decoro e honorabilidade?!

Fica claro que é inadiável ter à frente do desporto profissional quem o olhe à luz de princípios e exigências, como em qualquer outra actividade comercial e empresarial, de forma a retirá-lo da penumbra do descrédito e marginalidade e a poder recuperar o papel de modelo inspirador que já teve para o desporto em geral. E também é imperioso sanear as situações de falso amadorismo e de profissionalismo encapotado, que abundam entre nós.

Para a promoção do desporto profissional são também necessárias medidas inovadoras no capítulo da comunicação e do relacionamento com os associados, os patrocinadores e os organismos de tutela, com os *media* e as estruturas locais e com todos os parceiros e competidores. Assim como é igualmente urgente a configuração do clube ou SAD como instituição realmente pedagógica, com uma missão e cultura de organização amplamente partilhadas pelos seus membros.

A afirmação do rigor e de bitolas empresariais ajudará a perceber o que é um treinador e as dimensões da sua função. E que as suas

competências não são naturais nem surgiram por geração espontânea, mas são o fruto de exigente aprendizagem e de aturada exercitação. Será recusada a tentação de o ver como um capataz que, de chicote na língua e na mão, impõe disciplina a pretensos malandros relapsos na fuga ao trabalho e aos deveres contratuais. Porque esse tipo de treinador gera problemas e não resolve nenhum.

É também curial dispensar desaforos de linguagem que traduzem irrecuperáveis danos no estado do coração e da alma, da sanidade mental e da idoneidade moral. Não é tolerável um clima de palavras grosseiras e truculentas, de insultos gratuitos, de ofensas cruzadas e primárias, de primarismo, ordinarice e obscenidade, de falta de ética, decoro e honorabilidade. E igualmente é desejável que acabe a demência e deixemos de escutar, aqui e ali, relatos mais ou menos verídicos ou imaginados sobre o recurso a bruxos e afins em momentos de aperto e aflição.

Ao cabo e ao resto seria bom que de todos os lados convergissem testemunhos a corroborar o alcance deste depoimento do Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio: “A verdade é que a Alta Competição produz um orgulho nacional, é um difusor da prática desportiva e, nos seus exactos limites, e sem particulares exageros, uma forma de nos sentirmos profundamente felizes quando as vitórias ocorrem. Mas também devemos sentir-nos felizes mesmo quando elas não ocorrem, porque a simples ideia do que representa de esforço, de determinação, de paciência, de luta contra as adversidades, que um atleta de Alta Competição precisa de percorrer, também merece, em todos os momentos, a nossa avaliação criteriosa e não demagógica”.

Da ética profissional do treinador

A ética profissional é o elemento nuclear de qualquer profissão. Todos sabemos isso em relação aos médicos, juristas, professores etc. Igualmente não são dispensadas da observância de prescrições éticas as profissões com um estatuto sócio-cultural menos elevado. E a profissão de treinador? Porque será que não dispõe de um código ético? Talvez por se tratar de uma ocupação relativamente jovem que ainda não possui todos os contornos de uma verdadeira profissão. Dir-se-á que ela é antiga, porquanto temos notícias da existência de treinadores nos jogos olímpicos da antiguidade ou nos locais de preparação dos gladiadores e lutadores romanos. No entanto eram formas laborais que não lograram atravessar os tempos e portanto não adquiriram o estatuto de uma profissão. Em suma, comparado com o ensino, o treino como actividade sistemática e exclusiva é realmente jovem; surgiu apenas na segunda metade do século XX, por força do enorme significado político, cultural e social atribuído ao sucesso desportivo. É, pois, recente a profissão de treinador (tal como a de jogador), pelo que não está ainda devidamente consolidada em todos os seus aspectos. E um deles é precisamente o da ética profissional, apesar de a ética e a estética serem assunto antigo no desporto em geral e parte central do ideal de atleta em particular.

Nesta conformidade a profissão de treinador para se consolidar e atingir respeitabilidade carece de reflexões em torno da respectiva ética profissional. Sem esta a profissão continua trôpega e manca e no entanto há treinadores que fogem das reflexões de cariz ético como o Diabo da Cruz, o que constitui um enorme e grave equívoco.

A ética profissional terá que começar pela elaboração de um modelo da profissão que fixe as metas, tarefas, competências, conhecimentos e métodos para a realizar. É o mesmo que se passa com as outras profissões - por exemplo, com a de professor - que reformulam constantemente o seu modelo de referência em função da dinâmica social.

Se olharmos para a actividade do treinador constatamos que ela implica uma grande variedade de tarefas, a saber: preparar e avaliar as competições, planear, realizar e analisar o processo de treino, orientar e coordenar uma equipa de especialistas em vários assuntos, lidar com os atletas e com os seus problemas (o que coloca subidas exigências do foro psicológico e pedagógico), prestar contas à instituição, cuidar da sua imagem, relacionar-se com os jornalistas e com o público, dar entrevistas etc. Ou seja, treinar envolve muito mais tarefas do que as adstritas ao sentido estreito da palavra e algumas delas parecem ser até paralelas ao treino, mas são necessárias e imprescindíveis à realização qualificada desse processo. Tudo isto pressupõe a indeclinável obrigação do treinador possuir uma larga panóplia de competências, em nada aliviadas pelo facto de no treino surgir cada vez mais a intervenção de especialistas. Mais, num tempo de afirmação crescente da pretensão da sociedade a ser científica e cultural, não existe profissão credível sem um bem fundado corpo de conhecimentos.

Bem sei que há quem recorra ao estafado argumento da experiência como base para o desempenho da função de treinador. Mas...o que é a experiência? É o conjunto de aprendizagens e reconhecimentos adquiridos através da reflexão e análise críticas das situações e vivências que ocorrem na nossa vida. Ora o rigor, a abrangência e a profundidade da reflexão e

análise são condicionados pelos saberes, ideias e conceitos que possuímos. São eles que nos permitem visionar, questionar e entender aquilo que se passa connosco e à nossa volta; colocar-lhe perguntas e obter respostas. Ou seja, a experiência é muita, bastante ou insuficiente em função da quantidade e qualidade dos nossos conhecimentos. Cada um de nós vê e percebe a realidade com os instrumentos da sua formação. Por conseguinte o habitual recurso à experiência e ao “cheiro do balneário” como alternativa e dispensa de uma sólida formação superior é uma grotesca falácia.

As tendências atrás expressas tendem a intensificar-se no futuro. Logo o treinador não as pode contornar, sob pena de não ser um exemplo perfeito de profissionalismo. Se o edifício da ética começa a construir-se pelo modelo de treinador ajustado à essência e à mestria das tarefas do treino, não será um atentado à ética profissional entregar a actividade de treino a indivíduos sem competências para a realizar cabalmente? Porque será que no desporto português há tanta incultura e ignorância e tanto desamor e raiva à formação e ao saber? Porque é que o tema da ética é sempre acolhido à bala por alguns treinadores e corporações, em regra do futebol, acompanhados por outros figurantes e pinóquios que formam a quadratura do circo dos espertos, oportunistas e imorais? No fundo porque em Portugal a incultura, a esperteza e a demagogia estão na mó de cima; só elas garantem cargos. Os populistas e os oportunistas sentem-se nas suas sete quintas.

Mas...onde ancorar a ética do treinador? A tentativa de resposta encaminha-nos para a procura de bases para o estabelecimento da ética profissional. Começemos por dizer que é a ética que dá sentido e forma à

profissionalização do exercício de qualquer actividade. E que as éticas profissionais ostentam a marca de éticas aplicadas, isto é, incorporam princípios éticos gerais, tendo com eles relações de co-existência e sintonia.

Observando bem o que se passa na prática diária do treino em qualquer disciplina desportiva (por exemplo, no treino de gestos técnicos e de acções técnico-tácticas) fica evidente que treinar é maioritariamente um processo pedagógico. Embora seja mais notória nos escalões infanto-juvenis, a matriz pedagógica e didáctica está mais ou menos presente em todo o labor do treino. Assim treinadores e atletas formam uma comunidade de ensino e aprendizagem. Os primeiros *ensinam* visando que os segundos *aprendam*. (28)

Por conseguinte a ética do treinador é, em primeiro lugar, uma ética pedagógica especial ou aplicada ao treino. Assim sendo, o treino não pode deixar de ser presidido por ideais pedagógicos tais como os da formação, desenvolvimento e autonomia dos atletas. E isto exige do treinador um apurado sentido de responsabilidade e de fidelidade a tais ideais.

As questões ligadas ao *doping* e à saúde dos atletas – de que não faltam infelizmente numerosos exemplos negativos a causar preocupações muito sérias – chamam também para o campo de observância do treinador princípios éticos originários da área da medicina, impondo-lhe um juramento muito semelhante ao tradicional pronunciamento hipocrático dos médicos.

A estas linhas éticas, que mostram que na prática do treino há lugar para a aplicação de vários princípios e referências, soma-se a ética desportiva propriamente dita. Ela impõe - como objectivos supremos e como meios inalienáveis de alcance da qualidade e excelência no espectáculo

desportivo - o primado da ética e da estética e a prevalência do *fair-play* e da honradez sobre a violência, sobre a fraude e a falta de correcção. Trata-se da defesa da ideia do desporto e também da defesa dos direitos do consumidor, no caso do espectador desportivo.

Ademais todo o tipo de competência inclui sempre uma dimensão moral. Toda a formação visa capacitar a pessoa para agir moralmente. Isto é, o nível de formação da pessoa vê-se na acção moral; a formação é teórica e referencia a posse de conhecimentos, mas é também e sobretudo prática, prende-se com as convicções e valores morais evidenciados nos nossos actos. O que é bem visível no desporto que, de resto, é entendido como uma moral em acção. No cerne do conceito de formação e de pessoa – como no do desporto – está a substância moral.

Em termos gerais a *competência moral* é a base de todo o agir humano responsável. Constitui a competência fundamental de qualquer profissão e a do treinador não constitui excepção. É certo que esta competência raramente é referida no perfil de competências do treinador, mas quando vemos treinadores implicados e apanhados em acções de dopagem e de corrupção, quando eles agem de modo escandaloso e abusam do seu poder, quando vemos a enorme influência que exercem nos adolescentes e jovens, na formação ou deformação do seu carácter, dos seus hábitos e estilos de vida, então acordamos para a realidade de que uma boa prática de treino exige uma sólida competência moral. Ou seja, a competência moral perpassa todas as competências do treinador e é uma garantia da qualidade do processo de treino. **(28)**

Essa competência não se mede por palavras ou tiradas com cores mais ou menos berrantes e humanistas, mas sim por atitudes e condutas suportadas por convicções fundadas em conhecimentos de matriz filosófica e ética, isto é, pela vinculação firme à defesa da essência do desporto. É a competência moral que aqui e agora deve ser particularmente enfatizada em face da perversão e crise de princípios e valores que ameaçam o desporto e a vida social nos tempos que correm. Talvez seja por isso que a Confederação Alemã do Desporto (*DSB-Deutscher Sportbund*), certamente uma das maiores e mais modelares organizações desportivas mundiais, propôs em 1998 um “código de honra para os treinadores profissionais”, enfatizando a importância da competência moral. Igualmente não pode ser esquecida e encarada de ânimo leve a recente e dura acusação de Richard Pound, Director da AMA-Agência Mundial Antidopagem: “Muitos médicos e treinadores forçam o uso de dopantes.”

Percebe-se assim que no processo de treino coexistem várias competências e noções. Todas são importantes e indispensáveis, porém, a haver uma primazia, ela é assumida pela esfera moral. Por isso a ética do treinador é chamada a incorporar as mais velhas éticas profissionais, muito apegadas ao princípio de não prejudicar em nada (*nihil nocere*) aqueles que são objecto da profissão, vinculando-se assim à afirmação da autonomia e identidade dos atletas. **(28)**

Dos postulados anteriores ressalta à vista que a responsabilidade do treinador é, como não podia deixar de ser, um dos pilares mais fortes da respectiva ética profissional. De resto a *responsabilidade* é um dos suportes e componentes essenciais do conceito de formação. Não há formação

credível se não responsabilizar, se não capacitar para a responsabilização, para a imputação de responsabilidade. Por isso este princípio, inerente a toda a ética profissional, vem crescendo como princípio fundamental, devido ao facto de a responsabilidade constituir a categoria ética central para a solução dos conflitos morais. Dito de outro modo, as éticas actuais afirmam-se cada vez mais como éticas da responsabilidade, isto é, impõem que os sujeitos, qualquer que seja o seu grau de acção, não se desobriguem de assumir as suas responsabilidades e que portanto sejam tratados e responsabilizados como figuras morais. A responsabilidade é, pois, prescrita como remédio ou panaceia para as afrontas e conflitos morais e para o mal-estar da situação nos diferentes domínios da actividade humana.

Na ética do treinador ao princípio da responsabilidade deverá também ser reservado um lugar central, tanto mais que o perigo de agir no treino de modo imoral e irresponsável não é pequeno. A assunção de responsabilidade manifesta-se de forma múltipla: em relação ao modelo de treinador, em relação às implicações do processo de treino, em relação aos atletas (ao seu presente e futuro, às orientações e projectos da sua vida), em relação ao clube ou outra organização desportiva, em relação aos pais dos atletas (nos casos mais jovens) etc. Enfim, o treinador está enredado numa malha de responsabilidades com diferentes exigências e expectativas. O que lhe coloca o desafio de actuar de modo equilibrado e ajustado a todas as responsabilidades, sabendo-se que não são raros os dilemas e as contradições neste campo. Por outras palavras, na acção do treinador está sempre presente um alto risco de conflito entre várias responsabilidades. Esta circunstância exige do treinador uma capacidade de distinção entre

responsabilidades contraídas perante múltiplas instâncias: a ideia e o cerne do desporto, o processo de treino e os atletas, a competição e o espectáculo desportivo, os espectadores e órgãos de comunicação social, a imagem, modelo e exemplo de treinador, o estatuto profissional e a organização que serve. Exige sobretudo que o treinador seja capaz de assumir a liberdade de opções e esta somente lhe pode ser dada pelo apego inquebrantável a convicções alimentadas por uma sólida formação no capítulo dos saberes e dos princípios e valores. Para agir bem – disse-o Sócrates – o homem carece de conhecer.

A competência de um treinador manifesta-se portanto no sentido de responsabilidade, na disponibilidade para agir de maneira responsável e no esforço permanente para equilibrar as diferentes linhas de responsabilidade que perfazem a sua acção. Para isso não basta deitar a mão apenas a razões práticas; é preciso sobretudo deixar falar e escutar a consciência e os sentimentos. O sentido de responsabilidade impõe que o treinador pense nas consequências dos seus actos, até onde elas podem ser previstas, que reflecta acerca do alcance das suas atitudes, decisões e comentários. Que treine, avalie e reforce o seu sentido de responsabilidade com a ajuda de reflexões e conhecimentos.

Se é possível adquirir conhecimentos técnicos, tácticos, biológicos ou metodológicos acerca do treino, também devem ser desenvolvidas reflexões acerca dos limites da responsabilidade de um treinador. Certamente ele não pode sentir-se ou ser erigido em responsável por tudo. Mas qual é o alcance da sua responsabilidade? Onde surgem os limites? Onde começa e acaba a sua responsabilidade pelo desenvolvimento pessoal e pelo comportamento

dos atletas e pelas cenas tristes que acontecem nos recintos desportivos? Qual o nível da sua aptidão para se assumir como figura moral e para proceder a escolhas face a conflitos e contradições em termos de responsabilidades morais?

Estas perguntas tornam claro que há muito por fazer neste campo e que é na procura de resposta às mesmas que a profissão de treinador se consolida e credibiliza. Tornam também claro que as questões são idênticas e mesmo comuns a todas as profissões pedagógicas (por exemplo, a responsabilidade dos professores face aos alunos anda igualmente nestes trilhos) e mostram que os treinadores não podem ser subtraídos ao confronto com elas.

Deste modo os treinadores não devem deixar de assumir a sua quota-parte de responsabilidade nem ficar insensíveis perante uma inversão que se exhibe diante dos nossos olhos com consequências terríveis para muitos dos atingidos: o desporto, que devia estar ao serviço do projecto de vida do praticante, submete este à miopia dos seus caprichos e interesses curtos e passageiros. A quem atribuir responsabilidades pela enorme legião de vítimas geradas pela submissão do projecto de vida à ilusão de um falso projecto desportivo?

Igualmente os treinadores não podem ser poupados a uma reflexão sobre os desafios de natureza antropológica e axiológica que se colocam ao desporto nos nossos dias. Há que encarar a tarefa de tirar o desporto das bandas do utilitário e do acessório para que foi empurrado, com manifesto prejuízo da qualidade do seu teor de humanidade.

Para tanto urge empreender uma configuração ou fundamentação antropológica das reflexões e problemáticas, dos modelos e técnicas, dos meios e fins do desporto. Um repensar do sentido antropológico e dos respectivos critérios nos processos e contextos desportivos. O que implica o raciocínio filosófico, já que a reflexão ética quer afrontar o estado de coisas e propõe-se superá-lo à luz de uma dada concepção de Homem, de um Homem questionável a partir dos fins e valores que o justificam para além da sua contemporaneidade.

A recuperação de um tal protagonismo antropológico apela a novas formas de ser orientado e treinado e de ser dirigente e treinador. E implica o dever de renovar a pergunta acerca do Homem que estamos a fazer, a educar e formar no desporto. Sim, ser treinador competente e responsável é também ser capaz de abordar os problemas do desporto e do treino numa perspectiva filosófica.

Que Homem estamos a dar aos atletas no desporto? Que desportista estamos a formar, em razão da preocupação de situar o indivíduo face aos problemas, necessidades e exigências do tempo presente? Que pessoa moral estamos a fazer no desporto? Que princípios e valores estão implícitos no leite humano saboreado no desporto? Qual é a Humanidade conservada, transmitida, preservada e compartilhada no desporto?

Que fidelidade guarda o desporto ao seu lema olímpico e ético (*Citius! Altius! Fortius!*)? Qual é o sentido da interpretação desse ideal? Para onde encaminham os ideais de superação e transcendência? Que guardida e observância estão a ser dadas no desporto de alta competição e rendimento

ao destino do Homem traçado por Nietzsche: “(...) sou o que é obrigado a ultrapassar-se a si próprio até ao infinito”?

Como se manifesta no desporto a obediência aos mandamentos de aproximação infatigável ao mais alto, ao mais pleno, ao mais perfeito, da elevação contra a vulgarização, da opção pela pessoa (o mais) contra ou para além do animal (o menos), ao movimento do baixo para o alto, da platitude para a altitude, do inferior para o superior? Em que medida convergem a configuração exterior e a configuração interior, a física e a espiritual, o comportamento motor e o moral, a formação das qualidades físicas e a das volitivas?

A competência incorpora portanto a observância da exigência de responsabilidade. E esta é contígua ao emblema do respeito pelo axioma da co-determinação, autonomia e maioria dos atletas. Este princípio, de acentuado pendor pedagógico e de inspiração no pensamento filosófico do *Iluminismo*, orienta para o imperativo de incluir cada vez mais os atletas nas reflexões e tomadas de decisão a respeito do treino e da competição, do estabelecimento de deveres e direitos, da atribuição de tarefas e obrigações. No fundo trata-se de não manter sempre os atletas na posição de objectos, mas de os capacitar para assumirem progressivamente um papel activo e consciente de sujeitos do processo de treino e da competição. É aqui que se expressa o dito *estilo do treinador* e é este que constitui o selo de qualidade do processo de treino. Claro está que um modo democrático, franco e aberto de agir é próprio de treinadores dotados de elevada competência e de uma personalidade exemplar que lhe outorgam o reconhecimento e a segurança que os fracos procuram num estilo ditatorial, distante e fechado.

Estas dimensões perpassam a *competência moral* e esta integra ainda um outro assaz importante princípio: o do *sentido de justiça*, que é o de considerar os interesses do outro como se fossem meus e os meus como se fossem do outro. Este princípio faz parte da nossa tradição e por isso tem barbas que nasceram com Platão e cresceram com Aristóteles que a elegeu como a mais importante das quatro virtudes cardeais - prudência, justiça, fortaleza e temperança - , entendidas como conjunto de boas qualidades morais ou disposições habituais para a prática do bem. Para Aristóteles “nem a estrela da tarde nem o luzeiro de alva são tão dignos de admiração;(…) na justiça estão compreendidas todas as virtudes.” E acrescentava que essa como as outras virtudes aprendem-se praticando-as; aprendemos a justiça e tornamo-nos justos realizando acções justas. É assim que as virtudes se transformam em costumes e hábitos ou modos de ser.

A justiça é portanto uma componente crucial da competência moral, mas ela não é apenas uma virtude; é sobretudo uma condição para um trabalho com qualidade, mobilizador e gratificante. Com efeito, quem alguma vez treinou sabe perfeitamente que os atletas esperam justiça do seu treinador e que um modo injusto de proceder é fonte de problemas, rejeições, afastamentos e abandonos. Os atletas esperam dele verticalidade, frontalidade, lhaneza e nobreza de carácter nos gestos, nas palavras, nas atitudes e decisões, no olhar e no coração. Isto não significa que um treinador deva tratar todos os atletas da mesma maneira ou que deva renunciar a exigências e cobranças de respeito pelas obrigações e deveres contraídos. Mas pede que todos os atletas pressintam no treinador um praticante coerente dos princípios do respeito, da consideração e da rectidão.

Como quer que seja o princípio de justiça coloca questões cuja resposta deve desaguar na ética do treinador. Quais as referências para conformar a justiça do treinador? Os interesses dos atletas ou os do clube? Os objectivos do presente e do curto prazo ou os do futuro? Eis alguns exemplos de perguntas que os treinadores deverão colocar-se com a ousadia e ambição de construir para elas respostas cada vez mais elaboradas.

Para terminar enfatizemos que o treino é uma actividade deveras exigente. O seu exercício profissional é relativamente recente e apresenta ainda uma configuração precária e periclitante. Acresce que toda a profissão condigna e credível implica uma ética profissional devidamente elaborada e estruturada, de modo a balizar os ofícios da profissão. O mesmo é dizer que a ética do treinador tem muito caminho pela frente até chegar a um final feliz. Mas assaltam-me sérias dúvidas quanto à vontade de muitos treinadores em caminhar nessa direcção; por exemplo, no nosso futebol são muitos os sinais a apontar em sentido contrário e a significar, portanto, a necessidade de começar praticamente do zero.

Não acham que é urgente recriar e manter no mundo e no desporto um ambiente transparente e limpo, poético e humano, de emoções e afectos respeitosos e belos? Se acham isso, também acham certamente que a ética profissional dos treinadores está no centro desse empreendimento, no mínimo pode dar um contributo inestimável para lá chegar.

Renovação de mentalidades

Antes de avançar na reflexão, quero tornar claro que tenho em alta conta a função de dirigente desportivo, por constituir uma forma concreta de

prática da solidariedade. Mais, penso que esse exercício de benevolato deve encontrar reconhecimento e valorização num qualquer artigo legal. As considerações, que se seguem, não tomam portanto como referência nem têm como destinatário a maioria dos dirigentes. Porém não podemos ignorar que, por vezes, a parte é tão significativa e detém tanta influência que pode afectar a imagem pública do todo. Julgo que é este o caso e julgo também que devemos pôr cobro a vícios de análise que nos levam a ver as coisas a preto ou a branco. Nem tudo é somente sol ou apenas sombra, virtude ou defeito. Mas julgo igualmente que não podemos esconder a cabeça na areia e que devemos olhar-nos no espelho para cuidarmos de corrigir os pontos negros na imagem que damos de nós. Tanto mais que – como lembrou o poeta Manuel Bandeira – os defeitos que vemos nos outros são porventura as virtudes que nos faltam. O mesmo é dizer, parafraseando Savater, que talvez os dirigentes se pareçam connosco até mais do que seria desejável; se fossem muito diferentes de nós, muito melhores ou piores do que nós, com certeza não os elegeríamos. Em todo o caso devemos compreender antes de julgar.

Neste sentido vem ainda a propósito referir outro lembrete de Savater, de que “a única coisa para que a ética serve é para nos tentarmos melhorar a nós próprios e não para repreender eloquentemente o vizinho”. Tal como é bom exercitar os sentimentos da admiração, do respeito e tolerância, já que “as sociedades igualitárias, quer dizer, democráticas, são muito pouco caridosas para os que fogem à média – por alto ou por baixo...” (41)

Temos todos a consciência de que no contexto social não se associa, em regra, o desporto a reflexões e ponderações cuidadosas, a juízos bem

fundados e formulados, a atitudes pautadas por racionalidade e bom senso. Pelo contrário, predomina a noção de que no desporto se age apenas por instinto e impulso, sem planos e objectivos devidamente estabelecidos, ao sabor das emoções e circunstâncias e segundo interesses que escapam à iluminação do conhecimento e dos princípios. Em suma, não se tem do desporto um conceito superior em termos de rigor e seriedade intelectual e racional; confunde-se com um reino da estapafúrdia. É visto como uma actividade menor e, para cúmulo, em estado generalizado de confusão.

Deste e de outros retratos pode deduzir-se que o desporto ainda carece de uma carta de alforria e de legitimação no plano das ideias e dos mecanismos que as estruturam e sustentam. E creio que reside neste ponto, esboçado de forma ligeira, uma fonte de preocupações e tarefas que devem motivar sobremaneira todos os que laboram no desporto.

Seja-me permitido que recorra ainda a outros dados com o intuito de reclamar para cada um de nós a obrigação de fazermos a parte que nos toca na correcção da situação.

Creio que não ofendo ninguém se disser que há no campo do desporto uma grande, acesa e perniciosa conflitualidade. Cultiva-se um estilo de linguagem e de relacionamento que não sobressai pela polidez e pela elevação dos gestos e palavras; e, em muitos casos, até é impróprio de figurar num compêndio de boas maneiras. Não sei se isto se regista apenas no caso português ou se é mais ou menos extensivo a outros quadrantes. Seja como for, a conflitualidade é manifesta e todos os pretextos servem para a exacerbar e para ampliar e publicitar as divergências. É como se a pulsão competitiva ficasse mal resolvida no terreno de jogo e tivesse necessidade de

encontrar outras oportunidades e formas para ser satisfeita e sublimada. Ou como se não tivesse validade para o desporto este postulado de Ortega y Gasset: “A forma mais soberana de viver é conviver, e uma convivência pura e desinteressada é o máximo da vida.”

Já disse atrás que a unanimidade, se não é burra, é pelo menos indesejável. Mas o que se passa sugere que não é mais possível encontrar um espaço para a convivência, para a convergência e para o concerto das diferenças e das opiniões distintas e até opostas.

Poderão ser invocadas diversas razões para o facto, algumas difíceis de aceitar pelos protagonistas do desporto. Poder-se-á falar da caducidade de determinados modelos ou figurinos de administração e organização. Poderá também dizer-se que há actores com demasiado tempo de permanência nos seus cargos e com manifesta falta de competência e abertura para se adaptarem às mudanças ocorridas ou em curso no desporto. Poderá supor-se que os jogos, disputas e apetências de poder não se circunscrevem à política e têm igualmente no desporto, como nos outros domínios, um campo de cultivo privilegiado. Poderá, com fundamento, acrescentar-se que há demasiados interesses investidos no desporto e que este está a ser sobrecarregado com uma excessiva instrumentalização para fins extrínsecos, para gerar externalidades pouco transparentes e nem sempre defensáveis, deixando cada vez mais no esquecimento as finalidades e valias de ordem intrínseca. Poderá ainda referir-se que a existência de três jornais desportivos diários e de vários canais televisivos – mais o estatuto ou orientação editorial que perfilham e as estratégias que adoptam para conseguir obter razoáveis níveis de venda e audiência e quiçá para manter a

sua existência – tudo isto retira do anonimato afirmações e comportamentos de personalidades vulgares que, de outro modo, passariam totalmente despercebidas.

A verdade é que se vive um clima de atijamento das paixões. E é um facto que o movimento desportivo revela dificuldades em lidar com elas. Mais, não parece estar bem assimilado o aviso de Rousseau: “Todas as paixões são boas quando as sabemos domar, e todas são más quando nos escravizam.” Pelo contrário, tudo converge para tornar pertinente a afirmação de Le Sage: “Quando a paixão entra pela porta, a razão sai pela janela.”

É em face deste ambiente reinante no movimento desportivo que eu me atrevo a afirmar que precisamos de uma renovação de mentalidades. Não peço que se deite fora a paixão e a emoção naquilo que tange a nossa incumbência, porque sem elas não se pontapeia uma bola, nem se faz nada de essencial na vida. Sugiro sim que se apure uma percepção mais atinente e rigorosa daquilo que acontece e se desenvolva o sentido de responsabilidade, em ordem a constituir uma inteligente força interventiva na modificação e melhoria da realidade. Porém isso não se consegue agitando-a, mas antes vertendo nela ideias e opiniões filiadas na preocupação de corrigir eventuais desvios e de estimular a adesão a projectos inovadores. Enfim, julgo que os dirigentes não se devem deixar incluir no rol dos factores de agitação e perturbação e que devem ser particularmente notados pela sua ponderação, serenidade e tranquilidade. Devem ocupar-se de causas e problemas maiores e não consumir-se em querelas e questões menores, até porque a estratégia da supremacia assente na constante inflamação da guerrilha e do belicismo está mais do que gasta, deixou de dar resultado.

Teremos dirigentes à altura destes desafios, capazes de defender, impulsionar e credibilizar o desporto no emaranhado de perversões que o espreitam? Como académico cumpre-me ser céptico, isto é, tomar a dúvida como constituinte da minha natureza e como estimulante da resposta. E assim não posso ignorar que a questão do prazo de validade e do tempo apropriado para permanecer numa função e para a deixar não se põe só aos atletas; coloca-se em todas as profissões e funções, desde os políticos até aos dirigentes desportivos.

Porque hão-de alguns dirigentes eternizar-se nos cargos? Porque não há-de o movimento desportivo estabelecer limites para os mandatos? Porque não há-de corrigir défices de democracia que têm certamente uma grande participação nos aspectos negativos que encontramos no cenário desportivo? Mais ainda, porque é que alguns dirigentes têm a língua destemperada e afiada para os outros, mas reivindicam para si infalibilidade, colocando-se acima de tudo e de todos no pedestal da soberania e arrogância, como se tivessem um estatuto de excepção que proíbe que sejam objecto de críticas e reparos? Porque lhes falta humildade e sobram gestos de esperteza e lidam a seu bel-prazer com os atletas, com a opinião pública e com os associados, como se a coisa desportiva fosse privada e escondida e não tivessem que prestar contas de nada a ninguém? Porque é que a média de idades é tão alta nos cargos mais significativos do sistema desportivo e neste é tão pequena a presença feminina? Porque é que não se opera um rejuvenescimento nos detentores desses postos? Porque é que o movimento desportivo não é capaz de impulsionar as mudanças necessárias ou terão elas que ser impostas por dispositivo legal? Terá sensibilidade para se

questionar acerca do perfil dos ocupantes das diversas cadeiras? Porque é que a função de dirigente não é vista como expressão de uma verdadeira vocação e como corolário lógico de uma carreira desportiva, seja como atleta, seja noutra forma de ligação duradoira ao desporto? Terá o movimento desportivo capacidade e coragem para fixar um prazo e uma meta de renovação?

Estas interrogações não são vertidas pela intenção de dizer a alguém que se vá embora. As pessoas nunca estão a mais e velhos são os trapos; são dispensáveis sim os comportamentos de menoscabo do teor cívico e moral do desporto e de oposição à mudança e inovação. Por isso a escolha está nas suas mãos. Se o desporto mudou tanto nos últimos anos, forçoso é que surjam mudanças ao nível da sua organização e gestão, a começar pelos respectivos protagonistas, alguns ligados a um modo antigo e caduco de conceber e gerir o panorama desportivo.

Portanto alguma coisa tem que mudar e há que abrir as carreiras desportivas a pessoas sensibilizadas e preparadas para enfrentar os novos contextos e problemas do desporto e da vida. Se não há essas pessoas, então têm que ser formadas para isso; se elas existem e existem de facto e com formação conforme aos requisitos do empreendimento, é imperioso que lhes seja dada a oportunidade de mostrar o que valem. Porque, como disse o nosso poeta maior, um rei fraco torna fraca a forte gente.

É preciso mudar realmente alguma coisa para configurarmos o desporto à altura das exigências culturais, cívicas, éticas e morais do nosso tempo. Para que o desporto possa fazer inteiro jus à pretensão de ser uma escola de virtudes. Mas não deve haver ilusões, porque a renovação é tão

necessária quanto geradora de resistências e conflitos. Como disse Henry Kissinger – e ele sabia bem do que falava – “o poder é o maior dos afrodisíacos”. E Edmund Burke vai ainda mais longe: “aqueles que se embriagaram com o poder e se aproveitaram dele, mesmo por um ano, nunca renunciarão a ele de livre vontade.” Desses, se os houver no sistema desportivo, nenhum se afastará pelos seus próprios pés e tudo fará para impedir que outros se aproximem e façam perigar o seu reinado.

Conclusão

As organizações vivem enquanto respondem às necessidades sociais; tal como as ideias, nascem e florescem para configurar e dar significado aos valores e à cultura de uma época. Quando não superam as contradições internas e não respondem aos desafios externos, enfraquecem e desmoronam-se. É a história que nos ensina isto.

Devemos encarar o desporto como encaramos a história e a vida. Como nos diz Lazlo, “a vida é como um rio. O rio permanece, mas a água não é a mesma, e até o leito do rio se transforma lentamente.” Além de que – recorda-nos Almir Link, navegador solitário brasileiro – “a vida é demasiado pequena para repetirmos os caminhos.” A mudança é, pois, a norma.

A mudança e a renovação têm que acontecer quando se percebe que as forças vigentes vão entrar em colapso num futuro próximo. O segredo está precisamente em iniciar uma nova vida antes de a actual se afundar em demasia. A visão e a arte consistem em ver mais longe e iniciar a mudança no momento em que ainda vigora a normalidade e tudo é possível, de forma

que sejam os interessados a desenhar e controlar o curso da mudança e do futuro, em vez de serem controlados por ele. (14)

Cumpre-nos, pois, compreender os ritmos da sociedade, da vida e do desporto e agir de acordo com eles. Agir em jogada de antecipação, antes que o declínio e o desastre assomem à frente do nosso nariz e já não haja nada a fazer para os evitar. Agir com a convicção e o optimismo de que vale a pena arriscar a mudança, porque algo melhor e ideal comanda a nossa esperança. Agir sem medo de enfrentar as resistências das consciências adormecidas por anos a fio de rotina e por isso incomodadas com a mudança. Agir contra a agradável mediania que é viver no curto prazo e no exterior das coisas, numa conformidade senil ao conflito e à desordem, a uma vida estéril, incapaz de seguir o trajecto da interioridade dos factos.

Albert Camus lança-nos um repto irrecusável: “A verdadeira generosidade para com o futuro consiste em dar tudo ao presente”. Ou seja, é nossa obrigação trazer para junto de nós o futuro desejado através da nossa vontade para o moldar e através da identificação e análise dos problemas do presente. E não confiarmos que ele virá por qualquer magia da quiromância, da cartomância ou cristalomância. Se não tivermos uma ideia, tão clara quanto possível, acerca da organização do futuro do desporto, não iremos muito longe, porquanto nos falta a dinâmica motivacional que comanda os nossos passos.

A organização desportiva em geral e os clubes em particular têm, portanto, que definir o seu compromisso com o futuro. É a atitude adoptada nesta relação que determina todo o seu comportamento e acção: ou se acomodam a esperar e ver ou, pelo contrário, entregam-se à ousadia de

sonhar, prever, preparar e fazer acontecer o futuro. Ora ter paixão pelo futuro e desejar criá-lo com imaginação e entusiasmo são atitudes compensadoras, porque aqueles que se dispõem a construí-lo são beneficiados ainda no presente.

Estou em crer que, se se investir na inovação e na procura da qualidade 50,0% do tempo e do empenho gastos em telefonemas de maledicência e intriga, em cumprimentos de hipocrisia e em jogos de poder nos bastidores da falta de carácter e frontalidade, o nosso desporto melhorará muito. Se a maioria dos protagonistas denunciar e afastar os peritos em desmoralizar e desmotivar aqueles que carregam para o desporto o fermento das ideias, perspectivas, entusiasmo e sonhos, então ele será um campo em permanente evolução.

Julgo que fica aqui matéria bastante para meditar, sem esgotar o debate do problema. Por exemplo, muito há que reflectir sobre o papel e o enquadramento do desporto escolar, nomeadamente se deve estar mais ligado à satisfação dos valores intrínsecos e se, sem descurar a prevalência das suas finalidades educativas, também poderá – e em que medida – aproximar-se do movimento desportivo. Igualmente é merecedora de reflexão a adopção de medidas tendentes a multiplicar e diversificar as ofertas desportivas ao nível dos adultos e idosos. Para não falar na necessidade de revitalizar e modernizar os milhares de médias e pequenas colectividades que, pelo país inteiro, lutam por sobreviver, muitas vezes através de práticas com validade manifestamente fora de prazo.

Importa, pois, que nos entreguemos a conhecer em profundidade a realidade sócio-desportiva, com o desejo sincero de a transformar. E para

isso precisamos de coragem e do arrimo de uma ideia cultural e política do futuro que queremos construir. E precisamos igualmente de uma consonância de ideais e esforços entre o poder político, os protagonistas do sistema desportivo e os cidadãos em geral. Mais, fiquemos cientes de que um desporto feito de improvisos, sem planeamento e sem opções claras em termos dos princípios e valores que balizam o seu caminho, pode ter presente, mas será um desporto sem futuro.

Em suma, há muito para fazer na entrada de um século que promete ser uma época marcada pela emergência da pessoa, da elevação da cidadania, da qualidade e sabedoria da vida, desafiando para tal um contributo exaltante do desporto. Resta-nos, portanto, prosseguir no nosso caminho, porque é para o futuro que aponta a esperança!

10. Referências para o futuro

Não sigas por caminhos feitos. Abre antes o teu caminho e deixa um trilho.

Muriel Strode

Encontraremos um caminho, senão faremos o nosso .
Aníbal, general cartaginês

O problema dos visionários

Julgo que a tentativa de adivinhar e prever o futuro é tão antiga quanto a sociedade humana. Oráculos, videntes ou áugures sempre os houve em todos os tempos e lugares. Poderá haver diferenças e mudanças nos diferentes contextos civilizacionais, mas não se regista em qualquer deles diminuição no interesse, na ambição e na necessidade de prever e adivinhar o futuro. Mesmo a nossa sociedade, sendo tão marcada pela racionalidade, pela ciência e tecnologia, não parece abrir mão do consumo e até do agrado com que recebe, nos finais de cada ano, os vaticínios e presságios em relação ao futuro, seja ele a curto, a médio e a longo prazo, e nos mais distintos campos da actividade humana, nomeadamente no desporto.

Ou seja, continuamos a ser uma sociedade onde usufruem de alta cotação os mais diversos tipos de adivinhos e visionários. Mais, o exercício da futurologia invadiu o espaço do labor científico e tem dado aso, nas décadas transactas, à publicação de inúmeras obras preocupadas com a apresentação de vagas, tendências e linhas de evolução e desenvolvimento marcantes do devir. Essas obras são sobejamente conhecidas no mundo dos negócios e no meio académico e empresarial. Eu próprio e porventura os leitores participámos em debates, congressos e publicações, movidos pela tentação e pelo deleite que é prognosticar o devir e sabendo como isso goza de bom acolhimento junto da generalidade das pessoas.

Não sei se é por acaso, moda ou obrigação, mas o certo é que continuamos hoje apostados em adivinhar e balizar o futuro. E fazemo-lo num quadro de aguda premência e sofreguidão, decorrentes do facto de termos cruzado a porta de entrada no novo milénio. Por via disso, adquire sentido de urgência o pedido da previsão e não parece de bom tom, nem seria fonte de reputação, eximir-se à formulação convincente das formas e roupagens com que há-de vir o futuro. Como se dissesse mal de nós a incapacidade de o ver e antecipar.

Contudo quero desde já revelar que, neste exercício, me sinto duplamente exaurido: em primeiro lugar, do fervor e da fé com que, num passado recente, participei em colóquios e escritos preocupados com este mesmo tema; em segundo lugar, exaurido de ideias novas e originais, susceptíveis de abrir algum espaço para a inovação e a fantasia. De abundante trago no bernal expectativas, necessidades e previsões, adiantadas com o apego próprio àquilo em que se acredita piamente e que se viram e vêem contraditas pela marcha da vida e do desporto e assim correm o risco de se tornarem desilusões. Estou, pois, aqui com alguma descrença e com reservas mais do que suficientes para não me atrever a falar do desporto do futuro, para não falar da sua evolução e organização enquanto configuração social.

Por isso limitar-me-ei a procurar ler no presente hipotéticos sinais do seu curso no futuro e a renovar as suas tarefas e obrigações, à luz de parâmetros mais abrangentes que têm a ver com preocupações, desejos, princípios e valores que tangem a minha sensibilidade e incomodidade. Por um lado, tomo este atrevimento na presunção de que também desta

sucedirá como das outras vezes, isto é, com a convicção de que daqui a algum tempo ninguém me virá pedir conta dos meus erros e dislates. Talvez aconteça mesmo que estes sejam completamente ignorados ou, quando muito, lidos com um sorriso de compreensão e gentileza, não sendo objecto de qualquer questionamento. Por outro lado, as considerações que aqui venho debitar estão profundamente eivadas da advertência de Guy Neave: “Olhar para o futuro é uma actividade arriscada, como os profetas e os visionários aprenderam à sua própria custa: se o tempo da previsão é demasiado curto, podemos cair na situação desconfortável de ter de enfrentar a contradição das nossas visões por uma realidade pouco respeitadora; se o tempo é demasiado longo, a impaciência natural dos profanos acabará por minar o respeito pelo mais entusiasta dos visionários”.

(35)

Realmente é muito difícil fazer previsões. Melhor dizendo, os autores das previsões têm coleccionado, nos últimos tempos, muitas desilusões e contradições, porquanto o futuro não tem vindo como tinha sido prometido e anunciado.

Não obstante é possível retirar muitos ensinamentos dos ensaios sobre o futuro, feitos em grande quantidade e extensão nos anos 70 e 80 do século passado. Talvez que o primeiro seja a certeza (palavra terrível no ambiente académico!) de que as nossas vidas se modificarão nos próximos 10 anos com muito maior velocidade do que nos últimos 50. Mais ainda, inerente a essa modificação está um sentido de progresso. Com efeito, a qualidade de vida na segunda metade do século XX melhorou muito, apesar das guerras, epidemias e catástrofes naturais. Melhorou muito mais do que

em vários séculos anteriores juntos. Pelo que o optimismo em relação à vida se inscreve nas características humanas mais essenciais e duradouras e não se vê razão para que não suceda o mesmo em relação ao futuro que se adivinha.

Um segundo ensinamento é o de que efectivamente ninguém conhece o futuro, sem que isso contradiga que é útil e concebível continuar a explorar as possibilidades de o conhecer. É por isso que não se assiste a uma renúncia ou desistência de tal empreendimento. Pelo contrário, vemos crescer o número de organizações e pessoas (consultores, economistas, cientistas, empresários, videntes etc.) que se dedicam a essa tarefa e são pagas a peso de ouro por ela, gerando novas profissões e especialidades. Por mal dos meus pecados e insuficiências e para prejuízo da minha carteira não faço parte desse número.

Como quer que seja, vou cingir-me à tentativa de esboçar alguns apontamentos breves e selectivos, decorrentes de mudanças sentidas e percebidas já na actualidade, que mais não querem ser do que pequenos fragmentos de um mosaico maior e bem mais conseguido, que carece de elaboração pela competência que a mim me falta. Acresce que encaro esta tarefa como uma obrigação inalienável, imposta a quem se habituou a pensar as instituições de formação e investigação em desporto e julga ser hoje mais premente do que nunca não fugir a esse compromisso. Até para não ser zurzido com esta aguilhada de Victor Hugo: “O futuro tem muitos nomes. Para os fracos é o inatingível. Para os temerosos o desconhecido. Para os valentes é a oportunidade”.

Entendem-se assim melhor os objectivos e o plano de fundo que sustentam as considerações que se seguem.

Posicionamento perante o futuro

A era que estamos a viver agudiza a necessidade de competir arduamente pelo futuro, isto é, de trazer para o presente o futuro desejado. “Infelizmente – lembra Paul Valéry – o futuro já não é aquilo que era”. Cepticismo que é partilhado por Alphonse Allais: “Meu Deus, como é difícil fazer previsões!... especialmente para o futuro”. (17)

Dito por outras palavras, debatemo-nos com uma enorme dificuldade em prever e planear o futuro, já que o ambiente é feito de turbulência, de surpresa e descontinuidade. Mais ainda, o exercício da previsão revela-se extremamente erróneo e perigoso. Pelo que, como afirma Graciano, “devemos estar atentos e disponíveis, não para o que virá, mas para o que poderá vir”. (17)

Ou seja, o futuro não será feito, não acontecerá nem virá como antes. Não basta analisar o passado e proceder a algumas correcções e ajustamentos para projectar as organizações para o amanhã. O processo é mais complexo: a lógica do planeamento caiu em desuso e deu o lugar a estratégias audaciosas de desenvolvimento, à necessidade de abrir novas frentes e, em alguns casos, de romper com todas as referências do passado e recomeçar do zero, se necessário.

Talvez seja mais correcto dizer que nos assusta o facto de a nossa era estar prenhe de incertezas e que a coisa mais incerta é o porvir. Mas felizmente para nosso bem e alívio do presente, diz Michel Godet, o futuro é

incerto; não está escrito, está por fazer e nem sequer é inteiramente previsível. Podemos intervir nele com enorme liberdade, iludindo tanto o acaso como o determinismo. (21)

Por outro lado, quando se fala do futuro é como se estivéssemos a fazer referência a algo distante. E no entanto ele depende mais daquilo que fizemos hoje do que de ficarmos à espera do que será feito num longínquo amanhã. Não é consequência automática do passado, nem alheio ao que foi feito no presente; constroi-se, com base nos nossos desejos, a partir das nossas atitudes e acções. Dito de outro modo, o presente pode ser pobre ou rico de futuro. É nele que se estreita ou alarga a linha do horizonte. Como diz Gaston Berger, “o futuro é a razão de ser do presente”. (21)

O que nos obriga a definir a nossa posição perante o futuro. E nos convida a conspirar contra a indiferença e a passividade e a edificá-lo com o poder da antecipação, da nossa vontade e labor. Até porque, parafraseando Charles Handy, aquilo que torna o futuro tão empolgante é o facto de lhe podermos dar sentido e forma. Obviamente tendo em atenção o aviso de Gary Hamel, de que não é possível criá-lo usando como ferramentas estratégias antigas.

Para isso é necessária iluminar a acção com uma visão clara que indique o futuro que queremos construir e referencie as concepções e escolhas fundamentais em termos de princípios e valores, a fim de sermos atraídos pela vanguarda e não empurrados pela retaguarda. Não se trata de recorrer à bola de cristal, mas de estabelecer estratégias criativas de longo prazo com base na modelação e representação dos futuros e cenários possíveis, desejáveis e realizáveis. Sem esquecer que os problemas mudam

mais depressa do que se resolvem, que é mais importante que não nos surpreendam do que procurar para eles soluções referenciadas ao passado.

É desta forma que somos no presente artífices do futuro, que o fazemos chegar antes do tempo, seguindo a advertência de Saint-Exupéry de “...que o importante não é prevê-lo, mas torná-lo possível”. (17)

Ao cabo e ao resto, como assinala Michel Godet, entram em cena os elementos do conhecido *triângulo grego*, a saber: “*Logos*” (o pensamento, a racionalidade, o discurso), “*Epithumia*” (o desejo, a vontade e a motivação) e “*Erga*” (as acções e realizações). Trata-se de um casamento da paixão e da razão, do coração e do espírito, da acção e da satisfação. (21)

Importa contudo não confundir a antevisão do futuro com a afirmação de interesses afinados pelo momento actual, já que a moda é demasiado efémera. Nem tampouco aquela é possível quando procuramos interpretar as mudanças com ideias feitas no passado e ainda em voga no presente. A aprendizagem do futuro pressupõe a capacidade de correr atrás dele com a criatividade, a força, a determinação e a velocidade de acção e reacção necessárias para conseguir o que se deseja. Com opções conscientemente assumidas e partilhadas, já que as mudanças não se implementam por decreto, mas sempre através da participação activa dos implicados. E também com uma grande bagagem de confiança e optimismo, porque as crises são portadoras de esperança; são oportunidades de promoção da inovação, de tentar criar linhas de continuidade entre o que passou e o que está por vir.

Nesta conformidade é curial que cuidemos de inventar o futuro e que nos preocupemos com a sua construção já e agora, pois, no dizer de Gaston

Berger, “quanto mais uma árvore demora a crescer, menos se deve esperar para a plantar”. (21)

No tocante ao desporto importa repetir que ele se viu, nas décadas transactas, investido de um crédito extremamente valorizador da sua relevância social, cultural e humana. E assim atingiu uma expansão sem par noutros domínios, com índices de crescimento impressionantes, tanto ao nível da sua prática como ao das organizações e dos interesses e motivos que lhe estão associados. Ele é hoje um edifício gigantesco, amplamente plural e diversificado nos seus modelos e finalidades.

Perguntar como é que o desporto se vai desenvolver é perguntar pelo modo como as pessoas vão viver no futuro, pelos seus problemas, parâmetros e necessidades. E isto porque o desporto apenas encontra justificação e configuração fora dele, em referências que o transcendem, nos contextos de vida que o incluem. Sempre assim foi e será.

Por isso vamos tecer alguns considerandos sobre umas quantas linhas de mudança em curso no mundo e na vida, susceptíveis de revestir significado para a modelação do desporto e para a renovação da missão das instituições de formação e investigação. Prescindimos de tocar em problemas, já tratados noutros escritos e intervenções, tais como: a crise da educação, da escola e da disciplina de educação física, alterações e preocupações no panorama internacional do desporto de crianças e jovens, o aumento do tempo livre e o problema da organização do lazer, a urbanização das formas de vida e a *cultura do asfalto*, o desporto para todos etc.

A nova era digital

Há mais de trinta anos McLuhan disse a propósito da sua famosa concepção da *Global Village*: “O tempo passou, o espaço desapareceu. Agora vivemos numa aldeia global (...) um acontecimento simultâneo. (...) As informações chegam até nós num fluxo instantâneo e contínuo. Logo que são obtidas, elas são rapidamente substituídas por informações mais novas ainda”. (40)

É certo que o triunfo dos *media* não fez de toda a população do mundo uma aldeia coesa, com os mesmos padrões de qualidade de vida em toda a parte. Mas possibilitou que a população de todo o mundo se inteire daquilo que uma elite relativamente pequena possui, cria e propõe em termos de entretenimento e bem-estar. E que, também por este motivo, se assista a uma subida do nível de exigências, ambições e necessidades.

O aperfeiçoamento dos meios de comunicação mudou as nossas vidas no final do século passado e vai mudá-las ainda mais no que temos pela frente. Esse fenómeno trará agarradas a si inúmeras consequências, nomeadamente aquilo que está implícito no livro *The Death of Distance*, de Frances Cairncross:

- A morte da distância.
- A perda da influência do local.
- A irrelevância do tamanho.
- A derrocada das corporações mais rígidas e pesadas e a afirmação concomitante de redes mais pequenas e mais ágeis.

- A proliferação e “viagem” de novas ideias e informações para os locais mais remotos do mundo – e cada vez com maior velocidade.
- A aposta na valorização das pessoas como recurso último, face a outros recursos cada vez mais escassos.
- A configuração das sociedades à luz da cultura e do aumento da capacidade e necessidade de preservação e divulgação da herança cultural. **(13)**

No dizer do *Relatório do Desenvolvimento Humano 1999* do PNUD, “a redução do espaço e do tempo e o desaparecimento de fronteiras estão a ligar as vidas das pessoas mais profundamente, mais intensamente e mais directamente do que alguma vez antes”. **(38)**

Isto não apenas significa que países pequenos e organizações de pequeno porte, devido à sua qualidade e eficiência, podem figurar nos primeiros lugares do *ranking* da excelência e da competitividade; significa sobretudo que passaram a vigorar bitolas internacionais, definidoras da qualidade das coisas e da vida em todo e qualquer lugar. A comunicação está e vai continuar a mudar o mundo em todas as áreas, nomeadamente no capítulo da divulgação do usufruto de bens e padrões fiadores da qualidade e dignidade da vida, como é o caso do desporto. A ideia da cidadania global, da *civitas maxima*, da cidade de todos, da substancial unidade da espécie humana, visando fazer de todo o homem um cidadão do mundo, vai pouco a pouco percorrendo o seu caminho.

Nomadismo e mobilidade

Olhemos de um outro ângulo, a mudança em curso. No decurso da história nós fomos primeiro nómadas e depois tornámo-nos sedentários. Hoje mais de metade da população mundial vive em cidades e esta tendência de *urbanização* vai continuar a aumentar. Mas, apesar da civilização urbana ser sedentária, os cidadãos seguem um ritmo de vida marcado pelo frenesi do vaivém, da viagem, da mudança e da procura de algo que lhes escape por entre os dedos. (16)

O ano 2000 chegou com um mundo muito vital, onde tudo é fibrilação. Fervilham a escalada das Bolsas, a agitação das viagens, a mobilidade dos postos de trabalho – e conseqüentemente dos lugares onde se vive -, a confiança nas novas tecnologias que nos oferecerão maior ócio, a esperança nas novas biologies que nos concederão maior longevidade e o optimismo gerado pela nova informática, que nos dá de presente a possibilidade do convívio global e o dom da ubiquidade. Ou seja, a sociedade mutante está a vencer de goleada a sociedade estagnante. O nomadismo adiantou-se à sedentariiedade.

A tecnologia (telemóvel, email, fax) permite, por um lado, que se trabalhe sem sair de casa, economizando assim tempo que era gasto para deslocamentos quotidianos entre casa e o escritório. Por outro lado, as exigências de estudos especializados, de trabalho e de cultura impõem cada vez mais frequentemente a mudança de cidade, de país e continente. Diminuem, portanto, os microdeslocamentos, mas multiplicam-se, em sua vez, os deslocamentos de maior raio de distância e duração. Ou seja, a dita sociedade pós-industrial funda-se no deslocamento e na reunião de pessoas, mercadorias e informações provenientes dos lugares mais esquisitos.

Antes da Segunda Guerra Mundial, para a maioria dos homens, a única coisa que causava a separação da própria terra era o serviço militar – a tal ponto que os livros sobre viagens tiveram grande sucesso até essa altura e mesmo depois dela, exactamente por darem ao leitor, sedentário, a ilusão de acompanhar os viajantes com a sua imaginação. Muitos deles fizeram a delícia das nossas leituras na adolescência e juventude. Quem não leu Júlio Verne ou Emílio Salgari?

O que antes sucedia aos diplomatas deslocados para o exterior, aos funcionários públicos que eram transferidos de sede para poderem progredir na carreira ou aos emigrantes que abandonavam a sua terra e se mudavam para cidades industriais e para outros países, isso acontece hoje com executivos, jornalistas, artistas, cientistas, intelectuais e desportistas, particularmente jogadores de futebol.

Que consequências resultam disto para a personalidade dos “novos nómadas”? (16)

A experiência do nomadismo difuso obriga a nossa mente a uma dupla elasticidade: a *elasticidade mental*, necessária para perceber e lidar com a diferença entre as pessoas, lugares e momentos, para ver a realidade de ângulos diversos e para resolver problemas inéditos; a *flexibilidade prática*, necessária para gerir situações que se transformam, para encontrar o fio que serve de guia à acção mesmo num contexto desorganizado, para transformar os problemas em oportunidades.

A experiência da mudança estimula por sua vez a *criatividade*. Desde a primeira infância, Mozart não fez outra coisa a não ser girar pelo mundo. O facto é que cada viagem contribuiu para enriquecer e refinar o seu espírito

musical, até fazer dele o grande génio que todos reconhecemos nele. Altamente eloquente neste capítulo é igualmente a experiência de viagem relatada admiravelmente por Fernão Mendes Pinto no famoso livro *A Peregrinação*.

Mudar de lugar estimula a criatividade, até mesmo quando os lugares visitados não são muito diferentes daqueles a que estamos habituados. De resto um simples passeio ou uma corrida a pé, feitos nas proximidades da residência, valem para provar que o deslocamento torna mais imaginativo e mais sábio quem o realiza.

Em suma, superada a secular vida sedentária dos nossos antepassados, só nos resta aproveitar e dar sentido ao nosso destino de nómadas pós-industriais, que à viagem física soubemos ainda acrescentar a viagem virtual na Internet. A vida parece abrir cada vez mais as portas à dialéctica de sedentarismo e viagem, estabilidade e mudança. Ao nomadismo das ideias, princípios, aspirações e exigências que se derramam por todo o Mundo para o modificar. Ora o desporto não escapa a esta onda de transformação; tem parte nela e na formação de qualidades que a suportam.

Alterações no conceito de globalização

A globalização encerra hoje um sentido muito mais amplo do que o simples fluxo de dinheiro e mercadorias, porquanto gera uma crescente interdependência das pessoas de todo o mundo. Ou seja, é um processo que integra não apenas a economia, mas também a cultura, a tecnologia e as formas de governação. Pelo que as pessoas de toda a parte estão a ficar ligadas e afectadas por acontecimentos ocorridos nos cantos mais distantes

do mundo. Nos telejornais de todos os países, independentemente da diferença de fusos horários, passam as mesmas notícias e imagens.

Segundo este entendimento e de acordo com a visão do *Relatório do Desenvolvimento Humano 1999*, já atrás referido, colocam-se à globalização, nos próximos anos e para que possa funcionar para as pessoas e não apenas para o dinheiro, os seguintes *desafios*:

- *Ética* – menos violação dos direitos humanos, no sentido de um compromisso com uma ética do universalismo.
- *Equidade* – menos disparidade entre e dentro das nações.
- *Inclusão* – menos exclusão ou marginalização de pessoas e países.
- *Segurança* – menos instabilidade e receio na sociedade e menos vulnerabilidade das pessoas.
- *Sustentabilidade* – menos destruição ambiental e, assim, menos comprometimento do futuro.
- *Desenvolvimento* – menos pobreza e menos privação. (38)

Isto torna claro que se procura moldar a globalização com uma face mais humana. À luz do princípio de que o objectivo do desenvolvimento é a criação de um ambiente que permita às pessoas beneficiarem de uma vida longa, saudável e criativa. Princípio muitas vezes esquecido, quando apenas se persegue a riqueza material e financeira.

A consciência de que os direitos humanos são, no dizer de Savater, ainda hoje “apenas, para nossa vergonha colectiva, um catálogo de bons

propósitos, e não de efectivas conquistas” implica aquela outra de que muitos dos problemas, que se põem na actualidade aos biliões de seres humanos, “não podem ser resolvidos nem sequer bem colocados a não ser de forma global, em termos mundiais”. Ou seja, não é aceitável que um mundo cada vez mais unificado pela comunicação continue fragmentado numa disparidade de níveis de bem-estar e de (mau) trato humano. (41)

Dito de outro modo, os mercados não são nem a primeira nem a última palavra no desenvolvimento humano, tanto mais que muitas actividades e bens essenciais ao desenvolvimento são fornecidos fora deles. Ademais as motivações de lucro dos actores do mercado, quando ficam fora de controlo, desafiam a ética e prejudicam o respeito pela justiça e pelos direitos humanos.

O progresso sem precedentes do século XX apela para ideias e ideais de universalidade, para a partilha de valores e para formas de acção susceptíveis de enriquecer a vida das pessoas em todo o lado, aumentando grandemente os níveis de escolha e bem-estar. Trata-se de procurar que as oportunidades e benefícios da globalização sejam mais partilhados do que nas últimas décadas, já que a desigualdade dentro e entre os povos tem aumentado significativamente e já que a mundialização vem criando novas ameaças à segurança humana tanto nos países pobres como nos ricos. Trata-se ainda de retirar os orçamentos da educação e da saúde da zona de pressão em que se encontram, de pôr cobro à insegurança cultural, à insegurança ambiental, à insegurança política e das comunidades. E trata-se, não por último, da segurança pessoal, ameaçada pelo facto de que os criminosos estão a colher os benefícios da globalização, a ponto de o crime

organizado registar uma influência crescente e um volume de negócios estimado em 1,5 biliões de dólares por ano; isto é, conta com um poder económico que rivaliza com o das empresas multinacionais.

Ao cabo e ao resto é inadmissível e insustentável a doença da *falta de contemporaneidade* que cada vez mais se espalha pelo Mundo. Não é aceitável que vivamos todos no mesmo tempo físico, mas em tempos sociais e culturais separados por muitos séculos. O que ressalta imediata e gritantemente à vista quando se olha para a geografia da qualidade de vida humana no planeta, de continente para continente, de país para país e dentro de cada nação e cidade. Dando inteira razão à constatação de Hannah Arendt: “Não é o Homem, são os homens que habitam este planeta. A pluralidade é a lei da Terra”. E colocando a exigência de que a globalização favoreça a organização dos homens de acordo com a sua pertença à humanidade e ao projecto ético de uma vida boa para toda a comunidade humana. (41)

Cresce portanto o conceito de que o desenvolvimento humano é inconciliável com pressões que visam comprimir o apoio social. Por outras palavras, as políticas sociais e as correspondentes formas de governação nacional são hoje ainda mais relevantes para fazer funcionar a globalização a favor do desenvolvimento humano e para proteger as pessoas contra novas ameaças.

Esta linha parece ganhar corpo na medida em que a evolução registada após a guerra fria, nomeadamente nos anos 90 do século XX, fez com que as organizações internacionais se voltassem cada vez mais para as questões dos direitos e valores.

Não se afigura difícil proceder a diferentes e urgentes extrapolações para o terreno do desporto, a partir deste novo contexto conceptual e real. Realmente são muitas as linhas de implicação que o tangem. A globalização abre a vida das pessoas à cultura e ao fluxo das ideias e conhecimentos em todos os domínios da actividade. (38)

Crise de paradigmas e valores

Poderia referir-se aqui a mudança nas atitudes face aos valores, que vem sendo assinalada nas últimas décadas por alguns autores e que parece continuar, em crescendo, a afectar as sociedades democráticas. Já várias vezes, no decurso das páginas anteriores, aludimos a ela, a propósito da dita *ética indolor*. Esta tem subjacente aquilo que Lipovetsky entende por *crepúsculo do dever*, por declínio das obrigações, do esforço, do rigor, da disciplina, do trabalho, da austeridade; e acarreta um aumento da importância atribuída aos valores de acentuado *pendor hedonista*, tais como: autonomia, criatividade, fruição da vida, prazer, convívio, aventura, risco etc., a par de outras preferências mais problemáticas. (26)

Todavia o mesmo autor chama a atenção para a situação paradoxal da sociedade contemporânea, que parece dividida entre a cultura do excesso e o elogio da moderação, entre funcionalidade e disfuncionalidade, entre radicalização e retorno da ética, da moral e das religiões, num convívio frenético de ordem e desordem, de caos organizador e desordem organizada, como se procurasse combinar os dois pólos. A propensão para o hedonismo é acompanhada de uma larga panóplia de psicopatologias e ansiedades, como que a dizer que a sociedade se torna cada vez mais difícil e complexa.

As múltiplas implicações desta tendência no domínio desportivo são fáceis de constatar. Por um lado ela insufla um vento de feição a muitos males que grassam no desporto, nomeadamente no capítulo do laxismo a respeito da observância das normas éticas e morais; por outro influi sobremaneira na renovação da oferta desportiva. Acresce ainda uma reconsideração do papel do desporto na transmissão e cultivo de valores que são particularmente caros ao nosso tradicional horizonte sócio-cultural. Ou seja, também por este lado o desporto está a ser objecto de uma redescoberta impulsionada por apelos de acentuado pendor educativo.

Ademais parece oportuno lançar aqui um breve olhar para a emergência da *desclassificação* ou *desordem cultural*, também já atrás referida. Ela trouxe consigo um *ecletismo* estilístico, expresso, entre outras coisas, pelo seguinte:

- Contestação das distinções e hierarquias de classificação vertical: alta cultura / cultura popular, arte / vida quotidiana, cultura de elite / espectáculo de massas etc.
- Modos de conhecimento menos pretensiosos e mais sensíveis às diferenças locais e pessoais.

Esta circunstância não pode deixar de merecer ponderação e de ter consequências tanto na delimitação do objecto de estudo e formação como na definição dos modos de teorizar e produzir conhecimento e ciência, no desporto como noutra qualquer área. Mais, a dita desordem prenuncia igualmente uma penetração cada vez mais agressiva do desporto nos

terrenos da cultura, mesmo contra a vontade dos puristas encartados, seus inimigos de longa data.

Renascimento das cidades

Numa era em que tudo se torna “hiper” estamos a assistir também a um hiperurbanismo. Assim prevê-se que a percentagem da população urbana, nos países de desenvolvimento humano elevado, atinja a cifra de 82,2% em 2015. Ao passo que nos países de desenvolvimento médio e baixo, no mesmo período de tempo, ela crescerá ainda mais, mesmo que as quotas atingidas sejam inferiores, 51,6% e 39,0% respectivamente. **(38)**

A importância deste dado aumenta na medida em que a leitura de várias obras sugere a existência de unanimidade no prognóstico de que a cidade pós-moderna evolui de uma configuração dada pela concentração de escritórios para a de centro de entretenimento e cultura. Ou seja, as cidades abrem-se cada vez mais ao *ócio criativo*, construindo novos hotéis, mais restaurantes, galerias e museus e oferecendo eventos cívicos, artísticos e desportivos. Sem esquecer que o aumento do tempo livre sobre o tempo do trabalho, bem como a flexibilização do horário laboral outorgarão às pessoas maior disponibilidade para comparecer a todos esses lugares da nova cidade. Enfim tudo aponta para enormes transformações nos estilos de vida e nas culturas da cidade. **(16)**

A cidade define-se, desde sempre, como uma geometria física de ideais, de concepções e modos de vida. O que hoje é mais manifesto do que nunca, já que a pós-modernidade focaliza as cidades como entidades primordialmente funcionais e estéticas e estende o entendimento da cultura

para fenómenos e factos situados para além das artes - *alta cultura* -, incluindo um amplo espectro de celebrações de massas e de práticas quotidianas. A cultura absorve assim um impulso mais lúdico, popular e democrático, esbatendo-se a demarcação tradicional entre alta e baixa cultura. Torna-se *cultura de consumo e do efémero*, integrando não apenas valores de uso, utilidades materiais, mas também sonhos, imagens, signos, prazeres. (19)

Enriquecida agora com uma grande oferta de bens simbólicos, a cidade reconverte-se na feira de outrora. Evolui de uma configuração dada pela concentração de escritórios para a de centro de entretenimento e cultura; institui-se como promotora do *ócio criativo*. É como se quisesse assumir-se como uma obra de arte. Para tanto investe no capital cultural como fonte alternativa da afirmação do seu prestígio. Ou seja, uma cidade pode ser considerada um centro cultural na medida em que possua indústrias de lazer e de entretenimento. Por outras palavras, o capital cultural emerge como fonte de riqueza, ombreando com o capital económico, financeiro e industrial.

Daí decorre um crescendo de investimentos nas áreas culturais e do lazer, da promoção e difusão de signos e de símbolos, convidando a consumir experiências geradoras de prazer, o espectacular, o popular, o agradável e o imediatamente acessível (por exemplo, museus e parques temáticos, centros desportivos e recreativos, *shopping centers* etc.).

Regista-se portanto uma visível extensão da larga e diversa lista de actividades culturais e de lazer. E estas não apenas disponibilizam e alargam os estilos de vida como também provocam mudanças qualitativas neles.

Cada vez é maior o número de pessoas que assumem uma postura mais activa, podendo dizer-se que se entregam a um processo de *estilização e estetização da vida* quotidiana e que este processo não se acantona em determinadas elites, mas ganha dia a dia maior popularidade.

Neste desenvolvimento de uma série sofisticada e diferenciada de bens de consumo, adquirem particular notoriedade as actividades e experiências de recreação e lazer que se voltam para o corpo. Por outro lado, com o esbater das fronteiras entre arte e vida quotidiana, os objectos mais banais da cultura de consumo são estetizados e tomados como assunto artístico. Ou seja, há uma entrada cada vez maior de estilo, de *design* e de imaginário cultural nos bens de consumo, nos espaços de lazer e na trama da cidade. E isto acontece também no universo do desporto.

A publicidade assume neste quadro o papel de promotora de signos e de imagens, visando construir uma *hiper-realidade* e determinando que o virtual seja mais real do que o real. Consagra-se o triunfo do mundo da representação através de imagens e simulações de ideias associadas a beleza e fantasia. Isto é, impõe-se como que uma alucinação de cultura simulacional, de acumulação de símbolos, de desestabilização e estetização da realidade, ligadas à ausência de mediações e à intensidade da vivência de sensações visuais e auditivas e de outros prazeres caóticos. Como diz Lipovetsky, é preciso ser mais moderno do que o moderno, mais jovem do que o jovem, estar mais na moda do que a própria moda.

As pessoas transpõem, pois, as fronteiras entre arte e vida quotidiana, rompendo com padrões de regulação social que vinculam os estilos de vida a grupos, a faixas etárias e a outras normatividades. Deste modo os estilos de

vida, anteriormente assentes numa coerência e numa unidade de conjuntos relativamente fixos de disposições, gostos culturais e práticas de lazer equivalentes a demarcações de fronteiras entre grupos sociais, dão lugar à estilização activa da vida ligada à exploração lúdica das experiências transitórias e dos efeitos estéticos superficiais. Promove-se assim uma promiscuidade de estilos de vida, partilhados por indivíduos com distintos estatutos sócio-económicos. Estilos de vida abertos à tolerância das diferenças e assentes no lema *nada de regras, somente escolhas*. E esta abertura vai a tal ponto que legitima a afirmação de que, afinal, talvez as pessoas não tenham propriamente um determinado estilo de vida. Esforçam-se sim na tentativa de aparentar identificar-se com algum ou alguns deles.

(19)

A cidade pós-moderna parece portanto possuída de uma maior consciência da sua dimensão imagética e cultural. É um centro de consumo cultural, tanto quanto o é de consumo geral – e portanto vinculada a signos e imaginários culturais. Tudo nela é, pois, maior do que a vida. O estilo de vida nela vigente cumpre uma função de comunicação; os bens materiais não são usados como utilidades, mas sim como comunicadores. Roupas, corpos e caras lembram-nos um mundo do faz de conta, falam do outro lado da vida, ou, se se preferir, configuram o lado imaginário da vida. Uma vida que se revê na saúde, na beleza, na inovação, na juventude, na estética; isto é, que se entende como projecto de arte.

Nesta nova urbe as pessoas rompem, como se disse, com padrões de regulação social que vinculam os estilos de vida a grupos, faixas etárias e outras normatividades. Deste modo nela ninguém é jovem, porque toda a

gente o é ou procura ser pelos anos fora, através da encenação de estilos de vida. Isto é, as pessoas manifestam um interesse crescente pela estilização da sua vida, procurando enfatizar a identidade, a aparência, a representação do Eu. Os adultos não querem envelhecer; querem ser *jovens vitalícios*. É para isso que gastam tempo e esforços consideráveis com a elaboração de um senso estético flexível, susceptível de acompanhar a evolução dos novos estilos. Esta atitude de flexibilidade torna-as aprendizes perante a vida, ávidas de a viver e experimentar nas mais variadas formas. O mesmo é dizer que a vida surge associada a um projecto de arte.

Em síntese, na cidade pós-moderna todo o mundo pode ser alguém. O homem procura inventar-se a si próprio, transformando a vida numa obra de arte e abolindo as fronteiras entre as duas. Como que a dar razão à afirmação de Foucault: “O homem moderno é o homem que tenta constantemente inventar-se a si próprio”. E concordando plenamente com Carlos Drummond de Andrade: “O problema não é inventar; é ser inventado hora após hora e nunca ficar pronta nossa convincente edição”.

É também por isso que se pratica e sempre praticará o desporto, quaisquer que sejam as formas de manifestação deste fenómeno específico da transcensão humana. E cada vez mais por pessoas de todas as idades e condições. Porque o desporto é um doce devaneio que o homem inventou para fazer mais feliz a vida em todo o tempo. É uma forma de vivermos intensamente as coisas simples da existência.

Desacorrentar Prometeu

Nos primeiros tempos da revolução industrial, as pessoas trabalhavam para viver. Muitas décadas depois, passaram a viver para trabalhar. O trabalho apoderou-se de nós, a ponto de se ter instalado o lema “viver é trabalhar” e de nos termos tornado viciados em trabalho. (16)

À entrada do século XXI parece que queremos mudar de rumo e de identidade. Queremos viver muito e bem, valorizar a qualidade de vida. Não se trata de deixar de trabalhar, mas de modificar o ritmo e o contexto de vida e trabalho. Trata-se de conferir a este outro sentido, de o libertar de regras constrangedoras e de enquadrar as horas de labor diário na valorização pessoal, vivendo-as com bom humor, inteligência e entusiasmo. Ou seja, os 40-45 anos, em média, de ocupação profissional não podem continuar a exaurir-nos de todo o potencial e da plenitude da vida.

Partimos de uma sociedade onde a maior fatia da vida era destinada ao trabalho; já entrámos noutra do tempo vago, na qual grande parte da vida é e será cada vez mais dedicada a outra coisa. Isto é, está na forja uma sociedade fundada não mais no trabalho, mas no tempo livre, sem se saber ainda bem a substância deste conceito.

E, se no passado nos ensinaram que o trabalho era fiador da liberdade, dignidade e redenção do homem, hoje sentimos e aprendemos que essa formulação não contém toda a razão de ser, à medida que vemos satisfeitas necessidades básicas de antanho e outras emergem no seu lugar. O futuro, diz Domenico De Masi, é já presente para quem se libertar da ideia tradicional do trabalho como obrigação ou imposição e for capaz de uma mistura de actividades, onde o trabalho se confunde com o tempo livre, com o estudo e com o jogo. Enfim, o futuro é de quem exercitar o ócio criativo.

Exige-se, pois, uma inovação existencial. De modo que em toda a acção estejam presentes trabalho, jogo e aprendizagem; gerando sempre a criação de um valor e, junto com isso, divertimento e formação. (16)

Hoje não delegamos o ócio num determinado grupo social. Melhor, delegamo-lo cada vez menos, porque todos nós desempenhamos actividades progressivamente mais intelectuais que implicam, portanto, cansaço mental. E a compensação por este é justamente o ócio. Mas ocioso não é ficar parado com o corpo, nem significa não pensar. O ócio criativo significa não pensar segundo normas obrigatórias, não ser assediado pelo cronómetro, não obedecer aos ditames da racionalidade e às bitolas inventadas pelo *taylorismo* e afins para regular o trabalho e torná-lo eficiente. Subentende agir segundo regras diferentes, para renovar as ideias e com elas alimentar o cérebro da matéria prima que precisa. Porque nós, como disse Popper, precisamos de ideias para fazer uso e tirar partido das poucas ideias que temos. É este ócio criativo que vem em meu auxílio, quando deixo um problema que me assoberba sem lhe encontrar a solução e me decido a vestir o equipamento desportivo e fazer uma corrida mais ou menos ligeira. De repente faz-se luz intensa e o problema é posto em equação.

Eis-nos chegados a um ponto-chave que tem a ver com a nova identidade social da pessoa que antes nos era dada exclusivamente pelo trabalho ou profissão e pelo que possuíamos. Hoje continua ligada a isso, mas vincula-se cada vez mais ao que sabemos. E sabemos que somos nós que esculpimos a nossa identidade, inclusive do ponto de vista físico com operações cosméticas, com dietas, estilos de vida etc. Sabemos que a nossa identidade depende cada vez menos da origem natural - que pode ter-nos

predestinado a ser bonitos ou feios, elegantes ou disformes - e da origem social - que nos fez nascer ricos ou pobres, aristocratas ou plebeus. A nossa identidade depende em grau crescente da nossa formação, da capacidade de produzir ideias, do modo de viver o tempo. “Nós somos – é Giddens quem o diz – o que fazemos de nós”.

As actuais fronteiras entre trabalho e tempo livre são, pois, convidadas a eliminar a rigidez da demarcação, a ultrapassar a competição destrutiva entre elas, a concorrer lealmente e a convergir solidariamente para o mesmo fim. O mesmo é dizer que a nova identidade exige que o ócio não seja percebido como algo subalterno e vivido com sentimento de culpa. Estamos a atravessar uma passagem de época: de um mundo bem conhecido e explorado para um outro do qual, por enquanto, sabemos muito pouco. Uma nova etapa da civilização está a caminho e, com ela, o próprio homem. Uma nova versão de Prometeu. Como no passado.

Segundo a mitologia grega, Prometeu - deus ou génio do fogo - era filho do Titã Jápeto. Por sua vez, os Titãs eram filhos do Céu e da Terra; revoltaram-se contra os deuses e tentaram escalar o primeiro, sobrepondo montanhas umas às outras, mas Júpiter fulminou-os. Prometeu herdou os ímpetos do pai e assim, depois de formar o homem com o limo da terra, roubou, para o animar, o fogo do Céu. Em castigo foi, novamente por ordem de Júpiter, acorrentado por Vulcano a um rochedo no cimo do Cáucaso, onde uma águia o torturava e lhe roía o fígado, até que Hércules – vencedor dos doze trabalhos e empresas perigosas que fundam o modelo agonista de Homem e lhe creditam o mérito de inspirador e criador dos Jogos Olímpicos -

o livrou desse suplício, matando o abutre. Prometeu ficou para a posteridade como iniciador da civilização humana, a tal ponto que é no mito prometeico que se inscreve um quinhão não pequeno do ideal desportivo e do sonho de progresso do homem e da sociedade. E também é nele que se vê o preço pago pela ousadia dos homens de não se conformarem ao apoucamento. Diga-se, de passagem, que a civilização ocidental – e com ela o ideal desportivo - bebe igualmente da matriz judaico-cristã, tão exemplarmente configurada pelo sacrifício da morte de Cristo para salvar e renovar a vida dos homens.

A tarefa de desacorrentar Prometeu está inconclusa e nunca será de todo acabada – tal como haverá sempre Torres de Babel a desafiar a nossa ousadia e empenho. Carece portanto de ser levada por diante e isso passa por levar à cena novas etapas que renovem e redimam o sentido do percurso feito pela sociedade industrial. Esta, num primeiro momento, originou um Prometeu de carne e osso e atou-o a novos desafios e exigências. Mas, graças às próteses das técnicas e máquinas é, pouco a pouco, desamarrado e torna-se livre para se expressar. Hoje Prometeu está em vias de beneficiar de uma segunda libertação: depois de libertos os pés e as mãos, pode finalmente libertar também a mente. À libertação do corpo segue-se a da alma, esta bem mais difícil de conseguir. (16)

O trabalho repetitivo e enfadonho, seja ele físico ou intelectual, será cada vez mais realizado por máquinas. Aos humanos, no trabalho ou no ócio, resta a interessante tarefa de serem criativos. Mas será assim tão fácil a transição? Se a resposta for negativa, então a velha sociedade, que está a ficar para trás, continuará a parecer-nos natural. Continuará a ser natural

que, ao longo do ano, onze meses sejam entregues ao trabalho e um mês ao ócio; que, ao longo da vida, se estude durante quinze ou vinte anos, para depois trabalharmos durante quarenta anos e fazermos bem pouco ou quase nada naquele tempo que nos resta, antes de morrer.

Como quer que seja, estamos numa fase de transição. Como sempre. Mas hoje temos a sensação de estarmos a viver uma mudança de época. Não está a mudar apenas este ou aquele factor; é todo o paradigma determinante da vida dos homens. Poderão ser ainda densas e carregadas as nuvens da dúvida e do pessimismo, mas por detrás delas surge um círculo de fogo a dar brilho e claridade ao diadema de Protágoras: “O homem é a medida de todas as coisas”. Em tudo e, evidentemente, também é com ela que caminhamos e medimos no desporto.

Desacorrentar Prometeu implica tomar consciência de que vivemos aquém do que podemos. É talvez quando estamos de férias que melhor nos apercebemos da inteira razão dos pensadores que afirmam que as pessoas, em regra, vivem abaixo das suas possibilidades. Realmente a nossa vida decorre muitas vezes longe daquilo que podia e devia ser. Em relação às possibilidades vitais parece não haver dúvidas; os especialistas da fisiologia sustentam, há muito, que quase toda a gente utiliza apenas uma pequena parte do cérebro e que, se puséssemos este a funcionar na sua totalidade, pensaríamos mais e melhor. O que se traduziria num enorme benefício para tudo aquilo que tem a ver com a nossa existência individual e colectiva, dado que o pensamento é o necessário e indispensável instrumento para melhorarmos a vida.

Este uso inferior e reduzido de possibilidades não se fica pelo plano das funções vitais. Prolongando o raciocínio e o olhar é fácil constatar que não rimos, não cantamos e não exultamos sempre que é possível; pelo contrário, aproveitamos todas as oportunidades para nos penitenciarmos e carregarmos de traumas, problemas, ansiedades, angústias e preocupações, como se estivéssemos obrigados à tristeza e fosse causa de vergonha e indignidade a manifestação de alegria. Somos passivos e acomodados em excesso. Não nos mexemos e corremos atrás da vida e da sua exaltação tanto quanto é possível. Enfim, se vivêssemos consoante o nível superior das nossas possibilidades, o Mundo podia ser muito melhor do que é nas suas múltiplas dimensões, até porque os frutos da existência e do labor humanos costumam ser inferiores ao possível em quase todas as áreas de actividade. De resto no desporto temos bem consciência desse facto e tomamos isso como um repto que se encontra plasmado no lema olímpico. Este sugere-nos que a felicidade é expressão da performance da vida e que pode, pois, ser colocada na dependência do modo bem sucedido de vivermos de acordo com o nível cimeiro das nossas possibilidades.

Claro que a felicidade em plenitude e em permanência é inatingível. Mas é um impossível necessário. Apresenta-se como uma empresa humana, como objectivo supremo da realidade anelante, nunca conclusa, inspirada num projecto de futuro e, por isso, utópica que é o Homem. A nossa vida consiste precisamente em vivermos esforçadamente essa impossibilidade, procurando alcançar parcelas, ilhas, representações e antecipações da felicidade plena; porfiando em alargar os limites da estatura e da condição humanas, em modificar a nossa realidade antropológica mediante o cultivo de

dimensões da vida pessoal esquecidas ou relegadas para segundo plano, em contornar estreitamentos, apertos e condicionamentos de vária ordem, nomeadamente sociais, económicos e políticos. Esta tentativa tem como alavanca e sustento a ilusão, que bem pode ser vista como uma modalidade da felicidade e que implica mudanças na conduta e na linguagem, expressas por alterações nos comportamentos e rotinas quotidianos, no estilo de vida, nas palavras e conceitos que mais temos à mão. O acaso, o fado, o destino e a fatalidade devem ser substituídos por predisposições, atitudes e projectos que afirmem a crença e a convicção de que podemos e queremos ser os autores principais da nossa vida. De uma vida tingida de cores alegres e quentes.

Precisamos portanto de acrescentar à vida ingredientes propícios a diminuir a percentagem do descontentamento e a aumentar assim o acesso à vivência da felicidade. Que não instalem no drama e na tragédia, no desamor e na desilusão. Porque muito do mal está em nós. Está em não percebermos que a vida pode ser realizada de um modo bem mais afirmativo e humano. Ela pode e deve ocorrer ao Sol e à Lua. Porventura a infelicidade consiste em não darmos conta disto. Em aceitarmos a conformação a mafarricos encardidos em vez de ousarmos ser estrelas cintilantes.

Neste empreendimento continua a pertencer um lugar central à técnica e à estética. A civilização, assente primordialmente no avanço técnico e na conquista de dignidade e estética da vida que ele possibilita, não chegou ao fim. Ao dizer isto, não me quero incluído no luzido número de desmemoriados que clamam contra o avanço tecnológico. Quero-me longe deles e das falsificações com que atordoam os ouvidos e perturbam as consciências.

A memória do passado e a autoria de uma vida de dificuldades, inscritas nas rugas da testa, nas curvas dos ossos, na mirração da carne, na austeridade e inabilidade dos gestos e na rudeza e escassez das palavras, não consentem o esquecimento e o silêncio. Não permitem que cale que foram as técnicas que nos resgataram das cavernas da sub-humanidade, que nos tiraram de um tempo inteiramente consagrado à luta trágica e dramática pela sobrevivência. Não autorizam que se deturpe o teor da civilização. É a técnica que precede a criatividade e a inovação. A criatividade será uma espécie de estado de graça, de harmonia e perfeição, um sopro de inspiração que responde a uma ordem e voz que vêm de dentro; mas que só resulta quando a técnica se instala como uma segunda natureza. Sim, difícil é a técnica; com ela o resto é fácil. A técnica é substantiva e aumentativa; não se fica pela eficácia, transporta para a leveza, a elegância e a simplicidade, para a admiração e o espanto, para o engenho e a expressão do encanto. Sem ela não se escrevem poemas, não se compõem melodias, não se executam obras de arte, não se fazem golos. A arte implica tecnicidade. Sem técnica não há estética de coisa alguma. E a ética é deficitária e manca.

Durante um primeiro período da história humana, que se prolongou de setenta milhões até setecentos mil anos atrás, tudo foi igual, não se percebendo nenhuma mudança significativa. Por milhões de anos, os homens acreditaram que a morte era o único fim da vida e que a dor, a tristeza, a privação e a ausência de riso e canto eram inevitáveis e incuráveis. Estavam de tal modo habituados a elas que as consideravam um facto corriqueiro, a ponto de abandonarem os corpos e não os sepultarem, à semelhança dos outros animais. (16)

Foi a longuíssima fase na qual o homem não se resignou à sua imperfeição e se criou a si mesmo: aprendeu a andar erecto, a falar, a educar a prole. E, com a libertação dos braços e das mãos, descobriu que podia fabricar objectos com os quais conseguia compensar as suas fraquezas e, em segundo lugar, expressar as suas potencialidades.

Sim, foi o reconhecimento da imperfeição (de que não éramos nem os mais rápidos, nem os mais fortes, nem os mais capazes), aliado à aquisição do hábito de inovação, que nos trouxe até hoje. Sem isso teríamos desaparecido, tal como desapareceram os dinossauros perfeitos e fortes que na origem já sabiam tudo e assim recomeçavam sempre do início e eram abandonados à sua sorte.

Ao nascer imperfeito e indefeso, o homem vê-se obrigado a recorrer ao leite da aculturação para transformar a debilidade em força. É a criação de utensílios e bens culturais que permite a evolução do animal ao homem. E esta é uma marcha muito lenta; tem oitenta milhões de anos e ainda não se concluiu. Dessa evolução fazem parte a invenção da eternidade (como compensação ou consolação ou suavização da morte), feita há noventa mil anos e, posteriormente, a descoberta da arte, ou seja, da possibilidade de converter a beleza natural numa estética artificial (como compensação ou sublimação da dor). **(16)**

Começa aí a esboçar-se o ideal da felicidade, de algo inexplicável, de puro e belo que nos transporta para outro mundo e universo. De algo inacessível, mas intrínseco àquilo que não conhecemos de nós próprios. Os adornos passam a surgir nos objectos; não melhoram a eficiência da sua função, porém embelezam-na. Como que sugerem a ideia de que, para

aplar a ira dos deuses e conseguir as suas graças, devemos realizar algo que seja belo e não apenas de utilidade imediata. (16)

A nossa imperfeita perfeição continua a não nos dar sossego e descanso. A lembrar-nos que Prometeu se mantém acorrentado de muitas maneiras e que é necessário nunca dar por findo o trabalho de o libertar. O homem é e será sempre uma realização a menos, carecida de próteses e técnicas a mais. E estas não são fins em si mesmas. São ajudas, em múltiplas formas, de que o homem não pode prescindir; delegam cada vez mais o trabalho duro e pesado a máquinas; eliminam o cansaço e o sofrimento e servem para tornar a vida melhor. Quando não se usa tecnologia, usam-se seres humanos: escravos, servos ou operários. Ora o “gado humano” constitui um indicador de não-civilização.

O progresso tecnológico possibilita-nos buscar a felicidade e o bem-estar na arte: numa ida ao cinema e ao teatro, na visita a um museu, na assistência a um espectáculo musical ou desportivo, na contemplação da natureza, em suma, na admiração do belo. É a ele que devemos o gosto pela estética. Não mais para uma pequena elite, mas destinada a todos; e não somente uma estética do vestuário, mas também a das ruas e cidades, a do local de trabalho e a das boas maneiras. É a ele que devemos a elevação do belo a valor.

E é o belo que permite dar um sentido às coisas, isto é, encontrar a consonância entre a pessoa e aquilo que a rodeia. E, se o sentido é mais importante do que a quantidade, é a beleza que confere qualidade à vida. As modas passam, o que é belo permanece.

Nesta longa caminhada aprendemos a cuidar dos mortos, inventando até o purgatório para os redimir e fazer chegar ao paraíso. É agora altura de reinventar os vivos. De enterrar os muitos cadáveres do desrespeito pela estética. E de cuidar mais da ética: da obrigação de tornar a vida um projecto de arte, de beleza, dignidade e qualidade para todos. Mais ética e menos *show* enganoso e falacioso! - poderia ser o lema desta hora.

A estética está na moda. Resulta, entre outras causas, da extrema perfeição tecnológica que os produtos atingiram, sendo hoje muitíssimas vezes mais precisos do que o necessário para quem os usa. Atingida essa perfeição, já não vale mais a pena melhorá-los; resta-nos refiná-los no plano da estética, do *design*, do lado artístico. O mesmo vale para outros objectos, nomeadamente para os bens simbólicos.

Ora o desporto não fica de fora desta tarefa, pela sua essência e pelas suas finalidades. É um domínio da técnica e de tecnologias corporais, destinado a sublimar os nossos instintos e a quebrar as grilhetas das nossas limitações. A dar asas ao nosso corpo, para que o espírito, os sonhos, desejos e aspirações, os actos e os gestos se soltem e voem em direcção ao belo e ao alto.

A história ensina-nos que, no passado, a prática do exercício físico esteve integrada em movimentos de libertação nacional. Trata-se agora da libertação pessoal. No desporto andamos à procura do ponto de equilíbrio e união entre as várias linhas morais, entre epicurismo e estoicismo, entre a ética da virtude e a ética da felicidade, entre a ética do dever e a ética da utilidade. Nele continuaremos a aprender que o humano é limitado no plano físico. Mas o homem é ilimitado no plano moral, ético, estético, espiritual e

intelectual. Ilimitado é o divino. A humanização consiste na aproximação a este e o desporto veio com esse fim. Que levaremos por diante, inspirados em Lao Tse: “Uma viagem de mil quilómetros começa sempre com um simples passo”.

Emergência da qualidade e da pessoa

É interessante constatar que, na viragem de milénio, a massificação e o consumismo, para se manterem em alta e não verem atrapalhado o seu passo de palavras velhas e cansadas, deixaram de ser pronunciadas e cedem o lugar a outros vocábulos. É agora a vez de clamar por inovação e qualidade, abrindo assim as portas à criação de um novo contexto para a vida e logo para a educação e o desporto e para a sua configuração.

Mais, a bandeira da qualidade apresenta-se como uma poção mágica e abrangente, com poder de cura para os males de todos os sectores. E assim vê-se erguida nos mastros de todas as empresas e instituições, de todos os produtos e serviços, nas revistas e manuais de marketing e gestão, nos estilos de vida, na escola, na educação e – não por último – no desporto. Pode até dizer-se que o acréscimo da importância da qualidade de vida, entendida como uma melhoria do ritmo e das condições e circunstâncias do viver, é hoje uma tendência mundial. E ter boa qualidade de vida mais não é do que valorizar o cliente principal que é a pessoa.

Em suma, a proclamação do princípio da qualidade traz no seu bojo a emergência da pessoa; e esta acarreta repercussões de tomo na renovação do entendimento e da prática da educação e da diversidade dos seus meios.

Com efeito o conceito de educar está intimamente ligado ao da pessoa; se este sofre variações aquele não lhe fica indiferente.

Por exemplo, o conceito medieval de *persona* é perpassado pela teologia: não se referencia primordialmente ao homem, mas sobretudo a Deus. A *entitas* da pessoa do cristianismo medieval releva da ideia do homem feito à imagem e semelhança de Deus. Bem diferente é o conceito de *persona* do Iluminismo, nomeadamente de Kant, ao apresentar o Homem como um fim, nunca como um instrumento. Assim ser *persona* pressupõe maioridade, autonomia; significa ser sujeito e autor da sua própria vida, ser protagonista de si mesmo, emancipar-se da menoridade e da irracionalidade dos instintos à luz do primado da razão. *Persona* é entendida na sua dignidade ontológica. A consciência de si leva à construção da *persona* e este processo dá como resultado uma ética (não uma moral, que apenas cobre a domesticação social dos homens). Por sua vez a ética só é possível mediante a convivência com o outro, mediante a sua aceitação e inclusão; supõe comunidade e comunhão. Ou seja, o ser humano implica descobrir-se a si mesmo em relação, em diálogo e interação, dando ao *Outro* o estatuto de *Eu*. Não se trata de identificação, antes de uma contraposição. É nisto que mergulha as raízes a importância do outro para a formação da identidade própria, afirmando assim a imprescindibilidade da *alteridade*, com todas as consequências imanentes a este conceito.

Ser *persona* é perceber o que temos todos em comum. É a descoberta da alteridade. É o prazer de sentir os outros ser como semelhantes, não como um prolongamento de nós, mas na qualidade de cada um, individualmente, como *persona* única e irrepetível, com as suas capacidades

próprias. É sentir as diferenças, como dizia Voltaire, como traços de união, como laços que nos unem uns aos outros, como uma forma de associação do género humano. Ser *persona* é a nossa condição, algo que tem que se conquistar e erguer em cima da nossa natureza. É o valor máximo da educação. E obviamente do desporto. (45)

As críticas que, desde há tempos, se vêm fazendo aos paradigmas, produtos e instrumentos da modernidade projectam a necessidade de construção de uma nova subjectividade e conseqüentemente um novo contexto pedagógico. E porquê?

Porque a racionalidade da modernidade afunilou problemáticas e perspectivas e carreou implicações negativas para o terreno da educação. Ao implantar uma razão tecnocrática levou, segundo Dias de Carvalho, o homem a controlar os seus comportamentos mais por condicionamentos externos do que por normas pessoalmente assumidas. E, ao esquecer que o conjunto dos interesses humanos se determina a partir do Ser do homem e da questão kantiana - *o que é o homem?* -, acabou por levar a uma desertificação axiológica. (18)

A essa racionalidade há que opor a reconfiguração da educação como um *projecto antropológico*. Há que chamá-la a assumir um *protagonismo axiológico*, dado que fora deste quadro não se reconhece qualquer estofó educativo ao ensino e à aprendizagem, seja do que for. Isto é, à educação hodierna, aos seus pensadores e organizadores coloca-se o ingente desafio de preencher os vazios antropológicos e axiológicos, de sair das bandas do utilitário e do acessório para que foi empurrada, com manifesto prejuízo de toda a sociedade na qualidade do seu teor de humanidade.

Ou seja, torna-se imprescindível uma fundamentação antropológica do desporto, das suas reflexões e problemáticas, dos seus modelos e técnicas, dos seus meios e fins. Um repensar do seu sentido antropológico e dos respectivos critérios.

A assunção de tal protagonismo traz consigo o *imperativo categórico da qualidade*. E isto porque, à luz do axioma da dignidade do homem, de Kant, o *Ser Homem* contém uma valência intrínseca de qualidade; comporta, em si mesmo, uma *exigência de qualidade*. Quer dizer, todo o homem é, pelo facto de nascer e desde logo, um ser de elite, um pólo de qualidade, com direito à vida boa e ao humano trato.

A nossa consciência antropológica determina, pois, que coloquemos a exigência de qualidade total à totalidade do desporto. Que este assuma a recuperação da consciência da dignidade como distintivo essencial da vida e da sociedade. Que todos os contextos desportivos sejam locais e instrumentos de afirmação categórica e de concretização exemplar do imperativo de qualidade imanente ao Ser homem.

Nesta conformidade a nossa função de pedagogos concretiza-se na tarefa de reavivar a consciência da dignidade do homem e o modo como esta é efectivada em todos os lugares desportivos. Na obrigação de conceber e fundar constantemente o desporto como oficina de humanização dos humanos, de enraizamento da liberdade, de melhoria e aprofundamento da cidadania e da democracia. De alimentar na comunidade desportiva a aspiração a padrões elevados de qualidade e de enriquecimento do sentido e significação das suas acções. De oferecer referências para a optimização das organizações desportivas, como centros dinamizadores da educação e

cultura no meio em que se inserem. De defender uma concepção personalista e cultural do desporto, acentuando o sujeito deste como pessoa mediatizado pela cultura. Isto é, os *desportólogos* obrigam-se a pugnar pela promoção da qualidade do desporto. Em condições elevadas de cultura e civilização, iluminadas por critérios éticos e humanos.

Somos, assim, intimados a pensar o desporto com a liberdade e a radicalidade com que o homem deve pensar tudo e deve, principalmente, pensar-se a si próprio. O que implica um olhar que não se fique pela superfície e epiderme das coisas, sem atingir o seu coração. Sim, é do homem que o desporto trata e deve tratar de um tipo de homem que não nos envergonhe, mas antes nos exalte.

Por mais que tentassem desviar-nos desta meta, estamos a retornar à filosofia, vemo-nos obrigados a filosofar de novo. A renovar a pergunta do Homem. E que renove as razões de o educar e formar desta ou daquela maneira, neste ou naquele sentido. Inspirada num humanismo criacionista do triunfo pleno sobre o *nihilismo*. (9)

Devemos, sim senhor, assumir a ousadia de pensar filosoficamente o desporto, ou seja, de abordar os seus problemas também numa perspectiva filosófica. Devemos reflectir sobre o Homem que ordena a sua vida pela ascensão consciencial, porque não há terceira via: ou a vida é polarizada pelo nada ou pelo infinito, ou se inclina para o chão ou se eleva para o alto. O mesmo é dizer que a reconfiguração e revalorização do desporto implicam a *redescoberta* do Homem e a tentativa de o colocar no seu destino de plenitude. É sobre ele que no desporto se deve reflectir. Sabendo agora que as dimensões da questão do homem, da sua libertação, do sentido da vida e

da educação não cabem todas na razão experimental e na lógica da racionalidade científica, é tempo de dar oportunidade a outras lógicas e razões: à razão filosófica, à razão cultural, à razão poética, à razão religiosa, à lógica do infinito, a uma lógica maior.

Eis, em traços gerais, balizado o quadro da procura de referências e respostas para uma nova qualidade do desporto. E quem diz este, diz qualquer outra modalidade de tentar cumprir o sonho do Homem.

Inactividade e obesidade

Como é notório, a prática das actividades desportivas, em sentido lato, encontra-se em grande expansão. Nunca como hoje foram tão altos os índices do seu consumo. Porém isto não permite afirmar que ela se tenha tornado um hábito da generalidade da população. Longe disso. Para o seu crescimento contribui sobretudo o aumento em flecha da adesão de determinados grupos populacionais, mas, por outro lado, a abstinência continua a ser uma regra para alguns e noutros ainda surge como uma tendência recente a causar natural preocupação.

No tocante às populações mais jovens assiste-se em muitos países do Mundo a desinvestimentos nas ofertas estatais de actividade física e desportiva, numa total desconsideração das consequências nefastas para os atingidos. Nesse quadro inserem-se alterações do estatuto da disciplina de Educação Física nas escolas, quer reduzindo o número de horas curriculares, quer indo ao cúmulo de lhe retirar o carácter obrigatório e de a tornar facultativa.

A situação é agravada pela circunstância de estarmos a verificar, por toda a parte e por razões várias, o desaparecimento da actividade lúdica e motora espontânea. E assim surgem dois grupos extremos de crianças e jovens: uma minoria que pratica regularmente e até várias vezes por semana desporto organizado e uma maioria que não pratica rigorosamente nada. Tudo isto contribui para uma perigosa tendência que regista, à escala mundial, níveis preocupantes de actividade desportiva e de aptidão física precisamente no sector das crianças e jovens, com profundas implicações no estado de saúde, na qualidade e estilos de vida e nos valores adjacentes.

Contra este panorama assaz negativo insurgem-se a OMS e outras organizações nacionais e internacionais empenhadas em campanhas contra a erradicação de várias epidemias, tais como a obesidade e as doenças do foro cárdio-vascular. Nesse sentido apelam ao reforço da presença da actividade desportiva em programas voltados para a educação da saúde. Pelo mesmo diapasão alinham os resultados de estudos levados a cabo por renomados especialistas um pouco por toda a parte, que apontam conexões entre o alastramento daquelas epidemias e os baixos níveis de actividade e aptidão físicas.

A fazer fé nesses dados e nos últimos registos da OMS, tudo sugere que estamos a caminhar em todo o mundo em direcção à obesidade como epidemia do século XXI. Esta é considerada nos países desenvolvidos, juntamente com a inactividade física (observada em 65,0% a 85,0% da população mundial), como o principal problema de saúde pública do nosso tempo que atinge não apenas os adultos e idosos, mas que penetra cada vez mais na população infantil, afectando para cima de 22 milhões de crianças

com menos de 5 anos de idade. Os sinais mais alarmantes vêm dos EUA, indicando que mais de 30,0% da população já é obesa aos 36 anos de idade, uma cifra que representa o dobro do que se registava 20 anos atrás e que promete aumentar muito rapidamente. Mas a Europa não fica à parte, se bem que os números não sejam tão altos, embora perfaçam cerca de 45,0% a 50,0% do volume mundial de população obesa; ademais o nível da obesidade infantil é alarmante, tangendo um sexto do total das crianças e, nalgumas regiões, uma em cada três. Portugal, por exemplo, tem níveis elevados de sedentarismo e de excesso de peso, com a obesidade a avançar a passos largos e um número crescente de crianças a cair nessa zona de perigo, sendo também crescente a obesidade mórbida. Mais, nos países ocidentais cerca de 10,0% dos orçamentos da saúde são gastos em doenças provocadas pela obesidade e esta é a segunda causa de morte. O que mostra que o investimento em programas de incremento da actividade desportiva tem um carácter profundamente estratégico, quer no referente à diminuição dos custos ligados às doenças, quer no concernente à melhoria dos índices da saúde, da qualidade de vida e da sua fruição.

Acresce que a onda da inactividade não afecta apenas o domínio físico. Se é muito baixo o número dos que praticam actividade física, também é assustador o número dos inactivos no plano mental. As duas coisas andam associadas. A inactividade é, pois, a grande vencedora desta hora. O chão está pejado de derrotados: indivíduos apáticos, abúlicos, amorfos, indolentes, submissos, manipuláveis e alienáveis. De cidadãos em letargia.

Infelizmente a onda do relaxamento (no tocante a exercício e esforço físicos) e do ambiente *obesogénico* alastra a todo o mundo, até porque a

compulsão para imitar o ocidente nos estilos de vida e de alimentação leva à instalação de inúmeros restaurantes e cadeias de *fast-food*, constituindo uma séria ameaça à saúde pública. Em suma, a obesidade cresce em proporções alarmantes e afecta, no mundo inteiro e já neste momento, um número superior a trezentos milhões de pessoas. E tende a subir vertiginosamente sem conta nem medida. (25)

Ademais a obesidade é uma doença sinistra pelas numerosas e gravosas implicações que encerra e que se repercutem para além do plano estritamente biológico. Como se sabe, pertencemos a uma sociedade da imagem e da aparência e vivemos numa época em que a beleza, a juventude e a perfeição física são ambições generalizadas e o sucesso definido por um aspecto padronizado pelo culto da magreza. Ora a obesidade não se inscreve nestas matrizes nem é fácil de esconder ou disfarçar. Altera a imagem dos atingidos e, para além dos danos à saúde, causa alguma marginalidade, com manifestas consequências negativas no plano social, afectivo e psicológico. Mais ainda, torna-se num estigma que aponta e persegue os obesos como pessoas fracas e indolentes, desprovidas de capacidade de controlo e de vontade.

Ou seja, num tempo em que a conjuntura corporal é sobremaneira marcado pela estética e pelo culto da imagem, não é fácil aos obesos resistir aos olhares dos outros. Contrariando o senso comum de que os gordos são pessoas bem dispostas, alegres, felizes e despreocupadas com a sua imagem e os julgamentos alheios, regista-se neles uma progressiva perda de humor e de auto-estima, cresce neles um profundo descontentamento e um sentimento de inferioridade e de falta de confiança em si e nos outros. A

doença torna-se a nova identidade e a única companhia; escondem-se e fogem do contacto com as pessoas, desistindo até de levar por diante tratamentos de controle do peso. Como resultado surgem o desencanto e a decepção em relação à vida.

Também por esta via nos apercebemos da razão que assistiu a alguns pensadores, nomeadamente Merleau-Ponty, que retiraram o corpo da zona da coisificação e o instituíram em sede de símbolos e significados, porque o corpo é não num mundo natural, mas num universo eminentemente cultural e axiológico. Ele é um constructo sócio-cultural que está para além do protocorpo natural e biológico. E assim ele incorpora o sentido estruturante da existência humana e da qualidade de vida imanente. Por outras palavras, nós somos o nosso corpo, este é a medida e expressão do nosso ser; as duas qualidades estão interrelacionadas. (32)

Goethe também já havia sugerido o mesmo quando, na sua obra “A Metamorfose das Plantas”, afirmou que atrás do visível não há nada; no visível e na superfície é que está tudo. Que há uma relação íntima entre a obscuridade das nossas entranhas e a nossa visibilidade; que as primeiras não são mais importantes do que aquilo que é visível no corpo. A metamorfose e o crescimento terão forças próprias, mas são manifestas à superfície.

Também Carlos Drummond de Andrade navega nas mesmas águas com esta exclamação:

*Salve, meu corpo, minha estrutura de viver
e de cumprir os ritos do existir! (15)*

Envelhecimento da população

Entre as várias tendências demográficas assinaladas no *Relatório do Desenvolvimento Humano* do PNUD, editado em 1999, verifica-se uma taxa muito baixa de crescimento anual da população entre 1975 e 1997 e nas previsões para o período de 1997 a 2015, a saber:

- Nos países de desenvolvimento humano elevado decresce de 0,7% para 0,4%; nos de desenvolvimento médio passa de 1,8% para 1,1% e nos de desenvolvimento baixo desce de 2,7% para 2,3%.

Estes dados são acompanhados de modificações nas previsões referentes à percentagem da população com 65 anos e mais entre 1997 e 2015:

- Nos países de desenvolvimento humano elevado passa de 13,6% para 17,1%; nos de desenvolvimento médio a percentagem evolui de 5,7% para 7,3% e nos de desenvolvimento baixo regista já uma subida, embora por enquanto ligeira, de 3,0% para 3,2%.

No tocante a taxas de fertilidade total entre 1975 e 1997 constatam-se, nos mesmos países e respectivamente, descidas de 2,1 para 1,7, de 4,5 para 2,6 e de 6,8 para 5,2.

Há portanto um encolhimento da percentagem da população mais jovem, a par de um acréscimo significativo da população idosa, revelador de ganhos muito palpáveis em termos de longevidade.

No que concerne a esperança de vida, os dados poderiam ser bem melhores se não se registasse um incremento da difusão do vírus HIV/SIDA. Mais de 33 milhões de pessoas viviam em 1998 contaminadas por esse

vírus. E só nesse ano o número de novos infectados foi da ordem dos 6 milhões. Acresce que a epidemia está a alastrar rapidamente para novas regiões. Com 95,0% dos 16 000 infectados por dia a viverem nos países em desenvolvimento, a SIDA pode ser vista como uma doença dos países pobres, reduzindo fortemente a esperança de vida e fazendo recuar os ganhos das últimas décadas. Deste modo, prevê-se para 9 países africanos uma perda de 17 anos na esperança de vida em 2010, ou seja, um retorno aos níveis dos anos 60. (38)

Ora isto não passa à margem do curso do desporto. Assim este, que durante muitos anos foi quase só pensado e organizado para os jovens e adultos de baixa idade dotados de corpulência e competência motora, está e vai continuar a ser objecto de cada vez maior procura por toda a população, com destaque para grupos especiais e para os idosos. Além de que a adesão a programas de vida activa e ao movimento do desporto para todos, iniciados nos anos 60 nos USA e no Canadá, não se depara com motivos inibidores da tendência para se expandir. As campanhas de agitação e sensibilização vão derramar-se por toda a parte, tanto mais que a obesidade, as doenças da função cárdio-circular, da locomoção e da osteoporose avançam em força no novo século, constituindo factores determinantes do incremento do desporto e do exercício físico e da sua prescrição e generalização para fins terapêuticos.

Do mesmo modo os esforços da sua modelação teórica e científica, assim como a formação dos respectivos quadros confrontam-se com um alargamento de perspectivas, com o estabelecimento de novos equilíbrios e porventura com modificações de prioridades. Pouco a pouco cria-se razão e

espaço para uma *heterotopia*, que cuide de trazer para o centro aquilo que tem sido esquecido ou postergado para lugares secundários ou marginais.

De resto é nos idosos que a aptidão física assume de modo particularmente manifesto uma função de instrumentalização ao serviço da condição psíquica e social do atingidos, da sua auto-estima, auto-conceito e auto-confiança. Ela é meio indispensável e condição básica para a realização de fins que a incluem e transcendem.

Acresce que no desporto da terceira idade, tal como noutras práticas desportivas referenciadas à saúde, a opinião pública é renitente em aceitar a presença de técnicos desprovidos de formação abalizada. Pelo que esses campos de actividade poderão constituir uma bolsa de crescimento do mercado e até do emprego profissional, nitidamente em queda na tradicional instituição de empregabilidade que têm sido a escola e o clube desportivo.

Tudo isto vale para dizer que os tempos vindouros nos convidam para reformulações e inovações, pautadas pela preocupação de oferecer uma base mais sólida à concretização das dimensões ética, estética, social e humana do desporto. Em suma, quero crer que o verdadeiro papel humanista do desporto desponta já em novas cores e caras. E que vai iluminar o futuro. O seu e o do Homem.

Desporto adaptado

Para idealizar e referenciar a importância e o sentido deste sector, permito-me transcrever um pequeno texto intitulado “Atletas especiais”, que escrevi em tempos como resposta a um comentário desmerecedor da participação de cidadãos com deficiências nos *Special Olympics*:

“Chamam-lhes deficientes e, ao dizê-los assim, julgam-se normais os que o não são. Mas não. São atletas e homens especiais. Porque deficientes somos todos nós. Uns mais, outros menos, todos somos prisioneiros da deficiência. A uns não se solta a língua por gaguez ou timidez ou por não saberem o que dizer ou ainda por não lhes acudirem as palavras para dizer aquilo que não sabem bem como e quando deve ser dito. Noutros ela fica muda e refastelada no céu da boca, no remanso da cobardia, da falta de coragem e do oportunismo.

Uns são surdos aos gritos do mundo, porque a sua sensibilidade não apreende o que os cerca. Outros têm os ouvidos fechados à harmonia, porque abertos à grosseria do palavirão, ao aviltamento e ao embrutecimento. Uns vêem mal ao perto e enxergam pior ao longe, que é o lugar donde se contemplam as coisas grandes e sublimes do espanto e admiração. Ao passo que os olhos de outros se cerram a todo o raio de luz com medo de que o esplendor da beleza e verdade lhes rasgue o negrume da consciência.

Uns medem-se grandes e são só compridos. Ainda meninos são já adultos e velhos empedernidos. Fitam o céu, mas não ousam voar, por lhes faltarem as asas do sonho, da esperança e da confiança. Mantêm-se rentes à terra, porque é na rasteirice que melhor se alimenta e medra a sua condição.

Noutros o corpo é crescido, mas a alma incrivelmente pequena. Há os que têm curvaturas nas costas e há igualmente os que exibem aleijões nos princípios, nas atitudes e comportamentos. Uns são trôpegos no andar e outros mancos no carácter. Há quem seja quente por fora, mas frio e gelado por dentro. Branco na pele, mas negro nos valores, cheio de crispação nos gestos e de ódio nos sentimentos. A uns a necessidade obriga-os a cuidar

apenas de si. A outros a inveja não deixa contar mais ninguém no direito à existência.

Mesmo que nos excluamos de uns e dos outros, vemo-nos sempre aquém do que podemos e devemos. No nosso riso e canto há sempre dor e melancolia. O travo amargo da incompletude.

Mas eles são heróis de outro filme que acontece a todo o instante e nunca será rodado. Arrancam-se do chão e levantam-se como bandeira do optimismo e do entusiasmo, içada na tarefa de viver. “Têm Deus em si”, que é esse o significado de “enthosiasmós”, o vocábulo de origem grega donde o nosso provém. E deste modo dão testemunho de um vigor especial, de uma inspiração, de um arrebatamento e uma força de origem divina, que permitem ao ser humano transcender as suas limitações.

São entusiastas e optimistas. Por isso acham que o seu projecto vai dar certo e fazem-no dar certo. Fazem com que as coisas aconteçam, com que o milagre se realize em todos os dias da sua vida. Aprenderam com Otto von Bismarck que “o pessimismo jamais ganhou uma batalha”. E tomaram boa nota da distinção de Edgard Wallace: “Para os pessimistas os lírios pertencem à família das cebolas. Para os entusiastas optimistas as cebolas pertencem à família dos lírios.”

Porventura muitos deles nunca ouviram falar de George Bernard Shaw, mas dão-lhe razão com o seu exemplo: “As pessoas sempre culpam as circunstâncias por aquilo que são. Eu não acredito em circunstâncias. Quem se sai bem neste mundo são as pessoas que saem à procura das circunstâncias que desejam e, se as não encontram, criam-nas.”

Quem se quedar no seu canto à espera do cavalo ricamente ajaezado que o há-de levar a um destino luminoso, vai ficar lá especado toda a vida. Porque essa montada nunca passa. É preciso saltar para cima do primeiro burro velho e manco que surgir no nosso caminho e ir até aonde ele nos puder levar. E depois há que repetir o método tantas vezes quantas as necessárias para perseguir um final feliz.

Não tenho bolsas ou condecorações para vos dar. Nem outros prémios para vos compensar. Nem votos para vos pedir. Dou-vos cravos e rosas e elogios e obrigados numa bandeja de emoções. Aceitai-as, que são frutos da razão e do coração. Porque vós redimis o homem de todos os senões. Diógenes não precisa mais de andar à procura. Pode calar o remorso, apagar a candeia e dormir em paz. O rascunho e esboço de atleta e homem, que vem dentro de cada um de nós e que tantas vezes fica por realizar, ganha voz e forma na vossa luta de todas as horas.

Continuai a ser atletas, contra a cegueira da indiferença. Recomeçai sempre sem angústia e sem desânimo. Para dar passos de liberdade no caminho duro que leva ao futuro. Não descanseis enquanto não alcanceis. Do fruto da cidadania não queirais só a metade. Porque vós sois cidadãos na inteireza do dizer e arquétipos da aventura humana na expressão do fazer. Um dia ainda haveis de voar!”

Sim, também os portadores das mais diversas e leves ou pesadas deficiências, marginalizações e exclusões devem encontrar no desporto um domicílio e um porto de abrigo. Também para eles o desporto deve ser uma base para edificar a vida boa e aprender a arte de viver, uma forma de trato humano, de trato entre semelhantes que reconhecem a sua dignidade, isto é,

o direito a não ser maltratados; que simpatizam com as debilidades uns dos outros e que se prestam assistência naquilo em alguns pouco ou nada podem ajudar-se a si próprios. Para a partir daí se fazerem aos mares da vida de velas desfraldadas ao vento do optimismo, da alegria e da confiança. Porque – assim o diz Savater e assim o confirmamos todos os dias - o mundo em que as pessoas se tratam umas às outras como pessoas é o único onde de facto se pode *viver bem*. (41)

11. Da sobrevivência do clube desportivo

O caminho para o futuro é, paradoxalmente, não olhar para a frente, mas sim também ao redor.
John Seely Brown

Da venda de ilusões

Li, num livro do escritor brasileiro João Ubaldo Ribeiro, esta pertinente afirmação: “O segredo da Verdade é o seguinte: não existem factos, só existem histórias”. A formulação é curiosa, encerra muito de verdade e aplica-se inteiramente ao caso da SAD –Sociedade Anónima Desportiva.

A ideia da SAD foi promovida entre nós como sendo a única poção mágica e eficaz para debelar a crise estrutural e financeira que atravessa o

desporto. Para acabar com as dificuldades económicas e com as debilidades fiscais dos clubes. Na sua conta são creditados apenas ganhos e vantagens.

Todavia não se percebe bem como é que um fenómeno animado de constante ímpeto de renovação e mudança, como é o desporto, há-de confiar-se às promessas de um remédio que não pode dar garantias ilimitadas de eficácia, quer para além do seu prazo de validade, quer para curar todo e qualquer tipo de maleitas. E sabe-se que são muitas e diferenciadas as enfermidades que acometem o desporto. Ao espectro tradicional somam-se contínuas novidades.

É, obviamente, necessário acordar para a realidade e adoptar para ela soluções adequadas às circunstâncias. Contudo a criação de sociedades anónimas desportivas não constitui o cerne da problemática do presente, nem vem assegurar um radioso futuro ao desporto. Significa apenas que no desporto o ócio e o negócio andam misturados. Que o último é hoje mais evidente do que nunca e que o desporto profissional se confronta com a exigência de cumprir obrigações decorrentes da sua natureza laboral e empresarial. Mas isso não torna imperiosa a adopção daquela figura organizativa. Ela não é a fórmula milagreira e exclusiva para abordar os problemas. A legitimidade não se esgota nela.

Para ser moderno o desporto não precisa de deitar fora o legado clássico dos seus princípios e ideais, de renunciar à memória do nosso comunitarismo ancestral, nem de ceder às investidas da tentação económica. Porquanto ele não é só espectáculo, nem apenas mercadoria comercializável de todo o modo e feitio e vendível a qualquer preço numa banca do mercado.

A *questão central* da estruturação do desporto prende-se com a reinvenção e renovação do associativismo. Podendo ou não revestir - e, em caso afirmativo, só numa parte muito ínfima - a forma de sociedade anónima desportiva.

O associativismo desportivo despontou dos fundamentos do século passado e atravessou-o ligado ao desenvolvimento dos centros urbanos, como pedra angular de uma cultura viva e activa da solidariedade, como elemento de integração e interacção de pessoas e grupos. Assumiu um papel cimeiro no movimento de construção democrática, de modernização cultural e de humanização da vida urbana. Constituiu-se mola real da vida social das populações. A ponto de se configurar como escola de solidariedade e de humanidade.

Transmitiu-nos ideais. Integrou-nos num quadro de hábitos morais e de virtudes cívicas. Ensinou-nos jogos e procedimentos de relacionamento, de coabitação e de confiabilidade mútua. Fez do desporto um espaço ímpar de conagração de toda a gente, de pessoas de diversas idades, opções ideológicas e condições sócio-económicas e de diferentes estatutos intelectuais. Um lugar de encontro, de convívio, de diálogo, de partilha e permuta de linguagens e ideias, de finalidades e ambições, de paixões e emoções. Uma verdadeira *res publica* de cultivo da tolerância e humildade através do reconhecimento da igualdade de direitos, de sonhos, ilusões e desilusões.

A euforia, o alarido e a feira mediática, montados para apregoar a sociedade anónima desportiva sem pensar nas suas consequências, fazem parte de um tempo que, repetindo Feuerbach, "prefere a imagem à coisa, a

cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser." Em que a ilusão e a mistificação aumentam à medida que decresce a verdade, tomando o cúmulo das primeiras pelo cúmulo da segunda.

Mais ainda, a visão exclusivamente económica do desporto lavra em erros elementares. A obsessão em fazer passar o produto leva os seus arautos a não inquirir do índice da sua aceitação pelos consumidores. A não querer saber da identificação ou não dos adeptos dos clubes com a entidade proposta, nem tampouco a contabilizar os custos e as perdas sociais decorrentes do desaparecimento da dedicação graciosa e da sua substituição pelo trabalho remunerado.

Os tecnocratas estão-se nas tintas para o empobrecimento e a fragmentação da sociedade, para o seu pulsar e sentir, para quebras no seu teor de humanidade. E para o esvaziamento do desporto de valores e externalidades de índole social. Mas - com os diabos! - façam bem as contas, ao menos no plano económico. Pesem vantagens e desvantagens, ganhos e perdas. Vejam para que lado se inclina a balança. Antes de vender ilusões.

Nesta conformidade é curial apurar e lançar o olhar sobre a realidade envolvente. Procurando corresponder à obrigação subjacente à pergunta que Friedrich Schiller (1759-1805) formulou na sua primeira aula na Universidade de Jena: Terá o homem para dar ao homem algo maior do que a verdade?

É assim que nos devemos debruçar sobre o desporto, tal como ele se apresenta actualmente, por força das rápidas e profundas mutações que sofreu nos últimos anos e pelo ímpeto de transformação que o leva para o futuro. Neste olhar importa sobretudo que descubramos oportunidades de melhoria e evolução do clube desportivo com o intuito de o salvar e sabendo

que é primordial defender o sistema desportivo contra a pressão e a investida de diversos grupos de interesses. O mesmo é dizer que o futuro do desporto depende da capacidade de enfrentar cinco grandes perigos:

- Comercialização excessiva.
- Configuração jurídica e estrutural ditada quase exclusivamente por premissas económicas, ignorando princípios pedagógicos, sociais e humanistas.
- Insuficiência de oportunidades para os mais novos e de medidas de apoio aos jovens com talento.
- Manipulação, *doping* e violência.
- Decisões políticas incompatíveis com a sua especificidade.

Ao jeito de provocação

Escrevi, em tempos, num texto intitulado “*Viva o Clube Desportivo*”, que o associativismo sofre da doença do envelhecimento e que aguarda urgentemente o remédio da renovação. E que esta passa por uma estratégia de rejuvenescimento, concretizada na criação de modalidades e departamentos voltados para a consideração dos interesses de crianças e jovens e para o exercício da sua liderança. Sem esquecer a inovação de medidas orientadas para outras idades e tendentes a enfrentar a televisão e a comodidade de não sair de casa. Sob pena de nos darmos por vencidos e assistirmos irrevogavelmente ao progressivo empobrecimento do nosso sentido colectivo.

Havia, apesar de tudo, no diagnóstico que então fiz uma pincelada de esperança e de optimismo. Coisas que hoje não comungo de modo tão convicto. E assim a minha noção de responsabilidade social e de fidelidade à integridade intelectual obriga-me a produzir afirmações de outra tonalidade.

Como se sabe, os organismos são feitos para se adaptarem, porém dentro de alguns limites e de forma gradual. Para além de um certo ponto é muito mais fácil destruí-los e iniciar novos organismos do que modificá-los.

Ora devo confessar as minhas dúvidas acerca da capacidade real de muitos dos clubes desportivos do nosso País para enfrentarem os exigentes desafios do presente e do futuro. Fechados e insensíveis como têm estado à evolução dos tempos, temo bem que não suportem o choque provocado pelas terapias que se impõem.

Acresce que, no mundo do desporto (e não só!), muitas pessoas gostam de perorar sobre a necessidade de mudança, porém, quando esta lhes diz directamente respeito, oferecem uma resistência tenaz.

Em suma e ao jeito de provocação, estou deveras pessimista quanto às possibilidades reais de muitos clubes desportivos se reestruturarem para sobreviver e, mais ainda, para prosperar no ambiente hipercompetitivo do limiar do novo século. Porém é óbvio que gostava de ver este pessimismo desmentido em toda a linha. (7)

Ditames da nova era da competição

Não constitui novidade o facto de estarmos a viver uma era de intensificação da competição. O que implica que a velocidade das mudanças seja superior à capacidade de adaptação. Os diversos especialistas na

matéria convergem todos para a opinião de que este fenómeno gera transformações avassaladoras a que nenhuma organização social consegue escapar. Vejamos algumas dessas transformações:

Primeiro: *Desregulamentação e privatização.*

Percebe-se em todo o mundo uma tendência crescente para a desregulamentação e para os governos abrirem mão de uma série de serviços cuja eficiência é objecto de crescente contestação. Por isso alarga-se a entrada do sector privado no sector público, tanto mais quanto este não possui, entre outras coisas, capital para a sua reestruturação e reformulação.

Seria ingenuidade pura manter e alimentar a ideia de que o Estado tem na mão soluções mágicas e disponibilidade para intervir, de maneira tutelar, no renascimento e revigoração do desporto, quando não exercita essa prática noutros domínios, porventura mais cruciais.

Segundo: *A globalização* traduz-se num aumento da competitividade, forçando, como já vimos, as bitolas locais a um confronto com os parâmetros que vigoram em espaços mais amplos. Muitas organizações ficarão pelo caminho, por não estarem à altura, nem terem possibilidades de se preparar para responder ao crescendo de exigências.

Quem continuar a pensar que apenas as empresas abrem falência está redondamente enganado. Grandes e poderosos impérios, nações e instituições têm desaparecido, ao longo dos tempos, varridos pelos ventos da história e do devir social. Por maioria de razões os clubes desportivos correm o perigo da decadência e do desaparecimento, como reflexo do seu

desajustamento em relação à realidade e às necessidades e orientações que nesta despontam. Infelizmente não faltam exemplos de colossos desportivos, amplamente conhecidos, mergulhados em profunda ruína.

Terceiro: *A supremacia do conhecimento.*

A formação, o conhecimento, a competência e as capacidades pessoais serão cada vez mais os recursos fundamentais para enfrentar o desafio da competitividade. Ou seja, como salienta Prahalad, a “mão-de-obra” cede o lugar à “cabeça-de-obra”. (39)

Vem a propósito referir uma passagem de Eggon João da Silva: “Se faltam máquinas, você pode comprá-las; se não há dinheiro, você toma emprestado, mas homens você não pode comprar ou pedir emprestado. E homens motivados por uma ideia são a base do êxito”.

É precisamente de homens com conhecimentos e ideias, com carisma e motivação que o desporto mais precisa. Não que eles não existam, mas são indesejados nas funções e esferas de decisão. A fragilidade do clube desportivo, que já é grande neste domínio por ser tradicionalmente avesso ao conhecimento e à racionalidade, agrava-se na medida em que o progresso científico e tecnológico acelera a obsolescência dos saberes, tornando hoje a capacidade de aprendizagem mais importante do que aquilo que aprendemos. De resto requer-se que o clube seja ele próprio uma casa de incessante aprendizagem.

Quarto: *A complexidade dos problemas sociais.*

Há indícios de sobra para concluir que, comparados com anos vindouros, os anos passados foram uma brincadeira. O desemprego e a exclusão, a violência e a insegurança e os problemas que lhe estão associados não vão desaparecer. Pelo contrário, surgirão em novas formas, bem mais difíceis de abordar do que as já conhecidas. Não deixando, portanto, adormecer a necessidade de reflexão sobre a sociedade e a democracia, sobre a sua ética, os seus valores e a sua razão de ser. O que coloca aos clubes desportivos a obrigatoriedade de se abrirem à prestação de novos serviços e a novos clientes, até porque se multiplicam os caminhos que levam noutra direcção.

Quinto: *Novos padrões de trabalho.*

Neste capítulo são cada vez mais requeridas qualidades tais como inovação, criatividade, abertura, flexibilidade, cooperação, imaginação, dinamismo. Ou seja, requisitos que apontam para a criação de um novo clima de trabalho, visando tornar atraentes os serviços prestados e os produtos oferecidos.

Não é mais suficiente ter clientes satisfeitos num dado momento. É preciso inovar, antever as necessidades do cliente, ultrapassar as suas expectativas e renovar o seu encantamento com o tratamento de que é alvo. Por outras palavras, é necessário ser sempre mais criativo e inovador. Porquanto aquilo que funcionava bem no passado provavelmente não serve no presente e não deverá ser usado num futuro próximo. Como disse Roberto Goizueta, na altura presidente da Coca-Cola: “Se você pensa que vai ter sucesso dirigindo o seu negócio nos próximos 5 anos da maneira

como você fez nos últimos 5 anos, então considere-se totalmente fora do contexto. Para ser bem sucedido no futuro você deve provocar distúrbios ou, quem sabe, destruir todo o presente”. (33)

Trata-se de instituir ambientes de criatividade que despertem a atenção das pessoas e as ajudem a fugir da rotina, a abandonar padrões há muito estabelecidos e caducos. Somemos a isto que a nova era da competição exige altos dotes analíticos e uma sensibilidade cultural finamente apurada, como alicerce para uma adequada capacidade de interpretação da diversidade e do fluxo de transições contínuas.

Enfim estão a operar-se tantas e tão profundas mudanças que não pouca gente vai ao ponto de ver a sociedade actual mergulhada numa crise sem precedentes. Mas não é de crise, no sentido lamuriento do termo, que se trata. A situação incomoda-nos porque não dispomos de categorias e critérios consistentes para a avaliar; apreciamo-la à luz de bitolas referenciadas ao passado, já gastas portanto. Parafraseando Milan Kundera, estamos perante o presente como se tivéssemos os olhos vendados; limitamo-nos a pressentir e adivinhar aquilo que estamos a viver, ficando à espera que o futuro nos retire a venda para então percebermos o seu significado.

A sociedade sempre esteve e estará em mudança permanente, porquanto nunca houve nem haverá uma ideia sobre ela que possa reclamar perenidade. A crise que aí está é a da vivência de mudanças com uma densidade e velocidade tão grandes que atrapalham espíritos habituados à paragem do tempo ou exilados da realidade.

Mais, estamos a assistir a uma multiplicação, universalização e interligação dos factores de mudança, pelo que nenhum domínio ou sistema parcial da sociedade conseguirá escapar à onda de transformações. É fácil prever a natureza e o tipo de mudanças e que elas não ocorrerão ao mesmo tempo e com o mesmo ritmo em todos os sectores e locais. Mas é difícil antever a sua extensão, profundidade e impacto, assim como o momento e o seu decurso temporal.

Somos, pois, desafiados a aprimorar a capacidade de atenção à vida, a perscrutar, ler e interpretar os sinais da sua evolução. O que obriga a questionar a validade e actualidade de muitos conceitos, já que eles não são supratemporais; têm origem na vida e na mutabilidade dos seus problemas e necessidades.

Perante este quadro - e voltando à inquietação de partida - não descortino no mundo desportivo, que nos é familiar, uma grande apetência para levar o barco a bom porto. E também não vejo fazer curso a ideia de que o clube desportivo, como qualquer outra organização social, carece de ser constantemente repensado e remodelado, porquanto não se adquire conteúdo e forma de uma vez para todas.

Poderá contrapor-se que há algum excesso de radicalismo neste julgamento. Contudo quem poderá olvidar que bem maior é o excesso de adormecimento, à sombra dos louros do passado, que acometeu não poucos clubes desportivos?!

Da construção do futuro

Aproveitar o presente para construir o futuro não está manifestamente nos nossos hábitos. Acresce que no tocante ao desporto a dificuldade de preparar a vinda do futuro deriva ainda de outras peculiaridades. Com efeito as influências da evolução científica, tecnológica e económica manifestam-se nele mais tardiamente do que nos outros domínios, implicando um certo atraso na chegada das mudanças. E isto por várias razões, nomeadamente duas bem notórias no plano nacional.

A primeira prende-se com o perfil tradicional de muitos e vetustos membros dos organismos dirigentes (Federações, Associações etc.). E aqui sobressai tanto a teimosia na manutenção de postulados e modelos ligados a um entendimento feudal do desporto como a tentativa de encobrir situações incompatíveis com os ideários grandiloquentes constantemente propalados.

A segunda – é duro mas necessário dizê-lo – reside na ausência de formação adequada num número muito grande de portadores do poder de decisão. O desporto continua a ser um campo onde a formação específica é vista como intrusa e supérflua, merecedora de combate e rejeição. Este aspecto tem melhorado pouco, porquanto o dirigismo desportivo persiste em ser invadido por indivíduos ligados a áreas tradicionalmente avessas à inovação.

Deste modo subsistem no desporto orientações e procedimentos retrógrados e obscurantistas, marginais e contrastantes com a evolução noutros domínios. Mas há também e felizmente evidências de que a pressão dos factores exógenos e a agudização dos problemas e conflitos vão quebrando as resistências endógenas. É neste contexto que vamos procurar chocar a insensibilidade e a indiferença.

Não nos iludamos nem confiemos na intervenção estranha ou divina. A renovação do desporto não é obra de profetas, mas sim da inteligência e vontade em definirmos aquilo que queremos. E por isso, não sendo possível determinar em absoluto o seu devir, é curial balizar o caminho que se quer seguir. Para tanto importa:

- Inventariar as mudanças no contexto sócio-cultural relevantes para o cenário desportivo.
- Avaliar as linhas da transformação em curso no desporto.
- Formular os princípios orientadores da evolução pretendida.

Como sabemos, o desporto moderno está intimamente ligado à expansão e evolução da sociedade industrial. A ponto de poder ser visto como emanção ideal, como um modelo representativo do pensamento e acção, dos axiomas e conceitos que a orientam e afirmam. Por isso se quisermos entender as alterações em curso ou a introduzir no desporto é necessário indagar as mudanças emergentes no contexto social e tentar extrair daí consequências para o sector desportivo. A visão global e geral é necessária para a acção local e sectorial, isto é, as acções parcelares só têm sentido quando situadas num projecto abrangente.

Poder-se-á perguntar se isto também se aplica ao caso português, se são visíveis entre nós as modificações já iniciadas na cena internacional e se tendem a intensificar-se nos tempos próximos. A questão já encontrou resposta nas considerações anteriores, mas pode acrescentar-se que a sociedade portuguesa é hoje mais aberta às influências externas e menos

voltada para si do que no passado. Além de que o desporto tem um carácter universal; não é um fenómeno caseiro, provinciano, regional ou nacional. De resto a adesão à União Europeia e às suas bitolas e finalidades implica essa abertura e impõe metas e balizas aos diferentes subsistemas sociais, incluindo o desportivo.

Nesta perspectiva, de entre várias evoluções merecedoras de reflexão, indicam-se a título de exemplo as seguintes:

- A complexidade crescente da estrutura social tem imanente o aparecimento de novos perfis demográficos. E nisto moram razões para a acentuação do fenómeno da *individualização* e para uma grande *diversidade e heterogeneidade* de grupos sociais, de sentidos e estilos de vida, de referências educativas e culturais, de interesses e necessidades. O desporto não pode fechar os olhos às implicações que isto comporta; a sua missão e configuração são desafiadas para um alargamento de perspectivas.
- Nas mudanças de atitude face aos valores regista-se uma subida da importância atribuída aos de pendor hedonista. O que influi na renovação da oferta desportiva.
- O aumento do tempo livre coloca a organização do lazer como uma das tendências e problemas emergentes. Se não quiser perder o seu lugar neste empreendimento para concorrentes com alto poder de competitividade, o desporto tem que melhorar a sua atractividade e inovar as suas formas de difusão e comercialização.

- O envelhecimento da população é outra das grandes tendências sociais, a par da afirmação de grupos especiais, nomeadamente dos portadores de deficiência, das crianças e de outros ligados a vários modos de marginalidade e exclusão. Chamando o desporto a cumprir o seu papel de factor de integração e correcção social.
- Devido à melhoria do índice de escolaridade e formação o desporto é procurado por pessoas com maiores exigências de qualidade, em toda a sua panóplia de aspectos.
- A expansão da consciência do corpo e da saúde desafia o desporto a renovar as suas funções ao serviço da estética e do estilo de vida, a corresponder a novos motivos e finalidades.
- A isto acresce a consideração de outra grande tendência, qual seja a da valorização da segurança. Ora o espaço desportivo não apenas a deve tomar como valor intrínseco, como também deve chamar a si ofertas em perda noutros locais varridos pelo vento da insegurança.

Vê-se bem à vista desarmada que estas reflexões e análises implicam tarefas ingentes para a tutela estatal e para a organização desportiva geral e particular. Não podem ser cometidas a qualquer pessoa, só porque ela tem uma carreira de atleta ou de treinador recheada de êxitos ou longos anos de dirigente ou ainda porque é politicamente confiável. Comportam exigências que não se compadecem com a sua delegação em figuras escolhidas segundo critérios que roçam o populismo. Não se brinca com coisas sérias,

nem se deve pedir a personalidades ilustres e estimáveis aquilo que elas não podem dar. É uma forma de as desprestigiar.

Abertura e flexibilidade

O desporto chegou assim a um ponto que coloca interrogações sobre a capacidade real da sua organização pelas instituições tradicionais. É um facto que o clube desportivo se afastou, em muitos casos, do objectivo que motivou a sua criação - nomeadamente o de promover a prática desportiva dos seus membros - e que tem perdido credibilidade como instituição sócio-cultural. Não é menos verdade que deixou por contemplar alguns grupos de pessoas; foi sempre mais atraente para os jovens do que para os adultos, abriu as portas mais aos homens do que às mulheres. Isto é, especializou-se num desporto que hoje é manifestamente minoritário. E o que se diz do clube aplica-se a federações e associações.

Ora é sabido que o *desporto para todos*, que hoje cresce sob o nosso olhar, é marcado por larga pluralidade nos motivos e objectivos da procura, correspondendo à tendência para maior individualização, para uma vivência desportiva referenciada à fruição da acção e a padrões estético-corporais. Assim sendo, é pertinente e legítimo perguntar:

Terão possibilidade de sobrevivência as organizações que se mantiverem agarradas à tradição e não seguirem a nova onda de procura desportiva? E como vai o clube desportivo fazer face aos sérios problemas financeiros que o acometem, se não cuidar de inovar e promover o seu produto e de atrair e alargar o leque dos consumidores? As respostas convertem-se num reexame de princípios e num exercício de compromissos.

É perfeitamente natural o aparecimento de novos modelos de prática desportiva como consequência da mudança de interesses, de expectativas e noções de valores das pessoas. Sempre assim foi e será; o desporto sempre ostentou as marcas de abertura e flexibilidade; sempre esteve incluído na dinâmica das mudanças. É à evolução da sociedade industrial que o desporto deve a sua relevância e a razão de se ter ele próprio constituído em factor de modernização da vida. Não faria, pois, sentido que se convertesse agora em militante da resistência à renovação, que não tomasse a sério as novas necessidades, perspectivas e problemas.

O atributo de abertura e flexibilidade dita ao desporto a obrigação de clarificar constantemente o seu entendimento, de procurar uma maior e melhor realização das suas tarefas pedagógicas e sociais. Significa que o desporto está sujeito a correcções do seu curso, à necessidade de repensar constantemente os critérios e regras da sua regulamentação, orientação e organização. Mas tudo isto de modo realista e humilde, sem o sobrecarregar com um fardo de pretensões utópicas que ele não pode transportar, sob pena de se destruir.

Os clubes desportivos têm que se abrir a novas ofertas, conformes a grupos com diferentes motivações, preferências e competências. Para tanto têm que perceber que o conceito tradicional de desporto, assente na maximização do rendimento e da competição, deverá perder o carácter de exclusividade e integrar os motivos da saúde, da condição física, do convívio, da comunicação, da recreação. E têm que associar à oferta desportiva ofertas de outro tipo. Ou seja, têm que redefinir e alargar a sua missão social.

Contudo não bastam declarações de intenções. As mudanças, para se implementarem, têm que se traduzir em acções concretas que mobilizem toda a organização. Sem orientações e finalidades claramente definidas e sem os correspondentes programas de acção as declarações não passam delas mesmas. Concordar-se-á que, visto também sob este ângulo, o estado das coisas no terreno desportivo é propício para medrar algum cepticismo.

Muitos clubes não estão à altura das novas exigências. Em primeiro lugar por incapacidade de assimilação de um conceito de desporto muito difuso e, por isso mesmo, complexo para uma instituição que se vocacionou e especializou para a competição. Em segundo lugar por não disporem de pressupostos materiais e pessoais à altura deste desafio. A nova cultura desportivo-corporal trouxe ao clube concorrentes que seguem uma outra escala de valores e que reúnem melhores condições de atracção e também uma maior agilidade estrutural. Mas é precisamente esta situação que exige aos clubes que encontrem a medida justa entre a abertura a todas as formas de expressão desportivo-corporal e o contentar-se com o modelo de desporto que os tem animado até ao presente.

Abertura e flexibilidade sugerem ainda a procura de soluções novas para as crónicas aflições económico-financeiras.

Inovação e qualidade

Eu sei que suscita preocupação o facto de se encontrarem moribundos clubes com um rico historial. À preocupação geral junto a minha, tanto mais que não sou cego ao carácter instrumental do desporto e, por via disso, às inestimáveis externalidades sociais e humanas de que é portador. Mas...

será curial continuar a iludir o presente e a adiar a vinda do futuro em nome da grandeza de um passado que não tem continuidade? Mais ainda, se as instituições de todo o tipo nascem e morrem ao sabor das mudanças dos tempos, porque é que as desportivas não-de ser eternas?

É difícil para mim traçar um quadro bem delineado da situação. Por um lado inspira-me pouca confiança em relação ao futuro o tipo de cultura da responsabilidade que se encontra entranhada em muitos clubes. O que, em confronto com as novas exigências, levará a temer pelo futuro de um grande número deles. Todavia, por outro lado, as situações de crise são benéficas para a criação de soluções inovadoras.

Desobrigo-me lançando alertas e chamadas de atenção, movido pela intuição de que a sobrevivência dos clubes não será possível com delongas no encarar dos problemas, com paliativos ou com mezinhas de paninhos quentes. O tempo não é mais de ir aguentando e sobrevivendo desacreditada e penosamente. A conjuntura é desafiante; pede linhas de desenvolvimento e aperfeiçoamento.

Para tanto as organizações desportivas, até hoje muito preocupadas por obsessões de ordem quantitativa, têm que aderir ao princípio da *qualidade* e da *excelência*, como o instrumento mais eficaz para vencer os desafios da concorrência e para atrair novas pessoas. Até porque a qualidade pode ser definida como a capacidade para competir, inspirada na firme determinação de servir bem, de prestar um serviço inovador à altura do estatuto de dignidade do cliente. Correspondendo e excedendo até as suas expectativas. Promovendo, respeitando e valorizando os seus direitos como pessoa.

A preocupação com a inovação e qualidade tem que constituir hoje a prioridade referencial para as organizações desportivas. É nisso que assenta a redefinição da sua missão. Porém a qualidade não é possível de alcançar dissociada da formação e desenvolvimento dos seus quadros, tendo em vista a criação de um ambiente que facilite a interacção com os clientes reais e potenciais e a satisfação dos dois lados.

Um serviço focalizado pela qualidade apenas poderá ser instituído com pessoas habilitadas a não descurar a avaliação permanente da situação, ou seja, aptas e sensíveis para:

- apreender as necessidades e expectativas manifestas ou latentes;
- recolher e gerir informações;
- procurar e comprovar soluções inovadoras;
- definir novos padrões de funcionamento e directrizes condizentes;
- identificar forças e fraquezas;
- respeitar integralmente os mais rígidos princípios éticos.

Neste capítulo são particularmente visadas as lideranças desportivas. Deverão, uma vez por todas, assimilar a máxima de Erasmo de que “ninguém pode ser príncipe sem ser homem de bem”. Máxima que terão certamente dificuldade em digerir, mas poderá estar aí e noutras qualidades pessoais a chave indispensável para os clubes e organizações afins chegarem ao entendimento cabal do legado que têm a transmitir e da missão que têm a cumprir. O que conduz, por um lado, à questão da ética e dos valores. E nisto

está incluso tudo aquilo que de melhor a cultura e a sociedade ocidentais criaram para mobilizar as pessoas e o seu teor de humanidade.

Por outro lado, o sector desportivo é imensamente rico em futilidades e vaidades, em arrogância e jactância, em arruaça e esperteza saloia, em despudor e má-criação. Consequentemente é extremamente deficitário no concernente a uma *matriz de credibilidade*. E esta não se mede em pronunciamentos formais e muito menos em tiradas demagógicas, que, como é notório, são de perna curta e manca. Avalia-se pelo modo como se honram os compromissos e solucionam os problemas, como se prima pela manutenção da idoneidade pessoal e institucional, como se assumem as obrigações da cidadania perante a comunidade. No fundo, pela conduta cívica e moral.

Em regra, os clubes continuam demasiado orientados pela tradição, correndo o risco de ficar para trás em relação ao envolvimento social. Têm-se guiado por visões unilaterais e nem sempre têm prestado atenção suficiente aos seus clientes e à sociedade em geral.

Nesta conformidade deverão ter presente que o desporto configura uma pluralidade de conceitos, de consumidores, de sentidos e significados, de interesses e motivos, de modelos, cenários e modalidades. O que, longe de o afastar dos postulados clássicos, fará despertar a sua consciência para a obrigação indeclinável de assumir o desafio da qualidade e de se abeirar cada vez mais do cumprimento da sua missão pedagógica, social e humanista. O desporto do futuro, que importa construir e desenvolver no presente, orientar-se-á por critérios que garantam o aumento da sua

credibilidade. Para tal é preciso ter a coragem e lucidez de optar por princípios e valores e de rejeitar receitas velhas e relhas.

Eis um desafio que os clubes têm que enfrentar, contando maioritariamente e decisivamente com as próprias forças e sem que venham em seu socorro grandes ajudas alheias. Certamente que ninguém se recusará a reconhecer e reforçar o seu papel enquanto pilares fundamentais do desporto. Mas, sendo este um princípio de que não se pode abrir mão, importa também que não se perverta o valor social e humano do associativismo, pedindo o suporte dos organismos oficiais para tudo e para nada. As organizações sociais, como os clubes desportivos, têm uma inegável relevância, mas apenas quando não são mantidas artificialmente. Quando a sua existência e funcionamento decorrem apenas de apoios oficiais perdem a razão de ser, porquanto não correspondem às finalidades do associativismo.

Compete certamente às entidades oficiais ajudar e incentivar os clubes a encontrar, para os seus problemas, saídas concordantes com a alteração registada no cenário social. Contudo é imperioso que eles dêem passos firmes no sentido da redefinição da sua missão, dos seus objectivos e orientações, de modo a poderem prestar serviços adequados aos motivos da procura. Para terem vitalidade social e saúde financeira não podem continuar a agir como se nada tivesse mudado. E não podem querer todos praticar o mesmo tipo de desporto. Cada um deverá encontrar uma oferta específica, ajustada ao contexto onde se insere e a uma avaliação objectiva das suas potencialidades.

Em síntese, urge que o movimento associativo tome consciência da necessidade de acertar o passo pelas mudanças em curso no desporto e na

vida. E que se renove por dentro e por fora, tendo em vista o desafio da qualidade e a elaboração de ofertas desportivas orientadas pelo horizonte cultural do presente e do futuro e não pelos moldes do passado. O mesmo é dizer que os clubes, que querem prolongar-se para além do presente, devem chamar a si a tarefa de avaliar a sua acção e de procurar formas de organização e actuação que os validem e projectem para o tempo vindouro.

12. Para o bem do desporto - do desporto que faz bem

E sê feliz aí e tenaz como a erva. Nas fendas mais imprevisíveis das pedras de um passeio, uma semente insere-se e rebenta um talo verde. Milhentos pés a esmagam, ela aproveita todos os intervalos para se pôr de novo de pé... Vem um técnico do massacre e queima-a. Ela concentra-se em si e espera. E pouco depois recomeça.

Vergílio Ferreira

Introdução

Quando somos chamados a dar testemunho sobre a valia do desporto, pela nossa boca jorra um discurso de afecto e paixão. Como se o desporto fosse, em si mesmo, a encarnação do bom e do bem, da verdade e da beleza, do ético e do estético, do virtuoso e do moral. De resto os muitos milhões de pessoas que o praticam em todo o mundo justificam essa prática com a afirmação do facto de que o desporto lhes faz bem. Faz bem aos que correm em zonas aprazíveis e verdes; faz bem aos que se entregam à *malhação* dos músculos e ao condicionamento cárdio-vascular em academias e estúdios de

condição física; faz bem aos que jogam a bola ao ar livre e faz de igual modo bem aos que se exercitam e treinam com máquinas sofisticadas em locais fechados. Faz bem à educação das crianças e jovens e à manutenção ou recuperação da autonomia e auto-estima dos idosos. Faz ainda bem aos portadores de deficiências mais ou menos pesadas ou leves e de vários tipos de marginalização e exclusão; e não faz nada mal aos que têm nele uma profissão e uma fonte de proventos financeiros. Para todos, incluindo aqueles que o vivem e fruem na condição de espectadores presenciais ou televisivos, parece o desporto ser um espaço e pretexto de realização pessoal e social. Ou será que esta panóplia de gente, tão múltipla e variada, anda redondamente enganada? Ou será ainda que em toda esta onda de entusiasmo e fervor desportivo, que varre o mundo a ponto de o desportificar, só se afirma a alvura do bem, não sendo possível descortinar manchas que tendem a escurecer o desporto? Ou será também que, face à situação actual e às perspectivas da sua evolução, não faz sentido nem vale a pena o esforço de tentar apresentar algumas condições e exigências à cultura desportiva vigente para que o desporto possa fazer bem ao indivíduo e à sociedade? Estaremos submetidos a um duro e impiedoso determinismo, do qual não nos conseguimos subtrair?

O desporto entre o ideal e o real

Para enfrentar as questões anteriores sejamos lesto a reconhecer de imediato algumas coisas:

Em primeiro lugar, há que reavivar a memória de que a emergência da exercitação física, corporal e desportiva se insere, entre outras matrizes, na

tradição judaico-cristã de fazer um homem novo. E por isso o desporto sempre foi e será justificado à luz de ideais de Homem que informam o contexto sócio-cultural. No fundo está em causa a condição humana. Em que tipo de condição humana se filia o ideário do desporto como encarnação do bem? Que condição humana se está hoje a desenhar sob o nosso nariz, mesmo que os olhos não a vejam e os nossos conceitos sejam insuficientes para a perspectivar? Qual é o homem que é possível realizar no desporto? Que medida do humano estamos a concretizar nele? Que grau de satisfação, de esperança ou de inconformismo nos proporciona a não coincidência do limite do que está a ser com o limite da consciência daquilo que poderá ser? Quem está a levar a melhor: a herança grega ou a perversão romana? Qual é a medida de preocupação e incómodo com o futuro que estamos a construir no presente? E quais os desafios que daí resultam?

Em segundo lugar, não se pode ignorar, como vimos atrás, que o século passado começou praticamente com a promessa de um homem novo configurado pelo trabalho. Mas esse modelo, que alimentou princípios e ideais, utopias e revoluções, veio a falhar rotundamente e teve o desenlace amargo que é de todos conhecido, mostrando que o homem velho não só não morreu, mas vive até mais doente do que dantes. Porém, sabendo que o trabalho é um campo de obrigações e compromissos, de esforço e suor, de sacrifício e dor, de rigor e disciplina, pode dar-se por enterrado um modelo de homem que faça eco desses valores? Pode dar-se por finda a ética fundada no trabalho e nos deveres que o sustentam e erigir, em sua substituição, uma ética estribada apenas no prazer e nos direitos, sem renúncias, restrições e proibições?

Em terceiro lugar, é inquestionável que, após a tragédia e angústia da Segunda Guerra Mundial, emergiu pouco a pouco um modelo de homem novo fundado no lazer, no jogo e também no desporto. Foi assim que o modelo do *Homo Sportivus* – como síntese de vários modelos, entre eles o do *Homo Ludens*, do *Homo Aeticus* e do *Homo Aestheticus* - viu investida em si uma enorme crença no tocante à regeneração da vida e da sociedade. Esse modelo adquiriu estatuto de culto e foi-se expandindo e colonizando campos que tradicionalmente não lhe estavam confinados, sendo na virada do século uma das referências mais marcantes da cultura do quotidiano. Hoje continua em alta como estrela de primeira grandeza exactamente por estar no centro da irradiação de influências para a orientação e condução da vida. De outra vida. Na ambição e na estratégia de fazer do dia a dia e da vida um projecto de arte o desporto adquire um lugar central. Acredita-se que ele perfaz uma constelação de virtudes, que garante saúde àqueles que o praticam, que preserva, reproduz e transmite valores de sinal positivo, que reveste de moralidade os desportistas, que é um campo de cultivo do *fair play* e um factor de equilíbrio emocional etc. Ou seja, há uma *ideologia da bondade desportiva* enraizada na fé inabalável de que o desporto constitui, automática e espontaneamente, uma reserva de apego à nossa natureza, de integração social, de correcção e de entendimento e convivência entre as pessoas e os povos, de que sem ele a humanidade e a existência seriam mais pobres e até insuportáveis.

Paralelamente a esta suposição e crença, a realidade vai comprovando que ela fica aquém da mensagem e dos ideais que era suposto concretizar e mostra-nos, por isso, a existência de um outro desporto longe

do fascínio e do carisma do desporto idealizado. Mostra-nos, como não podia deixar de ser, a existência de um desporto marcado por inquietantes estigmas da sociedade de que ele é parte integrante. Isto é, estamos a assistir a um confronto entre duas versões do desporto que rivalizam entre si pela supremacia. E temos razões para temer que o desporto ético e bom dos desejos e apelos resvale cada vez mais para o lugar das memórias utópicas e dos sonhos perdidos e gastos.

Com efeito a radiografia da realidade revela-nos com toda a nitidez que o ideal de transcendência e superação - implícito no lema *Citius, Altius, Fortius* – não vigora em toda a sua abrangência; é despido da sua roupagem ética e moral, é desvirtuado e degenera facilmente no desrespeito dos princípios, no abuso e no excesso da liberdade, só vive nos resultados. Um olhar atento mostra-nos que o desporto adequado ao espírito do mercado nesta nova era do capitalismo selvagem é aquele que abre cada vez mais as portas ao risco desenfreado e incorpora a mentalidade do frenesim, do assalto, da conquista e imposição. Que o desporto de alta competição se converteu num jogo de soma zero, por se ter tornado extremamente selectivo e só conhecer dois tipos de praticantes: os vencedores e os perdedores, como se não houvesse outros valores para além do sucesso. Que a absolutização do sucesso e da maximização do rendimento, a todo o custo e por todo e qualquer meio, favorece uma nova configuração do desporto, que é o da sujidade e rapina do *doping* e coloca este à cabeça dos factores de risco e de um negócio sem escrúpulos. Que a dopagem é um reflexo da tara da medicamentação que tomou conta da nossa sociedade. Que, ao fim e ao cabo, o *doping* reproduz uma vasta lista de insanidades, devendo por isso

ser o ponto de partida para uma nova linha ética, porquanto ele tem um carácter profundamente destrutivo, já que destrói o desporto tal como o temos entendido até ao presente, destrói a natureza e os sentimentos de confiança, moralidade e justiça não apenas dos dopados, mas também dos seus concorrentes. Além de representar uma concretização da tentação e da tendência de manipulação do homem nos mais diversos campos e pelos mais diversos meios, sem sopesar devidamente as consequências e responsabilidades. (31)

A radiografia da realidade comprova ainda que a aguda crise moral do contexto social também se propagou ao desporto, afectando a sua credibilidade e colocando na ordem do dia a urgência de renovação do modo ético de o conceber, viver, regular e configurar. Uma renovação dos protagonistas, das mentalidades, dos processos e das organizações. Mais, o estado de insatisfação é geral e mostra-nos que nem a sociedade nem o desporto podem confiar a sua melhoria e moralidade às corporações e *lobies* do poder económico. Para serem melhores a sociedade e o desporto não se devem render mais aos ditames económicos; carecem sim de os subordinar a fins superiores e de guardar observância a axiomas pedagógicos, éticos e humanos.

Perante este panorama a nossa função e papel de professores e formadores de pessoas e opiniões vêem-se forçados a sofrer uma derivação: da educação para a missão, do educador para o missionário. Prendem-nos à obrigação de voltar a formular, revelar e espalhar a mensagem e ganhar para ela novas conversões. De pregar contra a corrente do abandono da ética e da moral, das virtudes e das regras e deveres. Sem esmorecimentos e sem

rancores. Mesmo que nos levem em pouquíssima conta e nos atirem à cara o epíteto de “moralista”, de pedagogo que ninguém escuta e soa a ridículo. (11)

Resta-nos no nosso labor a consolação de que, segundo Boaventura de Sousa Santos, ser utópico é a única maneira de ser realista neste atribulado e angustiante começo do novo século. E também nos agarramos ao estímulo que nos vem deste lembrete do genial escultor pernambucano e brasileiro Francisco Brennand: “Não me interessa uma ideia que não resista muitos anos à poeira do abandono”. O mesmo é dizer que a ideia que temos do desporto, apesar de sujeita a maus tratos, agravos e vilipêndios, continua aí como bandeira levantada ao vento das angústias e desassossegos. Mais, em simultâneo com a profunda desilusão com o devir social, a crença no desporto e no seu papel de regeneração continua em alta. Pelo menos só assim é que se entende o facto de a União Europeia convocar o desporto para se posicionar inequivocamente ao lado da educação neste ano de 2004.

Como se vê, não estamos sós nas inquietações, dúvidas e incertezas. E igualmente nas esperanças e horizontes de um futuro melhor. Da janela do desporto podemos olhar todo o mundo, ver e entender as suas debilidades e afectações, diagnosticar os males e prescrever algumas terapias. No palco do desporto travamos também o combate da resistência civilizacional, da criação ou supressão da vida moral, assumimos a nossa parte na defesa de uma versão da civilização inspirada em valores de acentuado pendor humanista. Também reflectimos e agimos nele em nome do florescimento do livre pensamento, de homens livres, aptos a distinguir e escolher entre o bem e o mal e a responder sem ódio e sem medo. Por isso seguimos em frente, mesmo que levados apenas pela obrigação e pela esperança. Eis uma razão

bastante para não ficarmos parados à espera do que acontece. Para não nos conformarmos à *tristitia* e almejarmos a *laetitia*, ou seja, a passagem de um estado envergonhado e menor para uma perfeição alegre e maior.

Formação, ética e acção

Como professor de uma instituição universitária estou deveras preocupado com a formação de jovens quadros, naturalmente referenciando o processo de formação à sua capacitação para o desenvolvimento de projectos profissionais. Preocupa-me sobremaneira a desafiante dificuldade em corresponder ao facto de que o saber, a inteligência e o desejo são em unísono os autores do teatro da vida. Não se vive se não se sabe, postulou Sócrates (470-399 a. C.) ao afirmar que para viver bem é preciso conhecer, ligando também assim a ética ao conhecimento e à razão. Perfilhando a mesma posição, Espinosa (1632-1677) vinculou e acrescentou à inteligência o desejo e a vontade, ao dizer que a inteligência humana é uma inteligência desejanter e ou ainda que o homem é um desejo inteligente.

Creio igualmente que a formação de qualquer quadro não pode esquecer a visão clarividente de Fernando Pessoa: "...o que vemos não é o que vemos, mas o que somos". Ou a de Max Weber: "Cada qual vê o que está no seu próprio coração". O mesmo é dizer que a formação, para ser motor da acção, tem que se alojar nos desejos e afectos e servir-lhes de inspiração.

Nesta conformidade a formação é um processo e o resultado do esforço de instalação de uma sentimentalidade inteligente. Subentendendo que a inteligência cria valores e que o real não nos basta; sustenta-nos, mas

não nos chega e faz crescer; dá-nos terreno e pista, mas não asas para levantar voo, para o sobrevoar e puxar para o alto. Assim sendo, na formação trata-se de ampliar as possibilidades reais, de conjugar a realidade e a possibilidade, visando aumentar e alargar o território desta e a partir daí afeiçoar em novos moldes a realidade. Tendo em atenção que o homem é um ser híbrido da realidade e da possibilidade. Que somos seres divididos entre a realidade e o desejo; somos as possibilidades reais e o imprevisível desabrochar das nossas possibilidades que ficam a cargo e por conta da nossa formação e da consciência da força da liberdade e da vontade que nela se forjam.

Prolonguemos um pouco mais os passos e o alcance deste raciocínio. As possibilidades imaginadas pela inteligência enlaçam-se com a acção mediante os projectos, que são por isso – lembra-nos José António Marina – o elo essencial do comportamento voluntário. Deste modo o que caracteriza a inteligência humana é a sua capacidade de inventar projectos e de encaminhar para eles as energias operativas. Pelo que a formação e a educação têm que intervir simultaneamente no plano da razão (saberes e conhecimentos) e no plano da vontade (sentimentos, afectos e desejos). Logo a matriz e o conceito da nossa inteligência não são tanto de ordem psicológica, mas sobretudo ética. O que implica que a ética não trate em primeiro lugar de deveres ou virtudes, mas sim de um modelo de sujeito activo e interveniente. Logo também a acção é um território ético e moral, podendo dizer-se, seguindo Piaget, que a lógica é a moral do pensamento e a moral é a lógica da acção. Por outras palavras e a contragosto de tanta gente tida por douda, a nossa formação, entendida e afirmada como

competência para intervir na acção, tem na ética o seu fundamento constituinte. (27)

Inventamos sem cessar projectos para tudo, nomeadamente para construirmos a nossa vida e para formarmos os nossos alunos à luz da meta da felicidade e da ideia da perfeição. Ora, como sabemos, cada profissão, cada ofício e cada actividade tem uma ideia correspondente à sua perfeição. Pelo que formar alguém para intervir no desporto é ajudá-lo a realizar dois projectos: o de ser feliz e o de tornar cada vez mais perfeita a sua profissão ou domínio de acção. E para tanto, tendo em consideração que vivemos numa sociedade marcada por crescentes exigências nos capítulos do conhecimento, da ciência e tecnologia e também pelo confronto e diálogo entre *lobies* e corporações, é imprescindível que a formação seja uma configuração de competências face às diferentes necessidades, facetas e desafios do campo de intervenção. O que José António Marina exprime de maneira aproximada ao formular que devíamos “pensar como um cientista e escrever como um poeta que fosse também autor de romances policiais”. No fundo é desejável que fundamos num todo o saber e a razão, a emoção e a paixão, a inventiva e a acção.

O desporto como projecto ético

Nunca como hoje a sociedade foi tão moldada pelo conhecimento. Era pois de esperar que vivêssemos num ambiente propício ao triunfo e harmonia da ética e da razão. Só que o progresso científico e tecnológico não leva automaticamente no seu bojo e passo o aprimoramento da consciência. Parece até gerar o contrário, não se estranhando que a crise e a miséria,

antes de serem económicas e físicas, sejam de (des)ordem moral e social; que irrompam portanto da fragilidade dos costumes, princípios e valores.

Também assim foi no passado e será no futuro. Grandes instituições e impérios ficam pelo caminho, vitimados sempre pela doença da imoralidade. Se olharmos à nossa volta, sem necessidade de compulsar a história, não faltarão exemplos a confirmar esta tese. Empresas e potentados, com nome sobejamente conhecido à escala nacional e mundial, conhecem dificuldade e falência, cuja origem provém em menor ou maior grau de maleitas morais. É esta igualmente a origem da profunda desilusão com os dias de cerração que estamos a viver.

Fomos – os da minha idade e acima dela - educados na família e instruídos na escola a tomar o esforço e suor do corpo como alimento da alma. A erguer a honra e o sentido do dever como bandeiras da vida. A aproveitar o presente para construir o futuro. A submeter o momento imediato ao interesse superior do médio e longo prazo. A saber esperar para colher os frutos maduros do amanhã. Fomos ensinados a ver a sinceridade e verticalidade das palavras e atitudes como bitolas da conduta. A disciplina, o trabalho, o afinco e o sacrifício como meios do sucesso. A verdade, frontalidade, autenticidade, honestidade, seriedade e nobreza como marcas do carácter. A paixão e amor à profissão como deveres irrecusáveis. A entrega a causas e utopias como obrigação superior. A elevarmo-nos na procura de ideais e a fugirmos de actos vis, rasteiros e banais. A olhar com admiração e veneração os probos, justos e honestos; e com desdém e reprovação os tralhas, aldrabões, hipócritas, safados e oportunistas.

Fomos sensibilizados para a dor da transcendência e advertidos contra o comodismo da mediocridade. Fomos socializados no respeito do bem, no apreço da virtude, na rejeição do mal, no receio do pecado e no medo do castigo, isto é, numa consciência de que muita coisa era proibida. Mas fomos também formados num contexto político de ausência e repressão dos direitos e, em reacção, aderimos com entusiasmo à cultura ideológica da sua reivindicação. Sem darmos por isso era quase envergonhados que falávamos dos deveres, até deixarmos de os invocar. Ora aquilo que não tem palavras tende a desaparecer e deixa mesmo de existir.

Hoje vemos o universo da educação e formação esboroar-se como um baralho de cartas. Constatamos atónitos que a batalha pelo homem como pessoa moral é muito difícil de ganhar e carece de ser retomada em todas as épocas e lugares e por todos os meios. Sentimo-nos tomados de desânimo, impotência e pessimismo face ao crescendo de uma pseudo-ética ausente de tudo quanto implique respeito de compromissos e mandamentos. Admite-se o vale tudo e o sucesso a todo o custo, até mesmo com o atropelo dos mais elementares valores cívicos e morais. Agora tudo é permitido. Como se deveres e direitos não fossem as duas faces da moeda da vida

Esta sensação generalizou-se e o diagnóstico está feito, sem que isso implique uma mobilização geral para remediar o mal. Mas há uma aguda consciência da situação e regista-se a tentativa de acordar as forças latentes em diferentes domínios, acreditando que podem daí irradiar efeitos regeneradores do contexto mais geral.

É assim que a União Europeia e outras instâncias decidem apelar ao desporto e acender a chama das virtualidades que ele encerra. Convocam-no

para vir em socorro da educação neste ano de Jogos Olímpicos e de Campeonato Europeu de Futebol. O mesmo é dizer que a cotação do papel do desporto é superior à dos seus parceiros sociais.

Mas... poderá o desporto corresponder a tão relevante desafio? Não está ele afectado pela falta de credibilidade moral que atinge a sociedade de que faz parte integrante? Será uma reserva de virtude e moralidade, isolada do exterior por um cordão sanitário? Não tem também uma quota-parte da falta de educação, de ética e civismo que mina a sociedade? Não é também ele um feudo dos “heróis”, descritos de modo magistral por Hegel, aos quais é lícito aquilo que não é permitido ao homem comum, inclusive o uso da violência e até da prepotência? (11)

Por ser um espaço normativo balizado por regras e exigências éticas e morais na procura do sucesso, o desporto pode dar uma resposta positiva ao repto que lhe é lançado. Para tanto carece de olhar para ele próprio no todo e na parte e reconhecer que também nele lavram a mentira, a desonra e iniquidade, a batota e inverdade. Que medram nele faltas de educação e de boas maneiras, de gestos e palavras edificantes. Que ele é uma instituição humana. Que no bom e no mau é obra humana, é um produto da nossa liberdade para inventar e escolher e da capacidade de acção que a anima e concretiza. E que por isso pode ser melhorado, se todos os que nele laboram se virem como uma instituição com responsabilidades e imperativos sociais e morais. Se se comprometerem a fazer do desporto um projecto ético para a sociedade.

Referências para uma renovação

Goste-se ou não, a aventura humana não dispensa a reflexão ética e ninguém a pode empreender por nós, se quisermos sobreviver, escolher um rumo, não soçobrar no sorvedouro do mar da realidade e, quiçá, chegar a um porto seguro. “Estamos condenados à liberdade”, sentenciou Sartre, o que nos obriga a uma constante interrogação sobre o uso que fazemos dela, porque não somos livres de ser livres. (41)

Em nada nos alivia afirmar que existe uma grave crise mundial no tocante aos ideais e valores e que a ética vive em estado de precariedade. Porque a ética sempre foi e será precária. Sempre foi e será, como assinala José António Marina, uma “ética para náufragos”, que somos nós em todo o tempo e lugar, embora preferíssemos ser navegantes. E assim a “Era do Vazio” de Lipovetsky é igualmente a “Era dos Extremos” de Eric Hobsbawm, marcada pela ocorrência de mais mudanças nos últimos 50 anos do que desde a Idade da Pedra. Devido a essa aceleração estamos sem bússola e sem pontos de referência para nos situarmos e guiarmos. Mas temos que ser esforçados, criar à força de esforço e manter a pulso a dignidade, nadando contra a corrente e escrevendo bem e em bom estilo a nossa vida com a tinta dos princípios e valores. (27)

Mas... como fundar então a ética nos nossos dias? A pergunta é de Leonardo Boff, que nos lembra que até ao presente as sociedades se orientaram por duas fontes de moral: a *razão*, para ganhar a vida; e as *religiões*, para ganhar a eternidade. Para a maioria da humanidade as religiões são ainda hoje os nichos privilegiados de valores. A razão, desde que irrompeu, vem tentando estatuir códigos éticos universais, todavia a obra continua incompleta, por mais que se tenha porfiado e produzido nesse labor.

Continuamos, na esteira de Kant, a procurar estabelecer princípios que nos levem a viver mais e melhor, em suma, a ser mais felizes, porque onde não impera a ética reinam o conflito e a desarmonia e por via deles floresce a infelicidade. (12)

Passadas tantas décadas de Iluminismo, de difusão de conhecimento e esclarecimento, hoje tomamos consciência dos limites do racionalismo ético e do fim da radicalidade da razão; constatamos que o homem não pode deixar de raciocinar, mas que a razão apenas não lhe basta, que é um pequeno lume, mas não a luz; admitimos sem dificuldade que a razão não é, mas que se torna com a ajuda de outras fontes e é nisso que ela consiste; que não é onipotente, não é tudo e também está em crise e é falível, podendo ser vista como uma fábula soberba, porquanto na raiz de tudo não está ela, mas sim a paixão, o afecto e a emoção, por serem um sentimento mais profundo. Nesta nossa era de ferro e fogo e de fraqueza filosófica percebemos com uma crueza brutal que a existência de regras de conduta bem fundadas é importante para toda a convivência humana, mas não chega; requer ser complementada pela sua observância e esta não se segue necessariamente àquela, nem é mais fácil. Tudo isto evidencia que a ética se debate em debilidades e dificuldades. Afinal o enfraquecimento da teodiceia não levou ao fortalecimento da logodiceia, o Deus da fé não é substituível pelo Deus da razão. E no entanto só temos esta para alumiar a cegueira e singrar na escuridão. (11)

Há, pois, que juntar a razão e a emoção, fundindo-as numa inteligência emocional, porque os princípios para serem assumidos carecem de um vínculo afectivo. O seu teor e valor carecem de ser apetecidos e desejados,

de despertar paixão e afecto. O mesmo é dizer que só nos movemos por valores se nos apaixonarmos por eles, se os fizermos nossos, integrando-os na carne e no sangue dos nossos desejos. Pelo que há que trazer para dentro de nós os preceitos e deveres que estão fora de nós, para que se tornem o ADN dos nossos desejos e os motivos da nossa acção. Só esta reconstrução genealógica pode levar-nos a perceber que os deveres se fundam nos direitos e que a afirmação destes implica a observância daqueles. Que, quando não reconhecemos direitos aos outros e não nos impomos deveres, vivemos num estado ou regime da força, opressão e violência.

Temos vivido com uma ética pragmática e utilitária, visando conter e ordenar num plano tolerável as pulsões e paixões. Mas os atropelos, a desordem e as tropelias da animalidade multiplicam-se. Carecemos agora de uma *ética da felicidade* e da harmonia e inclusão, intermediada pela pulsão altruísta, pelo vigor do afecto e do cuidado com o outro. Uma ética que retome a divisa republicana – “Liberdade – Igualdade – Fraternidade” - e que faça da pulsão altruísta uma bandeira e da fraternidade uma necessidade, como propõe Edgar Morin.

Carecemos de uma *ética de equilíbrio e homeostasia*, poderia dizer António Damásio, em que os conflitos se amenizam e os opostos deixam de se opor para concretizarem na competição a função de cooperação. Em que se congregam e harmonizam emoções e consciência, sentimentos, afectos, razões e conhecimentos. Eis um projecto que exige participação universal, impossível de realizar enquanto houver pessoas apostadas em se excluir dele, enquanto houver, no dizer de Sócrates, homens maus, ou seja,

carecidos da capacidade para conviver. E para entender que a ética não é uma fantasia mental e intelectual, mas uma necessidade fundamental.

Ora o desporto é valioso por causa do nosso amor e paixão por ele, pelos sentimentos que nos desperta, pelos ideais, princípios e valores que nele investimos e pelas finalidades e funções com que o instrumentalizamos. Ele é um campo da dialéctica dramática entre paixão e razão. Se esta reprimir aquela, a rigidez e o utilitarismo levam a maior; se a paixão eliminar a razão, então passam a vigorar o delírio das pulsões e a cegueira e animalidade dos instintos.

Renovar o desporto à luz da sua configuração para o bom e o bem é fazer dele um projecto ético. Um projecto contra a ignorância e a mediocridade no plano da razão e da competência cognitiva e moral e contra o oportunismo, a indiferença, a manipulação e o descaso no plano cívico e social. Sim, no desporto pode exercitar-se uma nova *ética de inclusão* de todos na família humana, uma ética da unidade do Eu e do Tu. Essa ética, que elimina a divisão radical e desagregadora entre vencedores e vencidos, entre ganhadores e perdedores, diz Leonardo Boff, estrutura-se ao redor dos valores fundamentais ligados à vida, ao seu cultivo e cuidado, à dignidade, respeito e apreço do próximo como um outro eu, aos direitos, obrigações e deveres, à consciência moral, ao respeito por si mesmo, às relações cooperativas e à cultura da não violência e da paz, da correcção e do *fair play*. Funda-se na adesão afectiva ao entendimento de que os direitos e deveres são duas faces da mesma moeda da vida; de que os primeiros implicam os segundos e sem estes aqueles prefiguram um império da lei do mais forte e violento. A incapacidade de observância de uma ética assim

traduz a não pertença ao reino da Humanidade ou a recusa obstinada em morar dentro dele. (12)

Que fazer então para afirmar o desporto como um projecto ético? Para Kant (1724-1804) havia duas coisas sumamente valiosas, que enchiam o seu espírito de admiração e reverência: o céu estrelado acima dele e a lei moral dentro dele. Os princípios e ideais universais que se impõem a todos e a vontade pessoal e individual de os respeitar e cumprir, digo eu encorajado pelo exercício da minha função. Os primeiros exigem a segunda, tal como muito bem o formulou Ortega y Gasset: “É imoral pretender que uma coisa desejada se realize magicamente, simplesmente porque a desejamos. Só é moral o desejo acompanhado da severa vontade de apontar os meios da sua execução”.

Sem esta vontade nada feito, porquanto o homem é um ser intermédio que oscila entre o chumbo e o fumo, entre a terra e o céu, entre o diabo e o anjo – advertia já Aristóteles (384-322 a. C.), lembrando-nos que aquilo (peso, gravidade ou indolência) que nos atira para o chão e para a inércia é que nos afunda no pasmo e na violência, no nível zero da humanização e nos empurra para a falsidade e para fora da órbita da dignidade. Donde decorre que a inacção é, como disse o Marechal Foch, uma falta infamante.

Nesta conformidade para a ética, aponta José António Marina, “o importante é a acção, que é o modo de converter em realidade as irrealidades que pensamos.” A acção é a síntese unificadora dos desejos e dos propósitos, é ela que coloca as nossas opções e sentimentalidades na rota da liberdade. (27)

Mais, homens livres são aqueles cuja vontade pratica mais exercício, porque a decisão de viver bem, de ter uma vida humanamente boa, tem que ser tomada dia a dia por cada um de nós. Sabendo que a vontade é um querer ético e este um querer bem, um saber escolher o que mais nos convém para vivermos, com a melhor graça possível, a vida que decorre entre seres humanos.

A ética requer, pois, ânimo e coragem para enfrentar a inércia e ligar a razão e o desejo. Por ser árdua, isto é, por se situar no domínio do grande, do excelente e elevado, daquilo que supera as faculdades animais que são faculdades do fácil, no entender aristotélico de São Tomás de Aquino (1225-1274). Por nos empenhar em coisas altas e seduzir para as alturas, retirando-nos assim da zona das coisas pequenas. É isto que permite que sejamos seres minúsculos com sonhos maiúsculos, que sejamos admiráveis não pelo nosso passado mas pelo que podemos ser no nosso futuro. Que sejamos capazes de rasgar a noite da *bulimia ética* com a luz da inteligência e de converter o miserável em grandioso. Porque é à vontade - essa força obscura e esse apaixonante enigma da nossa natureza que supera a razão e começa onde esta termina e vai além do próprio instinto – que o homem deve, no dizer de Miguel Torga, todas as transgressões inovadoras que comete.

Querer é poder, diz o povo. Estamos satisfeitos com todo o desporto que temos? Manifestamente não. Então que desporto é que queremos? Que desporto é que escolhemos? Qual é o desporto que nos credita felicidade genuína? Só pode ser o da acção correcta. Se for esta a nossa escolha e decisão, então é nelas que investiremos a nossa vontade e acção, a nossa

alegria e satisfação. E serão estas a revelar a essência do desporto e a nossa, à medida do que vamos fazendo.

Sim, o ânimo é o constituinte ético fundamental para nos mantermos em voo, para nos afastarmos da facilidade animal e não nos entregarmos ao desleixo, à desídia e à preguiça. Para fintarmos o destino, o determinismo, a rotina, a maldade e o tédio. Para ampliarmos ao máximo as possibilidades humanas, porque – adverte José António Marina - rastejar, apoucar-nos e “converter-nos em cães não é o nosso melhor destino.” Precisamos de ânimo para ultrapassarmos a nossa condição de homens de mente e desejos divididos e assim podermos escapar à atracção da selva tão perto e até dentro de cada um de nós. Enfim para mantermos viva a utopia de que o homem possa chegar a comportar-se de maneira inteligente. E para não incorrerem no perigo de sermos atingidos pela advertência de que o verdadeiro castigo dos tralhas e mentirosos é a perda da sua identidade.

Crítérios para um bom desporto

Fundamentais no empreendimento da ética são também a generosidade transbordante, a paciência infinita e a inesgotável esperança que nos impulsionam em todos os recomeços. Ou seja, aquilo de que se alimentam as utopias. De resto já Pierre de Coubertin nos aconselhava a ter paciência e esperança, porque os dias da história são longos. E é para carregar o ânimo e a esperança que lemos livros e nos congregamos em acções e jornadas de reflexão e formação. Para nos encorajarmos a porfiar no desempenho de uma tarefa pesada, prene de desconsideração e incompreensão de obstáculos e dificuldades.

Não temos nenhum critério de verdade absoluta que nos diga, com toda a objectividade, extensão, abrangência e exclusão de partes, o que é um bom desporto, pelo que somos obrigados a recorrer a uma série infinita de critérios. O que implica a admissão da tese de que não há critérios de verdade, mas tão somente balizas criadas e colocadas por convicções, preferências, princípios e postulados de ordem ética e moral que carecem de proclamação e renovação em todo o tempo e contexto. É com eles que devemos caminhar e medir e avaliar a caminhada.

Para o bem do desporto e para que ele faça o bem que promete, urge reafirmar o seu teor normativo, como um instrumento de elevação e exaltação da qualidade, mantendo-o fiel à observância de exigências, regras e princípios. Para refulgir como um polo positivo de qualidade ele não pode consentir nenhum desvio da ética e da moral, da arte de viver de maneira boa e humana. Todo e qualquer evento desportivo, seja qual for o nível da sua prática e não obstante a diversidade dos seus motivos e sentidos, não está desobrigado de ser um campo de educação e qualificação da cidadania; tem que ser um processo normativo, avaliado e apreciado pelos valores e externalidades que encena e produz nos mais distintos planos: técnico, ético, estético, cívico e humano. Tem que ser um factor fiável e mensurável de enriquecimento da vida individual e social. Da vida boa e correcta, moldada pelo trato humano, tão requerida por Aristóteles como condição indispensável à felicidade.

Porém e infelizmente não precisamos de agudizar muito o olhar para nos apercebermos que, muitas vezes, o desporto não passa neste julgamento. Como se o homem estivesse apostado em preferir os caminhos

da perdição. Todavia convém ter presente que a tão desejada condição humana não se alcança com palavras e frases enleantes e salvantes. Até porque, como muito bem sabemos, é mais fácil dizer do que fazer, a não ser que se seja gago. Pelo que devemos recusar modelos e ideais de Homem que em nada se casam com a nossa natureza. E, pelo contrário, devemos ser modestos e realistas nas metas que estabelecemos, porquanto, como assinala Edgar Morin, a ideia de homem desalienado é irracional. Cada coisa contém o seu contrário. Autonomia e dependência são inseparáveis, pois dependemos de tudo o que nos nutre e desenvolve; somos possuídos pelo que possuímos: a vida, o sexo, a cultura. Os ideais de libertação absoluta, de domínio da natureza ou de salvação plena provêm de um delírio de abstracção.

Retomemos o fio da meada. A reconfiguração do desporto como um projecto ético prolonga a senda da libertação e dá razão ao optimismo, porquanto o homem usufrui da consciência do infinito. Ou seja, não coincidem nele o limite do ser e o limite da consciência. Por isso a manutenção da ideia do humano exige que nos confrontemos com a interconexão dos limites, entre aquilo que estamos a ser e as possibilidades infinitas que a consciência nos abre e sussurra.

Um bom desporto tem que estar ao serviço da vida, da integridade biológica, psíquica e espiritual dos que o configuram. Tem que ser constituinte do teor e da expressão da sua autonomia e autodeterminação, dos sentimentos de responsabilidade e auto-responsabilização, do auto-conceito, do crescimento moral e humano. O mesmo é dizer que ele carece

de se voltar mais para a elevação daqueles que o praticam e subtrair-se a instrumentalizações que ignoram por completo as finalidades intrínsecas e primeiras.

Nesta conformidade um bom desporto deve ser berço e repositório de humanidade. Deve ajudar-nos a saborear o leite da ternura humana, a revestir o macaco nu de disposições, atitudes e gestos inequivocamente humanos. A perceber que o principal bem que temos que produzir, aumentar e distribuir é a humanidade compartilhada. E produzir, aumentar e distribuir a humanidade compartilhada é preservar e aprimorar as nossas próprias raízes, os traços que distinguem e afirmam o homem. E entre estes, em função daquilo que anima e motiva esta reflexão, quero referir a consciência da vida e da morte, os símbolos, os sonhos, os ideais, os princípios, os valores, a procura da felicidade, o sentido do humor, da admiração e do espanto, o riso, o jogo, a tolerância, a autenticidade, a verticalidade, a honestidade, probidade, rectidão e idoneidade, a nobreza e lhanza de carácter, a capacidade ilimitada de aprendizagem, isto é, aquilo que nos torna semelhantes uns aos outros e que está sempre presente onde há homens na plenitude da sua humanidade.

Para corresponder a este apelo e a este desígnio, o desporto não pode ser reduzido a mero entretenimento e a vã mercadoria. Nem tampouco a factor de consolidação da *ética indolor* que preside a esta hora, nem do *homem light* por ela tutelado. Antes tem que convergir para a concretização dos princípios basilares que devem inspirar a educação de hoje e de sempre:

- o *domínio da verdade* e do seu avesso, do que é da ordem do bem e do correcto e daquilo que é falso e reprovável;
- a *percepção da beleza* e da sua ausência, do sublime que nos enleva e encanta e daquilo que é feio, grotesco e horrendo;
- a *adesão à moralidade*, praticando e defendendo aquilo que nos dignifica e engrandece e rejeitando aquilo que é mau, nos apouca e perverte.

Enfim tenho para mim que o desporto, se deixar de ser um campo de cultivo de símbolos e mitos, de heróis e heroínas confiáveis e admiráveis, se deixar de ser um bem cultural e passar a ser apenas uma coisa utilitária, vendível e comprável e se deixar de espiritualizar as forças físicas do homem, então tornar-se-á uma degradação de sonhos e um produto descartável. Restar-nos-á olhar atónitos e perplexos para a nova condição humana que nele se concretiza e talvez nos arrependamos de não termos entendido devidamente Ortega y Gasset: “Eu sou eu e a minha circunstância. Se a não salvo a ela, não me salvo a mim”. Sim, o combate pela civilização também se trava dentro das fronteiras do desporto. De modo ingente e com campos bem extremados.

Síntese conclusiva

Muitos são os autores que apontam para matriz deste novo século o retorno ao respeito e ao cumprimento das obrigações e deveres, como contraponto à predominância do discurso dos direitos na segunda metade da centúria anterior. O mesmo é dizer que a ética está de volta ao centro dos olhares e das preocupações para anular os excessos e deturpações daquele

discurso e para preencher o vazio e o relaxamento registados na observância de regras do bom e justo viver. Realmente sobe de tom o coro de denúncias e de acusações a um clima de depreciação e atropelo de normativos ético-morais, responsabilizando-o pelo mal-estar geral e pela desarmonia social, já que a ética não é apenas uma construção racional, mas sobretudo uma necessidade existencial, porquanto congrega um conjunto de princípios para vivermos mais e melhor. Nos espaços que ela não preenche introduzem-se o conflito, a desarmonia e a desagregação e, por via destes, crescem a injustiça e a infelicidade. Muito a propósito colocou Kant a questão: “O bem universal será por acaso uma ideia que possa prejudicar o nosso bem particular?” E a razão responde que urge prolongar o esforço da civilização de modo a alcançar em todos os homens a *libertas a coactione* e a *libertas a miseria*. Urge que não fiquemos satisfeitos com a liberdade parcial e hemiplégica, porquanto somos obrigados a aspirar incansavelmente à liberdade completa, não aceitando a coacção injusta para aliviar a miséria e não cedendo à miséria para evitar toda e qualquer coacção. Urge que façamos coincidir o bem particular e o bem universal e que nos empenhemos nesse fito, já que homem livre, assinala Martin Buber, é aquele que crê na dualidade real do Eu e do Tu. “Crê no Destino e crê que o Destino precisa dele... Porque aquilo que deve acontecer não acontecerá se ele não estiver decidido a querer o que é capaz de querer”. (41)

Estamos por isso a assistir em todos os domínios da actividade ao acordar das consciências para a necessidade de repor o primado da ética. A ponto de a exigência da formação de competências naquela área ganhar hoje um relevo notável. Ou seja, a questão da ética assume uma importância

crescente para toda e qualquer instituição. Uma organização feliz pressupõe lideranças orientadas pela ética e pelos valores. Sem tal orientação uma organização, seja ela uma empresa ou um clube ou uma federação, esvazia-se de sentido e significado no tocante à sua missão. Esvazia-se de causas e ideais, de alma e coração; reduz-se à dimensão de coisa sem grandeza e sem futuro. Consome-se em questões menores e mesquinhas que a tornam inútil e dispensável e que a apoucam gradualmente até à extinção pura e simples.

Mais, um clube ou federação ou liga são uma construção humana e, como tal, são uma realidade espiritual. O que não subentende nenhum pendor religioso, mas sim que são uma instituição voltada para enfatizar o humano, para consagrar a afirmação, a reprodução e difusão de valores. Para fixar e realizar objectivos inspirados na supremacia dos princípios, desempenhando assim uma função de transcendência humana e de enaltecimento da vida.

Por mais que custe a entender a muita gente com funções de poder e mando, uma federação, uma liga, um clube, enfim todas as estruturas desportivas fazem parte do património cultural humano. São agentes de formação enquanto forem sedes da observância e triunfo dos valores. Quando segue por outros caminhos qualquer instituição, por mais poderosa que seja, entra em crise e decadência. Exemplos disso não faltam quer no passado, quer no presente.

Assim a vida autêntica de uma organização só se manifesta na sua adesão inequívoca a uma cultura de exigências no capítulo dos princípios cívicos e morais. Sem o apego a estas bitolas espirituais e culturais não há

nenhuma organização feliz, credora de respeitabilidade, capaz de irradiar confiança e de não suscitar sentimentos de suspeição e repulsa.

Para dar um exemplo – embora sabendo bem que isto é difícil de digerir para muita gente - é inegável que o fracasso clamoroso da nossa Selecção de futebol no último Mundial resultou do gritante desprezo da ética e dos valores morais que se implantou com armas e bagagens e com garganta estridente nos meses que antecederam a participação no certame. Refiro-me às discussões e reacções em torno dos célebres casos da nandrolona. Nas palavras e condutas dos seus dirigentes maiores o futebol mostrou-se então cego, surdo e insensível a apelos e inquietações de ordem ética. Mas, como se sabe, por essa via não marcou encontro com a felicidade. Para chegar a esta é curial adoptar lideranças consequentes e fieis à assimilação da ideia de que o desporto é essencialmente uma instituição edificada e suportada por razões e princípios culturais e civilizacionais e por obrigações e deveres sociais e morais. Esquecer este legado é trair o futebol e tirar seriedade e legitimidade ao negócio que ele alimenta. Além de mostrar ausência de capacidade de aprendizagem e de confirmar inteiramente a definição da demência, que é a de fazer a mesma coisa repetidamente e ficar à espera de um resultado diferente.

Os enunciados anteriores desafiam-nos e responsabilizam-nos a todos a procurar delinear e calcorrear os caminhos que levam ao bem do desporto. Porque as coisas que temos possuem-nos a nós. Um bom ou mau desporto inventa-nos e faz-nos de igual maneira. Logo saber que ele nos constrói, define e transforma pouco a pouco aumenta a responsabilidade e o desafio

de adquirirmos o hábito de escolher e agir bem, segundo o que convém à vida boa e humana que nos obriga a nós e aos outros.

Mas... o que é um bom desporto? A pergunta poderia encontrar uma enorme diversidade de respostas, correspondentes a outras tantas lógicas e sensibilidades. Mas sem ser cabalmente respondida, porquanto todas elas são fartas em justificações perfeitamente legítimas e merecedoras de consideração. O que vem dar razão inteira à proeminente figura de criador de formas sublimes da arte e da estética que é o Mestre Júlio Resende:

“Em dúvida fico, qual a modalidade que mais aprecio, pois é certo que cada uma delas assume atitudes harmónicas próprias, se bem que o atleta, também ele, seja possuidor de personalidade distinta que se revela pela técnica e também pela vontade que possui, a sua força anímica. Ao fim e ao cabo, todas as manifestações atléticas constituem um índice de vitalidade de inegável efeito num mundo “escravizado”, sedentário a maior parte das vezes, diante da televisão ou do computador, quando não, preso ao automóvel, desde que sai até que o mete na garagem, sem ter movimentado as pernas para um exercício indispensável à saúde muscular e robustez dos seus pulmões.”

Um bom desporto – atrevo-me eu a dizer - será, porventura, aquele que põe o corpo em movimento, configurando-o na plenitude estética e na sua exemplar harmonia. Que cuida da verticalidade dos corpos e, mesmo nos mais pequenos mas aprumados, ajuda a instituir almas grandes, do tamanho do Mundo, que se salientam da pequenez de tantos maciços carnisais, corpulentos e disformes.

Ou ainda, um bom desporto será aqueloutro que revela a quem o pratica o mistério que nele mora. E eu não o sei dizer de forma exacta e, muito menos, perfeita. Não que o não sinta em toda a sua pujança e dimensão. Mas antes porque as palavras nem sempre me obedecem e acodem ao desejo de traduzir todas as verdades, emoções e sentimentos que me dão alento e alma.

Convenhamos então que um bom desporto é aquele que cria beleza na nossa vida. Que desnuda os segredos do nosso coração e a sua fome de uma delicadeza, de uma sensibilidade e candura infindas. E que deixa que a autenticidade interior se solte dos espartilhos que a tolhem e amarfanham a partir do exterior.

Um bom desporto amarra-nos ao sentido da responsabilidade nas escolhas e posições, nos ditos e nos actos. Implica a prática da frontalidade e integridade nas relações interpessoais, respeitando a pluralidade de perspectivas e contextos, mas sem transigir na afirmação e defesa dos princípios, que o mesmo é dizer, sem cair nos braços do oportunismo, da cobardia e da sandice.

Um bom desporto é aquele que se pauta por finalidades claras e, nessa conformidade, mobiliza uma vontade indomável e um esforço abnegado para perseguir objectivos que ficam à frente e acima de nós. Derramando beleza e emoção na rudeza e secura da vida. E bordejando de dignidade os trajectos que nos conduzem lenta e inexoravelmente para o nosso fim e destino.

Um bom desporto é – para concluir, mas sem conseguir terminar e esgotar a policromia de acepções e definições - aquele que expressa, à luz

do dia dos comportamentos, as referências e ideias que norteiam a nossa vida. Colocando o falar sob a alçada do agir e pondo nas nossas mãos e pés as tintas e pincéis criadores da harmonia das telas da nossa alma e olhar. E contribuindo assim para a cidade ideal, não a da rigidez e severidade das exigências, das normas e da justiça, mas aquela do bom trato humano em que – diz Norberto Bobbio - a gentileza dos costumes, comportamentos e relações se converte em prática universal. (11)

Estou ciente de que esta romagem teórica, por mais admiráveis que sejam o jogo e deleite intelectuais que ela consubstancia, tem escassa ou pouca incidência sobre os comportamentos reais. Para um desporto inscrito na via de concretização daquela missão surgem como pressuposto cardeal a deontologia, a respeitabilidade e a credibilidade que devem irradiar todos quantos lidam com ele: instituições, dirigentes, funcionários, juizes, técnicos, praticantes, espectadores, jornalistas e comentadores. O que nos desafia a desenvolver uma mudança de óptica para que daí resulte uma mudança de ética. Ou seja, estamos todos chamados a ser parte constituinte e a ter papel activo no âmbito de uma ética da convicção assumida e da responsabilidade partilhada.

Isto quer dizer que não basta afirmar a esperança e a crença no desporto, porquanto estas podem levar à resignação, à espera inerte, a que cada um não tente fazer o pouco que pode fazer. Muito menos é aceitável andar à procura de bodes expiatórios para lhe atribuir a culpa pelo mal-estar, por mais que assim se sublima o desencanto e dê livre curso à indignação. A culpa não se deve diluir no colectivo; tem responsabilidade individual, é de cada indivíduo singular. Mudemos, pois, de atitude! Sejam activos na

construção do desporto que queremos por confiarmos que nos faz bem. E deixemos de ser passivos no prevalecimento do desporto que criticamos por desconfiarmos que nos faz mal.

Em síntese, para um desporto que se norteie pelos princípios e marcas indeléveis da condição e do espírito humanos não há garantias e critérios em que possamos confiar cega e automaticamente. Esse desporto para se realizar tem que ser desejado; tem que ser querido e desejado aquilo que o determina e perfaz. Tem que ser obra da inteligência, da paixão, da vontade, vigilância e intervenção éticas de instituições responsabilmente actuantes, que sejam morais e merecedoras de confiança pelo seu compromisso e empenho na consumação de um desporto pautado pelo bom, pelo bem e pelo belo, ao serviço da vida boa e correcta e da humanização da humanidade. Cada um de nós é também uma instituição! E deve ter presente, como disse alguém, que o mal avança sempre que as pessoas de bem não fazem nada para o impedir. Acima de tudo não nos esqueçamos da advertência de Herbert de Souza, vulgarmente conhecido por Betinho: “A ética não é uma etiqueta que a gente põe e tira. É uma luz que a gente projecta para segui-la com os nossos pés, do modo que pudermos, com acertos e erros, sempre, e sem hipocrisia”.

13. Em viagem e à procura

*Caminante, son tus huellas
El camino, y nada más;
Caminante, no hay camino,
Se hace camino al andar.
Al andar se hace camino
Y al volver la vista atrás
Se ve la senda que nunca
Se ha de volver a pisar.*

António Machado

Da palavra e da paixão

Ao longo destas páginas o leitor reconheceu fácil e rapidamente que não estava na presença de um dos eminentes homens da ciência que nos habituamos a admirar e consultar. Eu não pertenço a esse universo, mas tão somente ao da palavra. E tenho consciência plena das diferenças e também das complementaridades. Na palavra vinculamo-nos ao enigma, ao mistério, ao sonho e à expectativa. A ciência vincula-se às coisas. Na palavra não há razão; há o fascínio pela perfeição da estética inatingível. A ciência tem razão, quase nunca plena, mas indispensável. A palavra tem corpo e forma; a

ciência cuida da função. Na palavra mora a intimação da pergunta; na ciência move-se a possibilidade da resposta. Na palavra procura dizer-se o que não se sabe; na ciência diz-se pouco do que se conhece. A palavra é ousada; a ciência comedida. Na palavra procura-se o insondável; na ciência o cognoscível. A palavra é uma provocação; a ciência uma consequência. A palavra é vocação; a ciência obrigação. A palavra é uma argumentação; a ciência uma construção. Na palavra mergulha-se no obscuro; na ciência vai-se pelo caminho da luz. A palavra quer desvendar a fonte da vida, os limites da alma; a ciência os limites da natureza. E é aqui que a ciência se abeira da palavra, porque a natureza gosta de se esconder. A palavra encerra portanto o mérito de ajudar a encontrar a natureza. Por isso ela, a “logos”, vai sempre à frente.

Em suma, a ciência está vinculada à racionalidade da cabeça, enquanto a palavra brota da sensualidade do coração. Porém serve-me de arrimo e alento a chegada de Confúcio: “Por mais longe que o espírito alcance, não vai tão longe quanto o coração”. Afinal a palavra é uma canseira, ganha num longo e esforçado caminho, por cumprir ordens de desejos também curiosos e inteligentes e de olhos porventura mais ousados e videntes. Porque, como diz Saint-Exupéry, “somente com o coração se pode ver correctamente; o essencial é invisível aos olhos”. É, pois, bem provável que a paixão pelo desporto me leve a procurar ver nele aquilo que se esconde a olhares mais frios e racionais. Foi assim que aqui estive com o leitor, sem complexos, mas assumindo uma grande responsabilidade que o sentido de subida honra torna deveras pesada.

Regresso a Atenas

De quatro em quatro anos – respeitando o ritmo temporal que evoca a consagração feita pelo seu criador Hércules a Cronos, deus do tempo - vêm como um cometa que rasga a escuridão das dúvidas, do desalento e das trevas. Os Jogos Olímpicos são um tema inesgotável para evocar ideais e utopias, mitos e lendas, dramas e tragédias, triunfos e fracassos, heróis e vilões. A sua riqueza simbólica inspira artistas e poetas; somente estes possuem a luz da emoção e fantasia para nos oferecerem a sublimidade que os Jogos consubstanciam e para nos falarem da magia e do assombro, do enlevo e encanto, dos sonhos e metas que os perpassam.

Sempre que eles chegam remexemos a poeira do esquecimento e descaso e trazemos à presença da nossa evocação e admiração figuras, nomes e mensagens que derramaram torrentes de claridade nos périplos da humanidade. Pelos Jogos andaram Heródoto a criar a história e Hipócrates e Filostratos a tratar da saúde. Por lá passaram Pausânias e Aristóteles em reflexões pedagógicas. Com eles vem-nos à memória Platão, o filósofo e lutador do pancrácio. Relembramos as odes imortais de Píndaro, que foi o primeiro grande cronista dos Jogos de Olímpia e que compôs os seus versos com palavras alvas e leves como o esplendor da verdade. Sim, relembramos a exortação de Píndaro, de que o homem se cumpra e realize a essência que o inspira, a Humanidade que ele acalenta. E perante a diminuta realização que se abre aos olhos da nossa consciência, a parcela do descontentamento sobreleva a do contentamento na viagem da existência e nem por isso deixamos de seguir em frente, à procura do que sonhamos.

São jogos do passado, do presente e do futuro. São jogos de sempre. Porque Olímpia está viva e é eterna e vivos e eternos são os desafios que moram nos jogos do Homem. São uma festa fascinante, bela e sublime da corporalidade humana, um templo da celebração de deuses de carne e osso, um palco de subida dos homens aos céus do Olimpo, pela via do esforço, do desprendimento, do sacrifício e da transcendência da nossa carne e da sua espiritualidade.

Aos protagonistas dos tempos idos acrescentamos os modernos e contemporâneos, reunidos em conselho à volta de Coubertin. Todos são estrelas e referências esplendorosas que irradiam estímulos e apelos para o Mundo inteiro, ao som de trombetas e de cânticos que acordam o entusiasmo pela reconstrução dos valores do desporto, da cultura, da civilização. O imaginário antigo conhece um novo ímpeto, sedento de correr e desaguar na renovação cultural das formas de existência da Humanidade.

Olímpia continua a ser um lugar arqueológico, onde encontramos as raízes e peças do Homem. Um estaleiro de fundação da sua essência e de vivência da experiência estética, da arte e harmonia. Um altar de glorificação e acréscimo dos feitos e proezas sobre os defeitos e fraquezas.

O homem dos Jogos Olímpicos é o Homem agonista que se emancipa e supera na competição contra as suas hidras e serpentes, contra aquilo que o limita, contra os seus infernos, traumas, complexos, medos e receios. Que se levanta dos tropeções e quedas, decidido a prosseguir no seu caminho. Que encontra a sua identidade no diálogo e confronto consigo e com os outros, incorporando e tornando familiar aquilo que lhe é estranho, movendo-se assim nos terrenos da multiculturalidade. O Homem agonista é um modelo

de totalidade e síntese do corpo e da alma, da sentimentalidade e da racionalidade, da idealidade e da realidade. O seu círculo concêntrico é o da formação e da cultura: o da objectivação e encarnação do espírito. Convidando-nos a estilizar com afincos e paixão uma forma sempre renovada de vida moldada pela qualidade e excelência.

Os Jogos Olímpicos tiveram a oportunidade para retornar ao berço. É certo que das origens nunca ninguém se livra, mesmo quando aparenta esquecê-las e tudo faz para as atrair. Mas fazia tempo que o regresso se tinha tornado necessário, quanto mais não fosse para prestar contas do caminho andado. Para olhar para trás e ver a que futuro conduz o presente.

Bem sei que o jogo e o desporto não começaram na Grécia, muito embora provenham daí os primeiros registos e notícias da sua carta de alforria como actividade com larga relevância social. O jogo e o desporto são um fenómeno antropológico e, como tal, de dimensão universal.

Em boa verdade o jogo começou em todo o local, desde que o homem é homem e encontrou na vida tempo e pretexto para iludir a luta dura e tenaz pela sobrevivência. Já o desporto teve provavelmente que esperar algum tempo mais. Principiou - e já lá vão seguramente muitos milénios - quando o homem descobriu que estava por sua conta e risco perante a solidão e o medo; que nada o transcende e que tinha, por fado e destino, a liberdade de escolher a sua vida. Soltou então o grito de superação e desenhou nas pedras e tábuas símbolos, princípios e mandamentos, a dizer que é invencível e interminável o seu destino de ascensão, de libertação e de conquista inexorável de uma cada vez maior dignidade. Quando, possuído pela vontade inquebrantável de ser Homem, criou uma metafísica de

humanização da vida, capaz de o redimir da animalidade e de o sagrar de humanidade e divindade numa procura indomável de transcendência das suas inferioridades e mazelas.

Certamente que a ideia do Homem não se pôs nem concretizou, em toda a parte, de modo uniforme. É compreensível que se tenha colocado de maneira correspondente à diversidade cultural, já que a sociedade humana é multicultural desde o seu início. Pelo que deu aso ao nascimento de culturas somáticas muito distintas na sua forma, mas idênticas no concernente aos motivos e finalidades. Todas elas convergindo, com as suas diferenças, para a manifestação e realização da aspiração igual e comum a todos homens de serem livres e superiores.

Mas enfim, porque dá jeito e facilita as coisas, aceitemos que foi na Grécia que tudo começou. É dela que nos vem o entendimento do desporto como elemento de afirmação da cidadania e como expressão primordial de uma vida ordenada pela contiguidade do mundano e do sagrado. Ao espectáculo desportivo assistiam os deuses pendurados na varanda do céu, invejando as façanhas dos terrenos e franqueando as escadas e portas do Olimpo aos vencedores. E deste modo se configura a celebração da promiscuidade e duplicidade de papéis de deuses humanos e heróis divinos.

Sim, aceitemos que da Grécia nos vieram ideais. *Citius, altius, fortius!* - eis um desafio para o homem livre que se plasma numa coreografia sublime e numa harmonia interna absoluta, elevando-se às esferas do bem, do belo, do perfeito e do ideal. O desporto inscreve-se no esforço de ordenar o caos e de lavrar um destino e uma resposta para a pergunta do Homem: é a criação a partir da falta, a necessidade feita liberdade, o peso feito voo, a

lonjura feita proximidade, o obstáculo feito impulso, o perigo feito tentação, a dificuldade feita gosto, o receio feito aventura. A dizer ao homem que ainda é uma criança com direito de crescer, avançar e progredir no tempo. Que tem pontes para atravessar. Cordas para subir. Perguntas para fazer. Sonhos para viver. Alguma coisa a desafiar sempre a nossa perfeição. Que fale, cante e ria, jogue e brinque e dispense os demónios e fantasmas que criou!

Por isso Atenas foi um apelo à ressurreição, um canto audível, uma aguilhada e um chamamento agudo e urgente contra a modorra, a sonolência e a indiferença. Uma divisa de luz esplendorosa a rasgar a noite do tempo. A lembrar-nos que carecemos de uma reconversão antropológica, porquanto continuamos a ser terra incógnita e desbravada. Há muito por cultivar em nós!

Deixámo-nos levar de volta a Atenas e por lá deambulámos, na mira de rever o mítico desportista grego. Que aprendeu gramática e matemática, cantou, recitou, dançou, fez ginástica, namorou a beleza, a estética, a harmonia, o ritmo, a elegância e a agilidade na Palestra. Competiu, correu, lançou, lutou e saltou no Estádio. Foi expressão da alma em filósofos, artista em vasos e ânforas, era *culto* e *livre* e, por via disso, *atleta*. Sim, atleta, palavra mágica e sublime!

O espírito (melhor, a falta dele) do tempo contraria o encontro desta gente. E só com muita dificuldade e boa vontade poderemos entrever no palco desportivo o seu legado de cultura, de ciência, de arte e inteligência do corpo. Em todo o caso, o regresso a Atenas não pode ser desaproveitado. Por houve uma recuperação do espírito olímpico e houve sinais de que algo nos preocupa. De que a insegurança e a incerteza nos aguilhoam a

consciência dos caminhos que o desporto anda a trilhar. E de que as novas formas de domínio dos problemas financeiros criam desassossego.

Provavelmente não pode ser de outro modo e não é lícito ignorar as implicações económicas do desporto. Mas, por mais voltas que leve, jamais será uma actividade económica pura. Eis o paradoxo! O desporto não pode situar-se à margem das leis do mercado e da comercialização, mas se continuar a ser determinado exclusivamente por visões economicistas e afins sofrerá graves lesões e irreparáveis danos e alterações nos seus valores fundamentais. Estes afastar-se-ão da esfera de qualificação da prática e dos praticantes para se transformarem em estratégias de mercado com prazo de validade limitado. Se o alto rendimento insistir numa organização orientada exclusivamente por interesses económicos perderá a função de modelo e desligar-se-á das outras formas da prática desportiva. E tudo chegará à última estação, sendo necessário começar de novo, se houver gente disponível para edificar sobre os destroços amontoados.

Atenas não foi um ponto de chegada. Foi antes um tiro de aviso para espantar a tragédia, que desta vez não será só grega, porquanto será de todos nós.

Evocação e homenagem

O regresso a Atenas obriga-me a evocações, a falar de pessoas e de flores, para apontar exemplos e alimentar a crença e a esperança nos dias que estão por vir.

Na memória permanece indelével o dia 12 de Setembro de 1982. Esse dia, um Domingo inteiro de luz, continua sem se extinguir. Porque foi um dia de sol nascente e até agora nenhuma lua o fez baixar na linha do horizonte.

A tarde era de um calor intenso. E mais quente ainda estava em Atenas, cidade onde a temperatura escaldante derrete os visitantes no Verão. O que não impediu de me transportar para lá, numa confabulação do desejo e da imaginação. Nas ruas reinava a festa e no alto da Acrópole refulgia um mar de cintilação, que iluminava o Peloponeso e se estendia até ao Golfo de Corinto. Do Olimpo tinham descido todas as deusas. Afrodite, Hera e não sei quantas mais, todas elas com diademas na cabeça, não queriam perder a oportunidade. A primeira e tão esperada! Nunca tinham presenciado os Jogos de Olímpia ou de qualquer outro lugar, por serem – assim lhes dissera Zeus para as manter afastadas do mais belo espectáculo humano e da imanente tentação carnal – um palco masculino. Mas esse tempo tinha ficado para trás. Pela primeira vez o Campeonato Europeu de Atletismo incluía a prova da maratona no programa feminino. E por isso as divas estavam ali engalanadas, para abençoar e afiançar o papel da mulher e para reabilitar a sua esquecida participação na vitória de Milcíades e dos seus guerreiros sobre os invasores persas e sobre outras ameaças da civilização.

E já que não lhes era dado entrar na competição, pelo facto de os jogos serem criação e afirmação dos humanos, entretinham-se a apostar no nome da presumível vencedora. Os prognósticos eram os mais diversos e fundados nas mais distintas razões – algumas tão erróneas que pareciam mais coisa de mortais e menos um devaneio de seres divinos. Deusas havia que vaticinavam que o triunfo escolheria uma das corpulentas e anabolizadas

mulheres vindas dos países limítrofes, porquanto a prova implicava exigências inerentes ao estereótipo da masculinidade. De resto uma maratonista mais não era do que um duplo masculino.

Numa posição diametralmente oposta situavam-se Afrodite e as suas aias, ironizando que isso era como tomar o Pireu por homem. E assim advogavam que a vencedora seria um registo de características vincadamente femininas, tais como a graciosidade, a leveza e a flexibilidade. Que a maratona e as provas de idêntica dureza não se ganhavam com o tamanho e a força dos músculos esqueléticos, mas antes com a determinação e a grandeza dos pilares da alma. Que não era uma prova para a mecânica das articulações dos ossos, músculos e tendões, mas sobretudo para a inspiração das alavancas e estruturas da vontade. E adiantavam que, para o cenário ter a coroação suprema, o ideal seria que a eleita pertencesse ao pequeno povo que levou aos locais mais recônditos do mundo os valores e princípios matriciais da cultura grega.

Claro que o vaticínio de Afrodite não provinha da especulação. Conhecia de antemão o resultado, porquanto Zeus tinha repartido com ela o poder da adivinhação e portanto falava não por intuição ou experiência pessoal, mas sim de cátedra, por um saber transmitido e emprestado.

Enquanto as apostas se multiplicavam, uma rapariga franzina, com figura de peso-pluma, maravilhava as ruas por onde passava. E foi ao som das odes de Píndaro que esgotou o campo do possível e irrompeu no estádio à frente das competidoras. Chamava-se Rosa Mota, nome simbólico dado pelos deuses, para ficar como metáfora sagrada da primeira mulher a vencer a maratona.

Metacorpo, corpo sem corpo e além dele, Rosa não corre na Terra. Voa no espaço e corta a meta no Céu como astro e ícone da sublimação. Rosa não tem peso; é atleta alado do nosso sonho e aspiração. Não enfrenta a gravidade; Rosa é uma fulguração.

Rosa da nossa essência e transcendência. Rosa da fé e da esperança. Do riso e da bonança. Do nosso querer e exaltação. Rosa sinfonia da nossa condição. Estrela brilhante na escuridão.

Rosa inteira, sem a mácula do azedume e das desculpas da falta de ambição. Rosa sem espinhos e esgares de crispação. Rosa de sorrisos nas palavras da boca e nos gestos da mão. Rosa dos afectos e da nossa gratidão. Rosa florida na labuta do sangue e do coração.

Rosa da humildade e da alegria. Do canto e da poesia. Rosa do povo e da democracia. Rosa esculpida na pedra da vida. Rosa de ouro, de prata e marfim. Rosa de todos e de mim.

Rosa dos ventos, dos mares e da distância; Rosa padrão da nossa errância. Rosa de Atenas. Rosa de Seul. Rosa simpatia de todos os lugares. Rosa admiração de todos os olhares. Rosa da Humanidade e da nossa cidade. Rosa universal, do Mundo e de Portugal. Rosa de Setembro, mas intemporal. De carne e osso, mas imaterial. Rosa prodigiosa e única, mas natural. Rosa laboriosa e generosa, sem igual. Para sempre Rosa!

Rosa Mota diz-nos que o destino não é uma questão de sorte; é uma questão de escolha. Que não é algo pelo qual se espera, mas algo a alcançar. E que as pessoas, as instituições e os países podem transcender as condições de origem. Podem iludir o destino lavrado no nascimento, saltar

por cima da magreza de recursos e alcançar a excelência. Desde que tenham alma, coração e vontade para vencer as maratonas e as distâncias mais longas e difíceis que são as que nos habitam por dentro. E podem fazê-lo e obter sucesso de cara lavada, sem manchar a honra e o carácter, sem atropelar princípios, sem mentir e enganar ninguém, sem esconder ou falsear nada e sem retirar aos outros aquilo que lhes pertence. Podem triunfar à luz do dia, de uma maneira civicamente elevada que as torne notadas pelo primor das atitudes e palavras e por uma conduta onde não cai a lama da leviandade, da desconfiança e suspeição.

Rosa Mota fez-se assim. Por isso ela é um arquétipo de cidadania e um modelo de comportamento desportivo que irradia estímulos e inspiração para nos mantermos fieis à defesa dos ideais e valores imanentes ao desporto. Porque a excelência e as medalhas de ouro da sua vida foram sempre conseguidas no campo da verdade desportiva.

Rosa Mota foi e é assim. No seu passado não há zonas obscuras. Tudo pode ser revelado e trazido para o presente que nada diminui a sua honra, antes a enaltece. Foram o suor e o sonho que lhe deram os primeiros sapatos de corrida ajustados ao formato do pé. E foi com um ramo de oliveira na mão e no coração que se fez à estrada que a havia de conduzir ao pódio da glória no estádio olímpico de Atenas. Não andou em nenhuma universidade privada, oculta ou moderna; palmilhou a via pública impulsionada pelo amor materno e paterno e pelo carinho de todas as pessoas que haviam de lhe querer bem.

Por tudo isso ela continua viva na nossa gratidão e admiração, no nosso apreço e afecto. Não apenas por ser uma heroína desportiva, mas

sobretudo pela maneira escarolada como alcançou os seus galardões. E assim continua a ser Rosa e Estrela. Continua a florir e brilhar no campo dos valores e a incendiar-nos a coragem de denunciar ao seus atropelos. O seu exemplo de comportamento e sucesso limpos fundam a nossa convicção de que o sucesso e a verdade desportiva não são inimigos.

Não temos raiva a ninguém. Não é com este sentimento mesquinho que se chega a vitórias e triunfos de ordem superior e que se levanta o edifício que há-de perdurar para além do presente e garantir-nos um lugar no futuro. A nossa raiva volta-se para as situações e para as chagas que aviltam a dignidade e dilaceram a respeitabilidade e a honorabilidade das pessoas. Temos raiva de que muitos se contentem com sucessos escuros e menores, de que não possam ostentar a grandeza e limpidez da nossa Rosa.

O exemplo de Rosa Mota encoraja-nos a cerrar fileiras, a não desistir da luta por um desporto melhor, ao serviço de um mundo conforme ao teor dos ideais com que justificamos a vida e o trânsito do Homem pela existência. Ela foi, é e será sempre Rosa e Estrela. Um arquétipo e um modelo a dizer-nos a toda a hora que na vida há muita coisa para fazer e melhorar, que vale a pena olhar para o alto, que podemos fazer muito por nós e pelos outros, que somos os obreiros principais da nossa construção e que portanto não nos devemos omitir e deitar no colo dos derrotados e vencidos da existência. Rosa Mota fez-se a si própria e revela-nos que, como disse Sartre, “cada pessoa é uma escolha absoluta de si própria”. Bem haja pelas alegrias e emoções que nos proporcionou e pela lição de vida que nos legou! Para sempre Rosa!

Das novas catedrais

As catedrais são porventura a expressão mais subida da arte. Seja no plano da forma, seja no plano dos significados que encarnam, elas configuram um nível extraordinário e sublime da transcendência. Não é apenas Deus que vem ao encontro dos homens para ficar e morar no meio deles; nelas os homens congregam sonhos e mitos que lhes dão asas e os transfiguram e elevam a seres quase divinos. Tentando assim localizar o sentido da vida onde só se conhece o vazio da falta dela.

Quem construiu catedrais não tem pois que cultivar e admirar mais nada, a não ser a capacidade de perceber e assimilar a beleza latente na natureza e a obrigação de perseverar em concretizá-la sob formas renovadas segundo o espírito do tempo. Por isso levantar catedrais nos nossos dias passa à margem da nossa atenção. Elas não são significantes da lógica desta era. Não é mais Deus que está no centro da nossa procura; nem é Ele a chave de explicação dos nossos males e incompletudes; nem tampouco é a transcendência divina que nos mobiliza; e também não é o medo da morte e do além dela que determina os caminhos da nossa existência. Acresce ainda que os feitos da nossa época já não suscitam acções de graças e não é aguda a consciência das culpas pelas tragédias e horrores que semeamos pelo mundo.

Após séculos de duro e amargo exílio, o Homem está de regresso a si mesmo. São a vida e a transcendência humanas que surgem no centro das preocupações. A eternidade não é mais o fim da vida. O fim desta está nela própria, na sua qualidade, dignidade e humanidade. Vinculadas estas não

apenas a uma, mas a todas as dimensões da existência. Está em causa o homem todo e todo o homem.

Claro que continuamos a procurar dar ao Homem a forma mais subida possível. Continuamos a tentar conformá-lo à imagem e semelhança dos ideais e conceitos com que o esboçamos e tecemos. Queremos esculpi-lo como uma estátua bela e sublime em toda a diversidade de facetas que perfazem a sua complexidade. Almejamos que ele seja uno na qualidade e excelência de todas as dimensões da sua vida, por dentro e por fora, nos instintos e reacções, nas emoções e cognições, nos prazeres e paixões, no corpo e na alma, na ética e na estética, na racionalidade e na moralidade. E é por isso que o quotidiano e todos os locais onde ele se desenrola se inscrevem num projecto voltado para a modelação artística da vida. Visamos balizar o nosso percurso terreno com as cores do arco-íris e com os sons do enlevo e encanto, como meio de iludir, fintar e sublimar o drama dos limites e da nossa finitude.

Os estádios desportivos dão, pois, notícia de um tempo diferente do das catedrais. Melhor dizendo, são as novas catedrais desta época. São um monumento e templo erigidos a uma outra divindade. À consagração e celebração do homem de carne e osso que procura alargar a faixa estreitíssima da vida que se abre na linha de confluência das virtudes e defeitos, do anjo e do diabo. Neles entra em cena uma nova expressão da transcendência, não mais pela via da minguia e imolação da vida, mas pelo transbordar da taça em que ela é bebida. Não é o homem novo que finalmente se vê despontar; é só a renovação incessante da liturgia sempre inconclusa de o fabricar.

Aos inimigos do palco desportivo, que continuam a tentar menorizá-lo intelectual, cultural e socialmente, diremos, como a poetisa Natália Correia, que face às “massificações, que assepticamente negam a vida, a massificação exaltante do futebol (...) põe em ebulição os sentimentos e as mentes” e tem “o mérito de desencadear as paixões que dão cor à alma. Ao menos os frenéticos do futebol dão tudo por uma causa. E são os homens sem causa que com o seu governo de máquinas calculadoras nos alienam o espírito”.

A esses e a todos os que o aviltam continuaremos a repetir que o futebol e os seus estádios são símbolos de causas. Só os aleijados da alma é que não dão por isso.

Citius, Altius, Fortius!

O lema do desporto convida-nos a gastar a vida na procura da glória nas alturas e não a delapidá-la no chão raso da dignidade mínima. Mais do que um ornamento ou distintivo, ele transmite-nos a ideia e a finalidade do desporto; recorda-nos que a essência da sua prática se concretiza a subir os degraus da superação das dificuldades para a excelência e para a sublimidade. O lema do desporto é afinal o da vida e de todas as formas de lhe dar sentido e significado.

Não se trata apenas de perseguir o sucesso, mas de entender este como um meio de visar mais alto, de respeitar o compromisso com a qualidade e o aprimoramento dos nossos passos e caminhos, das nossas palavras e actos, dos nossos sentimentos e gestos, à luz de padrões culturais e sociais e no respeito de uma consciência ética.

Adoramos a perfeição, mesmo sabendo que jamais a poderemos ter. Não temos capacidades para a realizar; mas temos ideais para a sonhar e obrigações para a procurar. Deste modo o homem está na vida para alguma coisa, em trânsito para um destino, para cumprir uma viagem que só pode ser de elevação acima da menoridade e de aproximação às estrelas, para alcançar a sua interioridade e espiritualidade e nelas se encontrar. É um ser portador de excelência e é esta que o diferencia e realiza; sem a procurar ele delapida a sua natureza e fica aquém da sua condição.

Pela ignorância e imoralidade, pela resignação, sujeição e alienação, pela conformação ao apoucamento, pelo desapego a sonhos, princípios e valores confundimo-nos na massa e não logramos alcançar individualidade e identidade. A concretização da excelência de cada um é que faz a diferença entre o existir rente ao chão e o viver para voar alto e sublime, entre o superficial e o significativo, o precário e o duradouro.

A excelência mora e pulsa no centro do nosso ser. Porque dentro de cada um de nós há um projecto de Homem, muito mais autêntico, mais perfeito e mobilizador do que a versão que, no dia a dia, conseguimos levar à cena. E por isso ele vive em nós a colocar-nos constantemente metas e desafios, a irradiar incitamentos e apelos para que não o deixemos adormecer e para que não poupemos esforço, entusiasmo, confiança e optimismo na tarefa de o levar por diante. Pede-nos que não deixemos que a mediocridade e a mediania tomem conta de nós; que não deitemos mão a todas as desculpas imagináveis para as tornar aceitáveis; que não nos atiremos para os braços do comodismo e facilitismo.

Sócrates tinha razão. O ofício mais difícil é o de nos conhecermos a nós mesmos. É mais fácil voltarmos as costas à descoberta daquilo que somos e devemos ser; abandonarmos a procura do genuíno e deleitarmo-nos com o fascínio do artificial; pararmos com o trabalho exigente e árduo de eliminar o supérfluo para atingir o belo e contentarmo-nos com o verniz da superficialidade; esquecermos o objectivo de ter voz e canto no coro polifónico universal; abdicarmos de falar e pensar e consentirmos que outros pensem, falem e decidam por nós.

Para quê preocupar-se com a excelência e a qualidade, se é mais fácil e cómodo parecer igual a todo o mundo e este aplaude e premeia a futilidade e a frivolidade? Para quê erguer a voz contra a insanidade e contra os seus arautos e beneficiários, se isso é ir contra a corrente e assumir o risco do ridículo, de ser considerado um sonhador desmiolado? Para quê denunciar a falsidade e a baixeza, se, por mais trágico que seja, a maioria parece sentir-se bem na rasteirice da dignidade mínima?

Por muitas razões. Porque “o absoluto – lembra Vergílio Ferreira – é sempre o projecto do homem”, acrescentando que este nasceu para o triunfo e o optimismo. Porque a consciência das falhas e limites do nosso ser e tamanho coloca o dever da grandeza. Porque “o destino do Homem é ser a consciência do universo em ascensão perpétua”, lembra também Teixeira de Pascoaes. Porque o compromisso com a ideia e a causa da humanização assim o exige. Porque a história do mundo nos ensina que o seu curso foi sempre influenciado e remodelado por aqueles que cometem o arrojo de viver acima da vulgaridade, de procurar todas as oportunidades para cumprir o destino da excelência. É ela que está diante e à frente de nós, como uma

força que nos atrai e impulsiona para a vanguarda e para as alturas; ao passo que a mediocridade é um lastro que nos puxa para trás e para baixo, para um passado sem dor e suor, é certo, mas também sem honra e sem glória.

Ora o lema do desporto convida-nos a conceber a vida como um projecto de arte, com o rendilhado da liberdade e dignidade, da autenticidade e verticalidade, da integridade, inteireza e harmonia do ser. Exorta-nos a fazer de cada menos um mais em cada dia da nossa existência. A tirar os olhos do chão e a levantá-los para o céu azul, para a esperança de renascermos, de nos renovarmos e redirmos. A ser objectores de consciência em relação à facilidade, a não lhe dar tréguas e a não cortar por atalhos. Para que ao amanhecer de todas as segundas-feiras um clarão de luz nos ilumine a face e os horizontes, nos tire a escuridão do coração e da alma e nos mostre um corpo apolíneo a brilhar ao sol da recta intenção.

Não esqueçamos que a finalidade do desporto é a de ajudar a fazer o homem como pessoa única, singular, distinta. Ajudá-lo a encontrar-se e medir-se como sujeito dentro da sua grandeza física, estética, moral e espiritual.

Seria uma aberração concebê-lo e praticá-lo sem esta ideia. Se assim fosse, nem com uma lupa conseguiríamos ver nele o homem propriamente dito, na inteireza do seu ser e do seu carácter. Em sua vez veríamos emergir e medrar a rês gregária e o insecto da termiteira totalitária; um ente grotesco, sem personalidade e sem individualidade, manco de gestos e de verbos iluminados por um pensamento limpo e correcto. Infelizmente não são débeis os sinais nem escassas as notícias que nos alimentam este temor.

É por tudo isso que enfatizo a necessidade de reafirmar o desporto como um projecto axiológico. São princípios e valores que perfazem o teor da sua missão. Fora deste horizonte não tem qualquer substância humanista e cultural e deixa de pertencer ao reino das coisas mais sublimes que o génio humano inventou. Porém, como noutros fenómenos humanos, o lugar central foi aos poucos ocupado por uma estrutura oligárquica que, não raras vezes, perverte a mensagem que é suposto servir. Onde brilha o dinheiro, empalecem os ideais. Estes vêem-se arredados da *pólis* desportiva por interesses, mandarins e mandaretas com uma altura e grandeza de vão de escada.

Seja como for, o tempo que nos tocou viver exige uma ofensiva pedagógica, tendente a acordar do sono o seu ideário e mensagem; e a renovar e reforçar a confiança no seu papel educativo, cultural e social, como factor de qualificação da cidadania e da vida. As dificuldades são muitas, riem-se e multiplicam-se como uma hidra de incontáveis cabeças, mas não bateremos em retirada, porquanto o erro, ensinou-nos Shakespeare, não está nas estrelas, mas em nós. É isto que nos vincula ao desporto e que nos compromete, procurando ser fieis ao lema formulado por Wilfred Peterson: “Pouco resta fazer a um homem, além de o enterrar, quando o último dos seus sonhos estiver morto”.

Epílogo: Correr por gosto

No decurso da história fomos primeiro nómadas e depois tornámo-nos sedentários. As primeiras cidades surgiram apenas há algumas dezenas de milhar de anos, propiciando a descoberta de instrumentos que impulsionaram

a senda da civilização. Dali para a frente os centros urbanos, isto é, os locais da sedentariedade, conheceram um sucesso crescente, chegando este com o advento da indústria a ser triunfante e promete não ficar por aqui.

O sedentário parece, pois, ter vencido em toda a linha, mas o antigo nómada não morre nunca; está vivo e, quando menos se espera, a inquietude desperta-o e arranca-o do sono para nos obrigar a sair pelo Mundo. Ou seja, a fixação e o deslocamento, a estabilidade e a mudança, a pausa e a viagem, o sossego e o risco convivem e lutam dentro de nós como necessidades herdadas do passado e como condições indispensáveis ao avanço da civilização no rumo do futuro.

O confronto entre o cidadão e o nómada dura portanto há muitos séculos e está por concluir. Ambos – o sedentário e o nómada – precisam de pontos de referência: para um é o lar cómodo e estável, para o outro a aventura desafiante. Mas o nómada, de acordo com todos os testemunhos, conserva um segredo de felicidade que o cidadão perdeu e a ele sacrifica a comodidade e a segurança. Diversos são os motivos e finalidades da viagem, mas uma só é a profunda e verdadeira causa interior que a determina: perseguir o segredo daquela remota felicidade. Realmente a vida é uma viagem de ansiedade e curiosidade à procura da felicidade. (16)

Para os portugueses a viagem é uma forma de celebração simbólica do nosso destino e fado e da nossa errância e diáspora desmedidas e gloriosas. Foi na viagem para o sul que firmámos a nossa identidade e nos distanciámos do norte frio, calculista, contido, presunçoso e arrogante. Que assumimos e cumprimos, com letras maiúsculas, a nossa vocação e missão na história da humanidade. *Por mares nunca de antes navegados...* Sim, foi

na viagem para os trópicos e para além deles que ligámos os locais mais distantes e demos a conhecer a diversidade da raça humana. E hoje estamos com Pessoa à espera de mais “naus a haver”.

Há-de ser para o sul que o novo milénio viajará. À procura do convívio, da compreensão, da amizade, do amor, da tolerância, da solidariedade, do lazer, da criatividade, da justiça, da inclusão, da harmonia, da saudade, de um sistema ético que seja global e torne o Mundo viável.

A viagem diz-nos que a vida não é um somatório do que temos sido, mas sim do que ansiamos ser. Que ela não presta sem ideais e que o Mundo em que vivemos, se teimar em escorraçar as utopias e dar o seu lugar ao utilitarismo e imediatismo, não passa de uma sensaboria sem o sentido do humano e sem a graça e o encanto da harmonia e da felicidade.

Ao cabo e ao resto continuamos aqueloutra viagem iniciada - e nunca acabada - há centenas de milhar de anos pelo nosso antepassado comum que, saindo de um remoto lugar situado talvez na África, povoou este nosso ainda Planeta Azul. Afinal somos todos tão diferentes e também tão iguais. Essa viagem cumpre-se pelas duras veredas e apertadas trilhas que levam a um Mundo ainda longínquo. E será ela a guiar-nos para lá da linha estreita do horizonte do presente.

O sonho continua a impelir-nos a seguir caminho, empurra-nos para a frente e impede-nos de ficar parados a aguardar a vinda do futuro. Seguimos em viagem. Porque é nosso dever embarcar nela. E navegar no rumo da aventura, à procura de nós em cada um dos outros, que o mesmo é dizer em todos. Com os ventos do contentamento e descontentamento a insuflar-nos as velas da alma.

Caro leitor:

Ao concluir este livro, faço minha uma despedida de Pablo Neruda:
“Aqui hoje terminam estas viagens / nas quais me acompanhastes / através
da noite e do dia / e do mar e do homem. / De tudo quanto vos disse / vale
muito mais a vida”.

Sim, ela é o valor supremo. Contemplo-a de olhos e coração lavados e
sinto-me como Viggo Mortensen, a personagem e estrela Aragorn do filme *O
Senhor dos Anéis*: “Esta viagem é / Tudo o que eu pensei / Que seria / E não
estamos / Sequer a ½ caminho”. (34)

Afinal navegar é necessário, mas não é preciso e ainda menos viver.
Continuo, pois, errante e em viagem. É nela que situo o exercício profissional.
E quanto mais os anos passam mais projectos vêm ao meu encontro. Talvez
para me afastar e salvar da reforma. Sucede-me o mesmo que a Faíza
Hayat: “Quero fazer tudo. Não odeio as manhãs das segundas-feiras. Não
conto os meses que faltam para ter férias”. Como ela corro por gosto e sinto-
me em férias e no gozo supremo da liberdade de todas as vezes que a
profissão me leva algures e me obriga a partir à procura de algo novo.
Acredito, como ela, que “quem faz por paixão o que lhe calhou por ofício
nunca envelhece. A paixão combate a corrosão do tempo”. (23)

Nesta fuga teimosa e já longa ao nada – que, se for levado a sério, dá
trabalho que se farta – nunca encontrei a inspiração. Andou sempre arredia
de mim, ausente em parte incerta. Por isso a minha vida é vulgar; é uma vida
dedicada ao trabalho, sem nunca descrever do chão duro e ruim. Ando sempre
à jeira, de enxada na mão e de suor na testa, a decruar belgas e leiras na

magreza do minifúndio, a imaginar e escolher a forma de vida, um caminho ético e digno que se chegue à arte de viver. À procura de ser adulto, da serenidade e tranquilidade. Preciso de trabalhar todos os dias para renovar e reinventar a visão das coisas e para me abeirar da mesa de inscrição no lote de candidatos ao ideal apontado por Manuel Patrício: “Um professor de um tipo que poderemos designar por o professor permanente. Aquele que mesmo depois das suas aulas continua a ensinar. Ensinar é para eles quase o seu modo de ser”. Só que eu ensino-me a mim mesmo e a toda a hora a necessidade, nunca satisfeita, de aprender. De me entregar sem presunção à procura, que não acaba mais, do ainda e sempre desaparecido e distante que teimosa e doridamente se anuncia dentro de mim.

Realmente a minha profissão não é um emprego; é uma maneira de realização gratificadora e de criação da memória. A minha profissão é a minha vida. E esta uma eterna peregrinação, porque a vida não está escrita e a sabedoria não se sabe. Sou um nómada com um pedido nos lábios e um desejo no coração, que formulo como Oswald de Andrade:

*No Pão de Açúcar
de cada dia
dai-nos Senhor
a poesia
de cada dia.*

Referências bibliográficas

1. AGUALUSA, José Eduardo (2000): O complexo de Peter Pan.
In: *Pública*, 5 de Novembro.

2. ALÇADA BAPTISTA, António (2000): *O Tecido do Outono*. Editorial Presença, 5ª. Edição, Lisboa.
3. AMARAL, Alberto (1996): *A Universidade do Século XXI*, Santiago de Compostela.
4. ARAÚJO, Jorge (2001): *Dirigir equipas, melhorar competências*. Teamwork, Edições 2001, Porto.
5. ARENDT, Hannah (2001): *A CONDIÇÃO HUMANA*. Relógio D'Água Editores, Lisboa.
6. BACH, Richard (1983): *Fernão Capelo Gaivota*. Mem Martins: Publicações Europa-América. Lda.
7. BENTO, Jorge Olímpio (1998): Da mudança e da sobrevivência do clube desportivo. In: 6th. *Congress of the European Association for Sport Management*. Funchal, 30 de Setembro a 4 de Outubro de 1998.
8. BENTO, Jorge Olímpio (1999): *DESPORTO E HUMANISMO. O campo do possível*. Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
9. BENTO, Jorge Olímpio (1999): Contexto e Perspectivas. In: *Contextos da Pedagogia do Desporto*. Livros Horizonte, Lisboa.
10. BENTO, Jorge Olímpio (1999): O idoso: a geração do próximo milénio. In: *Actas do Simpósio "A qualidade de vida do idoso: O PAPEL DA ACTIVIDADE FÍSICA"*. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
11. BOBBIO, Norberto (2002): *Elogio da serenidade. E outros escritos morais..* Editora UNESP, São Paulo.

12. BOFF, Leonardo (2003): Como fundar a ética hoje? In: *Folha de São Paulo*, de 15.06.03.
13. CAIRNCROSS, Frances (1997): *The Death of Distance*. Harvard Business School Press.
14. COLAÇO, Carlos (2001): *RELATÓRIO DE DISCIPLINA*. Documento elaborado com vista à apresentação de provas de agregação. Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.
15. DE ANDRADE, Carlos Drummond (1996): *FAREWELL*. Record, Rio de Janeiro.
16. DE MASI, Domenico (2000): *O Ócio Criativo*. GMT Editores Ltda., Rio de Janeiro.
17. DE WOOT, Philippe (1998): Gerir a Mudança na Universidade. In: *Boletim*, N^os. 32/33, Julho, Universidade do Porto.
18. DIAS DE CARVALHO, Adalberto (1992): *A educação como projecto antropológico*. Edições Afrontamento, Porto.
19. FEATHERSTONE, Mike (1995): *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. Livros Studio Nobel Ltda., São Paulo.
20. FOUCAULT, Michel (1991): *As palavras e as coisas*. Lisboa: Edições 70.
21. GODET, Michel (1993): *Manual de Prospectiva Estratégica. Da Antecipação à Acção*. Publicações Dom Quixote, Lisboa .
22. GRUPE, Ommo (1994): Sport and Culture – the Culture of Sport. In: *International Journal of Physical Education*. Verlag Karl Hofmann, Schorndorf, Volume XXXI, Issue 2, 2nd Quarter.

23. HAYAT, Faíza (2004): Correr por gosto. In: *XIS, Jornal Público*, 6 de Março de 2004
24. IANNI, Octávio (1995): *Teorias da globalização*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
25. Jornal *PÚBLICO*: OBESIDADE 135 MILHÕES DE EUROPEUS TÊM PESO A MAIS. Edição Porto, 13 de Outubro 2002, págs. 24-25.
26. LIPOVETSKY, Gilles (1994): *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Publicações Dom Quixote, Lisboa
27. MARINA, José António (1997): *Ética para Náufragos*. Editorial Caminho, Lisboa.
28. MEINBERG, Eckhard (1991): *Die Moral im Sport*. Edition Sport & Wissenschaft, Meyer & Meyer Verlag, Aachen
29. MEINBERG, Eckhard (2001): Bilder vom Menschen im Sport. Texto de uma conferência proferida no Porto, integrada no Programa da Capital Europeia da Cultura.
30. MEINBERG, Eckhard (2003): Homo Sportivus – Die Geburt eines neuen Menschen? In: *Menschenbilder im Sport*, Verlag Karl Hofmann, Schorndorf.
31. MEINBERG, Eckhard (2003): Immer höher – weiter – schneller? Zur Wechselwirkung von Sport und Gesellschaft. Manuscrito, DSHS, Colónia.

32. MERLEAU-PONTY, Maurice (1964): *Fenomenologie de la Perception*. Gallimard, Paris.
33. MIRSHAWKA, Victor (1998): Criática. In: *Qualimetria*, nº. 80, Abril/98, Fundação Alves Penteado, São Paulo.
34. MOREIRA MARQUES, Susana (2004): Viggo Mortensen. Um homem da Renascença. In: *Pública*, 7 de Março de 2004.
35. NEAVE, Guy (1995): On visions, short and long. In: *Higher Education Policy*, Vol.8,nº4,1995.
36. ORTEGA Y GASSET, José (1999): *Missão da Universidade*. Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
37. PEREIRA, Antonino (2001): *A Excelência Profissional em Educação Física e Desporto em Portugal. Perfil a partir de sete Histórias de Vida*. Dissertação de Doutoramento, FCDEF-UP.
38. PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (1999): *Relatório do Desenvolvimento Humano 1999*. Trinova Editora, Lisboa.
39. PRAHALAD, C. K. (1998): A Nova Era da Competição. In: *Qualimetria*, nº. 80, Abril/98, Fundação Alves Penteado, São Paulo.
40. Qualimetria (1999): A Comunicação Mudará Nossas Vidas no Século XXI. In: *Qualimetria*, Nº. 100 – Ano XI, Dezembro/99, Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo.
41. SAVATER, Fernando (1991): *ÉTICA PARA UM JOVEM*. Editorial Presença, Lisboa.

42. SAVATER, Fernando (1997): *O VALOR DE EDUCAR*. Editorial Presença, Lisboa.
43. SOUSA SANTOS, Boaventura (1994): *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. Edições Afrontamento, Porto.
44. TOFLER, Alvin (1992): *Os novos poderes*. Lisboa: Círculo de Leitores.
45. VOLTAIRE (1999): *Tratado sobre a tolerância*. Edições Antígona, Lisboa.
46. ZERMATTEN, Jean (1999): *Le Sport est-il encore crédible? Préface*. In: *UN CHAMPION À TOUT PRIX? LES DROITS DE L'ENFANT ET LE SPORT*. Institut des Droits de l'Enfant c/o Institut universitaire Kurt Bösch, Sion, Suíça.

